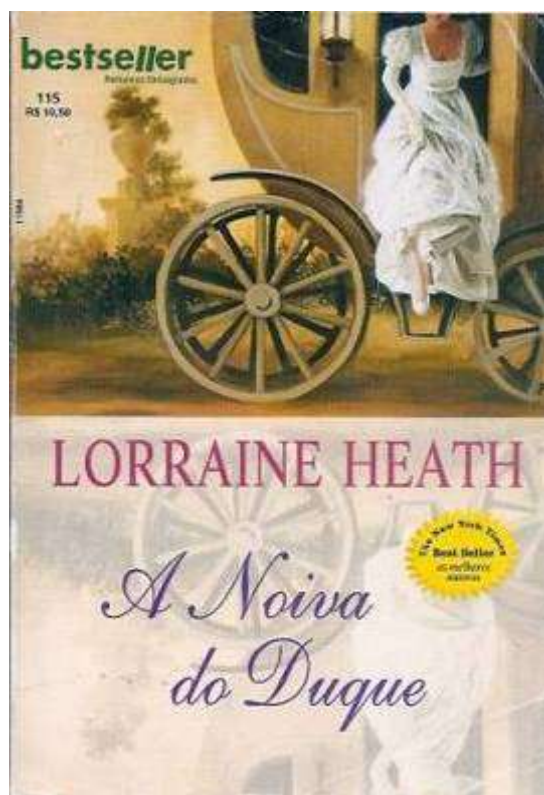


A Noiva Do Duque

A Duke of Her Own

Lorraine Heath



Armadilha de amor

Louisa Wentworth sabe que nunca encontrará um bom partido, por causa da precária condição financeira de sua família. Resignada a permanecer solteira, a linda e orgulhosa dama concorda em ser acompanhante de uma jovem herdeira americana que está à procura de um marido nobre nos conturbados círculos sociais de Londres. O atraente duque de Hawkhurst precisa se casar com uma herdeira rica para beneficiar a própria família, e a abastada jovem americana, sita. Jenny Rose, é a noiva ideal. Mas a irritante dama de companhia da moça parece determinada a manter os dois afastados. E o pior de tudo é que Hawk se sente muito mais atraído pela estonteantemente bela Louisa do que por Jenny! Desesperado, ele arquiteta um plano para forçar Jenny a desposá-lo. Mas quando é a adorável Louisa quem cai em sua sensual armadilha, aquele jogo romântico toma um rumo dos mais inesperados...

Digitalização e Revisão:

Crysty



Querida leitora,

A autora best seller do New York Times, Lorraine Heath, retrata neste romance, uma época em que os americanos ricos viajavam em numerosos grupos até a Inglaterra, com o objetivo de arranjar um pretendente com título de nobreza para suas filhas solteiras. Louisa Wentworth sempre acalentou o sonho romântico de se casar por amor e paixão... mas como uma simples dama de companhia conseguirá encontrar a tão sonhada felicidade?

Um romance sensual, apaixonante e comovente. Uma história primorosa, desde a conquista, o desejo, a paixão, até os conflitos e tudo o que envolve o amor!

Leonice Pomponio Editora

Copyright © 2006 by Jan Nowasky

Originalmente publicado em 2006 pela HarperCollins Publishers

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARPERCOLLINS PUBLISHERS

NY,NY-USA Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL: A Duke of Her Own

EDITORIA Leonice Pomponio

ASSISTENTE EDITORIAL Patrícia Chaves

EDIÇÃO/TEXTO

Tradução: Vânia Canto Buchala

Copidesque: Roberto Pellegrino

Revisão: Giacomo Leone

ARTE Mônica Maldonado

ILUSTRAÇÃO Thomas Schlück

COMERCIAL/MARKETING Silvia Campos

PRODUÇÃO GRÁFICA Sônia Sassi

PAGINAÇÃO Dany Editora Ltda.

© 2008 Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Paes Leme, 524 - 10 andar - CEP 05424-010 - São Paulo - SP

www.novacultural.com.br

Capítulo I

Londres, 1888

Dama de origem nobre oferece-se como companhia para jovens americanas. Excelentes referências. Favor enviar pedido de entrevista aos cuidados de lady Louisa Wentworth.

O que significa isto?! Louisa esquivou-se da folha de jornal que o irmão agitava à frente dela, zangado. Com uma calma estudada, limpou os lábios com o guardanapo e o pousou ao lado do prato de mingau.

— Um anúncio.

— Um anúncio — repetiu ele, com um sarcasmo que provocou em Louisa um arrepio na espinha. — Para ser dama de companhia!

— Isso mesmo. Inclusive, já tenho uma entrevista marcada para agora de manhã. Portanto eu agradeceria se me deixasse terminar meu desjejum.

— Não vai ser dama de companhia coisa nenhuma!

Louisa sentiu o estômago se apertar. Depois de ter pesado todos os prós e contras daquela decisão, e ter concluído que não dispunha de melhor alternativa, não permitiria que o irmão nem ninguém a impedisse de concretizar aquele plano.

— Tenho vinte e seis anos, Alex. Já sou madura o bastante para tomar minhas próprias decisões. Ser acompanhante é uma posição mais do que respeitável para a filha de um lorde.

— Como pode ser acompanhante se você mesma precisa de uma?

Ela afastou a cadeira da mesa e se pôs em pé para encarar os olhos azuis e faiscantes do irmão. Por um segundo, perguntou-se se os dela adquiriam o mesmo tom escuro em meio à raiva.

— Uma dama precisa manter a própria reputação quando tem a mínima chance de ser cortejada. Não é o meu caso e você sabe muito bem disso!

Alex deixou cair o queixo diante da explosão, porém não retorquiu.

— Não tenho nenhum dote, meu irmão. Já é hora de encararmos a realidade... Não possuímos nada de valor.

— Temos a nós mesmos!

— Permita-me colocar melhor as palavras: *you* tem seu valor. Pelo menos possui um título. Eu não tenho nada. Nenhum dote, nenhuma propriedade, nenhuma esperança de atrair um marido apenas pelos meus lindos olhos.

— Não é possível que não exista um homem inteligente neste mundo capaz de lhe dar o valor que você merece!

Ela riu, amarga.

— Quanto tempo mais acha que posso esperar, Alex? Nunca fui nem sequer cortejada! Verdade que recebi alguma atenção aqui ou ali... Mas foi mais por esporte do que por interesse genuíno. Não sou o tipo de mulher que vale a pena nesta sociedade. Não como esposa, pelo menos. E também não estou disposta a me tornar amante de ninguém.

— Eu mataria o infeliz que sugerisse uma coisa dessas. Louisa acreditava. Enterneceu-se com o ardor nas palavras do irmão.

— Alex, tenho consciência da minha situação: não estou em condições de esperar que um homem tome as rédeas do meu futuro.

Ele baixou os olhos para os sapatos levemente gastos, e ela se condeou ainda mais. O irmão sempre se preocupara tanto em se mostrar apresentável... Mas as coisas vinham piorando a cada dia.

— Não é justo, Louisa — Alex murmurou. — Não é justo que se torne criada de alguém.

— Uma dama de companhia não é exatamente uma criada — ela tentou confortá-lo. Alex, porém, deixou escapar uma risada seca.

— O que é então?

— Já imaginou quanta fofoca terei para contar? — Louisa piscou para ele, travessa.

Fazer piada da situação era a única arma que ainda possuía contra aquela vontade de chorar que, volta e meia, lhe apertava a garganta.

Não estava assim tão entusiasmada com a perspectiva de se tornar uma acompanhante, mas era melhor do que nada. Que outra opção tinha? Para tentar arranjar algum trabalho, Louisa precisava aproveitar aquela leva de herdeiras americanas casadoiras que invadira a Inglaterra.

E, quem sabe, um pretendente mais velho, disposto a fazer vistas grossas para

seus problemas de dinheiro.

Os mais moços, com certeza, não se interessariam por ela. Não quando podiam se beneficiar dos ricos acordos com os americanos e suas lindas filhas. Por que as mulheres inglesas não podiam fazer o mesmo?, raciocinou Louisa com rebeldia. Por que só os homens conseguiam se aproveitar daquela febre de americanos atrás de um título da nobreza?

— Louisa...

— Alex, você não vai conseguir me demover da idéia — ela o interrompeu, decidida. — Por favor, não torne isso ainda mais difícil.

Voltou a sentar-se e lançou um olhar maroto ao irmão.

— Eu não sabia que costumava ler as páginas femininas do jornal...

Ele torceu os lábios e se sentou também, dando-se por vencido.

— Não leio. Foi uma... amiga que me mostrou. Rindo, aliás.

Louisa comprimiu os lábios. As dificuldades não o tinham impedido de arranjar uma amante. Ao contrário dela, Alex parecia não ter escrúpulos em pedir crédito aos comerciantes e tentar manter alto seu padrão de vida.

— Sua amante sabe ler? — indagou, cínica. — Nunca imaginei que fosse escolher uma mulher com base em seu intelecto.

Tão claro de pele quanto ela, Alex também não conseguia ocultar o próprio embaraço. Seu rosto tingiu-se de vermelho no mesmo instante.

Louisa suspirou profundamente. Em termos de pontos de vista, eram muito diferentes um do outro. Para ela, devia-se viver de acordo com as próprias possibilidades.

Mas os comerciantes ingleses ainda pareciam dispostos a aceitar aquele tipo de pecado da nobreza.

O problema fora que, justamente quando se preparavam para saldar alguns antigos débitos da família, o pai deles havia falecido. Dessa forma, continuaram endividados. E Alex ainda não aceitara a realidade.

— E então? — Ele limpou a garganta.

— É com a família Rose — respondeu Louisa, satisfeita em ver que o irmão parecia mais receptivo à idéia. — Eles têm duas filhas.

— Os Rose, de Nova York?

— Você os conhece?

— Não pessoalmente, mas já ouvi falar. James Rose é magnata. E, pelo que dizem, muito bem-sucedido.

Ela assimilou mais aquela informação em silêncio.

— Saberei mais assim que conversar com ele e com a esposa. Desconfio de que estejam aqui apenas para arranjar bons casamentos para ambas as filhas.

Um sorriso irônico curvou os lábios de Alex.

— Ouvi dizer que esses americanos são mais do que generosos em se tratando desses acordos maritais. — Curvou-se na direção da irmã e baixou a voz: — Estou falando de milhões, maninha... Bem que você podia tocar no meu nome, assim, como quem não quer nada.

— Estaria disposto a se casar com uma herdeira americana?!

— Seria bem mais interessante do que trabalhar como dama de companhia.

— Homens não trabalham como damas de companhia. — Louisa fez uma careta.

Dessa vez ele ignorou a brincadeira e segurou a mão dela.

— Eu sinto muito, Louisa, que tenha de se sujeitar a isso.

Ela o fitou, séria.

— Não o culpo pelo que está acontecendo, Alex — declarou, sincera. — Não foi por sua causa que nos restou tão pouco... Embora eu admita: não gosto nada de ver você vivendo com uma estranha na casa que seria da mamãe.

— A mamãe não está mais viva para se ressentir disso.

Louisa retirou sua mão da dele, aborrecida. Tinham perdido a mãe logo depois do pai, o que fora um tremendo choque para ambos. O médico diagnosticara uma pneumonia como causa do óbito, porém ela, Louisa, sempre soubera: apesar de seus muitos defeitos, a mãe havia morrido por saudade do marido.

— Desculpe dizer isso, Louisa, mas com aquela compulsão por gastar da mamãe, seria muito mais difícil se ela continuasse conosco, e você sabe disso — falou o irmão, como se adivinhasse seus pensamentos.

— Uma compulsão que você parece ter herdado, aliás — Louisa rebateu, seca.

Alex não retorquiu imediatamente.

— Um homem precisa de algum prazer na vida — concluiu, por fim. — De outra forma, será sobrepujado pelas responsabilidades e não será útil para ninguém.

Louisa revirou os olhos diante do comentário machista.

— A quem devo atribuir essa filosofia? A Hawkhurst ou a Falconridge?

— Não compreendo por que despreza tanto meus amigos.

— Eles não são boa influência para você. Até agora, nenhum dos dois se importou em constituir família e cuidar do próprio título.

— Nem eu.

— Pois então.

— Este ano, talvez, possamos arranjar uma esposa. Pena que os Rose não têm três filhas... Você poderia nos ajudar nessa tarefa.

— Eu vou é manter as moças afastadas de vocês, isso sim.

— Ora, tenha piedade!

— Delas eu teria... E isso se eu for contratada. — Respirou fundo. — Preciso causar uma boa impressão.

O irmão sorriu e a segurou pela mão.

— Isso não vai ser difícil.

— Garante que minhas filhas arranjarão bons casamentos?

Louisa tentou não encarar a matrona à sua frente. A sra. Rose nem de longe lembrava uma flor para fazer jus ao próprio sobrenome. Sentada na poltrona florida, oposta à dela, parecia prestes a gritar a qualquer momento: "Cortem-lhe a cabeça!", tal qual a rainha do conto de Carroll: *Alice no País das Maravilhas*.

Louisa lançou um olhar para as duas jovens sentadas ao lado. Os olhos verdes de Jenny mal ocultavam seu divertimento; porém não tinha idéia do que Kate estava pensando. Esta última trazia o olhar fixo no livro aberto em seu colo e ignorava abertamente os planos casadoiros da mãe.

Em um esforço para agradar sua entrevistadora, Louisa sustentou o olhar da

sra. Rose e notou os olhos tão verdes quanto os de Jenny, e os cabelos avermelhados que se repetiam em sua filha mais nova. Os da mais velha eram de um castanho mais escuro.

— Farei o possível, senhora.

— E se o seu "possível" não for suficiente?

Louisa pressentiu o perigo. Não queria perder o cargo.

A sra. Rose não parecera satisfeita com nenhuma de suas respostas: o pai de Louisa havia sido apenas um conde, e a mulher deixara clara sua preferência pela descendente de um duque... ou mais do que isso. Além do que havia torcido o nariz para os trajes que ela usava.

Mas nem toda dama da sociedade inglesa podia se dar ao luxo de atravessar o canal da Mancha para ir a Paris e adquirir um dos vestidos de Charles Worth.

A matrona também admitira, com todas as letras, que ela falava baixo demais. Louisa mordera o lábio, restando a vontade de explicar que, na Inglaterra, uma dama costumava se expressar assim... E não como a maioria das mulheres americanas.

Sentiu o estômago arder e praguejou em pensamento. Isso sempre acontecia quando estava nervosa.

Cruzou as mãos enluvadas sobre o colo e endireitou o corpo.

— Sou bastante próxima de grande parte dos lordes ingleses, sra. Rose. Conheço bem o caráter e os bens deles... assim como os triunfos ou os eventuais escândalos das famílias. Sei bem o valor de seus títulos. Sei também de seus flertes e posso dizer, com segurança, qual deles vale a pena ou não. Buscaria um marido para suas filhas como buscaria para as minhas. Por sinal, um que acho bastante digno...

— Não me interessa qual deles é digno — interrompeu-a a mulher. — Quero saber apenas se está bem situado na aristocracia. Desejo alguém que faça as outras mães americanas me invejarem por ter desposado uma filha minha.

Louisa tentou esboçar um sorriso.

— Não posso garantir a reação alheia... Apenas que suas filhas estariam em excelentes mãos.

A mulher a fitou de soslaio.

— Pelo menos me parece honesta.

— Eu *sou* honesta — garantiu Louisa, controlada, temendo ter chegado ao próprio limite. — Não estou tentando causar uma falsa impressão, senhora, tampouco falsas expectativas.

Uma ponta de cinismo brincou nos lábios finos da mulher, demonstrando que a irritação de Louisa não passara despercebida.

— Se estivesse em melhores condições financeiras, qual pretendente escolheria para si própria?

Louisa sentiu o estômago se apertar mais uma vez diante da pergunta. Era um teste, sem dúvida.

Ergueu o queixo de leve.

— Como estou nesta situação já há algum tempo, receio não ter pensado muito no assunto.

— Ora, essa, toda mulher gosta de fantasiar... Quem seria seu par ideal, lady Louisa?

— Aquele com quem se fantasia nem sempre é o nosso par ideal — opinou Jenny, perspicaz.

Louisa piscou, surpresa. A jovem colocara em palavras exatamente o que ela estivera pensando. A imagem morena, brincalhona e perigosa do duque de Hawkhurst lhe veio à mente... O que era no mínimo estranho, pois nunca pensara nele como um pretendente. Talvez algumas vezes, admitiu a si própria. Pois então não jurara ser honesta?

Aliado à honestidade, havia o fato de que ele era, em parte, responsável, pela sua situação atual. Sempre que visitava o irmão dela, porém, Hawk simplesmente a ignorava, lembrou Louisa, amarga. E, se não conseguia chamar a atenção nem mesmo do melhor amigo de Alex, como esperava se casar um dia?

— É impressão minha ou está corando, lady Louisa?

— Riu Jenny.

— Não estou habituada a ser alvo desse tipo de pergunta — admitiu, tensa. — Nós, ingleses, costumamos ser um pouco mais circunspetos em se tratando de entrevistas de trabalho. — Voltou-se para a mãe dela, o queixo levemente erguido. — Respondendo à sua pergunta, sra. Rose, aquele que seria ideal para mim certamente

não seria para suas filhas. Se receia que eu vá competir com elas de alguma forma, está enganada. Todos os meus esforços estarão concentrados em preencher suas expectativas.

— Confesso que não apreciei muito as suas respostas.

Louisa sentiu o estômago dar um nó. Antes de ouvir o veredicto final, porém, resolveu dar uma última tacada:

— Não ficaria desapontada com minha ajuda, sra. Rose. Todas nós sairíamos beneficiadas. Não é esse o verdadeiro objetivo de uma sociedade?

— Costuma interromper os mais velhos com frequência?

— Nunca — respondeu Louisa. — Perdoe-me a inconveniência. Eu só queria deixar claro meu ponto de vista — contemporizou, recusando-se a admitir que o que havia feito, na verdade, fora implorar pelo emprego.

— Que seja. — A mulher se levantou e fez farfalhar as saias de seda. — O que eu ia dizer era que tenho lá minhas dúvidas quanto ao seu poder de circulação na sociedade londrina, mas acho que vai servir. Está contratada. Meu marido irá tratar desses detalhes vulgares de pagamento. — Fez um gesto com a mão, enfatizando as palavras. — Pode se mudar amanhã mesmo. Vou mandar lhe preparar um quarto próximo ao das meninas, para que fique à inteira disposição delas. — Encarou-a de frente. — Não me decepcione, lady Louisa, ou posso tornar a sua vida um inferno.

— Deixou bem clara sua posição, querida — o sr. Rose falou pela primeira vez desde que Louisa pisara na casa. Estava sentado em uma cadeira próxima à janela, como se fosse um mero expectador. Pelo olhar que ele recebeu da esposa, Louisa imaginou: estava habituado a ser vítima dela.

— Muito bem — declarou a matrona. — Vou deixá-la com as meninas para que se conheçam melhor. Tenho outros assuntos que requerem a minha presença — acrescentou, antes de bater em retirada.

Louisa tornou a se sentar com um misto de alívio e apreensão. Pelo que havia lutado tanto? E quanto tempo levaria para se arrepender disso?

— Não se preocupe, minha filha — murmurou o homem, como se percebesse seu pavor. — Minha mulher mais late do que morde. — Mudou-se para a poltrona onde a esposa estivera sentada.

Louisa notou-lhe os trajes bem cortados e os modos finos. Tentou sorrir e

sentiu-se na obrigação de fazer algum comentário.

— Ela parece muito segura do que quer.

— Somos novos-ricos — admitiu o sr. Rose, para surpresa de Louisa. — Minha mulher imagina que casar nossas filhas com lordes ingleses vai nos propiciar o prestígio das velhas fortunas. — Cocou o bigode grisalho. Tinha olhos castanhos e calorosos e um sorriso tímido que não combinava em nada com sua reputação de homem de negócios abastado e determinado a fazer história na sociedade. Louisa havia gostado dele de imediato. Desejaria poder dizer o mesmo da arrogante sra. Rose.

— Minha esposa mencionou os detalhes *vulgares* do contrato — prosseguiu o sr. Rose, visivelmente sem-graça. — Não creio que esse tipo de coisa seja vulgar. Não para quem trabalha honestamente. Mesmo vocês, aristocratas, devem admitir isso para sobreviver.

— Sem dúvida. Até porque vivemos muito bem por muito tempo — rebateu Louisa com uma ponta de irritação, e se arrependeu em seguida. — Perdoe-me o desabafo.

— Não precisa se desculpar, minha filha. Já estive na situação em que se encontra agora. Mal tive dinheiro para comer e estive disposto a tudo para sobreviver — suspirou. — Muito bem, vamos às *vulgaridades*.

Ela sorriu.

Discutiram o salário: cinco libras por mês, mais uma bonificação no dia em que cada uma das meninas se casasse. O acordo, extremamente generoso, não lhe deixou alternativa a não ser aceitá-lo de pronto.

O sr. Rose a admitiu na casa com um firme aperto de mão e com a promessa de ter pronto o contrato no dia seguinte.

Assim que ele saiu da sala, só restava a Louisa deixar as meninas à vontade com o arranjo. Pelo pouco que havia testemunhado, Jenny tinha um gosto especial pelas brincadeiras e gracejos. Mas não fazia idéia sobre o que esperar da mais nova, Kate.

Sorriu para Jenny, e esta sorriu de volta. A outra jovem, porém, nem sequer tirou os olhos do livro que estava lendo.

— Então, esta será a primeira temporada de vocês em Londres.

Jenny fez o que ela mesma estivera com vontade de fazer: arrancou o livro do colo da irmã.

Kate gritou um protesto, porém a moça o escondeu atrás do corpo e sentou-se sobre ele com um sorriso triunfal.

— Quer fazer o favor de me devolver o livro?!

— Não enquanto for tão mal-educada com a nossa dama de companhia. Não vê que ela está nervosa?

— Não estou nervosa — assegurou Louisa, rindo. — Está bem, só um pouquinho.

— Não devia estar mais, agora que o dragão já saiu da caverna — observou Kate, desabando sobre a cadeira de um modo muito pouco feminino, e obviamente conformada em não obter de volta sua leitura.

— Kate está aborrecida por mamãe ter decidido nos usar como moeda de troca — contou Jenny.

— Deveríamos casar por amor — admitiu a mocinha.

— Deveríamos casar por paixão. O amor vem depois.

— Ora, precisa amar primeiro! Jenny encarou Louisa:

— O que acha? O que vem primeiro, o amor ou a paixão?

Louisa se ajeitou melhor na poltrona, incomodada com a discussão.

— Como ainda não experimentei nenhum dos dois sentimentos, não sei se sou a pessoa certa para opinar sobre o assunto.

— Então, como se considera apta a trabalhar como nossa dama de companhia? — indagou Kate, arguta.

— Se estivesse prestando atenção à conversa, sua tonta, saberia a resposta — interveio Jenny. — Lady Louisa tem todas as qualidades para a função.

— Eu estava prestando atenção, mas, sinto muito, não me importa nenhuma das qualidades que ela diz ter. Não quero um casamento arranjado.

— Não é bem assim — replicou Jenny.

— Como não?! Tenha a santa paciência, Jenny, não percebe que agora só usam de mais subterfúgios? Nada mudou. Basta a mamãe aprovar um pretendente e

estaremos comprometidas, haja amor ou não!

— Por isso mesmo lady Louisa é tão importante! Tenho certeza de que ela só vai nos apresentar a homens aos quais possamos amar, não é? — Jenny voltou-se para ela.

Louisa ergueu as sobrancelhas, preocupada.

— E isso o que espero.

— Já tem algum candidato?

— Bem, eu... Talvez seja melhor saber quais são as suas expectativas.

— Maravilha! — Jenny arrancou o livro debaixo de si e o jogou sobre o colo da irmã. — Viu, só? Lady Louisa está do nosso lado.

— Até parece que estão no meio de uma guerra — Louisa riu.

— Você conheceu nossa mãe...

— Não ligue para o mau humor de Kate — contemporizou Jenny, antes que ela pudesse responder alguma coisa. — Assim como minha mãe, minha irmã tem idéias muito particulares sobre como encontrar o amor de sua vida.

— Não somos nós quem tem de encontrá-lo. *Ele* é quem tem de nos achar!

Jenny revirou os olhos.

— Já chega desse assunto. — Sentou-se na beirada da poltrona, ansiosa.

Embora nenhuma das duas irmãs fosse gorda, Kate era um pouco mais cheinha, notou Louisa. Jenny, por sua vez, era mais alta, talvez até mais do que ela.

— Conte-nos seus planos — pediu a moça.

Louisa riu, tentando encontrar uma resposta para a constrangedora situação: não trabalharia apenas como dama de companhia, mas também como cupido. Existiria algum manual sobre aquilo?

— Como eu já disse, é melhor que se pronunciem quanto ao que esperam de um marido. Só então poderei comparar seus desejos com o que imagino haver à disposição de vocês em meio aos aristocratas que conheço.

— Quer que eu fale a respeito do que imagino de real ou da minha fantasia?

— Riu Jenny. — Pois já deve ter percebido: não considero tudo a mesma coisa.

Louisa sentiu o sangue subir à face. Aquela gente dos Estados Unidos era tão

despachada!

— Talvez um pouco das duas coisas.

— Muito bem — suspirou Jenny, os olhos brilhando. — Em primeiro lugar, ele deve ser bonito. Não é, Kate?

— Não me importo com a aparência. Apenas como me sentirei ao lado dele.

— Se ele for feio, vai fazê-la sentir-se péssima.

— Ele não será feio.

— Se não der nenhuma dica a lady Louisa, quem garante?

— Meninas... — interrompeu-as Louisa, antes que elas se pusessem a discutir novamente. Não esperava que as duas fossem tão diferentes em termos de temperamento. Arrumar-lhes um marido seria um desafio e tanto. Um pretendente que agradasse também à mãe delas, então, uma missão quase impossível. — Não é melhor que cada uma me diga em separado o que tem em mente?

— Paixão! — respondeu Jenny de imediato.

— Amor! — contrapôs Kate.

Um segundo depois, as jovens discutiam acaloradamente.

Louisa respirou fundo. Aquela temporada prometia ser muito divertida.

Capítulo II

As coisas não podiam estar piores. Randolph Selwyn, quinto duque de Hawkhurst, tomou um gole de conhaque e ergueu as sobrancelhas para Alexander Wentworth, sexto conde de Ravensley, o qual fitava o fogo da lareira, o braço pousado sobre o consolo de mármore.

— Isso porque você nunca teve muita imaginação.

Na cadeira forrada de veludo, ao seu lado, Michael Tremayne, quarto marquês de Falconridge, balançou a cabeça e riu.

Ravensley voltou-se para encarar os dois amigos de longa data.

— Não consigo ver graça nesta situação.

— Não consegue ver graça em coisa nenhuma — rebateu Falconridge. — Ou seja, você não tem graça nem imaginação... muito menos dinheiro, é claro.

— Posso viver sem os dois primeiros, mas não sem o último. Não sei mais a quem recorrer no comércio. Como vocês dois estão se virando?

— Não estou tão apertado assim. Minha amiga resolveu me largar. Deve ter arranjado outro para bancar seus mimos.

— É sério?

— Uma pena, na verdade. Era ótima na cama. A melhor que já tive, aliás.

Hawk balançou a cabeça. Era o único ali que nunca tivera uma amante. Costumava se cansar muito fácil daquele tipo de mulher.

E, quem sabe, por isso, também nunca dera muita importância a casamento. Freqüentar o leito da mesma mulher anos a fio, com o único propósito de constituir família, não era uma idéia que o seduzia. Gostava de viver novas experiências. Casamento, para ele, era sinônimo de tédio.

— Não é de hoje que estamos nesta situação — lembrou. — Por que está tão incomodado agora?

Ravensley desabou na poltrona mais próxima.

— Louisa.

O estômago de Hawk se contraiu à simples menção do nome da moça: não conhecia ninguém mais desagradável.

E isso desde o dia em que havia visitado a propriedade dos Ravensley pela primeira vez, aos catorze anos. Louisa, na ocasião, com oito, os apanhara no estábulo fumando o cachimbo do pai e não pensara duas vezes antes de denunciá-los. E tinha feito a mesma coisa no ano seguinte, ao vê-los tomar o vinho do velho. Depois, quando finalmente chegara a vez de ele experimentar os prazeres do sexo com a filha do laçao, Louisa o havia pegado em flagrante e saíra aos berros do celeiro, gritando para quem quisesse ouvir que ele estava tentando estrangular a menina em meio ao feno.

— O que tem sua irmã? — Hawk indagou com um suspiro.

— Começou a trabalhar como dama de companhia, hoje. — Ravensley secou o

cálice.

— E daí? — Falconridge deu de ombros. — E um trabalho decente para uma dama.

— Louisa não é assim tão velha para se tornar uma acompanhante! — exclamou Hawk, confuso.

— Claro que não. Só tem vinte e seis anos, mas está convencida de que ninguém mais vai desposá-la.

— Ora, mas que bobag...

— Não é, não — interrompeu-o Alex. — Louisa não tem dote. Ela está certa. E eu sou o culpado. Como chefe da família, deveria ter tomado uma atitude há muito tempo.

— E o que poderia ter feito?

— Podia ter me casado com uma dessas herdeiras americanas, loucas para conseguir um título, por exemplo.

Hawk se pôs em pé em frente ao fogo, sentindo-se estranhamente incomodado por saber que uma conhecida sua, principalmente alguém que conhecia desde criança, era obrigada a servir os americanos.

— Para quem ela está trabalhando?

— Para os Rose.

— De Nova York? — Ele girou o corpo. Ravensley sorriu.

— Teve a mesma reação que eu. O homem tem duas filhas bem interessantes. Por isso mesmo decidi que o melhor que posso fazer por Louisa é me casar com uma delas. Assim, minha irmã não terá de ficar nessa função por muito tempo e eu terei condições de sustentá-la como devo. Dois coelhos com uma só cajadada. Além do mais, ela pode servir como minha espiã e me ajudar a decidir qual das duas moças é a melhor para mim: Algum de vocês se habilita a tentar a outra?

— Não é justo — lembrou Falconridge. — Somos três, aqui.

— Pode ser, mas pelo menos estou oferecendo uma chance.

— Que eu estou disposto a abraçar — adiantou-se Hawk. — Vamos ver o que lady Louisa tem a dizer sobre as duas moças.

Maldição! Um homem sem posses se encontrava em uma posição tão delicada

quanto uma mulher sem dote, raciocinou Hawk. Desprezava seus ancestrais limitados, os quais haviam se recusado a se aventurar por qualquer investimento além da agricultura. Seu próprio pai não se dera conta de que seus arrendatários estavam deixando as terras em busca de trabalho nas fábricas da cidade, o que havia afetado em muito os cofres da família.

Agora ele não tinha muito que oferecer a uma mulher além do próprio título. Por isso, seria obrigado a fazer sua seleção, levando em conta o que ela poderia oferecer financeiramente.

Graças aos céus não acreditava em amor.

Já vinha considerando a hipótese de arrumar para si uma herdeira americana, quando Ravensley viera com a proposta. E o amigo estava certo: teriam uma grande vantagem com lady Louisa agindo como intermediária.

Se ainda pudesse se concentrar no que ela dizia em vez de ficar olhando a curva daquele pescoço delicado, perfeito para um beijo...

Quando, por Deus, tinha se deixado enfeitiçar daquela maneira? Tanto fizera para evitá-la. Mas uma mulher que ele nunca poderia possuir era uma irresistível tentação.

Só Deus sabia o que Ravensley lhe faria se soubesse os caminhos que sua mente perseguia em se tratando da irmã dele...

Sentado na biblioteca dos Ravensley, na companhia de Alex e Falconridge, Hawk observou Louisa folhear um livro, distraída. Ela dissera estar disposta a levá-lo consigo para a casa dos Rose na manhã seguinte. Ele observou os dedos delicados e imaginou-os percorrendo seu ombro, seu peito, o abdômen...

— Algum problema, Alteza?

Hawk piscou, o olhar encontrando o de Louisa. Ela sempre tivera aqueles olhos lindos? Tão azuis, tão inocentes. E os cabelos tão claros e brilhantes quanto o trigo que uma vez cobrira as terras dele. Cada cacho daqueles devia valer ouro... Assim não teria mais de procurar uma mulher com dinheiro para torná-la sua esposa.

— Perdão. Acho que estava desatento.

— Eu não sabia que eu tinha o poder de entediá-lo — comentou Louisa, cínica.

Tédio era o último dos sentimentos que Louisa despertava nele. Mas o que poderia dizer? Que estivera sonhando em lhe beijar o pescoço?

— Estou um pouco cansado, só isso.

— Teve uma noite agitada?

— Os hábitos noturnos de Hawk não são da sua conta, Louisa! — ralhou Alex, depois se voltou para o amigo: — Minha irmã estava perguntando o que sabe sobre os Rose.

Hawk deu de ombros.

— O mesmo que todo o mundo, acho. Que têm muito dinheiro e duas filhas solteiras à procura de um marido nobre.

Ele fitou os olhos azuis, enfeitiçado. Tinham o mesmo tom dos de Alex, mas eram muito mais atraentes e misteriosos.

— Pensei que tivéssemos vindo aqui para que você nos falasse um pouco deles, Louisa.

— Estão mesmo dispostos a cortejar as meninas? — ela indagou.

Era impressão, ou havia uma ponta de preocupação na voz de Louisa?

— Estou considerando a possibilidade... se puder nos ajudar, claro.

Falconridge cocou o queixo, parecendo tão interessado no assunto quanto o irmão dela. No fundo, nenhum deles estava muito entusiasmado com a idéia de casamento, concluiu Louisa.

— Muito conveniente.

— Em todos os aspectos, devo acrescentar — admitiu Hawk, sem rodeios. — E então, o que nos conta sobre as irmãs Rose?

Ela respirou fundo.

— A sra. Rose me incumbiu de arranjar bons maridos para as filhas.

— Viram? — O rosto de Alex se iluminou. — Vai nos ajudar, maninha. E estará ajudando a si mesma, eu garanto. Precisa nos contar tudo o que sabe sobre aquelas duas.

Louisa olhou para os três, um a um, e Hawk percebeu sua hesitação.

— Jenny é a mais velha — começou, insegura. — Tem vinte e dois anos. Kate

tem vinte.

— São bonitas? — quis saber Falconridge.

— Não sei dizer. A beleza está nos olhos de quem vê. Não é assim?

Hawk sorriu de lado.

— Você as considera bonitas?

Ela baixou os olhos para o livro que ainda trazia sobre o colo.

— Sim.

— Charmosas? Louisa deu de ombros.

— Têm temperamentos muito diferentes.

— Então, descreva cada uma em separado — pediu Hawk, suspirando e esforçando-se para dominar a impaciência.

Ela fechou o livro com um baque e, por um segundo, ele teve a impressão de que Louisa voaria direto para o seu pescoço. Por que não era mais objetiva? O que havia nas duas moças, afinal, para que ela se mostrasse tão hesitante? Dificilmente algum detalhe desagradável os demoveria daquele plano.

— Não adianta eu descrever as meninas. Vocês precisam conhecê-las pessoalmente.

— Pelo amor de Deus, Louisa! Você passou a manhã inteira na casa dos Rose! — bufou seu irmão. — Não é possível que não consiga nos dar uma idéia geral de como elas são!

— Alex, fui incumbida de encontrar bons maridos para elas — Louisa repetiu pausadamente.

— Pois então. Há três bons candidatos aqui — disse Hawk, desafiador.

— Não me parecem levar a instituição do casamento muito a sério.

— Diga o nome de um só homem capaz de encarar o casamento com seriedade. Um homem só se casa quando não tem outra saída, Louisa.

— Então, é essa a situação de vocês? Hawk comprimiu os lábios.

— Acho que estamos nos afastando do ponto principal desta conversa. Você foi incumbida de encontrar maridos de linhagem nobre para as moças... e aqui estamos nós.

Ela ergueu de leve o queixo delicado.

— E por que imaginam que eu os acho adequados?

Falconridge tossiu de modo exagerado, enquanto Alex baixava a cabeça e levava a mão aos olhos.

Hawk não fez nada mais do que continuar a fitá-la, perturbado. Era um duque desde os doze anos. Sem dúvida seria um marido adequado para qualquer uma das duas jovens.

— Desculpe, Alex — Louisa se voltou para o irmão. — Mas não me interessa convencê-los de que as moças são atraentes, assim como não me interessa convencê-las de que vocês são os pretendentes certos para elas.

— Mas eu sou seu irmão!

— Eu sei. E me dói não poder recomendá-lo — ela admitiu, sustentando o olhar chocado dos outros rapazes.

— Isso é ridículo! — exclamou Falconridge. — Não vou ficar aqui...

— Sente-se aí, homem! — ralhou Alex. — Louisa gosta de ser temperamental.

— Pois eu me recuso a provar que sou adequado para quem quer que seja, muito menos para estrangeiros! Ou para uma dama de companhia.

Hawk viu Louisa enrijecer.

— Dobre a língua, Falconridge — ele murmurou, a despeito de si mesmo. — Não pode descarregar suas frustrações em Louisa.

O rapaz apertou os lábios em uma linha fina. Em seguida, ergueu-se e fez uma leve medida.

— Mil perdões, Louisa. Inúmeras vezes já me disseram que sou orgulhoso, mas devo confessar: o orgulho, além do meu título, é a única coisa que me resta. Com sua licença. Boa noite. — Bateu em retirada a passos largos.

— Falcon! — chamou Alex, aturdido.

— Deixe-o ir — resmungou Hawk. — Será um a menos. Ravensley se voltou para a irmã, os olhos azuis faiscando.

— Meus parabéns. Conseguiu insultar meu amigo.

— Ora essa, então você também não me insultou chamando-me de

temperamental na frente deles?

Como se ela não fosse, refletiu Hawk, reprimindo um sorriso.

Observou os flamejantes olhos azuis, que agora pareciam mais escuros. Remexeu-se na poltrona, incomodado, ao perceber que o próprio corpo reagia às emoções estampadas no rosto de Louisa. Até mesmo a raiva a tornava irresistivelmente linda. As mulheres com que ele costumava se relacionar jamais se arriscariam a exibir tal emoção na sua frente. Também nunca o desafiariam ou questionariam.

Louisa, ao contrário, poderia usar aquele livro como arma a qualquer momento, notou, divertido, vendo os nós dos dedos dela quase transparentes de tão brancos.

— Todas as mulheres são temperamentais — declarou Ravensley com convicção.

— Tal afirmação é tão descabida quanto dizer que todos os homens são tolos — retrucou Louisa.

— Escute aqui, mani...

— Escute aqui, você! — Ela se pôs em pé. Tinha a respiração acelerada, os seios arfando sob o decote apertado do vestido.

Hawk a observou, fascinado. Não podia se levantar, ou ficaria em uma posição mais do que embaraçosa. Respirou fundo e tentou ler o título do livro ao qual Louisa se agarrava. Qualquer coisa seria melhor do que se deixar dominar por seus instintos mais animais. Louisa era filha de um conde, irmã de seu melhor amigo, e não uma qualquer. Aquela sua reação era totalmente descabida, para não dizer desconcertante. Ainda mais em um momento tenso como aquele.

— E por causa da minha amante, não é? — rosnou Ravensley, e Hawk se perguntou se havia perdido parte da conversa. — Você não aprova, nunca aprovou. Mas sabe que qualquer homem da minha posição social tem uma amante.

— Eu não tenho — comentou Hawk, o que fez dois pares de olhos azuis pousarem nele em choque. Por que sentira aquela necessidade de se defender? De dizer algo que o fizesse ganhar um ponto positivo aos olhos de Louisa? Estava tentando resolver sua vida amorosa e financeira por intermédio dela, não estava? Ou ao menos tinha sido esse seu objetivo antes daquela patética reunião.

— Louisa... — Hawk limpou a garganta. — Antes de os ânimos se exaltarem por aqui, você afirmou que não nos considera dignos de ser apresentados às filhas dos Rose. Pode explicar por que chegou a essa conclusão? Afinal, talvez esteja equivocada de alguma forma.

Ela levou o livro ao peito como um escudo.

— Quando meu irmão volta dos encontros com vocês, chega recendendo a álcool e perfume barato. Precisa ser carregado para cima. Não vou entrar em detalhes sobre as barbaridades que ele profere nesse estado. Basta dizer que, aparentemente, nenhuma mulher estaria segura na companhia de vocês. Afinal, valorizam apenas a conquista, mas não o prêmio. E também não têm escrúpulos em descartar o que, ou quem, conseguiram. Como posso recomendá-los às irmãs Rose, às quais prometi apresentar cavalheiros decentes, se dificilmente iriam propiciar a elas uma vida de amor e alegrias?

Pensativo, Hawk esfregou o queixo já meio áspero. Louisa não era nenhuma tola. Não era à toa que não estava disposta a apresentá-los aos Rose.

— Pensei que o objetivo delas fosse conseguir um título — ele disse. — Que mulher não ficaria entusiasmada com a idéia de se tornar uma duquesa, por exemplo?

— Talvez. Mas, e depois que esse entusiasmo acabasse? O que restaria?

— Possivelmente um herdeiro e a garantia de não impedi-la de buscar sua felicidade aonde quer que fosse.

— E quanto aos sentimentos e ao prazer?

Hawk emudeceu diante da questão. O que mulheres como Louisa entendiam de prazer? O que *ela* entendia de prazer? Dizia aquilo por experiência própria ou apenas por ter ouvido falar no assunto? Ravensley teria dito alguma coisa enquanto embriagado? Ou a própria Louisa expusera suas dúvidas, aproveitando-se das circunstâncias?

— Eu jamais negaria prazer a uma mulher — respondeu ele por fim, com cuidado.

Louisa o fitou, atenta, considerando a verdade das palavras. Se ela fosse uma qualquer, aquela afirmação, certamente, teria duplo sentido. Hawk a fitava como se a Visse pela primeira vez e não pudesse negar estar intrigado. Era um flerte?, Louisa se perguntou, confusa. A sedução costumava ser uma arma poderosa.

— Quanta generosidade! — ela comentou com cinismo, por fim.

— Também acho.

— Sinto muito, milorde, mas ainda não disse nada que me convencesse a considerá-lo um candidato em potencial a marido de uma das Rose. Na verdade, só reforçou minha opinião de que vocês são totalmente inadequados.

— Sua postura me parece um tanto rígida.

— Que seja. Mas fique tranquilo: assim como não pretendo recomendá-los às mocinhas, também não os impediria de tentarem se aproximar delas por conta própria.

— Louisa...

— Já me decidi, Alex — ela interrompeu o irmão. — Agora, se me dão licença, cavalheiros, tenho muito que providenciar para amanhã.

A rejeição declarada de Louisa serviu para amainar o desejo que se abatera sobre Hawk, e ele, finalmente, pôde se levantar e fazer uma mesura.

— Agradeço a sinceridade, Louisa.

— E eu peço desculpas — murmurou ela, em voz baixa. — Não tive a intenção de ofendê-lo.

— Não conseguiria nem que quisesse. Aprecio, sinceramente, sua postura.

— Se me permite dizer, talvez seja hora de adotá-la também.

— Esteja certa de que é o que pretendo, Louisa. Ela esboçou um sorriso.

— Há outras americanas pelas quais não sou responsável.

— Mas nenhuma tão rica. E já que estamos sendo honestos, saiba que não costumo me contentar com pouco.

— Em nenhum aspecto, se eu for levar em consideração os comentários de meu irmão...

Por um segundo, Hawk teve ímpetos de usar o livro, ele mesmo, contra Ravensley. Não era por obra do acaso que Alex estava emudecido!

— De qualquer modo — suspirou Louisa —, creio que deixei clara minha posição. Boa noite aos dois.

Sem esperar por resposta, deixou a sala graciosamente.

— Não acredito que Louisa se recusou a nos ajudar! — desabafou Alex, tão logo a porta se fechou.

— Que diabos andou dizendo para sua irmã?

— Nada de grave, pode apostar — defendeu-se o rapaz, nervoso. — Não se preocupe: ainda acho que somos a melhor opção que ela tem. Nós vamos rir dessa história quando estivermos bem casados com as irmãs Rose. Agora, que tal um bom vinho para celebrar o desafio?

— Pode ser — Hawk aceitou e fitou a porta fechada, pensativo.

Desafio maior do que conquistar uma das filhas dos Rose seria ignorar a dama de companhia delas.

Capítulo III

— Não consigo acreditar na maneira como insultou meus amigos!

Louisa podia entender o porquê da revolta do irmão. Havia feito mais do que insultar os amigos dele: ferira-o. Dobrou o xale devagar, pensando no que dizer. Falar a verdade havia sido tão difícil para ela quanto fora para eles ouvi-la.

— Sinto muito, Alex, mas como eu disse, assumi o compromisso de encontrar bons maridos para aquelas meninas. E não pode negar: você e seus amigos não possuem todos os atributos necessários.

— Aquelas duas estão atrás de um título, Louisa. Não vão conseguir coisa melhor do que nós, a menos que entrem para a realeza, o que eu duvido.

Ela guardou o xale no baú. Havia dispensado a criada tão logo Alex adentrara o quarto. A maior parte da criadagem já tinha conseguido emprego em outras famílias e agora só havia três na casa: os mais fiéis, com certeza. Por isso não precisava se preocupar se estariam ouvindo aquela conversa por trás das portas.

— É a mãe delas que está ansiosa para que as filhas adquiram um título, não elas. — Fitou o irmão. — As duas são românticas por natureza. Só sabem falar de amor e paixão. Como posso, em sã consciência, apresentá-las a rapazes cujo único interesse é financeiro?

— Acha mesmo que vai encontrar um nobre na Inglaterra capaz de encará-las apenas por seus lindos olhos?

— Sempre há uma esperança.

— Não pode ser tão ingênua assim. Esta manhã mesmo você estava se queixando da própria situação e de como essa miséria pode impedi-la de arranjar um bom casamento!

— E, no entanto, você tentava me convencer de que haveria alguém capaz de enxergar meu verdadeiro valor. Não se pode dizer o mesmo em relação a essas garotas?

Alex se voltou para a janela e olhou para os jardins já na penumbra, as mãos cruzadas às costas. Dificilmente ficava zangado com ela, porém, quando acontecia, a coisa costumava ser perturbadora.

Louisa sabia que o irmão tentava se controlar antes de dizer algo de que pudesse se arrepender.

Reuniu coragem e avançou um passo na direção dele.

— Jenny e Kate são extremamente agradáveis. E muito mais jovens e ingênuas do que eu. Sua maior discussão é sobre o que é mais importante na vida de uma mulher: o amor ou a paixão. Jenny quer paixão. Kate, amor. E triste imaginar que podem se casar com alguém incapaz de lhes dar uma coisa ou outra. E a minha preocupação não é apenas com elas, Alex. É comigo mesma.

Percebeu a tensão dele, o modo como os ombros largos se tornaram ainda mais rígidos, e se aproximou mais.

— Serei dama de companhia por pouco tempo. E vai ser uma empreitada estranha, por assim dizer. Para que eu tenha sucesso, não posso desempenhar essa função por muito tempo. Uma temporada; quem sabe duas, no máximo. Tão logo elas se casem, terei de arrumar outras herdeiras a quem ajudar. Por isso preciso me tornar conhecida por prestar bons serviços e indicar-lhes partidos que valham a pena. E você e seus amigos, infelizmente, já me deram muitos motivos para acreditar no contrário.

Alex girou o corpo para encará-la.

— Se eu me casasse com uma dessas meninas, você não teria que buscar outra herdeira a quem oferecer seus serviços, Louisa. Eu poderia sustentá-la com fartura,

estaria em condições de oferecer um dote e lhe arranjar um marido decente. Não percebe que poderíamos ajudar um ao outro?

- Está me pedindo para comprometer minha integridade.
- Você não deve nada àquelas duas!
- Já fez alguma promessa na vida?
- Claro que já!
- E a manteve?

Os olhos azuis escureceram de imediato quando Alex percebeu a armadilha em que havia caído. Louisa adorava o irmão, mas, decididamente, ele subestimava a inteligência feminina.

- Manteve, Alex?
- Sim — respondeu ele, relutante.
- Por quê?
- Porque era a coisa mais honrada a fazer.
- E por que espera menos de mim? Alex respirou fundo e se deu por vencido.
- Ainda assim, Louisa, não devia nos descartar.
- Você, talvez — admitiu ela. — Mas não Falconridge. E muito menos Hawk.

Pois, sem dúvida, Hawkhurst era o pior dos três, concluiu Louisa. Alex nunca havia se metido em encrencas enquanto não andava na companhia do amigo.

- Nós gostamos de nos divertir, Louisa, e isso não é pecado.

— Farras, bebida, jogo e mulheres até o amanhecer. — Ela abriu os braços, desconsolada. — Se não vê tudo isso como defeito, então são menos adequados como maridos do que eu imaginava.

- Não acha que está exagerando?

— Não sob o meu ponto de vista. Eu gostaria de poder recomendá-lo, Alex, mas simplesmente não posso.

- Mas não vai falar mal de nós, vai?
- Eu já não disse que não?
- Disse, mas sei bem como são as mulheres.

— Não, não sabe. Não pode generalizar e afirmar que todas são fúteis. Como podem pensar em arranjar uma esposa se pensam desse modo?

— Porque é a nossa obrigação.

— Mais um motivo para não serem recomendados às Rose.

Alex soltou uma risada desprovida de humor.

— Acha mesmo que algum homem neste mundo deseja se casar?

— Acho.

— Pois acredite em mim, maninha. Esse homem não existe.

Louisa sempre imaginou que só sairia da casa onde havia nascido quando se casasse. Era uma experiência estranha estar em um quarto que não era o dela... mesmo que fosse por pouco tempo. Algumas semanas, ou meses, talvez. Ou seriam anos?

Verdade que já tinha permanecido na casa de campo de amigas, mas nunca por mais que uns poucos dias. E apenas como visita.

Ali seria diferente. Não era da família. Nem era uma amiga. Apenas uma espécie de criada.

Sentou-se na cama com um suspiro e estranhou o colchão, além dos próprios sentimentos. Era uma dama de companhia agora. Talvez fosse obrigada a assumir aquele trabalho indefinidamente, mudando de casa em casa feito uma cigana.

Mas sabia que teria de arcar com as consequências quando pusera aquele anúncio no jornal. Agora não tinha por que ficar deprimida.

Observou enquanto Colette, a ama que lhe fora designada pela sra. Rose, transferia as roupas do baú para o armário. Ela, Louisa, havia trazido seus melhores vestidos e agora receava ter exagerado, em vista de sua nova posição. Nas temporadas anteriores, sua própria dama de companhia, uma prima casada, trajara-se com extrema discrição. Pretendia fazer o mesmo: o certo era não atrair a atenção para si própria.

Assim que terminou, Colette chamou um laçao para carregar o baú, depois deixou o quarto com a promessa de ajudá-la a se preparar para o jantar, o que era promissor. Pelo menos a sra. Rose não a deixaria fazer as refeições com a criadagem.

Louisa se ergueu com um longo suspiro, caminhou até a janela e olhou a rua. Não era a senhora da casa, ali. Não precisava se preocupar em discutir com a cozinheira o que seria servido durante a semana, nas refeições. Era esquisito e ao mesmo tempo preocupante não ter tantos afazeres. O que poderia fazer em seu tempo livre?

Precisava organizar o calendário social das meninas e, para isso, tomar conhecimento de todos os convites que elas haviam recebido. Também seria bom fazer uma lista de prováveis pretendentes.

Mordeu o lábio, tensa. A responsabilidade de arranjar bons maridos para aquelas duas era, sem dúvida, muito mais preocupante do que o cardápio da semana. Como podia ter certeza de que não estaria apresentando um cafajeste às jovens?

Uma batida rápida na porta interrompeu seus preocupantes devaneios. Antes que ela pudesse autorizar a entrada, a porta foi aberta e Jenny meteu a cabeça para dentro do quarto, sorrindo.

— Já está tudo no lugar?

— Parece que sim.

— Quer companhia?

— Eu adoraria.

— Que bom. — A moça saltitou para perto de Louisa, puxando a irmã atrás de si. Como de costume, a mais nova tinha os olhos fixos em um livro. — Pensei em discutirmos mais um pouco as nossas preferências.

— Ótima idéia.

— A idéia foi dela — Kate disse, enfatizando com um gesto de cabeça. — Não vejo por que isso faria diferença.

— Eu também trouxe os convites — anunciou Jenny e, ignorando o mau humor da irmã, entregou uma pequena pilha de envelopes a Louisa.

— Obrigada. Eu queria mesmo vê-los.

— Não se preocupe, pois recebemos só os mais refinados. — Kate fez um muxoxo. — Até Bertie ficou impressionado com Jenny, sabia?

— O príncipe de Gales?

— Ele sorriu para mim e dançamos apenas uma vez — minimizou Jenny, sem, no entanto, esconder o próprio orgulho. — Não foi nada demais.

— A mãe de vocês deve ter ficado maravilhada.

— Maravilhada é pouco. — Kate torceu os lábios. — Pela reação que ela teve, deve ter jurado que Jenny sairia princesa daquele baile. Foi quando decidiu contratar uma dama de companhia para nós, aliás.

— Pois saiba que estou muito feliz por isso — confessou Louisa, sincera.

Jenny sentou-se na cama de um salto.

— Então, fale um pouco de você, agora.

Kate se acomodou em uma cadeira próxima e, surpreendentemente, fechou o livro.

— Na verdade, não tenho muito que contar. — Louisa deu de ombros, tímida, e correu os olhos pelos convites. Em seguida, ergueu as sobrancelhas, impressionada. As moças vinham sendo convidadas apenas para os bailes mais concorridos da capital.

— Já se apaixonou? — Kate tornou a surpreendê-la.

— Não.

— Mas nunca... experimentou um pouco de paixão? — insistiu Jenny, inconformada.

Louisa ergueu a cabeça para fitá-las.

— Não quero ser rude, meninas, mas precisam ampliar os seus horizontes. Só sabem falar disso? — Riu. — Contem-me o que gostam de fazer.

— Eu adoro ler.

— Novidade! — Jenny fez uma careta para a irmã.

— O que gosta de ler? — Louisa ignorou o sarcasmo da jovem.

— Romances, basicamente.

— E do que mais gosta, além de ler?

— Chocolate. Por isso estou mais gorda do que Jenny. Eu adoro comer chocolate enquanto leio.

— E ela lê muuuuuito! — enfatizou a outra. — Não vai a lugar nenhum sem

um livro.

— Porque fico entediada com a sua conversa — devolveu Kate, exasperada. — Preciso me entreter com alguma coisa.

— Meninas, estamos nos distanciando do assunto principal outra vez — alertou Louisa, antes que se formasse mais uma discussão.

— Gosto mais de ficar ao ar livre — suspirou Jenny. — Adoro passear de bicicleta e andar a cavalo.

— De bicicleta? — Louisa franziu a testa. — Não é perigoso?

— A de selim alto, sim. Tentei uma vez e levei um tombo. Tenho até uma cicatriz aqui, olhe... — Mostrou o supercílio. — O triciclo alto é mais seguro, mas eu não gosto muito. Você gosta?

— De segurança? — Louisa riu. — Acho que sim.

— Pois eu não ligo para isso — declarou Jenny, deitando-se de bruços sobre a cama e apoiando o queixo nas mãos. — Gosto de emoções fortes.

— Então, imagino que vá querer um marido que lhe proporcione emoção — concluiu Louisa, pensativa.

— Com certeza! E bonito, como já disse antes. E que beije bem. Qual lorde você já beijou?

Louisa sentiu um calor subir ao rosto.

— Co-como disse?

— Qual desses lordes que conhece você já beijou? Ela soltou uma risada fraca.

— Nenhum.

— Nenhum?! — Jenny entreabriu os lábios, chocada.

— Aqui na Inglaterra não é muito apropriado beijar. Ao menos enquanto não se está noiva.

— Mas como vai saber se gosta ou não do beijo dele? — indagou a mocinha. — E se tiver mau hálito?!

— Bem, eu... Nunca pensei nisso.

Jenny jogou as pernas para o lado e se sentou.

— Ouvi dizer que as moças inglesas não beijam, mas não acreditei!

— Já fui beijada na mão... E no rosto, uma vez — acrescentou Louisa com cuidado.

Jenny cobriu a boca.

— Oh, meu Deus, que horror! — provocou, divertida.

— No lado direito ou esquerdo? Louisa franziu a testa, confusa.

— No esquerdo... acho.

— Ah! Ainda bem. Se fosse no direito, teria de estar casada agora.

— Deixe-a em paz, Jenny! — ralhou Kate, ciente da troça da irmã. — Você é quem deveria beijar menos.

— Eu gosto de beijar. — Jenny tornou a se concentrar em Louisa. — Não temos damas de companhia nos Estados Unidos, o que nos dá muito mais liberdade para esse tipo de experiência.

— Mas não está mais nos Estados Unidos e precisa respeitar nossas tradições — lembrou Louisa. — Não procura um bom marido? Precisa se comportar, se pretende conquistá-lo definitivamente.

— Quer dizer que um pretendente inglês não vai gostar de mim se eu permitir que ele me beije?

— Ele pode decidir não se envolver com uma mulher que considere... fácil.

— Mas como vou saber se ele beija bem, se não posso beijá-lo? — Jenny tornou a perguntar, indignada.

— Um beijo é tão importante assim?

— Claro que é! Não é, Kate? A caçula suspirou.

— Não é sempre que eu concordo com Jenny, mas, nesse ponto, acho que ela tem razão — admitiu, hesitante.

— Não se casariam com um homem apenas porque não gostaram do beijo dele? — insistiu Louisa, perplexa.

Kate deu de ombros.

— Depende. Se eu gostasse do rapaz...

Louisa piscou, aturdida. Das três, ela era a mais inexperiente e ingênua, sem dúvida.

— Se a decisão de vocês não se basearia nisso, então por que dão tanta importância a um beijo?

— Porque pode não ser a coisa mais importante, mas é, indiscutivelmente, um requisito fundamental — respondeu Kate, séria.

— Ou seja, ele precisa ser bonito e beijar bem. Ponto final — concluiu Jenny. — Vamos passar para o próximo item: ter mãos bem torneadas.

Louisa soltou uma risada seca.

— Só pode estar brincando!

— Por quê? — A moça deu de ombros. — E certo que ainda não tive esse tipo de experiência, mas quando imagino um homem me tocando mais intimamente, gosto de pensar em mãos fortes, bem desenhadas e macias... capazes de despertar as mais loucas sensações!

— Acho que precisamos nos concentrar em aspectos mais gerais — declarou Louisa.

— Tais como?

— Senso de humor, disposição, boa conversa.

— E onde fica a paixão nessa história? — Jenny levou as mãos à cintura.

— A paixão não pode ser só física — lembrou Louisa. — O modo como um homem lida com os próprios bens e pensa no futuro também é importante. E é fundamental que se interesse por cultura. Que goste de Shakespeare, por exemplo. Também deve ser honesto, educado, delicado e respeitar os mais velhos. Há muito o que pensar sem ser na paixão.

Jenny soltou um longo suspiro.

— Não vai me deixar beijar, vai?

— Receio que não. Os lordes ingleses levam isso muito a sério. Preciso garantir que se comportem adequadamente e, já que pretendem se tornar boas esposas, eles deverão ser bons maridos. Talvez seja interessante eu lhes contar um pouco mais sobre a cultura da Inglaterra.

— Não quero lições de História — Jenny fez uma careta. — Já tive demais no meu país. — Apontou os convites sobre o colo de Louisa. — E então, a qual desses bailes devemos ir?

Louisa disfarçou um suspiro, perguntando a si mesma se não estaria diante de uma missão impossível.

Capítulo IV

Só de pensar em casamento, Hawk sentia um arrepio na espinha. Porém sabia que havia alcançado um ponto sem volta. Aos trinta e dois anos, como lembrava a sua mãe constantemente, tinha o dever de providenciar um herdeiro legítimo e também de propiciar alguma segurança financeira para a família. Casar-se com uma herdeira americana resolveria ambas as questões.

Apesar de as irmãs Rose não serem as únicas herdeiras em Londres, Louisa havia atirado a luva, intencionalmente ou não. Hawk decidira que faria de tudo para se casar com uma das duas moças, apenas para afrontá-la. Adorava um desafio.

Em pé, próximo à porta envidraçada que dava para o terraço, observou Louisa circulando elegantemente pela sala e apresentando suas protegidas para vários cavalheiros: na certa somente aos que ela achava "adequados".

Que coisa mais entediante! Pena que um dos colegas, tão bem-comportados, não a tivesse tomado por esposa, pois assim Louisa não estaria agora em seu caminho.

O primeiro baile era, sem dúvida, muito importante. A impressão deixada pelas damas teria impacto pelo resto da temporada. E, aparentemente, ambas as moças eram graciosas e interessantes.

Mas, nas circunstâncias, que herdeira americana não seria?

Todas tinham dinheiro à disposição, e dinheiro significava poder. Um título também, claro. Bastava juntar as duas coisas e ele seria *hors-concours*. Poderia fazer qualquer coisa, em qualquer lugar, em qualquer tempo, e a vida voltaria a ser o que não era havia muitos anos: um prazer.

Hawk respirou fundo. Tinha passado as últimas horas elaborando a melhor estratégia para conquistar uma das irmãs Rose. Agora só precisava colocar seu plano em prática.

A música cessou nesse instante e ele observou as duas jovens serem devolvidas para a companhia de lady Louisa. Logo depois, dois cavalheiros tornaram a requisitá-las para a pista de dança. Era hora de agir.

Louisa notou a aproximação de Hawk antes mesmo de ele entrar em seu campo de visão. Virou o rosto e o viu caminhar em sua direção a passos largos.

Sentiu o olhar de Hawk e, tal qual uma presa, teve a nítida impressão de que estava, realmente, prestes a ser atacada por um predador. Ele era impressionante, não apenas na aparência, como também nos modos. Fazia jus ao diminutivo de seu sobrenome: Hawk, isto é, águia.

De súbito, Louisa entendeu perfeitamente por que ele tinha a reputação de ser um homem ao qual as mulheres não podiam resistir. Possuía olhos escuros e penetrantes, a pele morena perfeita, os lábios curvados em um sorriso sensual...

Nunca vira lábios tão convidativos, refletiu, o coração aos saltos.

— Lady Louisa... — Hawk a saudou com voz rouca. — Dar-me-ia a honra desta contradança?

Ela sentiu o rosto pegar fogo e imaginou, desesperada, se havia corado.

— Perdoe-me. Como vê, participo da festa apenas como acompanhante, esta noite, e não como convidada — lamentou, sincera.

Não tinha sido fácil. Pela primeira vez Louisa comparecia a um evento assumindo definitivamente sua condição de solteira. Era doloroso encarar os olhares de pena daqueles que, antes, haviam sido candidatos em potencial a desposá-la.

Agora já estava feito. Os rumores durariam por algum tempo, mas as coisas iriam se tornar mais fáceis posteriormente.

— Suas protegidas já estão em boa companhia — argumentou Hawk. — Não há mal algum em aproveitar um pouco o baile.

Louisa fitou os olhos castanhos, confusa. Por que ele estava fazendo aquilo? Por que agora, se nunca o fizera antes?

— Não seria apropriado — ela recusou mais uma vez, tentando convencer mais a si própria do que a ele.

— O que há de impróprio em dançar com uma linda mulher?

Louisa estreitou o olhar.

— O que está pretendendo, milorde?

— Só estou tentando desfazer a má impressão que você tem de mim. E, pensando bem, dada essa impressão e a posição que ocupa agora, não seria nenhum crime para uma dama de companhia do seu quilate ser vista na minha companhia.

Ela piscou, confusa. Não podia discordar.

Com um suspiro, aceitou o braço que Hawk lhe oferecia e o seguiu, tentando não demonstrar o entusiasmo por, finalmente, pisar na pista de dança depois de tanto tempo.

Não dançava desde o Natal e foi muito bom poder seguir os passos seguros de Hawk aos acordes melodiosos da valsa. Não havia pensado que, como dama de companhia, nem sempre teria a chance de aproveitar os bailes.

— O que está achando da sua nova função?

Ele rompeu o silêncio e Louisa quase tropeçou. Hawk havia lido seus pensamentos?

— Agradável. Obrigada.

— E uma grande responsabilidade.

— Sem dúvida.

— Percebi que apresentou uma das moças a lorde Ainsley.

— Jenny. Apresentei, sim. Ele ergueu as sobrancelhas.

— Algum problema? — Louisa mordeu a isca.

— Perdoe-me a intromissão, mas seu irmão comentou comigo que a srta. Jenny está a procura de um homem apaixonado.

Maldito Alex! Quando aprenderia a não dar com a língua nos dentes? E pensar que ela havia se preocupado com o que os criados pudessem ouvir da conversa!

— Sim, é verdade — admitiu, relutante.

— Então, sinto dizer, Ainsley não é o mais indicado.

— Posso saber por quê?

Hawk aproximou os lábios do ouvido de Louisa, e ela sentiu um arrepio.

— Sabe-se que seu irmão ainda não é muito experiente nessas coisas.

— Ele não tem nenhuma amante?

— O que estou querendo dizer é que Ainsley ainda nem conhece os prazeres de tocar uma mulher — revelou Hawk, sem rodeios.

Louisa sentiu o rosto pegar fogo e tentou esboçar um sorriso.

— Então, a meu ver, pode ser mais do que adequado: finalmente um homem que não se deixa levar apenas pelos prazeres da carne.

— Não há prazer na sua lista? — perguntou Hawk com voz rouca, fazendo-a estremecer dos pés à cabeça.

Por que exercia aquele efeito sobre ela?, perguntou-se Louisa, perturbada. Era óbvio que ele levava de propósito a conversa para um terreno perigoso. Uma conversa, aliás, para se ter entre quatro paredes, e não numa pista de dança.

— Claro que há — respondeu, levemente ofegante. Deviam estar dançando rápido demais, ainda que mal sentisse os pés tocarem o chão. — Mas um homem não precisa ser promíscuo para demonstrar seu ardor.

— Então, como poderá dar prazer a uma mulher? Ela riu diante da audácia da pergunta.

— Se pensa assim, deve considerar as visitas aos bordeis uma verdadeira escola.

— Por que não? As damas da noite prestam um grande serviço à sociedade, se quer saber. Não permitem que um homem se atrapalhe em sua noite de núpcias, por exemplo. É com elas que aprendem como acariciar uma mulher — Hawk sussurrou em seu ouvido, e Louisa fechou os olhos ao sentir o hálito quente. — E onde tocar uma mulher, de tal modo que fazer amor seja tão bom para ela quanto para ele.

Louisa sentiu a mão larga e quente acariciá-la de leve nas costas e não pôde deixar de imaginar como seria sentir aquela mão pelo corpo todo. O que Hawk já teria aprendido? Devia ter sido um aluno aplicado, ou não estaria lhe despertando as sensações mais carnavais que ela já experimentara, apenas com aquele tom de voz e a maneira como a conduzia nos braços.

— Com base no que meu irmão revelou sobre as suas aventuras, você deve ser especialista no assunto.

— Pode-se dizer que sim — Hawk admitiu com um sorriso de lado. — Você iria querer um homem que não soubesse como levá-la ao paraíso?

Louisa estacou em meio à pista.

— Acho que já basta.

— Perdoe-me a audácia. Eu estava apenas tentando provar que lorde Ainsley não poderia dar à srta. Jenny o que ela anseia. E também que não é crime que homens como eu, Falconridge e seu irmão queiram adquirir experiência no assunto antes do casamento.

— Única e exclusivamente para o benefício de suas futuras esposas — acrescentou Louisa, cínica.

— Por que não? — Hawk abriu um sorriso que pareceu tirar o chão debaixo dos pés dela. — Melhor voltarmos a dançar. Não quer chamar a atenção desses mexeriqueiros, quer? — Tornou a puxá-la pela pista e não deixou nenhuma alternativa a Louisa a não ser segui-lo.

— Pode justificar seu comportamento como quiser — declarou ela, após um minuto. — Continuo a achar que você não serve para marido de nenhuma das meninas.

— Então, a única maneira de chegar até elas é por seu intermédio.

Louisa não teve certeza do que ele quis dizer com tal conclusão, apenas que estas continham um claro desafio. Quando os últimos acordes da valsa soaram no salão, suspirou, aliviada. Apoiou a mão enluvada no braço dele e o seguiu, em silêncio, de volta à cadeira onde estivera sentada.

— Devo confessar que não posso culpá-la por me considerar uma influência tão ruim — Hawk comentou, sério. — Lembro-me bem de quantas vezes me apanhou em atitudes suspeitas na minha juventude. No entanto posso lhe assegurar, Louisa: os anos me trouxeram maturidade. Por isso gostaria muito de ser apresentado à srta. Jenny Rose.

— Mas...

— Antes que me negue esse simples pedido, lembre-se de que prometeu não encorajá-la a meu respeito, mas que também não impediria minha aproximação. A família Rose não gostaria de saber que você não é mulher de cumprir promessas.

— Quanta esperteza!

— Já me disseram isso. — Hawk piscou para ela, sedutor. — Isso também deveria contar a meu favor, aliás.

— Isso o quê? Sua arrogância?

— Não confunda arrogância com autoconfiança.

Louisa abriu a boca para protestar, porém foi interrompida por Jenny.

— Lady Louisa? — A moça se aproximou, os olhos verdes percorrendo Hawk de cima a baixo, tal qual estivesse admirando uma iguaria que considerava experimentar. Como podia ser tão ousada?! Não era à toa que aquelas americanas precisavam de uma dama de companhia.

As circunstâncias demandavam uma apresentação. Louisa lançou um olhar a Hawk e percebeu a expressão triunfante no rosto moreno. E tão logo fez as honras, ele convidou a moça para dançar e Jenny aceitou, sem pensar duas vezes.

Louisa suspirou longamente. Não podia negar que aqueles dois faziam um belo par. Jenny era alta e esguia e Hawk não teria de se curvar para lhe falar no ouvido... ou para beijá-la.

De onde havia tirado aquilo?, perguntou-se, irritada. Já não tinha deixado claro que não permitiria beijos?

— Esse sim é um partido e tanto! — O comentário partiu de Kate, que se postara ao lado de Louisa.

— Como?

A moça fez um gesto com a cabeça em direção à pista.

— O cavalheiro dançando com Jenny... quem é?

— O duque de Hawkhurst.

— Pelo visto não o aprova.

Louisa comprimiu os lábios.

— Não falei nada.

— Não em palavras, mas pelo modo que olha para ele: como se o duque fosse aprontar alguma coisa a qualquer momento. Honestamente, Louisa, não precisa se preocupar tanto: Jenny sabe se defender.

Com efeito. Justamente por isso, ela estivesse tão preocupada: aquelas duas podiam chegar à conclusão de que não precisavam de seus serviços.

Capítulo V

— Hawkhurst já partiu para o ataque — comentou Falconridge, lacônico.

— É o que parece.

— Espertalhão. Foi só flertar com a dama de companhia das moças e já abriu caminho.

Alex cocou o queixo, pensativo. Incrível Louisa ter aceitado aquele convite para dançar. Mas que outra escolha tinha? Não estava em condições de esnobar um duque publicamente.

Não tinha certeza do que o irritava mais: o fato de Hawk ter tirado sua irmã para dançar, ou o fato de ele estar dançando agora com a linda Jenny Rose!

E ela era linda de verdade. Combinava com o nome, pois era mesmo uma flor.

Precisava se lembrar da metáfora, raciocinou nervoso.

Ainda podia ser útil.

— Ela é sua irmã. Devia pelo menos apresentá-lo à moça — resmungou Falconridge.

— Louisa ainda está zangada comigo. Qualquer hora dessas acaba me apresentando.

— Por que está zangada?

— Porque discuti com ela a respeito daquela história de nos achar inadequados para as herdeiras.

— Mas não somos adequados.

Alex lançou um olhar abismado para o amigo. Era o mesmo homem que batera em retirada de sua casa, alguns dias antes, ofendido com a opinião de Louisa?

— Você deixou muito clara sua posição quanto ao que minha irmã pensa, esqueceu?

— Deixei claro que não precisa provar meu valor!

— Por quê? Não tem nenhum? Falconridge soltou um suspiro.

— Chega dessa conversa.

— Como "chega dessa conversa"?

— A coisa é mais complicada do que parece, Ravensley. Tenho problemas que nenhuma mulher merece enfrentar.

— E daí? Precisa se casar do mesmo jeito.

— Pois é. E essas herdeiras me caíam muito bem, pois são pragmáticas. Não estão em busca de amor ou de emoção. Só querem um título e, quem sabe, uma boa noite de prazer, de vez em quando. Mas nada que mexa muito com sentimentos.

— Pois aí é que você se engana — riu Alex. — Kate só fala em amor e Jenny só pensa em paixão. Foi Louisa quem disse.

Falconridge piscou, pensativo.

— Então, é melhor que eu me concentre em Jenny.

— Para mim tanto faz. O que me interessa é o peso das moedas no meu bolso, depois.

— Como pode ser tão frio?

— Honesto, quer dizer.

— Que coisa triste! — Falconridge balançou a cabeça.

— Veja só a que se resumem nossas vidas: dinheiro. A raiz de todos os males. — Sorriu, travesso. — E então? Vamos conversar com Louisa ou não?

— Não acredito que contou a Hawk que Jenny só pensava em paixão!

Ao ver Falconridge e o irmão se aproximarem, enquanto conversava com Kate, Louisa fora obrigada a apresentá-los. Falconridge não havia perdido tempo e convidara a moça para dançar, deixando Alex à mercê da ira da irmã.

— Eu não sabia que era segredo! — defendeu-se o rapaz.

— O que mais disse a ele?

— Nada muito importante. Acha que Jenny vai se engraçar com Falcon? — indagou Alex, preocupado.

— Eu sei lá... Mas parece que ela está gostando da companhia dele. Apesar de Jenny não me parecer muito difícil de ser agradada.

— E é, sem dúvida, a mais bonita das duas — afirmou Alex. — Vai me

apresentar quando ela voltar aqui?

— Alex...

— Louisa, não sou tão mau como imagina! Garanto que os outros são bem piores!

— Ainsley, por exemplo?

— Está brincando? — Ele riu. — Esse é um santo.

— Melhor do que se casar com um demônio.

— Olhe que isso dá margem para outra discussão. — Alex recostou-se à parede e cruzou os braços. — Conte-me mais a respeito dessas duas.

— Eu já diss...

— Por favor! Dê-me ao menos uma chance!

Ele parecia tão ansioso que Louisa se condeou. Se Hawk, Falconridge e Alex estavam dispostos a chamar a atenção das irmãs Rose, então seu irmão, pelo menos, merecia algum crédito.

— Muito bem. Kate aprecia valsas. Jenny não tem preferências, gosta de ser espontânea.

— Adoro isso em uma mulher! — exclamou Alex, entusiasmado.

Louisa sorriu, discreta. Jenny era mesmo muito vivaz, sempre falando pelos cotovelos e rindo como se não tivesse uma só preocupação em sua vida.

Talvez isso houvesse colaborado para que ela, Louisa, não tivesse arranjado um pretendente, raciocinou, tristonha. Sempre fora um tanto reservada.

— Sou previsível demais? — perguntou ao irmão, mal a idéia se formou em sua mente.

— Não. Quem poderia imaginar que iria trabalhar de dama de companhia, por exemplo?

Ela revirou os olhos.

— Antes disso. Acha que os homens me acham enfadonha?

— De jeito nenhum. — Alex sacudiu a cabeça. — Eu já disse que você só ficou nessa situação porque está em desvantagem financeiramente. E digo mais: não sei por que se sente tão incomodada por eu e os meus amigos estarmos tentando nos

aproximar dessas duas americanas, quando elas também estão em busca de maridos por puro interesse.

— Na verdade, essa história toda é horrível para mim. Acho que concordo com Kate: não devia existir nada mais importante entre um homem e uma mulher do que o amor.

— Por falar em Kate, ainda não me falou muito sobre ela.

Louisa respirou fundo.

— É um amor de moça. Mas talvez seja muito sonhadora e exigente.

— Não deixa de ser desejável.

— Sem dúvida.

A orquestra parou de tocar e Alex se afastou da parede no mesmo instante.

— Agora, maninha, veja se lembra de que seu irmão está aqui.

— A noite foi ótima! — suspirou Jenny, sonhadora. Sentada na carruagem, no banco oposto ao das moças,

Louisa sorriu. Compreendia o motivo de tanta satisfação. Jenny e Kate não haviam perdido uma só dança, e ela, por sua vez, pudera observar bem a diferença entre as duas irmãs: Jenny recebia bem todas as atenções dispensadas pelos rapazes, ao passo que Kate apenas as tolerava. Isso podia ajudá-la na hora de escolher qual partido era o mais interessante para cada uma delas. Jenny gostava de qualquer homem, Kate não gostava de quase nenhum. Como podia facilitar aquela seleção? — Seu irmão é um anjo! — declarou Jenny.

— Alex, um anjo? — Louisa arregalou os olhos. — Essa é muito boa!

— Por quê? Ele não é confiável?

— Não é isso... — respondeu, tensa. — Na verdade, não sei muito sobre a vida particular de Alex.

— Em compensação, Hawkhurst é a tentação em forma de gente — opinou Kate com um sorriso.

— E dança como ninguém — declarou a outra. — Adorei valsar com ele.

Louisa apertou os dedos das mãos, nervosa. Disse a si mesma que era apenas

por não querer que Jenny terminasse a temporada noiva de um homem como Hawk. Só por isso, e não por que havia a chance da moça torná-lo um homem casado.

Não gostava de admitir, mas também apreciara estar nos braços de Hawk. Apesar daquela conversa perigosa. Perigosa e inquietante. Por algum motivo, não se imaginava discutindo assuntos prosaicos com Hawk, como o clima de Londres, por exemplo. Qualquer troca de idéia entre eles parecia sempre carregada de segundas intenções.

Verdade que esperara ser convidada para uma segunda dança, porém, tão logo Hawk conseguira seu intento, ou seja, se aproximar de Jenny, ele a ignorara pelo resto da noite. Louisa já percebera o estilo de Hawk: era do tipo que se apresentava e depois batia em retirada, deixando um rastro de mistério atrás de si.

— Também dançou com Hawkhurst, não dançou, Louisa? — Jenny sorriu para ela, travessa. — O que achou dele?

— O duque dança muito bem.

Jenny caiu na risada. Uma risada melodiosa que qualquer homem acharia atraente.

— Ora, vamos. Eu não me referia ao modo como ele dança, mas ao modo como nos toca. E o melhor é que ele é duque, o que agradaria imensamente à minha mãe.

— Claro — concordou Kate, cínica.

— Isso não quer dizer que não pretendo agradar a mim mesma! — Jenny fez uma careta para a irmã. — Satisfazer mamãe seria unir o útil ao agradável. — Voltou-se para Louisa: — E então, o que sabe sobre o duque?

— Bom, o duque do Hawkhurst vem de uma família muito abastada e tradicional. O pai faleceu quando ele ainda era muito pequeno. Doze anos, se me lembro bem.

— E como foi que o pai morreu?

— De alguma doença. Mas não tenho muita certeza. De acordo com os rumores, uma doença da qual não se devia falar muito, lembrou Louisa.

— Pobrezinho, ter um fardo desses sobre os ombros tão cedo. Apesar de que ele tem os ombros largos o bastante para suportar qualquer coisa — acrescentou Jenny, maliciosa. — O homem é um verdadeiro Apolo.

— Capaz de despertar paixão? — ironizou Kate.

— Ainda duvida? — Jenny ergueu uma sobrancelha, tal qual a mãe costumava fazer. — E quanto a você, maninha? Encontrou alguém capaz de lhe mostrar as delícias do amor?

— Não esta noite.

Louisa observou a outra moça, pensativa.

— Por acaso já encontrou alguém antes?

Kate soltou uma risada desprovida de humor.

— Pense bem, Louisa. Acha mesmo que algum homem olha para nós duas e vê algo além do dinheiro do nosso pai?

Louisa observou o perfil das duas moças contra a luz das lâmparas que pendiam dos postes. O que poderia dizer? Os homens olhavam para ela e não viam dinheiro. Em compensação, olhavam para aquelas duas e só enxergavam riqueza.

Qual situação era pior?

— Creio que o dinheiro pode chamar a atenção dos homens a princípio, mas será sua beleza e seu caráter o que vai mantê-los cativos.

Kate respirou fundo.

— As vezes penso se não seria melhor sermos miseráveis. Como saberei com certeza se um homem ama a mim de verdade, e não os bens que me acompanharão até o altar?

— Por isso mesmo busco mais a paixão do que o amor — ponderou Jenny. — Não importa o motivo pelo qual ele queira se casar. Importa apenas o que podemos proporcionar um ao outro.

— Eu só preciso de amor — declarou Kate, desgostosa.

Louisa não saberia dizer o que deu nela para projetar o corpo para a frente e segurar as mãos das moças nas suas.

— Juro que farei de tudo para que os homens que as desposarem lhes dêem mais valor do que ao dinheiro que vocês possuem.

— Como imagina conseguir fazer isso? — Jenny riu, sem muita convicção.

Louisa tornou a se recostar no banco.

— Só vou apresentá-las a homens que não estão em apuros financeiros.

— Seu irmão está em apuros? — indagou Jenny, arguta.

— Sim.

— E Hawk?

— Também.

— Falconridge? — manifestou-se Kate. Louisa fez uma careta, desanimada.

— Receio que sim.

As moças se entreolharam e comprimiram os lábios.

— Vi os três conversando — observou Jenny. — São amigos?

— Há muito tempo.

— Então deve conhecê-los bem — concluiu. — Por que não os recomendou a nós?

Louisa sentiu o estômago se apertar.

— Honestamente, não sei se os conheço tão bem assim.

— Não imagina como é ruim não ser amada por você mesma, e sim pelo seu dinheiro — murmurou Kate, retomando o assunto anterior.

— O meu problema é o oposto — contrapôs Louisa. — Sou pobre agora, e, justamente por isso, não tenho nenhum pretendente. Se eu tivesse um pouco de dinheiro, acredito que chamaria a atenção de alguém.

— Não seria engraçado trocarmos de lugar? — imaginou Jenny. — Nem que fosse por uma noite. Assim poderia viver a nossa situação e nós, a sua.

— Eu já vivi essa vida de vocês — lembrou Louisa, tristonha.

— É verdade! E aposto que dançou muito, como nós duas esta noite.

— Dancei, sim. Mas nunca passei disso.

— Nem mesmo com Hawk?

Chocada, Louisa encontrou o olhar de Jenny.

— Eu nunca havia dançado com ele.

— Sério? Nossa, pelo modo como o duque olhava para você...

— Co-como assim?

— O homem estava fascinado.

— Fascinado em saber tanto quanto possível sobre você — disse Louisa.

— Será? — murmurou Jenny, sem muita convicção. Em seguida, olhou pela janela, como se não quisesse mais discutir o assunto.

Louisa baixou os olhos, confusa. Era melhor assim. Não pretendia mais falar sobre Hawk. Não podia correr o risco de revelar os hábitos do duque, os quais poderiam acabar com ele do mesmo modo que haviam acabado com o primeiro duque. Tentou recordar o que sabia a respeito da mãe dele, mas conhecia muito pouco sobre a mulher. Lembrava-se apenas de que era meio reclusa. Sem dúvida vivia com vergonha dos rumores que corriam acerca do marido, e também por lhe ter dado apenas um herdeiro.

Ele ainda conseguia sentir o perfume de Louisa. Uma fragrância suave que lembrava lírios ao amanhecer. Ainda podia sentir o calor dela nos braços.

Louisa era tão esguia. Tão delicada. Podia vislumbrar os cabelos muito louros e cacheados caindo-lhe em cascata sobre os ombros, e até ver o jeito de ela fitá-lo: como se ele só tivesse falhas e jamais pudesse ser confiável.

Muito menos ser recomendado às filhas dos Rose.

Apoiado no consolo da lareira, Hawk engoliu o resto do conhaque, na esperança vã de que este varresse as lembranças mais amargas. Não era em Louisa que deveria estar pensando, e sim em Jenny Rose.

O problema era que mal se lembrava de como era a outra moça.

Ouviu um clique na porta e disfarçou uma careta. Queria ficar sozinho. Após o baile, decidira ir para casa, que ficava a menos de duas horas de cavalgada do centro de Londres.

Olhou por cima do ombro.

— Olá, boneca... — saudou a irmã como de costume, com um sorriso. — Não é meio tarde para estar acordada?

Vestida com uma camisola longa e ainda enrolada em um cobertor até o pescoço, a jovem riu e caminhou até ele. Os cabelos longos e negros encontravam-se domados por uma trança.

Caroline sempre lhe pareceria tão frágil, desde o momento em que havia nascido. Não era ao acaso que desenvolvera nele aquele instinto de protegê-la o tempo todo.

— O mesmo vale para você — ela ralhou. — Ouvi quando fechou a porta. Não sabia que voltaria para casa tão cedo. Mamãe até vai estranhar. — Acomodou-se no sofá e se enroscou na coberta, recolhendo os pés. — Foi ao baile?

— Fui.

— E...

Hawk fez uma careta e Caroline riu, divertida. Tinha a risada mais gostosa que ele conhecia. Tomara as agruras da vida não lhe tirassem esse encanto.

— Esse tipo de evento só é bom para as mulheres — disse com pouco caso. — Para os homens, não passa de trabalho.

— Ah, não me venha com essa. Aposto que se divertiu a valer. Dançou muito?

— Bastante — Hawk mentiu, e se arrependeu em seguida.

Caminhou até o aparador e tornou a encher o cálice. Dali, podia ver o perfil da irmã recortado contra o fogo da lareira. Caroline era o segredo da família havia dezessete anos. Um segredo que, em breve, Londres inteira veria revelado. Afinal, como irmão mais velho, cabia a ele apresentá-la à sociedade e garantir que ela arranjasse um bom casamento.

Seu próprio casamento com Jenny Rose, se tudo desse certo, garantiria um bom dote para sua irmã. Pensava em Jenny Rose, pois optara por tentar desposar aquela que preferia a paixão ao amor. Mesmo que ele também tivesse por objetivo um herdeiro.

Hawk suspirou profundamente. Tomara seu filho não fosse obrigado a carregar um fardo como o que ele carregava agora. Com sorte, também teria outros descendentes aos quais poderia sustentar adequadamente.

— Quem era a moça mais bonita do baile? — indagou Caroline, os olhos escuros brilhando à luz intensa do fogo.

A imagem de Louisa foi a primeira, e única, que lhe veio à mente.

Não que ela fosse exuberante, mas era, sem dúvida, a que mais lhe saltara aos olhos naquela noite. Louisa o tratava como um igual, e isso o intrigava mais do que quaisquer atributos físicos que ela pudesse ter... e que não eram poucos.

— Imagino que era a srta. Jenny Rose — Hawk mentiu outra vez e tomou um gole da bebida, os olhos se perdendo nas labaredas.

— Como ela é?

Ele não desviou o olhar das chamas. A imagem de um corpo esguio, de cabelos loiros e fartos espalhados por lençóis de cetim, e de olhos azuis a fitá-lo com um misto de interesse e desafio, penetrou sua mente.

Balançou a cabeça.

— Sinceramente, Carol, não sei dizer.

A menina franziu a testa.

— Então, como pode dizer que era a mais bonita?

Hawk se voltou para a irmã com um suspiro. Caroline era tão inocente! Tão ingênua quanto ao futuro que a aguardava...

— Não estou lembrado dos detalhes. No geral, ela era como todas as outras no baile.

— Ah! — reclamou sua irmã, decepcionada. Enrolou o cordão da camisola nos dedos, pensativa. — Hawk... Acha que alguém vai se interessar por mim quando for a minha vez?

Ele sorriu genuinamente pela primeira vez naquela noite.

— Não tenho dúvida.

Isso se o seu casamento com Jenny Rose garantisse um dote a ela, completou para si mesmo com um suspiro.

Capítulo VI

— Homem nenhum dá valor ao que não é cuidadosamente guardado — anunciou a megera no desjejum.

Louisa sentiu o peso do olhar da sra. Rose muito antes de erguer os olhos do mingau.

— Espero que não se torne um hábito deixar minhas filhas sozinhas enquanto se diverte — prosseguiu a mulher, rígida.

— Mas, mamãe, foi só uma dança! — exclamou Jenny. — Se quer saber, acho que o duque só desejava aproveitar a companhia de Louisa para se aproximar de nós.

Louisa sentiu o estômago se apertar. Na noite anterior, imaginara se não era com ela com quem Hawk queria dançar.

Não. Não imaginara. Havia fingido ser ela a mais linda do baile, aquela ao redor da qual os homens revoavam feito abelhas em volta das flores.

Agora não sabia mais que mulher era digna de maior pena: a que nunca era apreciada ou a que só era apreciada graças aos bens da família.

Os lábios da sra. Rose estavam tão apertados que praticamente haviam desaparecido.

Louisa sentiu o sangue abandonar-lhe o rosto. Não estava acostumada a ser repreendida daquela maneira. Sempre tinha sido a princesa do pai, a queridinha da mãe, a protegida do irmão.

— Jenny tem razão, sra. Rose. A dança foi apenas uma desculpa do duque para ser apresentado às suas filhas.

— Viu só, mamãe?

— Se o homem é um duque, não precisaria usar de subterfúgios para ser apresentado, Jenny. — Voltou-se para Louisa: — Por que não apresentou as meninas a ele na entrada? Não é para isso que está sendo paga?

— O duque não usou de subterfúgios para se aproximar de suas filhas, e sim para obter mais informações sobre elas. Os ingleses são muito discretos, sra. Rose — acrescentou Louisa, significativamente, surpresa com a própria capacidade em lidar com os ataques da mulher.

— Então, já pretendia apresentá-lo às meninas.

— Claro que sim — mentiu, ainda que a contragosto.

— Espero que tenha tido a oportunidade de elogiá-las enquanto dançavam.

— Sem dúvida.

— Esse duque... é parente da rainha?

— Não, senhora.

— Pena. — A matrona cocou o queixo. — Mesmo assim, ele se encontra no topo da hierarquia, o que já é interessante.

— Não está sendo otimista demais, mamãe? — opinou Jenny. — Afinal, dançamos apenas uma valsa. Não sei dizer se lhe agradei.

— Não é essa a questão. A questão é se ele agradou a você. O que acha, Louisa? O duque ficou interessado nas meninas?

— Receio que ele tenha dançado apenas com Jenny.

— Por que não com Kate?

— Porque eu estava entretida com um marquês — Kate veio em seu socorro.

— Um marquês? — A mulher ergueu a sobrancelha fina. — É o segundo na hierarquia, não é?

— Isso mesmo.

— Hum. Mesmo assim, preferia que minhas duas filhas se tornassem duquesas.

Jenny revirou os olhos.

— Eu vi isso, mocinha! — a mãe a admoestou. — Mas vai chegar o dia em que irá me agradecer por todos os meus esforços para que consiga o que merece! — profetizou, e voltou a se concentrar na dama de companhia. — O que o duque disse sobre Jenny depois da dança?

— Infelizmente, não tivemos oportunidade de conversar.

— E por que não?! Como pode saber qual a melhor conduta a ser adotada pelas meninas se nem mesmo sabe quais foram as impressões sobre elas?

Louisa contou até dez mentalmente.

— Suas filhas não precisam mudar de comportamento para impressionar ninguém, sra. Rose. Basta que sejam elas mesmas.

— Pois eu não acho. Embora minhas filhas sejam o que há de melhor nesta cidade, sempre podem melhorar. E é sua função ensiná-las a se portar de modo a agradar aos lordes ingleses.

— Elas sabem se portar, eu garanto.

A mulher estreitou os olhos.

— Está contestando as minhas palavras?

— Creio que ela esteja dizendo que nossas filhas são perfeitas. — O sr. Rose baixou o jornal, à cabeceira da mesa. — Nesse quesito, puxaram muito a mãe, minha querida.

A megera ensaiou um sorriso para o marido.

— Pode ser. — E tornou a se dirigir a Louisa: — Algum deles virá fazer uma visita esta tarde?

— Provavelmente.

— Pois eu gostaria muito de conhecer o duque. — Voltou-se para Kate: — E você... Não encoraje um marquês, quando pode se casar com alguém de uma linhagem superior.

Foi a vez de Kate fazer uma careta, às escondidas, enquanto a mãe afastava a cadeira e se levantava.

— Estarei em meus aposentos. Mandem me chamar se algum cavalheiro que valha a pena aparecer. E, Louisa, se o duque vier, saiba a opinião dele sobre as meninas. Se não vier, quero que vá encontrá-lo e pergunte o que for necessário.

— Mas... eu não posso fazer isso, senhora!

— Se quer continuar trabalhando para mim, é melhor fazer o que eu mando, ou posso me aborrecer.

— Sim, senhora.

— E vocês duas. — Ela se voltou para as filhas. — É melhor estarem casadas antes do fim da temporada. Fui clara?

— Não se preocupe tanto, querida — declarou o sr. Rose.

— Se eu não me preocupar, meu marido, não poderemos aproveitar nossos últimos anos de vida. — Com isso, ela bateu em retirada.

Louisa respirou fundo. Ao menos poderia fazer o resto do desjejum sem correr o risco de ter uma indigestão.

— Sinto muito — murmurou Jenny. — Não imaginei que mamãe fosse ficar tão furiosa porque o duque dançou com você.

— Por que foi contar a ela? — ralhou Kate.

— Sua mãe tem razão — interveio Louisa, ainda que a contragosto. — Eu não deveria ter aceitado o convite dele.

— Bobagem. Eu e Kate estávamos ocupadas, não tinha por que não se divertir um pouco.

— Também acho — concordou a caçula. — Aliás, nos bailes, vocês duas bem que podiam ficar dançando e eu só olhando.

— Mas... e aquele marquês? — indagou Jenny. — Era muito atraente.

— E daí?

— Como "e daí"?!

— Eu já disse que quero mais do que um rosto bonito. — Kate fitou o pai. — Com sua licença, papai?

— Claro, filha — resmungou ele, sem tirar os olhos do jornal.

Louisa aguardou até que Kate deixasse a sala para se dirigir a Jenny:

— Ela não me parece nem um pouco interessada em encontrar um marido.

Jenny lançou um olhar para o pai e se aproximou do ouvido de Louisa:

— Kate ainda não se recuperou de uma decepção.

O jornal estalou de repente e o sr. Rose a fulminou com o olhar.

— Jenny Rose, eu já disse que isso não interessa a ninguém!

— Não falei nada demais, papai... Desculpe, mas acho que não deviam forçar Kate a sair.

— Esse assunto já foi discutido, encerrado, e não deve ser mais comentado. — O sr. Rose se levantou e, para a surpresa de Louisa, fitou-a num aviso: — Com ninguém.

— Não direi nada a ninguém, sr. Rose. Pode ficar tranquilo.

— Eu amo minhas filhas, Louisa — disse ele, num pedido de desculpas. — Daria minha vida para protegê-las.

— Eu sei que sim.

— E estou certo de que seu pai faria o mesmo por você, se tivesse condições para isso. — Saiu a passos largos, antes que ela pudesse concluir se aquilo era um

elogio ou um insulto.

— Também teve problemas na família? — Jenny arregalou os olhos.

Sem apetite, Louisa empurrou o prato de mingau.

— Todas as famílias têm seus problemas.

— Pode apostar. — A jovem a fitou, contemplativa. — Você disse à minha mãe que conhecia muito bem os lordes ingleses. Conhece os segredos deles também?

— Talvez.

— O que sabe sobre o duque de Hawkhurst, por exemplo? Louisa baixou os olhos.

— Gosta da noite. E muito.

Jenny bufou, cínica.

— E que homem não gosta?

— Um homem de respeito.

— E um homem de respeito sabe o que é paixão?

Louisa fitou a menina, perguntando-se se Hawk teria tido com Jenny a mesma conversa que tivera com ela.

— Por quê? Hawkhurst comentou algo a respeito disso?

— Não. Na verdade, nem conversamos, o que achei muito estranho. Ele parecia distraído. Achei seu irmão e Falconridge muito mais interessantes.

Jenny bebericou o chá, aparentemente perdida em pensamentos. E se ela tivesse se apaixonado por algum dos três?, refletiu Louisa, preocupada. Precisava demovê-la da idéia agora mesmo.

— Se me der licença, preciso analisar aqueles convites para decidir a qual baile poderemos ir.

— Eu e Kate vamos ter uma aula de artes agora de manhã — informou a moça. — Por que não se junta a nós?

— Acho que não convém.

— Bobagem. Vai ser divertido e poderá nos conhecer melhor, o que é fundamental para que nos ajude a encontrar o marido perfeito.

— Ninguém disse que vou ajudá-las a encontrar o marido perfeito.

— Verdade. Mas isso é bom, pois a perfeição é um tédio. Um homem precisa ter também seus defeitos. Seu irmão é assim, não é?

— Sua mãe não haveria de querer vê-la perdendo tempo com um conde — lembrou Louisa, desviando-se da pergunta.

Jenny riu, travessa.

— Isso o torna ainda mais interessante. Louisa a encarou, séria.

— Pensei que quisesse agradar à sua mãe.

— Apenas enquanto ela estiver apreciando a situação — replicou a jovem com segurança.

Louisa suspirou. Agora entendia por que a sra. Rose lhe havia oferecido um salário tão generoso. As mulheres daquela casa, definitivamente, não eram fáceis de se lidar. Lembrou-se, com um aperto no estômago, de que a matrona a obrigara a ir atrás de Hawk, caso ele não aparecesse. Chegou a uma conclusão: nunca na vida tinha rezado tanto por uma visita do duque.

Hawk encontrou a mãe no jardim com uma cesta repleta de flores pendendo do braço, à espera de que o jardineiro colhesse outras delas. Era seu ritual havia muitos anos. Graças a Deus, a dedicação do homem ao jardim o havia impedido de ir embora quando as finanças da família começaram a dar problemas. Sua mãe adorava aquelas plantas. Passava muitas horas do dia simplesmente apreciando-as. Com certeza, uma parte daquele buquê que ela levava nos braços iria para a sala, e a outra, para o quarto de Caroline.

A duquesa havia evitado o filho no café da manhã. Sem dúvida, porque vinham discordando quanto ao que era melhor para a irmã dele.

— Bom dia, mamãe.

Ela dispensou o jardineiro com um gesto e se voltou para Hawk com um sorriso nos lábios. Era alta e esguia, os cabelos escuros começando a ficar grisalhos. Havia se casado cedo, aos dezesseis anos, com um homem bem mais velho.

Hawk não se iludia quanto a ter sido um casamento por amor. Na verdade, a paixão da vida da mãe tinha lhe dado uma filha: Caroline. Era esse o segredo da família.

— Que bom que voltou para casa — ela disse com voz suave, os olhos

castanhos refletindo toda a afeição por ele. — Já se cansou da temporada?

— Não exatamente. Eu queria... — Hawk hesitou, não querendo incomodá-la.

— E sobre Caroline? Ela não é problema seu, filho.

— E minha irmã — ele declarou com firmeza e viu lágrimas subirem aos olhos da mãe.

— Nunca tive a intenção de lhe causar problemas.

— E não causou. Meu pai me incumbiu, em seu leito de morte, de cuidar de você. E cuidar de você também significa zelar por Caroline.

A duquesa o tocou no rosto.

— Mas está se sacrificando por nós.

Hawk soltou uma risada fraca.

— Que homem não se sacrifica no casamento?

— Aquele que escolhe com sabedoria. Tem alguém em vista?

— Talvez. Eu a conheci ontem à noite e ela me pareceu uma pessoa agradável.

— Agradável? — A duquesa franziu o cenho. — Agradável é uma tarde sem chuva.

— Não a conheço tão bem assim para classificá-la de outro modo — retorquiu Hawk.

— Tem, ao menos, os mesmos interesses que você?

— Ela será livre para cuidar dos próprios interesses, portanto isso não importa.

— E sabe quais são os interesses da jovem?

— Não. Só sei que está em busca de um título, e eu, de dinheiro.

— Ah... Uma americana.

— Sim. O nome dela é Jenny Rose. Também tem uma irmã: Kate. Mas esta não me pareceu muito interessante.

— Conversou com a moça?

— Também não. Não sei explicar por que, mas Jenny não me pareceu a fim de conversar.

Hawk suspirou. Não podia confessar à mãe que a preferência de Jenny pela paixão, e não pelo amor, tinha sido determinante em sua escolha.

— Difícil acreditar que uma mulher não tenha se esforçado para receber a sua atenção.

— Pois Louisa não me pareceu agir muito diferente.

— Louisa Wentworth?

— Ela mesma.

— Ela ainda não se casou?

— Não. Inclusive, está trabalhando como dama de companhia das irmãs Rose.

— Verdade? Eu não sabia que Louisa tinha tanta idade.

— Não tem. Mas também não possui nenhum dote, o que torna suas perspectivas de casamento um tanto limitadas.

— Por isso decidiu cuidar da própria vida. Bom para ela. — A duquesa trouxe a cesta para perto do rosto, fechou os olhos e cheirou as flores, obviamente perdida em lembranças. Com frequência, dava a impressão de se transportar para outra época, para outro lugar. Um artifício que parecia sustentá-la nos momentos mais difíceis.

Na verdade, Hawk estava surpreso por terem conversado por tanto tempo.

Quando a duquesa tornou a abrir os olhos, tinha aquele olhar distante outra vez.

— Talvez Caroline também devesse trabalhar como dama de companhia.

— Louisa tem algum acesso à sociedade, mamãe. Caroline, não. Ao menos até eu conseguir isso para ela.

Se eu arranjar dinheiro, as coisas ficarão muito mais fáceis. Não imagino que Caroline possa se casar com um homem de muito destaque, mas pode interessar ao filho caçula de algum lorde.

A duquesa baixou os olhos, e Hawk comprimiu os lábios, aborrecido.

— Perdão. Não soube escolher bem as palavras. Caroline é digna de um rei, mamãe, mas, infelizmente, um rei jamais irá escolhê-la.

— Exceto nas histórias que você lhe contava quando ela era pequena.

— Era um mundo de faz-de-conta. Eu nunca tive a intenção de dar esperanças a Caroline. — Estudou a mãe e se perguntou se ela finalmente admitiria o que ele desconfiava havia tempos: que o pai de Caroline não era nenhum nobre.

— Ela é a nossa princesa — murmurou a duquesa. — Mas às vezes me questiono se Caroline não seria mais feliz com algum rapaz do vilarejo.

— Você teria sido? — Hawk a fitou nos olhos, ousado. A duquesa acariciou a pétala de um lírio.

— A felicidade foge dos covardes. Fui incapaz de desistir do que eu valorizava em troca do que eu adorava. — Ergueu o olhar para o filho. — O que é mais importante para você?

— Minha herança, meus deveres e a promessa que fiz a meu pai. Honrarei tudo isso a qualquer custo.

— E se o custo for a sua felicidade?

— Pagarei por ele sem nenhum arrependimento.

— Às vezes o arrependimento vem tarde demais, meu filho.

— Tem algum, mamãe? — Hawk indagou, sombrio.

Ela sorriu de leve e o segurou pelo rosto.

— Nenhum com o qual seja impossível conviver.

Ele apertou os lábios.

— O pai de Caroline era casado com outra?

— Esse é um assunto que concordamos em não discutir.

— Eu não concordei com nada, minha mãe. Tenho o direito de saber.

— Não, não tem — retrucou a duquesa com segurança. — Só Caroline tem esse direito. E se um dia ela perguntar, eu direi. — Deu um tapinha no rosto de Hawk. — Não fique assim. Apenas me conte mais sobre essa americana que lhe chamou tanto a atenção. Tem muitos rivais?

— Não importa. Farei o que for necessário para tomá-la como esposa.

Capítulo VII

— Então é a dama de companhia.

Louisa girou o corpo. Um bonito rapaz estava casualmente recostado à parede, uma perna cruzada por cima da outra, os braços diante do peito. Tinha os cabelos escuros e os olhos de um tom escuro também, mas de uma cor indefinida.

Ela havia ido ao conservatório e não encontrara ninguém.

— Eu mesma. Jenny disse que não se importaria se eu viesse assistir à aula.

— E não me importo.

Ele era americano, sem dúvida. Mas estava muito bem vestido para um artista, com calças e casaca de bom corte. Na certa, era tão bem pago pela sra. Rose quanto ela.

— Veio dos Estados Unidos com a família? — Louisa puxou assunto.

O jovem deu um sorriso enviesado, como se achasse a pergunta extremamente divertida.

— Não pude evitar.

— Não queria vir?

O rapaz deu de ombros e se afastou da parede.

— Lady Louisa, certo? Foi a vez de ela sorrir.

— Estou em desvantagem, aqui. Jenny não me disse o nome do professor de artes dela.

— Acho que é Applewhite.

O coração de Louisa deu um salto.

— Não é o professor de artes?

— Receio não ter o menor talento para a coisa. — Ele riu. — Permita que eu me apresente: Jeremy Rose, a seu dispor.

— Ah! — Agora Louisa percebia a semelhança. Jeremy era uma versão mais jovem do sr. Rose, antes que seus cabelos se tornassem grisalhos e as responsabilidades lhe vincassem o rosto. Baixou os olhos de leve e torceu para não

estar vermelha. — Eu não sabia que os Rose tinham um filho.

— Não costumam falar muito de mim por aqui. — Jeremy aproximou-se do ouvido de Louisa, ousado: — A ovelha negra da família, sabe como é...

— Ora, foi apenas por falta de oportuni...

— Foi intencional — contrapôs o rapaz. Depois apanhou uma caixinha de prata do bolso da casaca e acendeu um cigarro.

Louisa o observou, fascinada. Nunca tinha visto um homem fumar. Eles só costumavam fazer isso em áreas fechadas, aonde as mulheres não tinham acesso. Sempre imaginara ser uma coisa meio proibida e acabou se decepcionando com o gesto. Além de odiar o cheiro da fumaça que os envolveu pouco depois. Perguntou-se se Hawk fumava. E quanto a Jenny? Não acharia o hábito um horror?

— E então... Como vai a caça aos maridos? — perguntou o jovem sr. Rose, interrompendo seus pensamentos. — Já tem algum pretendente para as minhas irmãzinhas?

— Alguns. O desafio, agora, é escolher as pessoas certas.

Ele trouxe o cigarro e soltou a fumaça devagar, parecendo totalmente absorvido no gesto.

— Quem sabe possa me ajudar a arranjar uma esposa, depois que casar minhas irmãs.

— Está disponível?

— Não exatamente, mas adoraria ter uma companhia tão adorável como você, por exemplo.

Louisa estreitou os olhos.

— Está brincando comigo, não é?

— Só um pouco. — Jeremy sorriu. — Fiquei sabendo que foi repreendida por causa de uma dança no baile de ontem.

— Onde foi que ouviu isso?

— Minha mãe me contou. Ela ficou bem zangada.

— Não vai acontecer de novo — declarou Louisa.

— Ah, como não? — Ele piscou para ela. — Eu irei ao próximo baile.

Louisa entreabriu os lábios, porém não disse nada. Antes que ela pudesse pensar em uma resposta, Jenny entrou no salão e seus olhos verdes se iluminaram ao avistar o irmão.

— Jeremy! Quando chegou? — Apanhou o cigarro da mão dele e, para total espanto de Louisa, deu uma longa tragada e soltou a fumaça para cima. O gesto lhe pareceu completamente inadequado e, ao mesmo tempo, por demais elegante.

— Cheguei de madrugada.

— Senti a sua falta.

— Senti falta do cigarro, isso sim.

Ela riu antes de tragar de novo.

— Pobre Louisa... Está chocada, não está?

— Confesso que nunca vi uma mulher fumar.

— Só fumo quando Jeremy está em casa. Minha mãe tem razão ao dizer que ele não é boa companhia.

— Eu nunca disse o contrário. — Jeremy deu de ombros e piscou para Louisa.

— Está flertando com Louisa, seu depravado?

— Só pedi a ela para dançar comigo no próximo baile.

— Mamãe não quer que ela nos deixe sozinhas — alertou Kate da porta, e Louisa se perguntou havia quanto tempo a outra moça estava ali. Kate parecia fazer questão de passar sempre despercebida.

— O que vai ser ainda mais divertido — contrapôs Jeremy. Jogou o cigarro no chão e o amassou com o sapato visivelmente caro.

— Como foi lá no continente? — indagou Kate.

— Ótimo. Paris, Roma, Berlim, Estocolmo... Gostei de tudo.

— Já imaginou poder viajar para todo canto, sem ninguém tomando conta de você o tempo todo? — comentou a caçula, e Louisa se perguntou se estaria falhando como dama de companhia.

— Não precisa ficar assim, Louisa. — Riu Jenny. — Kate sempre invejou a liberdade dos homens.

— Não é justo mesmo! — confirmou Kate. Jeremy a tocou na ponta do nariz.

— A vida nem sempre é justa, maninha.

— Jeremy, vai fazer aula de artes conosco?

— Não! Só queria conhecer a famosa lady Louisa.

— E provocá-la um pouco, para variar.

— Claro. Que graça tem a vida sem um pouco de malícia? — Ele fez uma mesura. — Lady Louisa, foi um prazer conhecê-la. E não se esqueça de que me prometeu uma dança.

— Eu não prometi nada! — ela exclamou, preocupada. — Sua mãe tem razão, não posso sair por aí, dançando em todos os bailes.

— Isso é o que nós vamos ver — replicou ele, misterioso, e bateu em retirada.

Louisa suspirou profundamente. Os homens americanos eram tão difíceis de se lidar quanto as mulheres!

Era mesmo muito bom passar tinta em uma tela. Louisa sempre adorara desenhar, porém seus pais nunca tiveram condições de lhe pagar uma professora. Podia ficar o dia todo naquele lugar pintando.

— Louisa! E uma artista nata! — exclamou Jenny.

A lição do dia era pintar um vaso com flores, e Jenny só havia terminado uma delas.

— Olhe só isso, Kate. A gota de orvalho ficou linda, não acha?

Kate meneou a cabeça e abandonou a leitura de mais um livro.

— Ninguém diria que nunca teve aulas.

— Eu, por exemplo, só pinto o que vejo. Nunca tive essa imaginação. Sou uma pintora medíocre — concluiu Jenny.

— Claro que não — protestou Louisa, rindo.

— O que acha, sr. Applewhite? Não sou a única aluna sua que só pinta o que vê?

— Pelo menos você pinta — respondeu ele e lançou um olhar de reprovção a Kate. Era um homem extremamente magro e baixo. Bem mais baixo que Louisa, inclusive.

— Não gosto de pintar — suspirou a moça.

— Nem de tocar piano, nem de bordado, nem de escrever cartas... — lembrou Jenny com uma careta. — Nada do que se espera de uma dama. — Voltou-se para Louisa:

— Não sei como vai conseguir arranjar marido para ela.

— Ela não vai — rematou Kate.

— Lógico que vou!

— Acha que conseguirá alguém que aprenda a me amar? — questionou a jovem, fechando o livro. — Eu simplesmente me recuso a me casar sem amor.

— E o que entende por amor, Kate? — indagou Louisa.

— Se tem de perguntar isso, é porque nunca amou de verdade.

— Kate! — admoestou-a Jenny, mas o mal já havia sido feito.

Louisa sentiu uma pontada no coração.

— E verdade — admitiu baixinho. — Não conheço o amor de um homem, exceto o de meu pai e o de meu irmão. Mas você conhece, pelo visto.

Kate fitou o volume sobre o colo.

— Pense o que quiser.

— Kate! Não tem motivo para tratar Louisa assim! — repreendeu-a Jenny. — Ela não merece o seu mau humor!

Kate ergueu a cabeça, a expressão cheia de remorso.

— Desculpe. Mas não é a razão que julga o amor. O amor não estabelece fronteiras nem requisitos, Louisa. É como um chamado do coração, que bate mais rápido e mais forte ao encontrá-lo. Um amor nos deixa sem fôlego — suspirou, profundamente. — Está certa. Já conheci o amor e o perdi. E receio que não vou me satisfazer com nenhum homem que não seja capaz de me dar aquilo que eu já tive um dia.

Louisa não soube o que dizer diante da apaixonada declaração. Como seria amar assim?

— Açam que estou sonhando alto demais, não é?

— Acho que me apresentou um desafio difícil de encarar. — Louisa se obrigou a sorrir, ainda que se sentisse como um soldado aterrorizado diante do desconhecido.

— Agora, além de tudo, terei de encontrar alguém que seja capaz de amar como você.

Kate sorriu também, o primeiro sorriso genuíno que Louisa a vira dar até então, e o gesto transformou sua habitual sisudez em uma expressão leve e atraente.

— Não posso exigir isso de você. Sei que está em uma situação tão difícil quanto eu e minha irmã em relação à nossa mãe.

— Mas eu posso tentar — declarou Louisa.

— Então, talvez eu deva lhe dizer o que espero de um homem! — interveio Jenny, entusiasmada.

— Aposto que vai querer uma boca bem-feita, mãos hábeis e um corpo de Apoio — brincou Kate.

— Também, claro! — Jenny riu.

O sr. Applewhite limpou a garganta e Louisa endireitou os ombros. Haviam esquecido completamente da presença do homem.

— A aula já acabou, não é mesmo, sr. Applewhite? — cantarolou Jenny.

— Sim, senhorita — ele resmungou, antes de apanhar o material e deixar a sala.

— Ele é tão esnobe! — murmurou Kate.

— O espião da mamãe, isso sim — corrigiu Jenny. — Na certa vai contar a ela tudo o que ouviu aqui.

— Não dissemos nada de muito grave — concluiu Louisa, sem muita convicção.

— Srta. Jenny?

As três se voltaram para a porta, onde o mordomo aguardava com uma pequena bandeja de prata, Jenny apanhou o cartão refinado e seu rosto se iluminou.

— Temos visitas! — entusiasmou-se. — Ora essa se não é o duque de Hawkhurst! Faça-o entrar, vamos! — ordenou ao mordomo e depois se virou para Louisa: — Estou certa em fazê-lo vir até aqui, não estou? É o lugar perfeito para exhibir nossos talentos.

— O seu talento — corrigiu Kate, erguendo-se. — Não tenho o menor interesse no duque. Se me dão licença...

— Não conte à mamãe que ele está aqui! — pediu Jenny. — Não a quero metida nessa história, por enquanto.

— Só porque ela vai querer que o casamento aconteça antes do fim de semana?

— Não! Porque ela vai acabar afugentando o homem, apesar de suas boas intenções.

— Não imagino o duque assustado com alguém ou alguma coisa — ironizou Louisa, a despeito de si mesma.

— Então, digamos que mamãe é capaz de esfriar o entusiasmo dele.

— Pode ficar tranqüila, não vou dizer nada — suspirou Kate, antes de deixar a sala.

Louisa se levantou do banco onde estava sentada.

— Precisamos colocar isto em algum lugar — disse, preocupada, referindo-se à própria tela.

— Por quê? A minha está tão ruim assim? — perguntou Jenny, antes que Louisa pudesse se arrepender do gesto.

— Imagine, é que...

— Está horrível — concluiu a moça. — Não tenho talento mesmo.

Louisa mordeu o lábio.

— Por que não dizemos ao duque que este é o seu quadro, então?

— Isso já é demais para uma americana. — Jenny riu sem vontade. — No meu país, não esperamos crédito pelo que não fizemos.

Ouviram passos e se voltaram. Louisa observou a expressão da jovem ao deparar com Hawk.

— Alteza! — Jenny saudou-o com um lindo sorriso e uma medida delicada. — Que surpresa agradável!

Ele se curvou educadamente.

— Srta. Rose... Lady Louisa...

Já houvera um tempo em que Louisa era a primeira a ser cumprimentada. Mas isso tinha sido antes de se tornar uma mera dama de companhia.

— Alteza... — ela retribuiu o cumprimento. — Talvez devêssemos ir ao jardim, onde poderão nos levar um refresco.

— Não até que o duque veja nossos trabalhos — disse Jenny, audaciosa. — Sabe pintar?

— Receio não ter o menor talento para as artes. — Hawk sorriu.

— Nem eu. Mas Louisa, em compensação... Olhe só isso.

— O duque não vai se interessar...

— Claro que vou — ele a interrompeu, delicado. — Apesar de eu não ter sido agraciado com o dom da pintura, aprecio muito quem foi.

Aproximou-se de Louisa e a envolveu em uma nuvem perfumada de sândalo... e mais alguma coisa: talvez houvesse vindo a cavalo, e não de carruagem.

Hawk demorou a tirar os olhos da tela.

— E uma rosa — explicou Louisa, incoerentemente, e um sorriso brincou nos lábios bem-feitos de Hawk.

— Estou vendo.

— Nunca fiz aula de arte.

— E mesmo? Pois não parece.

— Isso é um elogio?

— Não. O elogio é dizer que está perfeita.

— Perfeita?

Hawk se voltou para fitá-la e seus olhos escuros se perderam nos de Louisa.

— Nunca pensei que fosse tão bom olhar para ela.

Louisa sentiu um calor esquisito se espalhar pelo corpo.

— Me-melhor irmos para o jardim agora.

— Boa idéia — cantarolou Jenny. — Vou pedir que a criada nos leve um pouco de chá.

Jenny se sentou tão perto de Hawk que, se respirasse fundo, poderia sentir-lhe o perfume. Louisa acomodou-se distante, com um bloco de desenho nas mãos, de modo a deixá-lo à vontade com Jenny.

— O que ela está desenhando? — indagou Jenny, puxando assunto.

Hawk ensaiou um sorriso.

— Não tenho a menor idéia.

— Estava olhando tanto na direção dela... Pensei que estivesse tentando enxergar o papel.

— Perdão.

Jenny estreitou o olhar.

— Já fez a corte a outras moças, não fez?

— Para falar a verdade, não.

— Então, por que resolveu fazer isso agora? Hawk piscou, desconcertado.

— Porque já estou passando da idade de me casar.

A jovem endireitou os ombros com um suspiro.

— Posso lhe dar um conselho? Nem sempre uma mulher lida bem com a sinceridade.

Foi a vez de ele respirar fundo.

— Não estou agindo como deveria, não é?

Jenny o fitou por cima da borda da xícara, os olhos verdes sorrindo.

— Vai saber consertar a situação, sem dúvida — disse, divertida.

— Gosta de ópera?

— Adoro. — Ela pousou a xícara com delicadeza.

— Poderíamos ir ao teatro amanhã, então. Tenho um camarote.

— Com minha dama de companhia, claro.

Hawk enrijeceu. Havia algo estranho em fazer a corte a Jenny com Louisa ao lado o tempo todo. Mas não tinha como escapar da situação.

— Claro.

— Vai ser ótimo!

— Passo com a carruagem às sete. Está bem para você?

— Perfeito.

— Então, eu as vejo amanhã. Obrigado pela companhia, foi um prazer. — Ergueu-se e fez uma leve mesura.

— O prazer foi meu — respondeu Jenny, surpresa com o fim da visita.

Hawk se voltou para Louisa, que observava a cena, discreta.

— Tenha um bom dia, lady Louisa.

— Vou acompanhá-lo até a saída, Alteza. — Ela levantou-se com graça, deixou o bloco sobre o banco, e tensa, seguiu-o pela trilha que cortava o jardim. — É impressão minha ou terminou à visita antes do tempo?

— Não conseguia pensar em nada para dizer — Hawk suspirou, aborrecido.

Louisa torceu os lábios cheios, e ele imaginou como seria beijá-los. Por que não tinha aqueles pensamentos quando estava ao lado de Jenny?

— A srta. Rose concordou em ir à ópera amanhã à noite.

— Então, devia passar o resto da tarde estudando poesia para impressioná-la, que tal?

Hawk sorriu.

— Está tentando me ajudar?

Louisa se deteve na saída da casa, uma expressão misteriosa no rosto perfeito.

— Não exatamente. Afinal, eu estaria prestando um desserviço à pobre moça.

Ele ergueu as sobrancelhas, avançou para o portão, porém parou para encará-la.

— Estava certa a meu respeito. Quando uma mulher se interessa por mim, eu deixo de desejá-la. Acho que sinto mais prazer na conquista. — Deu de ombros. — A srta. Rose, por exemplo, não ofereceu nenhuma resistência, e agora nem sei como agir. Foi mais simples do que eu imaginava. Se ela está em busca de um título, a situação parece resolvida.

— Nem tanto.

Hawk estreitou o olhar.

— Acha que ela ainda pode me rejeitar?

— Quem quer o título é a sra. Rose. Jenny tem muita personalidade, como já deve ter notado.

Ele meneou a cabeça devagar.

— Vou me lembrar disso.

— Alteza! — chamou Louisa, antes que o laçao pudesse abrir a porta para ele, e Hawk tornou a fitá-la. Ela torcia as mãos, nervosa. — Preciso saber o que achou das mocinhas.

— Por quê?

— A sra Rose...

— Ah! — Ele soltou um suspiro. — São... agradáveis.

— Como assim?

— Não constituem exatamente um desafio, como eu disse. Talvez sejam transparentes demais.

Louisa mordeu o lábio inferior.

— E quanto a você? Também está sendo "transparente"? Hawk soltou uma risada desprovida de humor.

— Pensei que já soubesse a resposta.

Uma batida na porta de entrada levou o laçao a abri-la pomposamente. Alex Ravensley se apresentou com um sorriso, trazendo um lindo buquê de rosas vermelhas nas mãos.

— Hawk! Que surpresa agradável — cantarolou, simpático. Em seguida beijou a irmã no rosto. — Olá, maninha. Olhe só o que eu trouxe para a sua protegida.

— Ela está no jardim — suspirou Louisa.

— Está cortejando Jenny? — Hawk franziu o cenho.

— Ela foi mais do que receptiva ontem à noite... — explicou Alex, enigmático, enquanto seguia a irmã.

Hawk observou os dois se afastarem. Ao menos aquela história ficaria mais interessante dali para a frente.

Capítulo VIII

— Não está pensando em vestir isso outra vez, está?

Louisa fechou a porta do próprio quarto e encarou Jenny, no meio do corredor. A jovem Rose trajava um lindo vestido verde-claro, de decote discreto e saia generosa, levemente mais comprida na parte de trás.

— Não estou pensando em vestir isto. Estou vestindo — replicou Louisa, objetiva.

— Mas já usou esse vestido antes!

— Jenny... Receio que este seja o único vestido decente que ainda tenho para a noite.

— Não entendo vocês, mulheres inglesas. Como podem chamar a atenção de um homem vestindo sempre as mesmas roupas?

— Pois eu não entendo vocês, americanas, e suas extravagâncias. Acho que não a vi repetir um só vestido desde que a conheci.

— E nem vai ver! Deixe-me ver... — começou Jenny, levando o dedo ao queixo para fitá-la. — Você tem mais ou menos o tamanho e o tipo de Kate. A maioria dos vestidos dela nem foi usada.

— Imagine! — Louisa riu, nervosa. — O duque já deve estar chegando, não há tempo para...

— Ele pode esperar.

Louisa entreabriu os lábios, perplexa.

— Não posso usar as roupas de sua irmã!

— Por que não? Como pode me acompanhar vestindo-se feito uma solteirona?

Louisa baixou os olhos, magoada.

— Pois saiba que este vestido já fez muito sucesso.

— Pode ser. Uns três anos atrás — concluiu Jenny e a puxou pelo braço. — Venha. Vamos resolver isso já.

Louisa fincou os pés no tapete.

- Não vou usar nenhuma roupa da sua irmã.
- Não seja boba, Kate tem milhões de vestidos!
- Mas sua mãe não vai gostar!
- Ela nem vai saber, eu garanto. Vamos, será divertido.
- Jenny, o duque...

— Eu já disse que ele pode esperar! E até bom que não estejamos prontas na hora. Uma mulher não deve se mostrar muito ansiosa para um encontro. Agora, vamos. Também não podemos dar a impressão de que não estamos interessadas.

Jenny abriu a porta do *closet* do quarto da irmã sem pedir licença.

- Kate, preciso de um vestido para Louisa.

A moça, sentada de lado no divã, interrompeu sua leitura.

- Por quê?
- Ela já usou esse vestido no baile, não pode ir à ópera com ele.
- Por que não? Ela é a dama de companhia.

Jenny fulminou a irmã com o olhar e nem sequer respondeu. Limitou-se a abrir a porta de um pequeno quarto espelhado, onde havia dúzias de vestidos, de todas as cores e tipos, cuidadosamente enfileirados.

Louisa entreabriu os lábios, perplexa. Já tinha ouvido falar que as americanas eram extravagantes, mas jamais imaginara aquilo.

- Não estou acostumada a usar essas cores — arriscou, incomodada.
- E daí? Seu tom de cabelo combina com muitas delas. — Jenny apanhou um vestido vermelho-escuro. — Este é perfeito. Onde estão os acessórios?

Kate ergueu-se com surpreendente entusiasmo em direção a uma cômoda.

- Meninas, acho que não deveríamos... — Louisa apertou as mãos, nervosa, impedindo a si própria de tocar o vestido. Era maravilhoso. Sempre sonhara em usar um Charles Worth.
- Se não gostou deste, podemos arrumar outro — Jenny a fitou, em dúvida.
- E lindo, mas...
- Ora, não vai nos negar o prazer desta transformação, vai?

— Mas... e se sua mãe...

— Eu a convenci a sair com meu pai. Ela nem vai ver!

Kate se aproximou com um par de luvas de cetim e sapatos do mesmo tom do vestido. Louisa mordeu o lábio. Nunca se permitia usar acessórios coloridos. Comprava apenas os de cores mais neutras, de modo que pudesse combiná-los com qualquer traje.

— Jenny ficou com medo que mamãe obrigasse o conde a pedi-la em casamento. — Riu Kate.

— Sua mãe não faria isso.

— Você é que pensa — retrucou a moça. — Vamos, deixe-nos ajudá-la agora. Temos experiência no assunto, pois sempre arrumávamos uma à outra quando éramos mais novas.

— Mas...

— Além disso, o duque vai adorar chegar à ópera de braços dados com duas mulheres lindas.

Louisa sentiu uma pontada no estômago e teve ímpetos de sair correndo. Controlou-se, entretanto. Nem se lembrava da última vez em que havia se arrumado assim para um evento. Que mal havia em recordar os bons tempos, afinal?

Hawk não estava habituado a esperar. Não daquela maneira. Durante uma conquista, costumava aguardar apenas o momento propício para agir.

Mas com Jenny Rose as coisas pareciam ser diferentes. Ela estava com a rédea nas mãos e parecia consciente disso.

Andou de um lado para outro do vestíbulo, balançando a bengala com a mão enluvada. Talvez fosse melhor acabar com aquilo de uma vez e pedir a mão da jovem. Se o que interessava aos Rose era um título, por que não queimar aquela etapa da corte? Era uma perda de tempo e de energia, além de atrasar a apresentação de sua irmã à sociedade.

Ao ouvir passos leves nas escadas, ergueu a cabeça e foi como se alguém lhe acertasse um soco no peito. Louisa estava absolutamente estonteante. Os cabelos haviam sido presos e pendiam em pequenos cachos em volta do rosto perfeito, deixando à mostra os ombros delicados, a pele perfeita. As maçãs do rosto refletiam o vermelho do vestido, Hawk notou, quando ela parou diante dele ligeiramente

ofegante. O colo alvo sob o decote discreto subia e descia, convidativo, e Hawk piscou, surpreso, ao perceber a reação do próprio corpo.

— Ela não está linda?

Hawk virou a cabeça. O que Jenny havia dito? Obrigou-se a concordar com um gesto de cabeça e sustentar o olhar da jovem quando, na verdade, queria desesperadamente olhar outra vez para Louisa.

— Desculpe, eu... Confesso que não esperava sua dama de companhia vestida tão...

— Elegantemente?

— De forma tão imprópria, se me permitem dizer.

— Pois eu acho que ela está ótima assim — retorquiu Jenny, resoluta. — É como se eu estivesse saindo na companhia de uma amiga.

Hawk arriscou um olhar na direção de Louisa. Ela mantinha a expressão ilegível. Os lábios vermelhos estavam selados, e ele imaginou como seria senti-los nos seus.

— Se não formos logo, vamos perder o começo da ópera — murmurou.

— Não tem problema — contrapôs Jenny. — Nunca fez diferença.

— Se não tem interesse na ópera, por que concordou em me acompanhar? — Hawk riu sem vontade.

— Porque tenho interesse em você, ora — respondeu a jovem e passou o braço pelo dele sem nenhuma cerimônia.

Hawk lançou um olhar na direção de Louisa, que fingia arrumar as luvas. Assim que o lacaio abriu a porta, saiu para a noite revelando o decote generoso também nas costas.

Hawk prendeu o ar ao se imaginar beijando o pescoço alvo, a curva delicada daquelas costas macias.

Mal conseguia disfarçar seu estado ao alcançarem a carruagem. Ajudou Jenny a subir e estendeu a mão para Louisa.

— Não me lembro de tê-la vista tão linda antes — murmurou, de modo que só ela escutasse.

Louisa arregalou os olhos, depois baixou a cabeça, constrangida.

— Foi idéia das americanas.

— Então, não foi para me impressionar? Ela entreabriu os lábios, chocada.

O que havia dado nele para dizer aquilo?, perguntou-se Hawk, confuso.

— Foi a única maneira de fazer Jenny descer mais depressa — replicou Louisa, tensa. — Ela é terrível quando põe uma coisa na cabeça.

— Então, não é muito diferente de você.

— Prefiro me julgar determinada.

— Ei, vocês dois! Vêm ou não? — chamou Jenny de dentro da carruagem. — Pensei que estivéssemos atrasados!

Hawk soltou um suspiro. No fundo, estava ansioso para que aquela noite terminasse.

Ajudou Louisa a subir na carruagem e se acomodar ao lado de Jenny, depois se sentou de frente para elas. Respirou fundo e, de imediato, sentiu o perfume de Louisa. Também devia ter convidado Kate, assim, quem sabe, as irmãs houvessem dispensado sua perturbadora dama de companhia.

— Não me parece do tipo que aprecia óperas — comentou Jenny com honestidade, assim que o coche se pôs em movimento.

— Herdei o camarote de meu pai — explicou Hawk. — Minha mãe sempre gostou de teatro.

— Ela também mora em Londres?

— Não, prefere morar no campo. Mas resolvi manter o camarote para quando ela viesse à capital.

— É um filho muito mais dedicado do que meu irmão, pelo visto.

Hawk observou Louisa com o canto dos olhos. Ela olhava pela janela, o perfil delineado contra as luzes da rua.

Voltou a atenção para Jenny. Aparentemente, esta também o estudava. Perguntou a si mesmo se ela o achava interessante e descartou o pensamento em seguida. A Jenny só importava seu título. E um título era tudo o que ele possuía para oferecer.

— Eu não sabia que tinha um irmão — comentou, tentando quebrar o silêncio.

— Sim. Ele se chama Jeremy. Tem vinte e oito anos. Infelizmente, não o vejo com muita frequência, pois passa um bom tempo viajando. Aliás, acabou de retornar de uma excursão por toda a Europa.

— Sorte dele ter condições de fazer o que quer.

— Não é o seu caso, é, Alteza?

— Não, srta. Rose.

— Nem o meu. — Ela inclinou a cabeça. — O que faria de diferente, se pudesse?

— Eu não me casaria.

— Verdade? — Jenny ergueu uma sobrancelha. — Meu irmão pensa a mesma coisa. Não compreendo. Por que os homens abominam tanto a idéia do casamento?

— E por que as mulheres adoram se casar?

— Porque nos ensinaram que o casamento deve nos trazer felicidade. Sua esposa será uma mulher feliz, Alteza?

Louisa voltou-se para encará-lo e, mesmo na penumbra, Hawk pôde sentir o desafio no olhar dela.

— Estou certo de que chegaríamos a um entendimento, o qual resultaria em felicidade — ele respondeu.

— É o que uma mulher espera, imagino — devolveu Jenny, sem emoção, deixando claro que não era o que ela esperava.

Era muito constrangedor escutar conversas que deveriam ser particulares, testemunhar as tentativas de sedução, o flerte. Estar presente e fazer-se invisível, evitar comentários e ser apenas uma observadora. Talvez fosse melhor se Hawk não tivesse se recusado a relegá-la ao simples papel de dama de companhia, refletiu Louisa. Ele a tinha obrigado a sentar-se no banco da frente do camarote, ao lado de sua protegida, e permanecera atrás delas.

Louisa tentou-se concentrar na apresentação, aproveitar a rara oportunidade de assistir a uma ópera, todavia sua mente parecia totalmente voltada para a presença do homem às suas costas. Lembrava-se do modo como ele a fitara ao vê-la descendo as escadas, de como os olhos escuros haviam se estreitado ao pousar no decote do vestido. Havia muito tempo não sentia esse tipo de interesse.

Para ser exata, desde que sua situação financeira ficara patente para o resto da sociedade.

Mesmo envolvida na penumbra da carruagem, havia sentido o olhar de Hawk sobre ela, o perfume inebriante de sândalo que emanava do corpo viril. O duque não tinha perdido a altivez, a despeito do que também acontecera com as economias de sua família. Se ela sofria com a reviravolta em sua vida, podia imaginar como devia ser, para um homem orgulhoso como Hawk, ver-se obrigado a desposar uma herdeira apenas para fazer jus ao título que envergava.

Tão distraída estava com seus pensamentos que quase caiu da cadeira quando Jenny tocou em seu braço para lhe cochichar no ouvido:

- Vou ao toalete.
- Não pode esperar o intervalo?
- Não vou demorar.
- Eu vou com você.
- Vai perder a seqüência!
- Mas não devia sair sozinha!
- Ficarei fora apenas um minuto, não se preocupe.

Louisa suspirou, vencida.

- Está bem, mas ande logo.

Jenny sorriu, satisfeita, pediu licença a Hawk e desapareceu por detrás das cortinas. Louisa sentiu mais do que nunca a presença do duque. Tentou prestar atenção na ópera, porém percebeu o movimento atrás dela. No segundo seguinte, Hawk estava sentado ao seu lado.

- Está gostando?
- Muito. Obrigada.
- Para ser sincero, nunca me emocionei com as óperas.
- Por que não vende o camarote, então?
- Por causa da minha mãe.

Louisa o fitou disfarçadamente.

- Não é uma extravagância na sua situação?

— Posso alugá-lo, se quiser. Fiz isso mais de uma vez — devolveu ele, tenso.

Louisa ousou voltar-se para encará-lo. Incrível que Hawk houvesse admitido aquilo. Tinha os lábios apertados em uma linha fina.

— Para americanos?

— Não. Para amigos que, hoje em dia, têm mais dinheiro do que podem dar conta.

— Está se referindo aos emergentes que enriqueceram por meio do próprio trabalho?

— Isso mesmo. Os que têm o dinheiro, mas nenhuma herança. No fundo, eu admiro essa gente.

— O sr. Rose mesmo disse que, se quiser sobreviver, a aristocracia terá de arregaçar as mangas para trabalhar.

— Acho que tem razão, apesar de a perspectiva não agradar à maioria dos nobres.

— Agrada a você? Ele sorriu.

— É melhor do que morrer de fome.

— Por isso mesmo decidi trabalhar como dama de companhia. Percebi que não havia sentido em esperar que as coisas caíssem do céu, se eu mesma podia tomar as rédeas da minha vida.

— É feliz prestando serviço para os outros?

— Sinto-me independente. Não acho que um casamento forçado me proporcionaria o mesmo sentimento. — Lançou um olhar para a cortina atrás deles. Por que Jenny estava demorando tanto?

— Como foi o encontro de seu irmão com a srta. Jenny, ontem? — Hawk indagou.

— Receio que não muito bem.

Ele se curvou na direção de Louisa, trazendo junto aquele perfume perturbador, e ela se perguntou por que nunca se impressionara tanto com o perfume de outros homens.

— Ela não se entusiasmou com Alex?

— A sra. Rose não se entusiasmou com ele — Louisa corrigiu, tensa. — A mulher apareceu no jardim logo depois de Alex ter chegado e acabou proibindo o pobre de voltar lá. Confesso que fiquei com pena dele.

Alex deixara a casa transtornado, lembrou, aborrecida. Embora nunca o houvesse considerado adequado às irmãs Rose, tinha ficado horrorizada com o tratamento que aquela mulher horrível dispensara ao seu irmão.

— Sinto muito — disse Hawk.

— Agora você está em vantagem.

— Não posso negar que gosto da emoção da conquista, de preferência sem concorrentes.

— Não se iluda, pois existe concorrência.

— De quem, posso saber? — murmurou Hawk em seu ouvido, o rosto tão perto que Louisa pôde sentir-lhe o calor.

— Não estou autorizada a dizer.

— Droga, Louisa!

— Não pense que pode usar esse tom comigo, Hawk! Fui honesta ao dar minha opinião a seu respeito e não vou revelar nada que lhe dê mais vantagem do que já tem.

— Não sou tão ruim quanto pensa.

— Vai negar que é dado a excessos?

— Talvez eu beba demais em algumas ocasiões... só isso.

— Vai negar que o seu apetite sexual é voraz e que já levou mais de uma mulher para a cama ao mesmo tempo?

Ele apertou os olhos, como se para aplacar uma súbita dor de cabeça.

— O que mais seu irmão lhe contou a meu respeito? — exigiu com voz grave.

— Há mais? Pensei que isso já fosse suficiente.

Hawk a segurou pelo pulso e sentiu seus batimentos cardíacos.

— Está com a pulsação acelerada. É por imaginar uma indecência dessas ou porque estou perto demais?

— Nenhuma das duas coisas. — Louisa tentou se libertar, em vão. Ele a puxou

ainda mais para si, a respiração quente roçando-lhe o rosto.

— Eu só tinha vinte anos — Hawk disse num murmúrio. — E elas eram gêmeas.

— Não precisa me dar explicações, Alteza — declarou Louisa, ofegante. — E, por favor, se afaste de mim. Jenny vai voltar a qualquer momento!

— Pensará que estamos comentando algo sobre a ópera. Não vai perceber que você está corando, nem o desejo que estou sentindo.

Louisa umedeceu os lábios, os olhos azuis fixos nos dele.

— Solte-me agora ou vou gritar.

Hawk se afastou lentamente, os olhos semicerrados. Ela se agarrou à poltrona.

— Perdão — murmurou ele. — Não pretendia insultá-la, eu...

— Não quer se casar com Jenny, quer? — Louisa o interrompeu, o rosto tomado de angústia.

— Nem sempre um homem pode fazer o que deseja.

— O mesmo se aplica a uma mulher.

— Uma injustiça para ambas as partes.

Ela concordou com um gesto de cabeça. Enrijeceu quando Hawk tornou a segurar-lhe a mão, dessa vez para depositar um beijo cujo calor ultrapassou a luva de cetim.

— Fica linda de vermelho — disse com voz rouca.

Louisa segurou o ar e rezou para que a cor não houvesse se irradiado também para seu rosto.

— Preciso ir — murmurou Jenny.

— Só mais um pouquinho — ele pediu com voz rouca, beijando-a na orelha e provocando sensações incríveis no corpo da jovem.

— Vão sentir minha falta! E se vierem atrás de mim?

— Não iriam achá-la aqui, nesta escuridão. Estavam em um dos corredores do teatro, escondidos em um canto próximo a um camarote vazio.

— Não acredito que sua dama de companhia a tenha deixado sair sozinha!

Ela pendeu a cabeça para trás e ofereceu a curva do pescoço com um sorriso.

— Louisa acha que é sempre o homem quem se oferece, nunca a mulher...

— E você não é da mesma opinião, pelo visto.

— Nunca escondi de ninguém que o que me interessa é a paixão.

— Vocês, americanas, são tão ousadas...

Jenny o empurrou com um sorriso malicioso nos lábios.

— Apenas sabemos o que queremos e não temos medo de demonstrar isso. — Tocou-o no rosto. — Agora preciso ir. — Beijou a ponta dos dedos enluvados e depositou-os nos lábios dele. Dou um jeito de avisar quando pudermos nos encontrar outra vez.

— Mesmo que não for por muito tempo, já será o bastante.

Jenny sentiu o coração bater mais depressa. Aquilo não era amor, era paixão: o modo como ele a fitava, a maneira como a tocava, o jeito que a beijava... Não se conheciam havia tanto tempo assim para que fosse amor.

— Vai ser logo, eu prometo — disse Jenny.

Antes que pudesse ceder à tentação de ficar mais, segurou as saias e correu de volta para o camarote do duque. Deslizou em meio às cortinas, discreta, e sentou-se com um suspiro.

— Por que demorou tanto? — perguntou Louisa, exasperada.

— Desculpe. Estava com um pouco de dor de cabeça, então fiquei sentada alguns minutos, de olhos fechados.

— Quer ir embora? — Louisa a fitou, preocupada, e Jenny sentiu uma pontada de culpa.

— Não, estou melhor agora.

Na verdade, estava ótima. Um pouco de emoção não fazia mal a ninguém.

Capítulo IX

Depois da ópera, o interior da carruagem parecia silencioso demais, refletiu Louisa, enquanto percorriam as ruas semidesertas de Londres. Nunca tinha viajado ao lado de outro homem que não seu pai ou irmão. Talvez por isso estivesse tão incomodada. Por algum motivo, agora a cabine apertada e escura era um convite a práticas muito diferentes do que a conversa desinteressada que costumava ter com eles.

Não tinha obrigação de fazer com que Hawkhurst e Jenny conversassem. Ou tinha?

— Obrigada pela agradável noite — viu-se dizendo, a despeito de si mesma.

Hawk lhe deu um sorriso.

— Foi um prazer.

Ela comprimiu os lábios. Hawk tinha sempre que fazer suas insinuações? Ou era ela quem interpretava cada palavra que ele dizia como uma provocação?

— Fico admirada com esse silêncio, depois que a neblina baixa na cidade.

— Pois eu acho um ótimo momento para refletir.

Jenny riu e entrou na conversa:

— Então deve estar sempre pensando em alguma coisa com esse *fog* londrino.

Hawk riu também.

— De que tipo de tempo gosta?

— O mais ensolarado possível!

— Eu gosto quando chove. E quanto a você, Louisa? Ela piscou, pensativa.

— Acho que prefiro aqueles dias frios, quando podemos ficar em frente a uma lareira, hipnotizados pelo fogo. Principalmente porque, no inverno, venta muito na nossa casa de campo.

— E assim na maior parte delas — concluiu Jenny. — Não é, Alteza?

— No meu caso, nem tanto, porque preciso manter a casa bem protegida, já que minha mãe vive lá.

— Parece gostar muito de sua mãe.

— Sem dúvida. Além disso, pouco antes de morrer, meu pai me pediu para cuidar bem dela.

— Minha mãe sempre disse que devemos prestar atenção ao modo como um homem trata sua própria mãe, pois ele nos tratará da mesma maneira quando nos casarmos.

— Nunca parei para pensar nisso.

— É um jeito educado de dizer que minha mãe falou uma bobagem?

Hawk tornou a sorrir e Louisa sentiu-se ainda mais incomodada. Não conhecia àquele lado terno dele. Era muito mais fácil desprezar alguém que não possuía a menor sensibilidade.

— Só posso dizer que não pretendo tratar minha mulher do mesmo modo como trato minha mãe — ironizou ele.

— Agora não adianta mais: já subiu no meu conceito.

Louisa virou o rosto ao vê-lo sorrir para Jenny, encantador, e ao perceber que a jovem devolvia o sorriso, como se o convidasse a expor mais suas habilidades de sedução. Jenny não devia estar encorajando Hawk. Não devia apreciar sua companhia. Hawkhurst não era o homem certo para ela, pensou, atormentada.

— Seria ótimo! — Louisa ouviu a moça lhe dizer. — Não seria?

— Pe-perdão, eu não estava prestando atenção.

— O duque quer nos levar para um passeio de barco no rio Tâmisa, amanhã à tarde.

Louisa respirou fundo.

— Claro... Por que não?

Parecera o plano perfeito: tirar a srta. Rose de casa à tarde, quando a maioria dos homens gostava de fazer a corte.

Hawk só não contava com a proximidade da dama de companhia dentro do pequeno barco.

Louisa sentou-se atrás de Jenny e segurou a sombrinha estrategicamente, de modo a protegê-las dos raios do sol. Usava um vestido azul-claro, cujos botões delicados subiam-lhe até o pescoço. Ele observou o tecido fino e perguntou-se se o

traje também pertencia a uma das irmãs Rose. Assim como Jenny, Louisa envergava um chapéu de abas largas, enfeitado de flores de tecido e fitas de cetim, o que tornava a sombrinha quase inútil.

Livre da casaca e com as mangas da camisa branca enroladas até o cotovelo, Hawk tentou se concentrar em remar e ignorar a presença perturbadora de Louisa. Discretamente, observou-a olhar para a linda paisagem e suspirou, mais por irritação do que pelo empenho com os remos. O modo como ela aproveitava o passeio, enquanto ele precisava se esforçar para ignorá-la, era, no mínimo, importuno.

— Estamos participando de alguma corrida, Alteza? — indagou Jenny a uma certa altura.

Hawk diminuiu o ritmo e tentou sorrir.

— Perdão, eu só queria...

— Mostrar como é forte, imagino — ela o provocou.

— Exercitar-me um pouco, era o que eu ia dizer.

— Que tipo de esporte aprecia? Croqué?

Ele riu e Jenny riu junto. Apenas Louisa continuou séria. Hawk a fitou rapidamente e se perguntou se algum dia a vira rir de verdade. Devia ficar ainda mais linda.

— Não considero o croqué um esporte. É apenas um jogo bom para se flertar, mais do que qualquer outra coisa. Prefiro tênis.

— Meu irmão adora jogar tênis. Acho que eu gostaria mais do jogo se pudesse usar calças — declarou Jenny.

O comentário fez Louisa virar-se para fitá-los, e Hawk sorriu. Então, ela estava prestando atenção à conversa. Tentou imaginá-la usando calças e franziu o cenho.

— Receio que essa moda não deixaria as mulheres tão atraentes.

— Pois eu discordo — rebateu Jenny no mesmo instante. — Nos Estados Unidos, há alguns anos, Amélia Bloomer defendeu a idéia de que as mulheres deviam usar calças largas, como aquelas usadas pelas turcas. Eu acho que as mulheres deviam usar qualquer coisa que pesasse menos de três quilos.

— E eu, que elas não deviam usar nada...

Tão logo pronunciou as palavras, Hawk se arrependeu.

Sua intenção havia sido chamar a atenção de Louisa, que continuava impassível, e acabara chocando justamente a quem não devia: a extrovertida Jenny.

— Alteza! — A garota riu, apesar do assombro.

— Mil perdões... Eu não deveria tecer esse tipo de comentário diante de duas damas.

— Fique tranquilo. Tenho um irmão, lembra-se? Sei muito bem que todos os homens pensam assim.

— De qualquer forma, não devemos expressar nossas... preferências.

— Isso só é válido quando não se pretende partilhar a vida com alguém. Do contrário, por que não expressá-las ao pé do ouvido?

O tom malicioso e sugestivo deveria tê-lo abalado de alguma forma. No entanto Hawk não conseguia se imaginar falando intimidades no ouvido de Jenny. Decididamente, a jovem não representava nenhum desafio, pois era despachada demais.

Louisa, por sua vez, começava a parecer aturdida com o rumo da conversa. Desviou seus olhos dos de Hawk rapidamente e, de novo, se concentrou nas margens do rio. Ele a observou, dessa vez mais atentamente, e se perguntou se alguma vez ela havia sido beijada; se algum dia alguém lhe falara ao pé do ouvido. Se isso tinha acontecido, o que fora dito? E o mais importante: havia sido dito com o coração?

— Parece que deixou sua dama de companhia embaraçada.

— Bobagem — contrapôs Louisa no mesmo instante.

— Nem estou prestando atenção à conversa.

— Se não estivesse, não saberia o que responder agora — riu Jenny.

Dessa vez, nem mesmo a sombrinha pôde ocultar o rubor que tingiu as faces de Louisa.

— Desculpem — ela murmurou, de cabeça baixa. — O barco é pequeno demais.

— Não precisa se desculpar. — Jenny enfatizou as palavras com um gesto. — Faço idéia de como deve ser desagradável ser obrigada a acompanhar um casal em plena corte. Por outro lado, deve ter aprendido como se livrar de uma dama de companhia para ter um pouco mais de privacidade com um pretendente... —

emendou.

Louisa corou ainda mais,

— Receio que não.

— Não aprendeu ou nunca teve a chance? — insistiu Jenny.

— Jamais precisei me livrar de nenhuma dama de companhia — esclareceu Louisa, um pouco exasperada.

— Pois toda mulher deveria escapar da sua acompanhante, vez ou outra. De outra forma, como pode aprender a beijar, por exemplo?

Louisa desviou o olhar para Hawk, e ele teve a certeza de senti-lo sobre os lábios, parecendo que ela estivesse se perguntando como seria beijá-lo. E percebeu que seu corpo reagia ao pensamento mais uma vez. Louisa desviou o olhar, então, e suspirou profundamente.

— A tarde está maravilhosa. Tivemos muita sorte.

— Está tentando mudar de assunto? — indagou Jenny, rindo.

— Lógico!

A moça jogou a cabeça para trás com uma gargalhada. Louisa foi incapaz de reprimir uma risada e foi como se Hawk levasse um soco no meio do estômago. Ela ficava deslumbrante quando ria. Como num sonho, imaginou-a rindo daquele jeito em seus braços, os olhos azuis perdidos nos seus, a pele nua em meio a lençóis de cetim, cujo toque fresco não aplacaria o calor dos corpos entrelaçados...

Balançou a cabeça de leve e tentou voltar à realidade. Talvez devesse seduzi-la de uma vez por todas e pôr fim naquele desejo insano. Louisa era intocável, impossível... e talvez por isso chamasse tanto sua atenção.

— Não vou perder os dedos para algum peixe se colocar a mão na água? — perguntou Jenny, interrompendo seus devaneios.

— Claro que não. — Hawk riu da idéia.

Satisfeita, ela passou a tirar a luva devagar, Cuidadosamente, sem deixar de fitá-lo. Hawk observou o gesto e não demorou a imaginar-se beijando a ponta, não dos dedos de Jenny Rose, e sim de Louisa...

Ajeitou-se sobre o banco, incomodado, e passou a remar com mais força. Mas a imagem não lhe saía da cabeça. Podia beijar a pele macia do pulso, do antebraço,

depois passar para o pescoço alvo e descer aos poucos até ouvir Louisa susp...

Droga!, praguejou para si mesmo. Ela outra vez. Por que Jenny não arrumara uma dama de companhia idosa e mal-humorada em vez de alguém que despertava nele os desejos mais selvagens?

Louisa tinha consciência de cada movimento dos remos... e dos músculos que o impulsionavam. *As formas de Hawk deviam ter sido esculpidas pelos deuses apenas para atormentá-la com sua perfeição. De nada adiantava fitar as margens verdejantes do Tâmis, pois sua visão periférica tomava nota de cada detalhe do duque. Tanto que considerou sentar-se ao contrário e dar as costas para o casal. Mas não podia fazer aquilo.

Hawk recebia o total interesse de Jenny, agora. Não fosse por isso, por que a garota viera com aquela história de fugir da dama de companhia para ganhar um beijo?

Graças aos céus, Louisa trouxera a sombrinha e o chapéu para impedir que vissem o rubor que lhe invadia a face cada vez que punha os olhos nele.

Mas por que ficava tão abalada na presença do duque?

Ela e Jenny eram, definitivamente, como a água e o vinho. A jovem Rose atraía os olhares feito uma flor desabrochada. Daria uma duquesa excepcional, sem dúvida. Seria seu excesso de pudor, além de sua falta de dinheiro, que mantivera os homens afastados?, pensou Louisa, tristonha.

Olhou os rapazes nos outros barcos que deslizavam, preguiçosos, pelo rio. Nenhum chamava tanto a atenção quanto o duque de Hawkhurst. Nenhum cortava aquelas águas com tanto vigor ou virilidade. Hawk descia o Tâmis como se fugisse de alguma coisa... ou então estava apenas se exibindo.

Ele mencionara algo sobre praticar esportes, mas Louisa duvidava que sua vida pregressa lhe deixasse tempo para tanto. Seu tom de pele, todavia, indicava que Hawk devia passar algum tempo ao sol. Pensou em esclarecer a origem daquele bronzeado, porém não era ela quem devia se mostrar curiosa sobre o assunto.

Era apenas a dama de companhia, lembrou a si mesma, amargurada. E como tal, devia ser "invisível". Coisa que, talvez, tivesse sido a vida inteira.

Capítulo X

As duas saídas com Hawkhurst haviam assinalado o início de um turbilhão de atividades que pareciam não ter fim: visitas à tarde, teatro, concertos e jantares à noite. Com frequência, Jenny e Kate levavam Louisa para o *closet*, insistindo para que escolhesse algo diferente para usar.

Naquela manhã, Louisa se encontrava na costureira, estudando vários modelos e tentando decidir o que fazer. Era a primeira vez, em muito tempo, que havia usado sua própria roupa em público e sentia-se estranhamente à vontade. Melhor do que isso: tinha várias horas para si mesma.

Na noite anterior, acompanhara Jenny a um concerto no Royal Albert Hall. O duque de Pemburton havia sido o acompanhante de Jenny. Louisa sempre tivera Pemburton em alto conceito e incentivara a moça.

No final da noite, entretanto, decidira que o casamento com Pemburton seria um desastre. Jenny certamente enlouqueceria se fosse obrigada a conviver com os murmúrios do homem. Por que ele não falava com mais clareza e objetividade? Só tinha quarenta e quatro anos e parecia um velho rabugento.

Ninguém, até o momento, havia chamado a atenção da jovem. Para sua aflição, o duque de Hawkhurst ainda era o assunto preferido de Jenny. Não que ela se mostrasse interessada nele, mas sim no modo como, Jenny jurava de pés juntos, Hawk se mostrava interessado pela dama de companhia.

Que piada, pensou Louisa, balançando a cabeça.

Ao chegar em casa na noite anterior, Jenny se dissera exausta e pronta para dormir até tarde. Kate havia começado a ler um novo romance, o que, na prática, significava que Louisa teria toda a manhã livre.

E o mais importante de tudo: o sr. Rose havia lhe pago seu primeiro salário. Louisa sorriu. Era independente, afinal. Uma sensação incrível ter dinheiro só dela para gastar como quisesse!

Pensou em fazer uma visita ao irmão e dar-lhe metade do ordenado, mas... Mordeu o lábio, indecisa. Havia engolido o próprio orgulho e trabalhado tanto por ele... Nunca, na vida, experimentara aquele sentimento de missão cumprida. Tinha vontade de correr por um parque, como fazia quando criança, ou então dançar,

cantar e comprar sapatos novos.

Por outro lado, era prudente guardar o máximo possível, ainda que o apelo de consumo fosse forte. O sr. Rose colocara a carruagem à sua disposição e, assim, Louisa resolveu aproveitar a oportunidade e seguir para um centro comercial próximo. Uma vez lá, dispensou o cocheiro, já que podia alugar um coche para voltar para casa mais tarde.

Passou a manhã espiando as vitrines e evitando entrar nas lojas, até que uma confeitaria lhe chamou a atenção. Havia séculos não entrava em uma. Adorava bombons de cereja, balas de caramelo. Pequenos luxos a que não se dava o direito havia anos.

Debruçou-se sobre o balcão envidraçado e devorou os doces com os olhos. Qual iria experimentar?

— Tentando adoçar um pouco a vida? — indagou uma voz grave ao lado dela.

Virou-se para fitar o homem de casaca escura, cinturão de seda cinza e gravata da mesma cor.

— Hawkhurst — disse, e sentiu o coração bater mais depressa diante do conhecido sorriso.

— Louisa... — Ele a cumprimentou com um gesto de cabeça. — Onde está a srta. Jenny?

— Descansando.

— Pediram que viesse comprar doces?

— Não. — Foi a vez de ela sorrir. — Eu mesma decidi vir. Estou na dúvida entre os caramelos e os bombons.

— Um grande dilema.

Louisa o observou, curiosa. Hawk não parecia irônico. Devia mesmo apreciar aquele tipo de guloseima.

— Alteza! — exclamou o atendente ao reconhecê-lo. — Vai levar o de sempre?

— Sim. Mas atenda lady Louisa primeiro, por favor.

— Claro. — O homem se voltou para ela, solícito. — O que vai ser, milady?

Louisa mordeu o lábio, indecisa. Depois soltou um longo suspiro.

— Cem gramas de caramelos e cem de bombons de licor de cereja.

— Ótima pedida — incentivou o homem. — E quanto ao senhor, Alteza?

— Vou ficar com uma dúzia dos bombons de conhaque. Louisa soltou uma risada seca.

— Eu devia ter imaginado...

— O quê? — Hawk se fez de desentendido.

— O conhaque não poderia faltar.

— Os bombons são deliciosos. Vou lhe dar um para experimentar.

— Não, obrigada.

— Não ficará embriagada, fique tranqüila. Nem que comesse os doze. Posso afirmar com segurança, pois já fiz isso uma vez.

Ela entreabriu os lábios, chocada.

— Está falando sério?

— Quando eu tinha catorze anos. O máximo que aconteceu foi passar o resto da tarde com dor de barriga.

— Foi depois disso que resolveram experimentar o licor de meu pai? — Louisa lembrou e reprimiu um sorriso ao perceber que ele corava de leve.

— Sempre nos pegou nos momentos mais inoportunos — comentou Hawk com voz rouca.

Louisa sentiu o estômago se apertar ao pensar com quantas mulheres ele já falara naquele tom.

O atendente se aproximou com dois pacotes.

— Pode colocar os doces de milady na minha conta — declarou Hawk, para surpresa de Louisa.

Ela negou com um gesto de cabeça.

— De maneira alguma!

— Eu insisto.

Louisa pensou em discutir, pois sabia da situação dele, mas não pretendia chamar a atenção de ninguém, tampouco causar embaraços. Havia outras pessoas na loja.

Era uma questão de honra para Hawk, e não apenas porque queria ser gentil.

Ele a acompanhou até a rua e olhou ao redor.

— Não está acompanhada?

— Sou dama de companhia, lembra? Não preciso de acompanhante — respondeu Louisa, seca. Depois suspirou, arrependida. Era incrível como Hawk mexia com ela. — Obrigada pelos doces.

— De nada. — Ele baixou os olhos. — Também confesso ter um fraco por doces. — Sorriu. — Há um parque aqui perto. Não quer dar uma volta e experimentar pelo menos um dos meus bombons antes de voltar para casa?

— Não sei se isso seria apropriado.

— Acha apropriado que uma mulher linda como você, em idade de se casar, fique circulando pela cidade sem companhia?

— Eu sei me defender.

— Mas estaria mais segura ao meu lado. Sabe que, quando necessário, sei agir como um cavalheiro.

Louisa sabia. E por algum motivo o pensamento a desapontou. Ao lado de Jenny, Hawk não precisaria agir assim, pelo contrário. Bastava dar à jovem todo o ardor pelo qual ela ansiava.

— Além do mais — persistiu ele —, estaremos em público. Ótima oportunidade para lhe fazer algumas perguntas sobre a srta. Rose.

— Que perguntas?

— As pertinentes às circunstâncias, ora.

Louisa comprimiu os lábios. Pensou em recusar o convite, porém nas duas ocasiões em que estivera acompanhando o casal acabara por suscitar dúvidas quanto à possibilidade de Jenny não fazer um bom casamento com Hawk. Ele não era desagradável como Pemburton, além de ser duque, o que agradaria imensamente à sra. Rose.

— Acho que não vai haver problema — concordou, por fim.

— Posso acompanhá-la até a casa dos Rose, depois. Minha carruagem está aqui perto.

— Vou alugar um coche.

— Está em condições de pagar por um?

Louisa não conseguiu reprimir um leve sorriso.

— Fiz por merecer.

— Meus parabéns.

— Obrigada. — Satisfeita, aceitou o braço que ele oferecia. — Confesso que a sensação é muito boa. Todo o mundo devia ter um trabalho remunerado. Mal posso esperar o mês que vem para receber mais cinco libras.

— Cinco libras?! — Hawk ergueu as sobrancelhas.

— E mais um bônus no dia em que cada uma das meninas se casar. — Ela sorriu, tímida.

— Alex sabe disso? Se souber, aposto que vai parar de procurar uma herdeira com quem se casar. — Ele riu, divertido.

Entraram no parque repleto de flores. Muitos casais namoravam ou passeavam de braços dados, mas ainda havia alguns bancos disponíveis. Hawk a conduziu para o mais próximo e esperou que Louisa se acomodasse antes de se sentar ao lado dela.

De súbito, o assento pareceu estreito demais, pensou Louisa, e olhou dentro do saco de doces para disfarçar.

— Acha que eu deveria dar parte do meu salário a Alex? — indagou, sincera.

— Não necessariamente. Você fez por merecer o dinheiro. Deve usá-lo como bem entender.

Ela apanhou um dos caramelos, pensativa.

— Não sei... Sinto-me egoísta não dando nada a ele, sabendo o quanto meu irmão precisa de dinheiro.

Hawk a tocou no queixo e a obrigou a fitá-lo nos olhos. Havia uma ternura nos olhos escuros que Louisa nunca tinha visto.

— Seu irmão precisa de muito mais do que cinco libras.

— Mas já seria uma ajuda e...

— O dinheiro é seu, Louisa. Alex tem suas próprias responsabilidades e está consciente disso.

Ela piscou, surpresa. Não imaginava que Hawk pudesse pensar assim.

— Como casamento, por exemplo?

— Fazemos o que podemos. — Ele deixou cair a mão com um suspiro. — O que, aliás, me faz lembrar da srta. Rose. Acha que ela gostou da minha companhia?

— Para falar a verdade, não fez nenhum comentário — respondeu Louisa, oferecendo-lhe os caramelos.

— O que diz sua intuição? — Hawk recusou a oferta e a observou colocar dois doces na boca de uma vez. — Ei, não pense que vai fugir do assunto ficando de boca cheia! — Riu.

— Jenny o considera interessante — respondeu Louisa, por fim. — E divertido.

— Vai ver me acha um bufão.

— Você não é nenhum bufão.

— Isso é um elogio?

Louisa apertou os lábios para não rir.

— Não sei o que deu em mim.

Hawk se aproximou de seu ouvido e murmurou:

— Você me acha charmoso, é isso.

— Eu?

— Nem um pouco?

Ela fez um muxoxo e exibiu o espaço entre o indicador e o polegar.

— Já é um começo — suspirou Hawk. — Mas pretendo aumentar minha marca.

— Não acha que é presunçoso demais?

— Não — ele respondeu, e um desafio cintilou nos olhos escuros.

Estaria flertando com ela?, Louisa se questionou, incomodada. Observou que Hawk levava um bombom de conhaque à boca, devagar, como se quisesse chamar a atenção para os próprios lábios. O beijo dele teria gosto de conhaque?, ela perguntou-se.

— Se eu quisesse dar um presente à srta. Jenny, o que me sugeriria?

Louisa baixou os olhos e tentou combater um absurdo sentimento de decepção. Ela constituía apenas o caminho para os intentos de Hawk, nada mais.

— Você é quem tem de decidir isso, não eu.

— Mas preciso ter certeza de que Jenny vai gostar. Tem de ser um presente perfeito.

Louisa deixou escapar uma risada, mas, no fundo, sentia-se tocada com a preocupação dele.

— Por que está achando tanta graça? — indagou Hawk, sério.

— Acho graça apenas na maneira como está tentando me manipular.

— Sou assim tão transparente? — Ele a encarou, e Louisa balançou a cabeça, constrangida.

— Pelo contrário.

— Sinceramente, não creio que eu seria um marido tão ruim para uma mulher que almeja apenas um título.

— A mãe delas é quem deseja o título, eu já disse. As meninas só querem saber de romance. — Louisa engoliu mais um caramelo, tensa. — Sempre invejei essas americanas. Antes, não conseguiria admitir esse tipo de coisa. Mas, agora que convivi mais com elas, não sei o que é pior: ser ignorada porque não se tem nenhum dote, ou ser cortejada por ter demais.

— Ser ignorada deve ser pior — murmurou Hawk, depois estendeu o saco de bombons na direção dela. — Experimente.

Louisa sorriu.

— Não vou ficar embriagada?

— Infelizmente, não.

Ela piscou, confusa, pegou um doce e colocou na boca. Era divino.

— Não quer um caramelo? — perguntou em seguida.

— Não, obrigado. De que tipo de doce a srta. Jenny gosta?

Louisa o olhou de soslaio.

— E um homem realmente obstinado.

— Que mal há nisso? Em geral, é assim que se atingem os objetivos.

— Casando-se com uma moça rica?

— É o único recurso que me resta.

— Como eu disse durante a ópera, o sr. Rose acredita que a aristocracia deve começar a trabalhar, se pretende sobreviver.

— Psiu! Isso é blasfêmia!

Louisa arregalou os olhos.

— Você não tinha concordado com essa opinião antes?

— Só não quis iniciar uma discussão.

— Por que seria tão horrível? Eu, por exemplo... Meu trabalho não é braçal, mas uma questão de estratégia!

Hawk a observava, atento, e, subitamente, ela se sentiu profundamente incomodada, como se houvesse dito algo inadequado, rude ou vulgar.

— Está querendo dizer que eu deveria arranjar um trabalho? — indagou ele, por fim.

— Estou querendo dizer que, no seu caso, há mais o que fazer nesta vida além de jogar, beber e se divertir com mulheres. Um trabalho também poderia lhe proporcionar muito prazer.

— Se eu conseguir tornar minhas propriedades rentáveis outra vez, terei todo o prazer deste mundo.

— Por que acha que as pessoas do nosso círculo social são tão resistentes à idéia de trabalhar?

— Porque os ancestrais da maioria trabalharam tanto para obterem poder que seus descendentes pegaram verdadeira ojeriza. — Hawk riu. — Gostou do bombom?

— Muito — respondeu Louisa e imaginou se ele estaria tentando mudar de assunto.

— Já tomou um gole de conhaque alguma vez? Ela negou com um gesto de cabeça.

— Pois devia, agora que é uma mulher independente.

— Eu gosto disso.

— Do bombom?

— Não. De ser independente. — Louisa sorriu e se voltou para fitá-lo. — Posso fazer o que quiser, quando eu quiser. Ninguém se importa. Estou gostando dessa vida.

Hawk estendeu a mão devagar e, com delicadeza, prendeu alguns fios de cabelo atrás da orelha de Louisa, os dedos enluvados roçando a pele macia. Ela tentou evitar, em vão, o arrepio que a percorreu dos pés à cabeça. A certeza do que desejava já havia tomado conta de Louisa. Queria Hawk, constatou, em pânico.

— Foi muito corajosa, sabia? — ele murmurou, os olhos fixos nos dela.

— Eu estava desesperada.

E agora estava sem ar, refletiu. Que poder era aquele que Hawk tinha de tirar o fôlego de uma mulher com apenas um toque?

— Você tomou a decisão certa, Louisa. Muitas mulheres se limitariam a desistir de tudo. Fugiriam, talvez.

Se ela fosse esperta, faria isso agora.

— Nós, inglesas, costumamos ser fortes. — Ergueu-se com decisão. — Preciso ir. Ainda tenho alguns encontros para agendar para as mocinhas.

Hawk também se pôs em pé.

— Prometi que a levaria na minha carruagem e eu costumo cumprir minhas promessas, apesar de você não confiar em mim.

No momento, Louisa nem sequer confiava nela mesma.

Ele, entretanto, estava sendo carinhoso demais, solícito demais.

Mas não podia se deixar enganar, pensou Louisa. Hawk já havia dito que ela significava apenas o caminho para as irmãs Rose. A intenção dele, portanto, era tentar provar que não era tão ruim quanto Louisa pensava.

Mas ela conhecia a história de Hawk, refletiu, amarga. Não tinha como ignorá-la. Não podia deixá-la de lado, principalmente se convencesse a si própria de que ele havia mudado e era digno de cortejar Jenny. Ou outra mulher... como ela.

Louisa voltou para casa e encontrou Jenny sentada no solário, ainda de camisola e penhoar, as pernas encolhidas, o sol tingindo-lhe os cabelos de vermelho.

— Está doente? — perguntou, preocupada.

A jovem olhou por cima do ombro e fechou mais o penhoar contra o pescoço.

— Não.

Louisa sentou-se na cadeira de estofado laranja e se perguntou por que as cores naquela casa eram tão berrantes. Definitivamente, bom gosto não se comprava.

— Tem certeza de que está tudo bem?

— Só estava pensando nos pretendentes que virão esta tarde — comentou Jenny. — Certa vez meu pai nos levou para uma excursão em uma de suas fábricas. Quando estou na sala, esperando esses desconhecidos chegarem, sinto-me como a engrenagem de uma linha de montagem, observando enquanto os produtos inacabados passam à minha frente.

Louisa ergueu as sobrancelhas, pensativa. O que não daria para ter os rapazes desfilando diante dela, esperando ser escolhidos...

— Se está cansada, quem sabe eu possa cancelar as visitas de hoje.

Jenny mudou de posição, recostou-se a um braço da poltrona e deixou pender as pernas sobre o outro.

— Não estou cansada deles. Estou cansada de ficar na sala. Meu pai resolveu levar minha mãe até Brighton para tomarem um pouco de sol e ar fresco na praia. Eu estava pensando que poderíamos dar um chá aqui. O que acha?

— Pode ser — concordou Louisa, hesitante. Havia um brilho estranho nos olhos de Jenny, significando algo que ela não queria revelar. — Se mandarmos os convites esta tarde, aposto que teremos muitas convidadas.

— Não estou pensando nas convidadas, e sim nos convidados — explicou Jenny, e tornou a se sentar ereta.

— Mas... Que eu saiba, esses chás são para damas.

— Podemos fazer um chá para cavalheiros, sugerir um bom jogo de tênis na quadra, croqué... Uma tarde ensolarada seria perfeita para um bom flerte! — Jenny piscou para Louisa e endireitou o corpo, entusiasmada. — Podemos chamar um quarteto de cordas! E até reservar um espaço na grama para dança. Será divertidíssimo! Mas precisa ser uma festa íntima, com um duque ou dois, algumas marquesas, condes.

— Sua mãe não aprova os condes, Jenny.

— Minha mãe não vai estar aqui.

Dois dias depois, Louisa não podia negar, o chá especial de Jenny era um sucesso total. Até mesmo Kate parecia entusiasmada e divertindo-se tanto quanto a irmã. Na verdade, surpreendera a todos ao concordar com a idéia de imediato. No momento, as duas disputavam uma partida de tênis com Falconridge e o duque de Stonehaven.

Louisa acomodou-se em um banco de ferro sob uma árvore, discreta, trazendo consigo o bloco de desenhar. Vez ou outra erguia a cabeça, certificando-se de que tudo corria dentro dos conformes, ainda que suas maiores preocupações fossem Kate e Jenny. Ao todo, havia cinco moças, recém-apresentadas à sociedade londrina, e quinze rapazes, inclusive Alex.

Sentia-se um peixe fora d'água. Apesar de todas ainda serem solteiras, ela era a mais velha, sem dúvida. Bastava prestar atenção às conversas sem nenhum conteúdo.

Ela também teria sido assim, tão fútil, quando mais jovem?

Uma sombra caiu sobre o papel e Louisa ergueu a cabeça para deparar com Hawk.

— Importa-se? — ele indagou e, com um gesto de cabeça, apontou o espaço vazio ao lado dela.

— Não... claro que não. — Ajeitou as saias e abriu mais espaço no assento.

— Por que não está jogando?

— Sou a dama de companhia, esqueceu? Não sei por que vive tão incomodado com isso.

— Fico apenas me perguntando como consegue trabalhar enquanto todos se divertem.

— Estou muito satisfeita com a minha função.

— Admiro a facilidade com que aceita a injustiça desta situação.

— Esta "situação" fui eu mesma quem criou. Não há injustiça quando se trilha o próprio caminho.

— Nem mesmo quando nem sequer pode jogar uma partida de tênis em uma tarde de sol?

— Não estou com vontade de jogar tênis.

Hawk soltou uma risada baixa que a fez arrepiar-se dos pés à cabeça.

— Acho que nunca conheci uma mulher que aceita as próprias limitações com tanta galhardia. Gostaria de saber se Jenny seria tão nobre caso Stonehaven a pedisse em casamento.

Louisa não deu a ele o prazer de fitá-lo nos olhos. Na verdade, não queria sustentar aquele olhar provocante e perturbador. Já era difícil o bastante sentir o perfume másculo que emanava de Hawk competindo com as flores ao redor.

— Stonehaven não é dado a paixões, é isso o que quer dizer?

— Pelo contrário — ironizou ele. Louisa o encarou, por fim.

— Não estou disposta a brincar de adivinha. Se não quer falar, é melhor ir embora.

Hawk abriu um sorriso e passou um braço por trás do assento de ferro, de modo a quase tocar os ombros dela. Aproximou-se, então, e murmurou:

— Ele sofre daquela... doença.

— Que doença? — Louisa arregalou os olhos. Hawk a tocou na nuca, e ela segurou o ar. Recusou-se, porém, a demonstrar sua surpresa.

— Que doença, Hawk? — repetiu, tensa.

— Você sabe... Se um homem não escolher muito bem as camas que frequenta, pode acabar em uma situação para lá de desagradável.

— Está dizendo que Stonehaven tem sífilis? — Louisa entreabriu os lábios, em choque.

— Infelizmente.

— Como pode ter certeza? Por acaso já teve o mesmo problema?

— Ei, agora está me ofendendo! Costumo escolher muito bem quem eu quero na minha cama.

— Acabou de fazer uma acusação muito séria, Alteza.

— Louisa sustentou-lhe o olhar, tentando desesperadamente ignorar o modo lento e torturante como, agora, ele enrolava alguns fios de seus cabelos nos dedos.

— Estou apenas afirmando que Jenny deveria se manter longe de Stonehaven.

— Claro... Quer que eu a alerte apenas pela extrema bondade que você tem no

coração.

— Pois então não é seu dever como dama de companhia dela?

— Imagino que vá dizer que o conde de Langley também está doente.

— Ele não, mas a mãe ficou completamente caduca. O pobre está desesperado para encontrar alguém que a alimente, que lhe dê banho, remédios, e torne seus últimos anos de vida menos sofridos.

Louisa revirou os olhos.

— Ah, por favor. Eu a vi há poucas semanas e a mulher me pareceu firme como uma rocha!

— A doença avançou rápido.

— Só pode estar brincando — ela disse, abismada. — Stonehaven não está doente coisa nenhuma, está?

— Poderia estar, ora. — Hawk riu.

Louisa se esquivou do contato perturbador em seu pescoço com um tapa na mão dele.

— Você não presta!

Hawk a fitou, visivelmente surpreso, e Louisa não soube dizer se era pelo tapa ou pelas palavras que ela havia proferido.

— Louisa! Hawk! — Jenny se aproximou correndo, o rosto afogueado. — Só vocês dois ainda não jogaram! Vamos!

Louisa recusou com um gesto de cabeça.

— Não convém, Jenny. Não sou uma das suas convidadas.

— Bobagem! É uma festa particular e absolutamente informal. Não há regras, hoje. Está disposto a enfrentá-la, Alteza?

Hawk se pôs em pé e seus olhos pousaram nos de Louisa num desafio.

— Claro que sim.

Jenny puxou Louisa pela manga do vestido.

— Vamos, então. Precisa ganhar essa partida, Louisa! Até agora, nenhuma mulher perdeu. Os homens foram um desastre!

— Não sei se devo.

Jenny levou as mãos à cintura.

— Não é nenhuma velha para ficar aí sentada na sombra! E minha mãe nem está em casa. Por favor!

Louisa comprimiu os lábios. Jenny sabia como ser insistente. Suspirou longamente. Afinal, que mal havia? Da quadra, podia continuar de olho em todos.

— Está bem — concordou, por fim. — Mas eu não jogo nada, já vou avisando.

Hawk limitou-se a sorrir, satisfeito.

Foi bom segurar o cabo áspero da raquete e esquecer os fios sedosos que acabara de ter nas mãos, ele pensou. Nem sequer tinha percebido o que fazia. Estivera concentrado em provocar Louisa com suas brincadeiras, mas nem assim havia conseguido escapar de seus encantos.

Louisa levava tão a sério sua função de dama de companhia! Atentara para cada palavra dele todo o tempo, os olhos azuis observando cada reação sua, até desmascará-lo com surpreendente facilidade.

Deus do céu, jamais tinha ficado tão encantado por uma mulher. Devia dar um jeito de evitá-la cada vez que fosse visitar a srta. Rose. Esta, sim, devia lhe tirar o sono à noite e envolvê-lo com seus comentários e opiniões surpreendentes, pois era a única que deveria hipnotizá-lo.

Louisa não tinha nada a oferecer em termos financeiros. Nada, a não ser um salário incerto de cinco libras, enquanto ele necessitava de milhões. Flertar com ela e deixar-se envolver por seus encantos seria um desastre total.

Observou a bola que Louisa acabara de rebater, surpreso com a precisão e a determinação do golpe. Devolveu a jogada, talvez com mais força do que devia, e ela se desviou, chocada.

— Devagar, Hawk! Está jogando com uma dama! — ralhou Stonehaven.

Uma dama que o tirava do sério. Em todos os sentidos, ele refletiu.

— Peco desculpas. Acho que desconheço minha própria força. Vamos retomar o ponto.

Louisa o fitou, ressabiada, e recuou para armar o saque. Hawk respirou fundo, ansioso para pôr um fim no jogo e ficar na companhia de Jenny.

Ele possuía a boca mais sensual do mundo: lábios cheios, uma língua inquieta. Quando gemia, então, Jenny tinha vontade de engoli-lo. As mãos dele permaneciam comportadas, envolvendo-a pela cintura, ou então subiam por suas costas e paravam pouco abaixo dos seios. Mas a boca... A boca deslizava por seu pescoço, pela borda do decote. E agora os dentes desabotoavam um, dois, três botões, buscando a pele sob a seda do vestido.

— Precisamos voltar! — suspirou ela, quase sem forças.

— Só mais um pouco!

— Já disse isso mil vezes...

— Diga que não está gostando.

— Vai ter que parar uma hora. Minha mãe me quer casada com um duque!

Alex enrijeceu e suas mãos a apertaram inadvertidamente.

— Ei, está me machucando!

Ele a soltou de leve e recostou a testa na de Jenny.

— Você adora me atormentar, não é?

Jenny segurou-lhe o rosto com ambas as mãos e o fitou.

— E um tormento para nós dois — ela murmurou, e antes que Alex pudesse responder, correu pelo jardim afora, abotoando o corpete.

Sabia que era um jogo perigoso.

Capítulo XI

Uma semana depois, sob os candelabros que cultuavam, iluminando o salão repleto, Hawk se pôs ao lado de Falconridge, as costas apoiadas na parede, os nervos à flor da pele. Não estava gostando do modo como aquele infeliz segurava Louisa enquanto dançavam, como se partilhassem segredos aos quais ele não tinha acesso.

— Com quem Louisa está dançando? — rosnou. Sentiu o olhar espantado de Falconridge, porém não se deu ao trabalho de virar a cabeça. Ela estava de vestido novo, notou. Mulheres... Bastava ganharem umas moedas para renovar o guarda-

roupa.

— Jeremy Rose — respondeu o amigo, por fim.

— O herdeiro dos Rose? — concluiu Hawk, contrariado. Talvez Louisa fosse mais esperta do que ele imaginara. Estava vivendo com a família, usando o próprio salário para se fazer mais interessante e, de quebra, flertando com o rapaz.

— Um dos herdeiros — corrigiu Falconridge. — Os americanos não dão mais tanta importância ao primogênito. Pelo que entendi, a fortuna é dividida entre os filhos em partes iguais.

— As filhas podem herdar a fortuna, mas não os negócios.

— Não sei dizer. — Falconridge deu de ombros. — Só sei que James Rose parece estar muito bem de vida. E você? Conseguiu fisgar uma das irmãs?

— Jenny reservou a próxima dança para mim. Parece que Kate não veio... Vi você com ela naquele chá, outro dia.

— Pois é. Mas foi um encontro infeliz. Mesmo que Kate tivesse vindo hoje, não daria em nada. Ela não fala nada, a não ser em amor e romance. Só aprecia poesia, flores, chocolates... Daria muito trabalho.

— Acha mesmo que vai encontrar uma herdeira que não vá lhe dar trabalho?
— comentou Hawk.

— Tenho os meus planos.

— Que planos são esses, posso saber?

— Não.

Hawk torceu o nariz, conformado.

— Pois o meu é cortejar Jenny mais um pouco, depois ir direto ao sr. Rose e pedir-lhe a mão da filha.

— Por que o incomoda tanto o fato de Louisa estar dançando com Jeremy?

— Só estou tomando conta da irmã de Ravensley, já que ele não pôde vir esta noite.

— E por que Alex não veio, aliás?

— Na certa está deprimido outra vez. Parece que a sra. Rose não se deixou impressionar pelo título dele.

— Sei. A mulher quer que a filha se case com um duque, pelo que ouvi dizer, mas isso não quer dizer nada se o pretendente for esperto...

— E você se considera esperto o bastante? — indagou Hawk.

— Não desisto tão fácil quanto Ravensley.

— Está interessado em Jenny?

— Estou interessado em qualquer uma que encha os meus cofres.

Hawk observou o amigo de soslaio e se perguntou se também Falconridge significava uma ameaça aos seus planos.

A música cessou nesse instante, e ele se afastou da parede.

— Hora do show — disse com um suspiro, e se arrependeu em seguida. Um bom estrategista não revelava seus passos.

Droga! Agora até os amigos eram rivais em potencial.

— O bom do meu plano é que não será preciso nenhum show — comentou Falconridge, enigmático.

— Então, por que está aqui?

— Somente para observar e me divertir com o fato de que, logo, tudo isso terá sido em vão.

— Seu plano inclui Jenny Rose? — insistiu Hawk.

— Quem sabe.

Ele bufou, exasperado.

— Não sabia que você podia ser tão irritante.

— Ou desesperado.

— Se é assim, boa sorte. Falconridge abriu um sorriso.

— Nem precisava me desejar isso.

Hawk balançou a cabeça. Não desejava mal ao amigo, mas era bom que Falconridge se mantivesse longe de seu caminho. Por que aquele mistério todo?

Pensou em Louisa e no modo como ela se conformara com o fato de continuar solteira, arranjar um trabalho e dar seu grito de independência. Agora possuía algumas moedas para gastar, um sorriso mais ofuscante do que os candelabros do salão, aquela risada que soava como música... e a atenção de um homem que valia

milhões. Decididamente, Louisa era um bom exemplo.

Quis chamar-lhe a atenção, fazê-la perceber que estava se aproximando, mas Louisa continuava entretida na conversa com o jovem sr. Rose e uma moça que Hawk não reconheceu. Os três riam abertamente, dando pouca importância ao que se passava ao redor.

— Estava procurando por mim, Alteza?

Hawk girou o corpo e deparou com Jenny. Torceu para que seu súbito embaraço não estivesse visível.

— Claro que sim. Afinal, a senhorita me prometeu a próxima dança. — Ofereceu o braço e se obrigou a prestar atenção nela. — Seu irmão parece estar se divertindo imensamente — ouviu-se dizendo, incapaz de conter as palavras.

— Verdade. Vai acabar colocando Louisa em maus lençóis. Ontem à noite, ele a ensinou a jogar xadrez e levou uma surra. Disse que nunca conheceu uma mulher tão inteligente.

Hawk comprimiu os lábios, discreto.

— Talvez por isso pareça tão à vontade ao lado dela — murmurou, ao mesmo tempo em que alcançavam a pista de dança e tomava Jenny nos braços.

— Os dois estão se dando maravilhosamente bem.

— E como sua mãe vê essa amizade?

— Jeremy é o filho homem. Nada do que ele faz parece incomodá-la.

— Estranho. Tive a impressão de que sua mãe é muito seletiva com as amizades de sua prole.

Jenny jogou a cabeça para trás com uma risada.

— Mamãe tem suas próprias opiniões, e nós temos as nossas.

— E em se tratando de casamento? Quem dá a palavra final?

— Nós, claro.

— E se eu fosse falar com seu pai?

Jenny ergueu as sobrancelhas bem-feitas, surpresa.

— Isso é uma proposta?

Hawk segurou o ar. Era? Sentiu um arrepio na espinha.

— Só estou avaliando minhas chances de sucesso... por enquanto.

— Meu pai não me obrigará a casar com quem eu não queira — respondeu Jenny, segura. — Acho que já falei sobre os meus critérios de escolha. Ainda não tenho idéia se tem ou não uma natureza apaixonada, Alteza. — Ela sorriu, travessa. — E também devo confessar que não estou com pressa de me casar. Minha intenção é dedicar esta temporada apenas a uma espécie de... seleção. Quem sabe na próxima?

— Seleção?

Ela sorriu.

— Minha dama de companhia é exigente e cuidadosa. Preciso ir com calma para não levantar suspeitas. — Piscou para Hawk. — Quem sabe não possamos ir juntos à ópera outra vez? Lembre-se, Hawk... Meu maior objetivo é a paixão. E não me contentarei com nada menos do que isso.

— Eu gostaria de levar a srta. Jenny à opera novamente — declarou Hawk. — Mas ela insiste que eu cheque a agenda dela com você.

Louisa tentou disfarçar a decepção por ele continuar insistindo na corte a Jenny. Ultimamente, a presença de Hawk a incomodava cada vez mais.

— Na terça, ela tem um jantar com lorde Bertram.

Ele bufou, contrariado.

— O que há de errado com lorde Bertram, pelo amor de Deus? — rebateu Louisa, irritada.

Hawk olhou ao redor antes de se aproximar para lhe falar no ouvido, e, mais uma vez, a envolveu em uma nuvem de sândalo:

— Furúnculos nas nádegas.

Ela semicerrou os olhos azuis.

— Se fosse verdade, o homem viveria em pé, e eu cansei de vê-lo sentado!

— Porque passa a vida indo ao médico para lancetá-los.

Louisa o encarou, depois caiu na risada.

— Não acredito!

— Pergunte a ele, ora!

Como se ela pudesse perguntar a um cavalheiro qual problema ele tinha nas nádegas!

— Quem mais está interessado na srta. Jenny? — indagou Hawk, curioso.

— Não é da sua conta. — Louisa ocultou a pequena lista de compromissos que retirara da bolsa.

— É impressão minha ou vi o nome do marquês de Umberton na sua lista?

— E qual é o defeito do marquês?

— O homem bebe feito um porco!

— E não se pode dizer o mesmo de Vossa Alteza?

— Eu não começo antes do meio-dia.

— Ah...

— Está sendo irônica ou é impressão minha?

— Eu? Irônica? Por que seria?

Hawk soltou um longo suspiro.

— Nunca vi uma moça usar o próprio cartão de danças para anotar informações sobre pretendentes de uma outra.

— Eu não vim ao baile para dançar.

— O que estava fazendo com Jeremy Rose, então? Louisa arregalou os olhos. Era raiva o que ele demonstrava na voz?

— Não creio que isso seja da sua conta.

Hawk cerrou o maxilar, e ela o fitou, perplexa. Por que ele parecia tão transtornado?

— Dance comigo.

Louisa entreabriu os lábios.

— A sra. Rose é capaz de me demitir se souber que dancei com você outra vez.

— Você é filha de um conde. Ela que vá para o inferno.

Louisa deixou escapar uma exclamação abafada.

— É igual a meu irmão! Não tem noção da importância deste trabalho para mim.

- Vamos dar uma volta pelo jardim.
- Preciso ficar com Jenny.
- Ela ainda tem mais duas danças depois desta. Vamos, Louisa.
- Com uma condição. Que você me responda uma pergunta com sinceridade.

O olhar de Hawk tornou-se mais intenso.

- Pergunte.
- Lorde Bertram tem furúnculos realmente?

Ele riu, aliviado.

- Não.
- Eu sabia. — Louisa balançou a cabeça. — Está tentando eliminar a concorrência.

— Estou precisando de um pouco de ar fresco, isso sim — Hawk disse, mudando de assunto. — Como você é acompanhante, e não debutante, ninguém vai estranhar se deixarmos o salão por alguns minutos.

— Melhor não demonstrarmos nenhum tipo de intimidade — declarou Louisa, e recusou o braço que ele oferecia.

— Certo. Então você vai na frente. O que ela estava fazendo, afinal?, perguntou-se Louisa, a caminho das portas envidraçadas que levavam ao jardim. O ar dentro do salão estava abafado demais ou era a proximidade do duque que elevava a temperatura de seu corpo?

Graças aos céus, eles não eram os únicos a caminhar lá fora.

- A noite está deliciosa — comentou, para quebrar o silêncio.
- Não sente falta?
- Do quê?
- Da atenção. Louisa não demorou a entender e sorriu tristemente.
- Nunca recebi muita atenção. Você sabe.
- Imagino. Deve ser difícil para alguém que não tem dote.
- Difícil, não. Impossível.
- Seu irmão acha que se ele conseguir fazer um bom casamento, você ainda

terá chance.

— Não sei se quero voltar àquela vida de antes. Não agora, que tenho minha independência. — Ela sorriu. — Esta tarde saí outra vez para fazer compras sozinha. Foi uma delícia.

— Pode ser perigoso.

— Por quê? Havia vários guardas nas ruas.

— Uma mulher sempre precisa de proteção.

— Proteção, dama de companhia, dote, marido... Não acredito mais que uma mulher precisa de tudo isso.

— Precisa do quê, então?

— Penso que as irmãs Rose têm razão: uma mulher necessita mais é de amor, paixão, emoção. Não necessariamente nessa ordem.

— Um marido pode proporcionar tudo isso.

— Nem sempre, Alteza. Pensei que o que aconteceu com sua mãe já tivesse deixado isso bem claro para você.

Hawk empalideceu.

— O que sabe sobre minha mãe? Louisa baixou os olhos.

— Desculpe. Apenas o que ouvi dizer. Seu pai faleceu quando eu era bebê, mas dizem que ele era muito mais velho do que sua mãe. Foi um casamento por amor?

— Não. — A voz de Hawk saiu marcada pela dor. — Acho que não.

Ela parou de andar e o tocou no braço.

— Desculpe... sinceramente. Não foi minha intenção magoá-lo.

— Seu pai amava sua mãe?

— Acredito que sim. Talvez demais, pois fazia todas as vontades dela. Essa é uma das razões pelas quais estamos esta situação agora. — Um homem consegue amar tanto? — Não sei. Talvez ame de forma errada.

Um casal passou por eles e Louisa achou por bem continuar a caminhar.

Hawk a seguiu, calado.

— Queria me dizer alguma coisa? — instigou ela.

— Não é segredo que estou em dificuldades financeiras, é?

— Não.

— Preciso da sua ajuda.

Louisa meneou a cabeça com um suspiro.

— Não tenho como ajudá-lo, já expliquei por quê.

— Só me responda uma coisa. Como a srta. Rose pode saber se vai se dar bem com um pretendente se você nunca permite que ela fique um momento a sós com ele?

— Está me pedindo para deixá-los a sós?

— Estou apenas curioso. — Hawk a conduziu pelo cotovelo para fora do passeio, até a sombra ampla de algumas árvores. — Se o critério de Jenny é a paixão, como pode julgar se um homem é adequado para ela?

— Ora, isso pode ficar claro na maneira como...

— Não seja ingênua, Louisa. É preciso experimentar a paixão. — Hawk a fitava com olhos brilhantes. — E se não vai permitir que eu fique sozinho com ela, talvez possa servir de mensageira.

Ele a segurou pelo queixo e aproximou seu rosto do de Louisa. O primeiro contato de seus lábios foi gentil feito uma brisa: inebriante, porém delicado.

Louisa pensou que deveria ter se afastado naquele momento. Em vez disso, porém, permaneceu imóvel, alerta, como se prestes a travar uma batalha. Percebeu que Hawk a envolvia pela cintura, que seus seios se colavam ao peito largo... e que ficava na ponta dos pés para se aconchegar ainda mais a ele. Ouviu, então, um gemido de prazer, e o beijo se tornou mais intenso, mais exigente. A ânsia de Hawk a pegou de surpresa e Louisa acabou não resistindo ao apelo da língua pronta a explorar, a incitar... a seduzir.

Jamais experimentara tal sensação. Jamais imaginara o significado da palavra paixão até aquele momento.

Uma onda de calor a varreu dos pés à cabeça. Era como se cada nervo de seu corpo houvesse se incendiado. Tinha uma vaga noção de ter-se agarrado aos ombros largos, de acariciar o pescoço forte e mergulhar os dedos nos cabelos de Hawk.

Como era perigosa a tal paixão. Se ele a erguesse nos braços naquele momento

e a carregasse para algum canto do parque, ela não contestaria.

Havia passado a juventude vigiada por uma acompanhante, Louisa refletiu vagamente, e até então, nunca entendera bem o porquê.

Agora sabia.

O beijo fez seu corpo latejar de desejo, e o perfume de Hawk, dobrar seus joelhos. Era como se todos os seus sentidos estivessem em alerta e misturados em um só.

Hawk se afastou, então, ofegante. Mesmo nas sombras, Louisa percebeu o intenso desejo nos olhos castanhos.

— Agora pode dizer à srta. Jenny que sou capaz de dar o que ela quer — ele declarou com voz rouca. Em seguida, girou o corpo e se afastou a passos largos, deixando-a sozinha e atordoada em meio às árvores.

Louisa recuou até esbarrar em um banco de ferro. Sentou-se e lutou para respirar normalmente, o corpo ainda ornado por um desejo não saciado.

Pressionou a mão enluvada contra os lábios e fechou os olhos. Ainda sentia o gosto de Hawk.

Era aquilo a paixão?, perguntou-se, aturdida.

Se era, como uma mulher poderia desejar outra coisa?

Capítulo XII

O que havia dado nele para tomar Louisa nos braços? Para beijar com tanto ardor aqueles lábios inocentes? Não era ela quem deveria ser o objeto de seu desejo, quem deveria assombrar cada minuto de seus dias, cada sonho que tinha à noite.

Após deixá-la no jardim, Hawk havia decidido ir embora sem se despedir de ninguém, dispensar o cocheiro e caminhar de volta para casa. Agora continuava a andar a esmo pelas ruas, o corpo ainda abalado pelo desejo não satisfeito.

Ainda sentia o gosto da boca doce de Louisa. Iria sentir-lhe o sabor para sempre, mesmo que beijasse outra mulher.

Não a levava ao jardim com o propósito de seduzi-la, e sim de convencê-la a tornar-se sua aliada. Em vez disso, deixara-se hipnotizar pelo efeito mágico das sombras das árvores no rosto delicado, na pele perfeita...

Se tinha alguma esperança de que ela fosse ajudá-lo na empreitada de conquistar a srta. Rose, agora podia esquecer. Pusera tudo a perder com aquele beijo. Havia agido exatamente como o canalha que Louisa sempre o julgara.

Na certa, ela devia estar se sentindo triunfante, agora.

Ou não?

Era impossível imaginar o que se passava na mente de Louisa. Em seus braços, ela havia se portado como uma mulher apaixonada, o que fizera as coisas saírem ainda mais de seu controle.

Hawk respirou fundo. Louisa devia ter despertado tal reação nele por ser um fruto proibido, irmã de um de seus melhores amigos. Talvez, agora que havia experimentado tê-la nos braços, pudesse, enfim, se concentrar em sua verdadeira missão: conquistar uma esposa que garantisse o futuro de sua família.

Estacou no meio da rua e percebeu a vizinhança familiar ao redor. Não tinha planejado ir até ali... mas que fosse. Abriu o portão e caminhou para a entrada do solar. Precisava de alguém com quem pudesse desabafar e sentia-se tão bem acolhido ali como em sua própria casa.

Ao menos até agora.

Imaginou se os pais de Alex o haviam considerado tão má companhia quanto pensara Louisa.

Não hesitou em abrir a porta e adentrar o vestíbulo, como se fosse sua casa. Aquela hora da noite, sabia onde poderia encontrar Alex, pensou, e notou a luz fraca vindo da biblioteca. Aliás, não entendia por que o amigo ainda insistia em usar velas em vez de um bom lampião a gás.

Quando abriu a porta, surpreendeu-se com a penumbra. A única luz vinha da lareira acesa.

Estreitou o olhar e avistou Ravensley sentado em uma cadeira, diante do fogo baixo.

— Ora, ora, mas que surpresa... — foi saudado por uma voz arrastada. — Meu amigo duque fazendo-me uma visita a esta hora?

— Andou bebendo outra vez — concluiu Hawk, indo na direção do aparador para também se servir de uma dose de uísque. Sentou-se na poltrona oposta à de Alex. — Por que não foi à festa?

— Não sou bem-vindo pelos Rose, você sabe. Meu título não interessa à família.

— Então, por que foi ao chá, naquele dia? Alex deu de ombros.

— Hoje, eu simplesmente não estava disposto a ficar olhando para o que nunca vou poder ter. O que o traz aqui? Já deve passar da meia-noite.

Hawk tomou um bom gole do uísque.

— Jenny está proibida para você, mas não para mim. Mesmo assim, estou com dificuldades para conquistá-la. Sua irmã se recusa a me ajudar.

Ravensley soltou uma risada amarga.

— Você sabia que seria assim. Por que está tão contrariado?

— Acho que não estou acostumado a não conseguir o que quero.

— E quer Jenny?

— Claro. Quanto mais cedo, melhor. Não posso me desviar dos meus propósitos.

— E o que o faz desviar dos seus propósitos? — indagou Alex.

A questão não era "o que", mas "quem". Sua irmã!, Hawk teve vontade de gritar. Apertou os olhos com os dedos. Precisava se controlar e não se deixar afetar pelos encantos de Louisa. Tinha de se lembrar de que não poria mais os olhos nela, quando estivesse casado com Jenny.

Decididamente, aquele casamento colocaria um fim a todos os seus problemas.

— Nada muito importante — respondeu ao amigo, por fim. — Só sei que preciso casar antes do final desta temporada. Sei que o estou magoando, Ravensley, pois me parece encantado por Jenny. Mas sabe que não há esperanças para você.

Alex engoliu o resto do uísque de uma só vez e fitou o fogo.

— Como pretende levar seu plano adiante?

Hawk também se concentrou nas chamas, os olhos escuros perdidos em

algum ponto. Depois do que acontecera naquela noite com Louisa, seu sacrifício parecia ainda maior.

— Tudo o que Jenny quer na vida é paixão — murmurou, pensativo. — Pois eu tenho que provar a ela que sou capaz de lhe dar isso. A idéia é matar dois coelhos de uma só cajadada. Precisamos ser apanhados de alguma forma.

— Tem certeza de que está bem? — perguntou Jeremy.

Sentada na carruagem, ouvindo as rodas rangerem sobre as pedras da rua, Louisa tentou sorrir. Ele a havia visto emergir do jardim e fora ao encontro dela no mesmo instante. Solícito, tinha lhe oferecido champanhe, pedindo-lhe que dançasse com ele, e a fizera rir com as aventuras que havia vivido em suas inúmeras viagens. Jeremy era uma companhia e tanto, e quase a fizera esquecer do encontro com Hawk às sombras das árvores.

— Estou bem, obrigada.

— Nunca vi uma mulher andar sozinha pelo jardim, em uma festa. Sem dizer que estava pálida demais. Normalmente, tomar um pouco de ar devolve a cor ao rosto, e não o contrário.

— Acho que estava quente demais.

— Pensei ter visto o duque acompanhá-la — observou Jenny, astuta.

— Conversamos apenas por alguns minutos.

— E seu irmão não foi à festa — continuou a moça.

— Imagino que teve algum outro compromisso.

— Pena. — Jenny olhou pela janela. — Gostei de dançar com ele da última vez.

Louisa se perguntou se a jovem imaginava o ultimato que a sra. Rose dera a Alex de se manter longe de suas filhas. Santo Deus! Nunca conhecera uma pessoa tão fria e calculista como a sra. Rose, para quem tudo girava em torno de dinheiro, títulos e prestígio.

— No que está pensando? — indagou Jeremy com um sorriso.

Louisa tentou sorrir de volta.

— Só estou cansada.

— Mentirosa.

Ela não retrucou. Preferiu continuar em silêncio, e o rapaz respeitou sua vontade.

Tão logo desceram da carruagem, em frente ao solar, Jenny franziu a testa.

— Jeremy tem razão, você está muito pálida. — Segurou-a pelo braço. — Vamos. O conhaque de papai é ótimo para essas ocasiões.

— Não estou me sentindo mal. Tenho a pele clara assim mesmo — protestou Louisa.

Jenny aproximou os lábios de seu ouvido.

— E só uma desculpa. Quero ouvir os detalhes do passeio que fez com Hawkhurst no jardim, e um pouco de bebida sempre ajuda.

— Mas... foi apenas um passeio.

— Psiu. Não diga nada até chegarmos à biblioteca.

— Também estou convidado? — interveio Jeremy, atento, e Jenny torceu os lábios, conformada.

— Por que não? Pode servir os drinques.

— Jenny, eu... — Louisa se desesperou. — Acho melhor irmos dormir. Seus pais podem não...

— Bobagem! Não é necessário que seja minha dama de companhia em período integral. Também preciso de uma amiga de vez em quando.

Algo na voz da moça fez Louisa observá-la com atenção.

— Está se sentindo sozinha?

— Claro que sim. Conheço pouca gente aqui na Inglaterra, e minha irmã prefere a companhia dos livros — suspirou profundamente. — Incrível como a gente pode se sentir só mesmo em um baile lotado. Vamos. Nada como um pouco de conhaque para relaxar.

— Nunca tomei conhaque — confessou Louisa e deixou-se conduzir pelo braço.

Em seguida, mudou de opinião. Tinha experimentado o gosto da bebida por duas vezes: primeiro no bombom que Hawk lhe oferecera. E depois, no gosto dos

lábios dele.

Fechou os olhos, querendo parar de pensar no que havia acontecido. Pensou em pedir outra coisa para beber, mas não quis parecer rude.

Entraram na biblioteca, onde o fogo da lareira ainda ardia. Jeremy rumou para o aparador e preparou um cálice de conhaque para cada um. Depois se sentou no sofá, próximo das poltronas onde as duas moças haviam se acomodado, desabotoou a camisa até a metade do peito e esticou as longas pernas.

Louisa baixou os olhos. Não estava habituada a ver um homem tão à vontade. Nem mesmo Alex costumava ficar assim diante dela.

O rapaz ergueu o cálice na direção de ambas.

— Aos segredos trocados entre o duque e lady Louisa no jardim.

— Não vou brindar a isso! — rebateu ela, rindo, apesar de chocada. Jeremy era muito charmoso e divertido. Não teria dificuldade em lhe arranjar uma esposa, pensou.

— Então aconteceu alguma coisa muito importante lá! — concluiu a irmã dele, perspicaz.

— Não! — Louisa tomou um gole do conhaque e sentiu o líquido arder na garganta como se fosse o fogo da lareira.

— Vamos, Louisa, está entre amigos. Aquele patife tentou se aproveitar de você? — Jeremy a fitava, atento.

— Claro que não — ela negou, incomodada. — Por que acha que ele é um patife?

— Não é?

Louisa deu outro gole na bebida, pensativa. Uma coisa era ela não ter uma opinião muito favorável a respeito de Hawk. Outra, ouvir os outros falando mal dele.

— Hawkhurst só me perguntou como Jenny poderia se convencer de que ele também pode ser um homem apaixonado, se eu não deixo que ninguém se aproxime dela — confessou em um murmúrio.

— Bem observado — concordou Jeremy. — Minhas irmãs não têm liberdade nenhuma aqui. Nos Estados Unidos, as mães costumam tomar conta, os pais chegam até a ameaçar os rapazes às vezes, mas ninguém contrata damas de companhia.

— Louisa não é como um cão de guarda, Jeremy! A função dela é me manter afastada dos aproveitadores e me apresentar homens decentes — explicou Jenny, convicta. — Agora, voltando ao assunto, acho que há várias maneiras de um homem se mostrar apaixonado. A paixão pode acontecer de muitas formas antes de se concretizar entre quatro paredes.

Louisa sentiu o rosto pegar fogo com aquelas palavras. Lançou um olhar a Jeremy e percebeu que ele a fitava, divertido.

Lembrou-se do ardor que experimentara nos braços do duque. Jenny sabia o que estava dizendo.

— O que sabe, afinal, sobre esse assunto, maninha? Jenny não se deixou abalar pela exigência do irmão.

— Se não me engano, o propósito desta nossa reunião era saber o que se passou entre Louisa e o duque de Hawkhurst no jardim do baile — ela devolveu, impassível. Em seguida, esvaziou o cálice e o estendeu na direção de Jeremy. — Mais uma dose, por favor.

O rapaz ergueu as sobrancelhas.

— O que deu em você, hoje?

— Não faça perguntas inconvenientes, meu irmão. Lembre-se de que este era para ser um encontro apenas entre damas.

Sem protestar, Jeremy se pôs em pé e atendeu à irmã, enquanto Jenny curvava-se na direção de Louisa.

— A paixão fica evidente quando um homem me olha enquanto dança, no modo como me segura nos braços... Se ficar atenta, pode percebê-la em seus olhos. E como um fogo queimando, e que faz o seu corpo arder antes mesmo de ele tocá-la — tentou explicar, sonhadora. — Vou me casar virgem, mas saberei de antemão se meu marido terá condições de me amar como eu quero.

Recostou-se à poltrona ao ver o irmão retornar com o cálice cheio.

— Segredinhos? — ironizou ele.

— Só estava falando sobre o que espero de um homem. Aliás, algo que o duque de Hawkhurst me parece mais do que habilitado a me dar.

Louisa sentiu a face pegar fogo mais uma vez. Mudou de posição na poltrona, incapaz de afastar as lembranças: o modo como ele a envolvera nos braços, seu

perfume inebriante, a língua que explorava sua boca, exigente...

— Engraçado, o sangue pareceu voltar ao seu rosto de repente — observou Jeremy, arguto.

— Deve ser o conhaque. — Tomou novo gole e aproveitou para se esconder atrás do cálice. Os pensamentos brotavam de sua mente, incontroláveis. Hawk queria Jenny. Se era capaz de demonstrar sua natureza apaixonada a uma mulher que não desejava, o que não faria com a jovem Rose? — Escolheria o duque para marido, Jenny? — viu-se perguntando, a despeito de si mesma.

— Hawk? — A jovem ergueu uma sobrancelha, do mesmo modo que a mãe. — Ele é muito interessante. Bonito de rosto, tem um físico impressionante e é um dançarino exemplar. Gosto da companhia do duque. Mas precisaria ser mais cortejada para ter certeza.

— Cortejada... — bufou Jeremy. — De que jeito, se vocês não facilitam as coisas?

— Claro que não. — Jenny exibiu o cálice vazio para o irmão, e ele tornou a se levantar com um suspiro.

— Aceita mais uma dose, Louisa? — ofereceu, educado.

Ela hesitou um instante apenas, antes de lhe entregar o cálice.

— Sim, por favor.

Talvez, assim, conseguisse esquecer o que havia se passado naquele jardim. Precisava esquecer!, pensou, em pânico. O beijo de Hawk destinava-se a Jenny, e não a ela, que era apenas a mensageira. Missão, aliás, que não tinha cumprido.

— Hawkhurst sabe beijar muito bem.

Jenny se voltou para Louisa, os olhos arregalados.

— Como pode saber?

Louisa fechou os olhos, depois prosseguiu:

— Ele estava aborrecido por não poder se aproximar de você. Pediu que eu lhe transmitisse esse recado.

Jenny ensaiou um sorriso.

— Hawkhurst mandou você me dizer que sabe beijar bem? Qualquer homem pode fazer isso!

Louisa negou com um gesto de cabeça.

— Ele provou que sabe beijar bem — admitiu e desejou que o chão se abrisse naquele exato instante.

— Quem provou o quê? — indagou Jeremy, bem atrás dela.

Louisa deu um pulo e acabou batendo a cabeça em um dos cálices que ele segurava. O conhaque se espalhou pelo tapete.

— Perdão, Louisa — desculpou-se o rapaz. — Não pretendia assustá-la assim.

— Não mais do que o duque já a assustou, Jeremy — emendou Jenny, irônica.
— Parece que Hawkhurst resolveu demonstrar as próprias habilidades no jardim...

O rapaz fitou Louisa, sério.

— Verdade? Ele tentou se aproveitar de você? Mas que...

Louisa tomou-lhe o cálice cheio das mãos e entornou o líquido de uma só vez.

— Por favor, não vamos falar mais nesse assunto! O duque só queria se mostrar à altura dos desejos de Jenny, mas não conseguiu.

— Então você não o aprovou? — perguntou a moça, curiosa.

— Hawkhurst é afeito à bebida, aos jogos e às noitadas, Jenny — Louisa falou de uma só vez. — Até onde sei, é incapaz de se comprometer. Creio que você seria a mais infeliz das mulheres nas mãos dele.

Jeremy estreitou o olhar.

— Talvez devesse deixar Jenny chegar a essa conclusão.

Louisa piscou, aturdida. E se Jenny escolhesse Hawk? Por que se sentia tão incomodada com a idéia?

Porque, se assim fosse, ele nunca seria seu, acusou uma voz em seu íntimo.

Capítulo XIII

Hawk continuou na esquina, à espreita, feito um predador à espera da caça. Não tentou se convencer de que não era o canalha de que Louisa o acusara. Não

fingiu não saber que sua alma arderia no fogo do inferno, pelo resto da eternidade, por causa do que estava prestes a fazer.

Não estava orgulhoso do próprio plano, mas orgulho era um luxo do qual um homem desesperado poderia abrir mão. Jenny Rose não estava com pressa para se casar. Outros tinham a intenção de capturar seu interesse e desposá-la, e ele precisava se casar para garantir o sustento daqueles que amava. Além de, com isso, poder se afastar em definitivo de Louisa.

Felizmente, como lhe confidenciara Alex, Jenny achava normal escapar da vigilância de sua dama de companhia e experimentar os beijos de um amante. Por isso, Hawk aproveitara mais uma dança, no último baile, para lhe sussurrar no ouvido o quanto estava ansioso para provar a paixão que sentia por ela.

Assim, tinham combinado de se encontrar na biblioteca após a sexta valsa.

Ravensley também sabia do encontro. Fora incumbido de convidar o irmão da moça a provar do mais fino conhaque de Pemburton, o anfitrião, exatamente ali, na biblioteca.

Dessa forma, Jeremy Rose apanharia a irmã nos braços de Hawk, que planejava beijar Jenny despudoradamente. Sua intenção era, inclusive, deixar à mostra o ombro da moça, de modo que não restasse dúvida a Jeremy quanto à intenção dos dois.

Por mais liberal que pudesse ser, o jovem Rose certamente ficaria chocado com a cena. Ravensley fingiria surpresa, Jenny ficaria sem chão ao se ver pega em flagrante. E Hawk seria obrigado a defender a reputação da moça casando-se com ela.

No momento, Jenny Rose dançava com Falconridge. A valsa seguinte seria a sexta. Já era hora de Hawk entrar em ação e pôr em andamento o único plano capaz de garantir o futuro de sua irmã, Caroline.

— Louisa!

Ao ouvir o sussurro, Louisa se voltou e deparou com o irmão oculto em meio a uma densa folhagem. Ficara contente em vê-lo no baile de Pemburton dançando com Jenny. Perceber o quanto Alex se abalara com a rejeição da sra. Rose tinha tocado seu coração. Tanto que já nem o considerava um marido tão inadequado assim para a moça.

Louisa sorriu e ia perguntar o que ele fazia escondido ali, quando Alex fez um

gesto com a cabeça, obviamente querendo falar com ela em particular.

Louisa olhou ao redor e, ao ver que todos pareciam distraídos, esgueirou-se para trás do enorme vaso.

— O que foi?

— Preciso falar com você, agora!

— Então ande logo, pois tenho que continuar de olho nas meninas.

— Na verdade, tem a ver com elas. Ou melhor, com Jenny — disse Alex, suspirando.

Ela o tocou no braço ao perceber sua angústia.

— Ainda está abalado com o que a sra. Rose disse, não é? — quis saber.

— Não, claro que não! — ele negou, tenso. — Estou é preocupado com você.

— Comigo? — Louisa franziu o cenho, confusa. Alex tomou-lhe a mão entre as suas.

— Sei o quanto este trabalho é importante para você, minha irmã. Nada pode ameaçar sua reputação de boa dama de companhia. Tinha razão ao dizer que não sirvo para Jenny. Agora compreendo que se recomendar o marido errado a qualquer uma das irmãs Rose, nunca mais terá a confiança das pessoas quanto a sua competência.

— Alex, já está perdoado há muito tempo!

— Não estou pedindo desculpas, Louisa. Só estou tentando me convencer de que o que estou prestes a fazer é correto. Para o bem de Jenny. Ou, quem sabe, mais pelo seu bem, porque isso não deveria acontecer bem debaixo do seu nariz.

Louisa arregalou os olhos e sentiu um arrepio de apreensão.

— Do que está falando, Alex?

— Nunca trai a confiança de ninguém, mas creio que um amigo está prestes a cometer um despropósito. Se o plano dele der certo, vai arruinar a sua reputação como acompanhante. Minha lealdade está sendo testada, mas eu não posso deixar de ficar ao seu lado, irmã.

— Alex...

— Hawk pretende comprometer definitivamente a srta. Jenny durante a sexta

valsa. Ele armou um encontro na biblioteca de Pemburton.

— Ele fez o quê?! — exclamou Louisa, mal acreditando no que estava ouvindo.

— Hawk convenceu Jenny a encontrá-lo na biblioteca e pretende lhe roubar um beijo. Mas receio que ele tenha a intenção de fazer algo mais, já que me pediu para esperar alguns minutos e levar Jeremy até lá com a desculpa de experimentarmos o conhaque de Pemburton.

Louisa buscou o cartão de danças atabalhoadamente. A sexta valsa seria a próxima! Os últimos acordes que acompanhavam a dança do momento começavam a se dissipar.

— Precisa impedi-lo, Alex! Hawk não pode exigir que Jenny o despose dessa maneira!

— Ele não quer me ouvir e acho que não devo ir à biblioteca, Louisa. Se Jenny for apanhada sozinha com Hawk...

Louisa girou o corpo e passou a olhar pelo salão, nervosa. Jenny não estava à vista. Voltou-se para o irmão, decidida.

— Não leve Jeremy à biblioteca, ouviu bem? Vou tentar livrar Jenny dessa situação sem que sua reputação seja arruinada! — Avançou alguns passos, mas retornou para beijá-lo no rosto. — Obrigada.

Alex ensaiou um sorriso que não lhe chegou aos olhos. Tinha a expressão confusa, um misto de culpa e alívio.

Louisa, porém, não podia analisá-la mais a fundo.

Precisava chegar à biblioteca e torcer para que não fosse 'tarde demais.

Louisa deslizou para dentro do cômodo às escuras. Fechou a porta e mergulhou na escuridão total, uma vez que as pesadas cortinas se encontravam fechadas e não havia fogo na lareira.

Naturalmente, já que encontros secretos necessitavam de discrição.

Mas estava ali para pôr fim àquela trama. Era uma casa moderna, com eletricidade recém-instalada. Só precisava encontrar o interrup...

Um braço a enlaçou pela cintura e Louisa se viu presa contra um corpo forte. Era Hawk. O perfume, agora familiar, penetrou-lhe as narinas, ao mesmo tempo em

que a boca ávida tomava a sua sem admitir reservas.

Que Deus a ajudasse. Ainda não tinha esquecido a magia do beijo do duque, as sensações deliciosas, o desejo e o calor que ele provocava. Devia tentar repeli-lo de alguma maneira.

Em vez disso, com um gemido fraco, Louisa o puxou mais para si, os dedos mergulhando nos cabelos fartos e macios.

Precisava se afastar, fazê-lo perceber que ela não era a mulher que Hawk pensava que fosse, a mulher com quem ele pretendia se casar.

Só mais um suspiro, uma carícia... e iria alertá-lo de seu equívoco. Só mais um momento para se sentir desejada e bonita... para se sentir mulher.

O contato com o corpo másculo a fez derreter por dentro, e Hawk aprofundou o beijo, como se quisesse devorá-la. Como se jamais pudesse ter o bastante.

Louisa sentiu o coração se apertar, pois era Jenny quem ele imaginava ter nos braços. Era Jenny quem Hawk queria tanto, a ponto de não se importar com as consequências de seu ato. Era Jenny com quem ele pretendia se comprometer a qualquer custo.

Hawk interrompeu o beijo de repente e, com um gemido, passou a saborear a pele macia e perfumada do pescoço de Louisa. Ela jogou a cabeça para trás e murmurou o nome dele. Hawk nem sequer pareceu ouvir. Ainda com Louisa colada ao corpo, passou a conduzi-la por entre as mesas e poltronas, às cegas. Ou já se acostumara com a escuridão da biblioteca?

Nem por um segundo as mãos de Hawk a deixaram. Continuaram a acariciá-la freneticamente, nas costas, depois nos quadris, até que as pernas de Louisa tocaram em um móvel e ela se viu desabando sobre almofadas de veludo. Um sofá, percebeu, atordoada. Um sofá largo e macio... perfeito para um casal que desejava se amar.

Hawk se pôs por cima de Louisa e a impediu de protestar, permitindo-lhe apenas os gemidos de prazer que insistiam em escapar de sua garganta. Seus dedos hábeis não demoraram a baixar o tecido do corpete e expor o seio farto, que ele cobriu imediatamente com a boca. Entorpecida pela excitação, Louisa não ousou impedi-lo. Limitou-se a projetar ainda mais o corpo, quase implorando pela carícia.

Aquilo era loucura. Sentia-se em chamas, mal percebendo que Hawk desabotoava a camisa clara, e, por vontade própria, Louisa tocou-lhe a pele quente,

os pêlos macios.

Ele se afastou por um instante, apenas para erguer as saias de seda do vestido. Louisa não soube dizer como, mas, um instante depois, sentiu o corpo de Hawk colado ao seu. Carne contra carne. Levou apenas um segundo para compreender o que se passava, porém seu choque se desfez com o indescritível prazer que se seguiu. E Louisa arqueou o corpo de encontro ao dele, pedindo mais...

Uma dor aguda se fez sentir dentro dela, mesclada a uma maravilhosa sensação de plenitude. Louisa soltou uma exclamação e Hawk a abafou com um beijo. Depois se afastou brevemente para sussurrar-lhe no ouvido com voz rouca:

— Da próxima vez não vai doer.

Devia dizer a ele que não haveria próxima vez, raciocinou Louisa por fim. Porém uma parte de sua mente acolheu a promessa como se Hawk tivesse feito a ela, e não a Jenny. Como se Louisa pudesse ter de novo a oportunidade de tê-lo dentro de si...

Hawk começou a se mover devagar, e o desconforto inicial cedeu lugar a uma nova onda de prazer e a outras sensações que ela jamais conhecera: uma vontade insana que tomava conta de cada centímetro de seu corpo. Deixou escapar um gemido, e ele tornou a beijá-la no pescoço, nos seios, ao mesmo tempo em que se movimentava, como se quisesse lhe proporcionar ainda mais prazer.

Porque aquilo era tudo prazer. Um prazer intenso. Um prazer quase dolorido... imensurável!

Louisa queria senti-lo cada vez mais. E com um desespero tal que já não sabia o que fazer, nem como se mover. Só queria. Queria muito...

Um grito ameaçou escapar da garganta de Louisa, e Hawk a silenciou com a boca ávida. Louisa estremeceu por inteiro, sentindo-se como se varrida por fogo. Hawk jogou a cabeça para trás, e, após soltar ele mesmo um profundo gemido, descansou sobre ela.

Céus, o que ele tinha feito?

Louisa estava embaixo de seu corpo, na escuridão, a respiração ainda entrecortada. Uma mulher satisfeita tentando recuperar o próprio equilíbrio.

A porta se abriu nesse instante. Hawk mal teve tempo de sair de cima dela e ajeitar a roupa antes que a luz inundasse a biblioteca. Ouviu quando Louisa soltou

uma exclamação, horrorizada, e tentou protegê-la da melhor maneira possível. Voltou-se para encarar os intrusos e percebeu que ela deslizava para trás do sofá, em pânico.

— Alex... — Louisa choramingou. — Eu...

— Não tem que explicar nada — interveio Hawk, encarando Alex e Jeremy Rose.

O rapaz parecia em choque, enquanto Jeremy Rose mal ocultava sua fúria.

— Seu canalha! — rosnou o rapaz e atravessou com alguns passos os poucos metros que os separavam.

Hawk viu o punho cerrado, porém permaneceu imóvel e aguardou, conformado, pelo que sabia ser plenamente merecido.

O soco de Jeremy o atingiu em cheio no rosto e fez a dor ricochetear, impiedosa, em direção ao crânio. No segundo seguinte, um zunido abafava o grito de Louisa.

Bata outra vez!, Hawk pensou. Eu mereço coisa pior, bata outra vez!

Ainda tonto, observou Jeremy cobrir Louisa com a própria casaca enquanto, com mãos trêmulas, ela tentava desesperadamente ajeitar o corpete. Os cabelos desgrenhados, os lábios inchados e vermelhos, entretanto, eram mais uma prova de que ele a violara.

Hawk não conseguiu fitá-la nos olhos. Não poderia suportar a mágoa que, certamente, veria neles.

— Quero você na minha casa amanhã, às oito, para decidir com meu pai o que será feito — informou Jeremy Rose. — Se atrasar um minuto, terei imenso prazer em corrigir o problema com a minha própria arma — ameaçou, antes de conduzir Louisa através das portas que davam para os jardins da mansão.

Ravensley permaneceu imóvel, olhando para Hawk como que para um estranho.

— Você disse que o seu plano era ser apanhado beijando Jenny — murmurou, rompendo o opressivo silêncio.

Hawk apoiou-se no sofá para se pôr em pé, disposto a ajeitar as próprias roupas e também a sumir dali.

— Era só um beijo! — gritou Alex, irado.

Dessa vez Hawk nem sequer anteviu o golpe que o atingiu em cheio na lateral da cabeça e o fez desabar contra o consolo de mármore da lareira. Ravensley avultou-se sobre ele, a voz gutural ressoando em seus ouvidos:

— Era minha irmã, seu canalha! Que apodreça no inferno pelo que fez com ela!

Hawk sentiu o chute nas costelas e se contorceu de dor, enquanto Alex deixava a biblioteca, transtornado.

Hawk soltou o ar, ofegante. A dor na cabeça e no corpo não se comparava à que sentia rasgar seu coração.

Louisa permaneceu imóvel em meio à água quente, o olhar parado. A temperatura da água, entretanto, parecia não penetrar sua pele, pois jamais se sentira tão gelada.

O vapor tornava as coisas ainda mais irreais. Jeremy fora tão nobre, tão carinhoso, amparando-a todo o tempo e repetindo inúmeras vezes que ela não tinha culpa de nada, que tudo ficaria bem.

Mas como, se agora todos esperavam que Hawkhurst se casasse com ela? Um homem desesperado por dinheiro casando-se com uma mulher sem nada?

Deixou escapar uma risada seca. Não era possível que acreditassem naquilo.

Pior era pensar que a culpa também era sua. Não devia ter ido à biblioteca para confrontá-lo. Quando os lábios de Hawk haviam deixado os seus, na primeira vez, devia ter gritado que não era Jenny em vez de pronunciar o nome dele, inebriada pelo desejo. Não devia ter-se deitado com ele naquele sofá. Não devia...

Fechou os olhos e afundou mais na água quente, precisando de guarida.

Hawk não a forçara a nada. Ela podia ter dito "não" a qualquer momento, e ele certamente a teria ouvido.

Mas havia pedido por mais. Por mais um beijo, mais uma carícia... Algo que pudesse guardar pelo resto da vida.

Sentiu as lágrimas subirem aos olhos.

— Está tudo bem agora — Jenny disse com voz suave ao seu lado, passando um pano úmido e quente sobre o rosto de Louisa.

Kate, sentada em uma cadeira logo atrás da banheira, penteava-lhe os longos cabelos dourados com cuidado.

— Não precisa chorar. Papai vai resolver tudo, você vai ver.

Papai...

Seu pai estava morto. E não podia contar com o irmão, pois Alex devia estar com ódio dela.

Louisa sentiu um aperto no peito. Alex tinha levado Jeremy até a biblioteca, mesmo sabendo que era a própria irmã quem estaria com Hawk lá. Por que fizera isso, se ela havia pedido, especificamente, que ele não levasse o plano de Hawk adiante?

Uma onda de dor a invadiu. Por que Alex a havia traído e também ao amigo?

— Não há nada para ser resolvido — Louisa disse às duas moças, por fim. — Só nós sabemos o que aconteceu.

Se nos mantivermos calados, não será necessário fazermos nada.

— Louisa... — Jenny deixou escapar uma risada seca. — O duque a violou!

Não sem o seu consentimento, refletiu. Porém não disse nada.

Jenny a fitou nos olhos.

— Se você não tivesse ido até a biblioteca, teria sido eu a vítima.

Louisa sentiu as lágrimas descenderem pelo rosto, misturadas à água quente do banho.

— Não percebe? Por isso mesmo não posso me casar com Hawkhurst. Estava escuro, ele não sabia que era eu... Hawk não me quer, Jenny!

— Ele também não quer a mim — rebateu a moça. — Só quer dinheiro e, obviamente, está disposto a fazer qualquer coisa para consegui-lo.

— Você disse que queria um homem capaz de amá-la sem reservas — Kate lembrou à irmã. — Pelo modo como encontramos Louisa, não restam dúvidas quanto à capacidade do duque de proporcionar o que você deseja — ironizou, amarga.

— Kate! — exclamou Jenny, chocada. — Que coisa horrível para dizer na frente de Louisa!

— É a verdade — insistiu a caçula. Em seguida, parou de escovar os cabelos

de Louisa e se ajoelhou ao lado da banheira para fitá-la nos olhos. — Ele fez tudo com ardor, não fez?

Louisa sentiu o gelo que habitava suas entranhas se derreter como por encanto. As lembranças eram claras, intensas. Ainda sentia o perfume de Hawk, a intensidade de seus beijos, a urgência de suas mãos, o peso de seu corpo.

— Kate, pelo amor de Deus! — Jenny repreendeu a irmã, aflita, embora sem muita convicção. — Não é hora disso!

— Você está tão curiosa quanto eu, Jenny, não seja hipócrita!

— Posso estar curiosa, mas jamais perguntaria isso agora. Apesar de a expressão de Louisa já dizer tudo — disse, com um suspiro. — Sei muito bem que pode existir paixão sem amor.

Ao ouvir mais aquela verdade, dita sem rodeios, Louisa explodiu em lágrimas. Não tanto pelo que havia acontecido, mas porque aquilo que se passara era destinado a Jenny, e não a ela.

Capítulo XIV

— Devia ter arrumado um duque para as minhas filhas, e não para si própria!

A sra. Rose vinha espumando desde o primeiro minuto em que entrara no escritório do marido. Sabia que o duque de Hawkhurst chegaria a qualquer momento para expor suas intenções em relação a Louisa.

Não ajudava nada o fato de Louisa se sentir culpada. Não podia explicar a todo mundo que Hawk a havia confundido com Jenny na escuridão da biblioteca. Tampouco poderia confessar que não tentara demovê-lo da idéia de seduzi-la. Tinha acusado Hawk de não ter escrúpulos e, no entanto, era ela a responsável por aquela situação vexatória.

— Vamos com calma, querida — pediu o sr. Rose de trás da escrivaninha. — Afinal, a moça está sob a nossa proteção.

— Ela é uma criada paga!

— Uma dama de companhia não é exatamente uma serviçal — retrucou

Louisa, enrijecendo.

A sra. Rose parou de andar de um lado para outro.

— Quanto vocês dois se comprometeram?

— Com todo o respeito, mamãe, não estamos discutindo níveis de comprometimento aqui — interveio Jeremy, recostado à parede e com os braços cruzados diante do peito, como de costume. — Ou se está comprometido, ou não. No caso de Louisa e do duque de Hawkhurst, posso afirmar que não resta a menor dúvida quanto ao envolvimento, intencional ou não, de ambos.

— Sorte sua o fato de seu irmão ter convidado Jeremy para um drinque, menina — rosnou a mulher, venenosa. — Apesar de eu ter quase certeza de que tudo isso não passou de uma armação sua para conseguir um marido.

— Mamãe! — exclamou Jenny, exasperada. — Todos sabemos que foi uma armação, mas não era Louisa o alvo! Foi uma armadilha planejada para mim! Louisa foi vítima do duque no meu lugar!

— Infelizmente — suspirou a sra. Rose, provocando uma onda de protestos. — É óbvio que Louisa tirou vantagem da situação para garantir que o duque fosse obrigado a desposá-la. Ela sabia muito bem quais seriam as conseqüências do seu ato!

— Já basta! — Uma voz grave se fez ouvir, vinda da porta.

Louisa se pôs em pé de um salto e girou o corpo, horrorizada com o que acontecia à sua volta. Hawk estava parado sob o batente. Tinha um dos lados do rosto arroxado e o olho horivelmente inchado.

— Está falando da filha de um conde e da futura duquesa de Hawk, sra. Rose — ele declarou com segurança. — Acho melhor medir as palavras.

A expressão de Hawk fez a mulher recuar um passo.

O sr. Rose se ergueu devagar e Jeremy cerrou os punhos lado do corpo. Jenny e Kate se entreolharam, porém suas expressões não eram de espanto, e sim de satisfação. Louisa segurou-se no espaldar da cadeira e tentou recuperar o próprio equilíbrio.

— Alteza... — ela começou com voz fraca. — Temos muito que conversar.

— Sem dúvida. Mas nada do que precisamos dizer um ao outro interessa a estas pessoas. Eu lhes agradeceria se pudssemos ficar a sós.

Jeremy adiantou-se um passo.

— Não está pensando que, depois do que aconteceu na noite passada, vou permitir que fique sozinho com Louisa.

— O mal já está feito, não tem mais por que tentar protegê-la — declarou Hawk com dolorosa sinceridade. — Reparar a situação não exige nenhuma platéia.

— Você é quem pensa — rebateu Jeremy. — Não vou deixar este escritório e permitir que a importune outra vez!

— Eu já deixei claro que ela será minha esposa e duquesa, não deixei? Os termos desse acordo não são da sua conta.

— Não tenho intenção de me casar com você! — Louisa se manifestou, a voz entrecortada.

Hawk girou o corpo, visivelmente abalado com a declaração. Louisa precisou se conter para não correr para ele e beijá-lo num pedido mudo de desculpas.

— Como disse?

— Não vou me casar com Vossa Alteza.

— Por que não?

Ela caminhou na direção de Hawk, os ombros eretos.

Uma vez mais próxima, notou o corte profundo no queixo imponente. Jeremy havia feito um estrago e tanto.

Dessa vez não resistiu. Ergueu o braço e tocou a ferida de leve. Hawk ensaiou uma careta de dor, e Louisa afastou a mão, os olhos cheios de lágrimas.

— Porque não sou o que você quer — disse baixinho. — Não tenho nada. Não sou quem você esperava encontrar na biblioteca, ontem à noite. Poucas pessoas sabem o que se passou conosco, Hawk. Se conseguirem se manter discretas — Lançou um olhar para a sra. Rose —, minha reputação será preservada. Não precisa tomar nenhuma medida drástica.

— E se ficou grávida? — indagou ele, os olhos cheios de dor e preocupação.

Louisa entreabriu os lábios. Não havia pensado na possibilidade.

— Só aconteceu uma vez — respondeu, insegura.

— Nem sempre precisa haver uma segunda — declarou Hawk, amargurado.

De repente, Louisa sentiu os joelhos fraquejarem. Ele devia ter percebido, pois a amparou de imediato e a conduziu até o sofá, antes de se ajoelhar diante dela:

— Não pode ser tão inocente, Louisa.

Ela levou as mãos ao rosto, agoniada.

— Não é possível... Não pode estar falando sério!

— Louisa... — Hawk afastou uma mecha dos cabelos loiros com surpreendente ternura. — Não estou afirmando que você está grávida. Mas, e se estiver? Entende agora por que devemos nos casar?

Ela tornou a menear a cabeça.

— Só farei isso se estiver mesmo grávida — decidiu.

— Não quero esperar para saber — replicou Hawk, obstinado. — Não submeteria meu filho ou minha esposa a outro escândalo.

Louisa fitou os olhos escuros, incapaz de acreditar no que estava ouvindo. Hawk não se preocupava com sua reputação. Certamente que não. Estava pensando na possibilidade de manchar o nome de um possível herdeiro.

Sem pensar duas vezes, voltou-se para a única pessoa na sala capaz de esclarecer sua dúvida com segurança:

— Sra. Rose, por favor, me diga: quando posso ter certeza de que estou esperando um filho? Não tenho experiência nessas coisas, pois minha mãe faleceu muito cedo.

A mulher torceu os lábios finos, visivelmente incomodada com a pergunta.

— Não espera que eu lhe explique esses detalhes aqui, na frente dos cavalheiros — rosnou. — Um médico poderá confirmar sua condição em alguns meses.

Louisa respirou fundo e se voltou para Hawk. Como ele podia saber tanto a respeito daqueles assuntos? Teria engravidado outra mulher?

Ergueu o queixo de leve, numa vã tentativa de mascarar a dor que sentia.

— Ouviu o que a sra. Rose disse, Alteza. Dentro de alguns meses eu lhe darei uma resposta.

Com isso, ergueu-se, passou por ele e desapareceu porta afora, deixando para trás um silêncio mortal.

Sua mãe jamais iria perdoá-lo. Ele jamais perdoaria a si mesmo. Não queria que as pessoas soubessem a data de nascimento de seu filho, fizessem as contas e erguessem as sobrancelhas significativamente.

Engoliu o resto do conhaque e fechou os olhos ao senti-lo queimar a garganta. Tinha ido até Louisa, ajoelhara-se à sua frente, praticamente implorando que ela o aceitasse como marido. Mas ainda lhe restava algum orgulho. Havia ignorado os olhares dos Rose e se preparado para partir, mas a sra. Rose não perdera a oportunidade:

— Parece que vai continuar solteiro, Alteza — ela dissera, ousada. — Não quer se juntar a nós para o desjejum?

Hawk tinha recusado delicadamente, apesar do desgosto que sentira com o convite. Como aquela mulher podia ser tão sórdida?

Assim, havia voltado para casa, a qual já não possuía nenhum criado, a não ser um antigo valete que, por sorte, ainda possuía algumas economias. Devia estar melhor do que ele, refletiu Hawk, amargurado.

Levou a mão ao rosto ao sentir uma agulhada. Sua contrariedade, todavia, doía mais do que qualquer ferimento.

Não se conformava com o que acontecera. Se Louisa não houvesse ido à biblioteca no lugar de Jenny, ele teria conseguido manter a compostura.

Mas compostura era algo que Hawk parecia desconhecer quando ela estava ao seu lado. Ao sentir o perfume de Louisa na sala, ao reconhecer o andar delicado e discreto mesmo no escuro, não pudera resistir à tentação de tê-la novamente nos braços. O sangue em suas veias parecera ferver. A razão tinha sido sobrepujada pelo incontrolável desejo que o atormentava havia tanto tempo.

Mesmo agora, sozinho em casa, sentia o corpo arder só de pensar nela.

Serviu-se de mais conhaque e entornou o cálice. Só poderia haver uma explicação para a sua atração por Louisa. Precisava conquistá-la definitivamente. Ela o rejeitara na frente de todos, e aquilo havia ferido seu orgulho.

Louisa o estava levando à loucura. Ele a possuía e, mesmo assim, ao entrar no escritório dos Rose, nada ao redor tinha chamado mais sua atenção do que a presença de Louisa: seu perfume, os cabelos longos e loiros amarrados com uma fita de veludo, os olhos ainda vermelhos e uma noite passada em claro e aos prantos.

Quando ela lhe tocara o rosto, a dor havia sido imediatamente substituída pela vontade de tomá-la nos braços.

Jeremy Rose agira corretamente ao se recusar a deixar a sala. Do contrário, Hawk seria capaz de amá-la outra vez ali mesmo, pois, apesar da intensidade com que fizeram amor na noite anterior, não tinha sido como ele sempre imaginara.

Se conseguisse tê-la mais uma vez, seria muito diferente, sem pressa, e de uma maneira tal que jamais sentiria aquela urgência de possuí-la de novo.

Era isso. Só mais uma vez e Louisa estaria fora de sua vida para sempre.

O problema era que, diante do que ela dissera na casa dos Rose, aquela possibilidade era nula.

Hawk enchia novamente o cálice vazio, nervoso, quando ouviu passos. Quem seria a uma hora daquelas?, pensou, ainda que sem se admirar. Como já não tinha mais criados, era normal que os amigos o visitassem a seu bel-prazer.

Ao vislumbrar a figura discreta de Falconridge, Hawk apontou o aparador com um gesto de cabeça.

— Pegue um cálice.

As palavras, um pouco embaralhadas, não surpreenderam nem a ele próprio. Quanto teria bebido, afinal?

— O que aconteceu com o seu rosto?

— Eu o bati contra um punho fechado. Duas vezes.

— Então é verdade.

Hawk virou a cabeça e tentou focar o amigo, sem muito sucesso.

— Como assim? O que ficou sabendo?

— Que comprometeu Louisa e agora vai ter de se casar com ela.

— Foi Ravensley quem lhe contou?

— Não. Ouvi essa história no clube. Já estão correndo até apostas para a data do casamento.

Hawk endireitou o corpo rápido demais. Sentiu a cabeça rodar e se segurou na borda do sofá, enjoado.

— Estão falando dela no clube?!

— Estão.

Ele apoiou os cotovelos sobre os joelhos e enterrou o rosto nas mãos.

— Como ficaram sabendo?

— Não tenho a menor idéia.

— Ravensley. Só pode ser!

— Por que ele envolveria o melhor amigo e a irmã em um escândalo?

Hawk ergueu a cabeça e tentou sustentá-la com dificuldade.

— Só Alex e os Rose souberam do que aconteceu. Eu disse a Ravensley, esta manhã, que a pediria em casamento. Mas Louisa me rejeitou, Falcon. Alex seria o único a ganhar com essa história.

— Não quero ofendê-lo, mas não vejo como ter você por cunhado pode ser considerado um ganho.

— Se eu me casar com Louisa, estarei definitivamente fora da jogada na corrida por Jenny Rose — Hawk explicou com um suspiro.

Falconridge deixou escapar uma risada seca.¹⁷⁴

— Não pode estar falando sério.

— Não existe outra explicação para o que aconteceu. Hawk deixou pender a cabeça no encosto do sofá. — É incrível o que se é capaz de fazer por dinheiro.

— Ele voltou!

Louisa ergueu a cabeça. Ao ver Jenny parada à porta, abandonou a lista de pretendentes que segurava.

— Quem?

— O duque de Hawkhurst. Acho que veio pedir sua mão outra vez.

— Por que faria isso? — Ela se desesperou.

— Porque quer falar com você de qualquer jeito e trouxe um pacote.

— Diga a ele que não estou. — Louisa tornou a fitar os nomes na lista, sem, no entanto, enxergá-los. Para sua imensa surpresa, a sra. Rose não a dispensara de seus serviços e ela ainda tinha uma série de compromissos agendados com as meninas para a semana seguinte.

— Acho que devia ouvir o que ele tem a dizer.

— Por quê? — Louisa obrigou-se a fitar a jovem. — Já deixei clara minha posição.

— Por que seria tão ruim aceitar a proposta do duque?

— E casar-me com um interesseiro? Hawkhurst já deixou bem claro que só lhe interessa o prazer da conquista. Pois bem, já caí na armadilha dele. E sem nem mesmo ser a presa certa. Não tenho por que continuar a entretê-lo.

— Não creio que o duque seja tão mau assim — opinou Jenny, sincera. — Vi como olha para você.

— Como ele olha para mim? — Louisa deixou escapar uma risada desprovida de humor. — Hawkhurst me enxerga apenas como a irmã mais nova e irritante de um amigo, Jenny, nada mais. Ou melhor, de seu ex-amigo, ainda que Alex não me pareça muito tocado com o que aconteceu. Se não fosse pela solidariedade de seu irmão, eu teria continuado lá, feito uma idiota. Isso é uma das coisas que mais me doem, se quer saber.

— Eu também esperava mais de Alex — Jenny confessou com uma voz estranha. — Receio ter uma ponta de culpa nessa história toda, mas não sei exatamente por quê. Seu irmão me contou quais eram os planos de Hawkhurst. Sabia que eu não tinha a menor intenção de ir à biblioteca, por isso não tenho idéia por que a mandou me socorrer, se eu não estaria em perigo.

Uma onda de dor e decepção invadiu Louisa. De repente, tudo ficou muito claro em sua mente. Alex a havia traído mais do que ela imaginara! Mas por quê? Aquilo não fazia sentido.

— Eu não a vi no salão, Jenny, e entrei em desespero — contou com voz fraca.

— Preciso admitir que tenho um fraco por esses momentos de emoção. O duque é um homem extremamente viril e eu fiquei tentada a experimentar o que ele oferecia. Mas foi só isso, Louisa. Para não cair em tentação, pedi a Falconridge que me acompanhasse em um passeio pelo jardim.

— Devia ter me falado.

— Devia, eu sei. E sinto muito por não ter dito nada, mas pensei que não ir à biblioteca fosse pôr um fim ao assédio de Hawkhurst.

— Não queria que ele a assediasse e, mesmo assim, acha que ele devia se casar

comigo? — indagou Louisa.

— Como eu disse, o duque olha para você de um modo diferente. Sinceramente, não devia ignorar os sentimentos dele. Hawk lhe trouxe um presente, Louisa. É tão... romântico!

— Nada do que ele disser vai me fazer mudar de idéia.

— Então, que mal há se for vê-lo?

O mal era que, assim, Hawk podia fazê-la baixar a guarda.

Não. Ela precisava ser forte. E seria forte.

— Muito bem. — Louisa ergueu-se e acompanhou Jenny escada abaixo, até o vestíbulo. Jeremy, que parecia ter assumido definitivamente o posto de seu protetor, encarava o duque com olhar de desafio.

Louisa sentiu o coração se apertar. Os hematomas no rosto de Hawk pareciam ainda mais escuros, e o olho, mais inchado. Ao reconhecer o pequeno saco de papel que ele tinha nas mãos, indagou:

— No que posso ajudá-lo, Alteza?

— Vim lhe trazer um regalo. — Os olhos escuros a fitaram, ansiosos. — Posso?

Ela hesitou apenas um segundo antes de aceitar o pacote da confeitaria.

— Bombons de conhaque?

Hawk ensaiou um sorriso, que logo se transformou em uma careta de dor.

— Caramelos — murmurou e levou a mão ao rosto. Louisa franziu a testa de leve ao notar o sofrimento dele.

— Os ferimentos não estão muito melhores.

Hawk lançou um olhar a Jeremy.

— Serviram bem ao seu propósito — admitiu com um suspiro. — Aceitaria dar um passeio pelo jardim? Eu gostaria de conversar com você.

— Jeremy e eu faremos as vezes da dama de companhia — declarou Jenny.

— Não preciso de dama de companhia. — Louisa riu, sem vontade.

— Precisa, sim — declarou o rapaz. — Ao menos ao lado de tipos como ele.

Ela revirou os olhos.

— Está bem. Vamos todos, então — suspirou e rumou para o jardim, seguida de perto pelos três.

Hawk não lhe ofereceu o braço e preferiu caminhar com as mãos entrelaçadas às costas. Anoitecia, e as lamparinas a gás criavam uma atmosfera aconchegante em meio às árvores e arbustos.

Louisa lembrou-se da primeira vez em que ele a beijara e estremeceu.

Caminharam em silêncio por algum tempo, até que Hawk o rompeu:

— Parece que o encontro que tivemos na biblioteca se tornou o assunto preferido nas rodas de Londres.

Ela estacou, lívida.

— Você contou a mais alguém?

— Não contei a ninguém. Mas Falconridge ouviu rumores.

Louisa levou as mãos ao rosto, mortificada.

— Também estou perplexo — admitiu Hawk com um suspiro.

Ela o encarou, altiva.

— Rumores não vão mudar nada entre nós.

— Claro que vão. Sua reputação está em jogo, Louisa.

— Isso só faria diferença se eu me importasse.

— Eu me importo! — ele exclamou, estranhamente transtornado.

Jeremy avançou um passo, e Louisa fez um sinal com a mão, impedindo-o de se aproximar.

— Está tudo bem — disse.

— Dirija-se a ela com respeito — rosnou o rapaz, seus olhos fixos nos do duque.

— Fique tranqüilo. Só estou tentando fazer Louisa entender meu ponto de vista. — Tornou a se concentrar nela. — Há menos de um mês, você estava preocupada em me indicar como marido às suas protegidas e colocar seu nome em risco. Como pode dizer que não se importa agora? Acha que vai conseguir outro trabalho como este se for dispensada? E mesmo que o nosso ato não tenha arruinado em definitivo a sua carreira de dama de companhia, como podemos ficar de braços

cruzados quando o nosso erro pode afetar a vida de nosso filho? Se nos casarmos imediatamente, podemos limitar os danos, Louisa.

— Nosso filho...

Ela deixou escapar uma risada seca e cruzou os braços diante do peito, abismada.

— Já parou para pensar que, se eu não estiver grávida, estaremos ambos condenados a uma vida de infelicidade?

Hawk a segurou pelo queixo com delicadeza e a obrigou a fitá-lo nos olhos.

— Estaremos... não, já estamos. A menos que tomemos uma atitude. Pense bem, meu comportamento pôs a perder minha própria reputação. Não serei mais bem-vindo à casa de qualquer família. Pelo contrário. Estou definitivamente rotulado como você mesma me via: indigno de me tornar marido de qualquer mulher, muito menos de uma herdeira. E receio que, muito em breve, Louisa, você também não possa mais gozar da sua recém-adquirida independência. Quando esses rumores chegarem aos ouvidos da sra. Rose, duvido que ela não vá dispensá-la.

— Odeio dizer, mas receio que ele tenha razão — interveio Jeremy, aproximando-se.

Hawk suspirou, aliviado com o apoio.

— Se isso tudo se concretizar, não vai conseguir trabalhar como dama de companhia de mais ninguém.

Louisa pendeu a cabeça e tentou controlar uma onda de desespero.

Claro que não. Estaria arruinada profissional e moralmente.

Pior era pensar que não conseguiria mais viver sob o mesmo teto que o irmão. Alex sabia que ela estaria na biblioteca e, mesmo assim, levava Jeremy até lá. Por quê?, perguntou-se pela milésima vez, angustiada.

Sem trabalho, não teria dinheiro. Seu destino, portanto, seria o meio da rua. E se ainda estivesse grávida...

— Você não me ama, Hawk — declarou com voz embargada, sem saber o que pensar ou como agir.

— Amor nunca foi requisito para um bom casamento.

— Pode nunca ter sido para você. Ou para Jenny, que prefere a paixão.

Ele lançou um olhar para os dois irmãos, que continuavam atentos a todas as palavras, e soltou um suspiro.

— Não digo que será fácil, pois não será — prosseguiu em voz baixa. — Não digo que é o que eu quero, pois não é. Mas você pode dizer o mesmo, Louisa. É óbvio que nunca desejaria se casar comigo.

Os olhos de Louisa pousaram nos de Hawk, cheios de dor.

— Nas últimas semanas, aprendi a admirar sua determinação, ainda que não concorde com os seus métodos — confessou ela. — Você possui uma força de vontade que, acredito, seria útil e bem-vinda em qualquer casamento. E tenho consciência de que eu ganharia mais com esse arranjo do que você, Hawk, por isso garanto-lhe que não seria obstáculo para qualquer objetivo que você desejasse perseguir. Um momento de fraqueza meu também foi responsável por tudo o que está acontecendo conosco. Se eu tiver de passar o resto da vida pagando pelo meu erro... que seja.

Hawk absorveu as palavras em silêncio, depois se apoiou sobre um joelho e tomou-lhe a mão.

— Case-se comigo, então, Louisa — pediu num murmúrio. — Dê-me a honra de me tornar seu marido.

As lágrimas a cegaram por um instante, depois desceram, livres, pelo rosto pálido. Louisa fechou os olhos. Por que tinha de ser assim? Um homem orgulhoso como o duque de Hawkhurst de joelhos, na frente de estranhos, implorando por desposá-la.

Meneou a cabeça devagar e aceitou a proposta em silêncio.

Hawk recostou a testa na mão dela.

— Obrigado.

Com a mão livre, Louisa tocou os cabelos castanhos e fartos. Tudo ficaria bem. Tinha de ficar bem...

Capítulo XV

— Vou me casar com Hawk.

Alex recebeu a notícia em silêncio. Tinha as roupas amarrotadas, uma perna sobre o braço da poltrona, a outra esticada à frente do corpo. Mal erguera a cabeça quando sua irmã havia se aproximado.

— Está cheirando como uma cervejaria.

— Como sabe a que cheira uma cervejaria, maninha?

Louisa ignorou a provocação.

— Precisa tomar um banho.

— Não tenho mais nenhum valete. Os criados me abandonaram.

— Pobre Alex! Continua esperando que as coisas caiam do céu. Será que não percebe que é você quem tem de assumir as rédeas da su...

— Eu já assumi as rédeas da minha vida! — explodiu ele, pondo-se em pé por um instante, para desabar na poltrona logo depois, completamente tonto.

— É mesmo? E o que fez?

Alex desviou seu olhar do de Louisa e o fixou em um ponto qualquer.

Ela sentiu o sangue abandonar-lhe o rosto ao perceber que seus receios tinham fundamento. Aproximou-se do irmão, resabiada.

— Você fez mais do que me trair levando Jeremy até a biblioteca. Espalhou a notícia, não foi, Alex?

— Hawk me contou que você havia se recusado a casar com ele.

— Por que era tão importante para você que eu me casasse com Hawk?

— Era importante que ele não se casasse com Jenny.

Louisa se viu tomada por um misto de raiva e tristeza.

Amava o irmão, e ele a traía como ela jamais teria coragem de fazer. Alex fora a única certeza em sua vida, porém colocara as próprias necessidades acima de tudo.

Por um instante, teve vontade de esmurrá-lo, de feri-lo como ele a tinha ferido.

— A sra. Rose quer um título para as filhas — prosseguiu, controlada. — Se o Príncipe das Trevas bater em sua porta, ela é capaz de permitir que ele se case com uma das meninas. Mas jamais as deixará desposar um conde.

— Ela não terá escolha se restar apenas eu — retrucou Alex com voz pastosa.

— Como pode ser tão ambicioso a ponto de arruinar minha reputação e me obrigar a casar com um homem que passei a vida desprezando?

— Tem uma maneira muito peculiar de demonstrar seu desprezo por Hawk... Santo Deus, Louisa, vai me dizer que não estava gostando do que aconteceu na biblioteca?

O tapa ressoou no silêncio da sala.

— Por quem me toma? — Louisa disse, entre dentes, os olhos marejados. - Como ousa me censurar quando vive na devassidão?

— E quem você acha que me ensinou a viver assim?

Por que Alex desejava tanto feri-la? Onde estava o irmão que ela adorava? O que acontecera, afinal, para que ele se revelasse tão frio e manipulador, enquanto Hawk se mostrara tão solidário e honrado a ponto de desposá-la para tentar salvar sua reputação? Como podia ter julgado aqueles dois tão erroneamente?

— Tenho pena de você, Alex.

Ele soltou uma risada seca.

— E eu, de nós dois.

Enquanto o coche percorria a estrada acidentada, Hawk percebeu que a esposa alisava o dedo da mão esquerda com um gesto nervoso. O mesmo dedo em que agora havia uma aliança de ouro.

Não se lembrava de ter participado de um evento tão sombrio. A cerimônia de casamento acontecera em uma pequena capela, na presença apenas de Jenny, Kate, Jeremy Rose e Falconridge.

Observou o vestido cor de gelo que a cobria do pescoço até a ponta dos pés. Nada no modelo sóbrio poderia despertar seu desejo, a não ser o fato de ser ela a trajá-lo.

Gostaria de ser ele a seda a tocar aquela pele, pensou incoerentemente, e fechou os olhos, abismado consigo mesmo. Como podia desejar Louisa com tanta intensidade.

— Se continuar esfregando o dedo assim, vai abrir um buraco na luva — tentou fazer graça e romper o silêncio. Louisa baixou a cabeça.

— Tudo aconteceu tão rápido... Ainda não consigo acreditar.

— Sinto muito por seu irmão não ter comparecido. Ela ergueu os olhos claros e o fitou.

— No fundo, acho que foi bom. Estou magoada demais com Alex. Ele teve a intenção de nos arruinar, Hawk. Que tipo de homem faz isso com a irmã e o melhor amigo?

— Um homem desesperado. Louisa baixou os longos cílios.

— Fala como se aprovasse o que meu irmão fez.

— Não. De maneira alguma. Mas posso compreender em parte, pois agi da mesma forma quando pensei em seduzir Jenny.

— Alex também queria Jenny, sabia?

— Assim como Falconridge. E Stonehaven. E Pemburton. Eu sabia que ela não tinha intenção de casar nesta temporada, por isso tentei tomar uma atitude drástica. Sinto dizer, mas foi uma idéia infeliz confiar no seu irmão.

— Alex estava péssimo na última vez em que o vi. Estou magoada com ele e, ao mesmo tempo, preocupada.

— Ele vai se sair bem. E agora que está casada comigo, você terá muitas outras coisas com que se preocupar.

Louisa tornou a apertar os dedos, nervosa.

— Alex é seu amigo há tanto tempo e nunca freqüentou a sua casa ou comentou sobre ter conhecido sua mãe — disse, querendo mudar de assunto.

— Minha mãe vive reclusa. Não gosta muito de se expor.

— Espero não incomodá-la com a minha presença, então.

— Minha casa será a sua casa agora. Precisa ficar à vontade.

Louisa suspirou longamente.

— Como acha que sua mãe vai reagir quando souber do nosso casamento?

— Ela queria me ver casado já havia algum tempo. Aposto que vai ficar feliz.

— Mas como reagirá quando souber que está casado comigo?

— Vai adorar.

Os olhos azuis o fitaram, inseguros.

— Vai adorar saber que nos casamos por causa de um escândalo e que eu não

trago comigo nenhum dote?

— Não tem mais aquelas cinco libras?

O pânico que se estampou no rosto de Louisa foi tal que Hawk a tocou no braço de leve, arrependido.

— Ei, eu não quis assustá-la, só estava brincando. — Acariciou-a no rosto. — Não a vejo sorrir há muito tempo.

Ela fechou os olhos.

— Não tenho muito do que sorrir. Você queria uma esposa rica e tudo que consegui foi uma mulher com, no máximo, cento e oito libras.

— Cento e oito libras?!

— Eu devia ter lhe contado antes: os Rose nos deram cem libras como presente de casamento.

Hawk entreabriu os lábios, perplexo.

— Nunca imaginei, eu...

— Na certa, foi idéia de Jenny e Kate. Não acredito que a sra. Rose tivesse uma atitude tão nobre..

— Jeremy Rose também deve ter colaborado — disse Hawk com uma ponta de ciúme. — Nunca escondeu o carinho que tem por você.

Louisa ensaiou um sorriso, como se houvesse se lembrado de alguma coisa, e Hawk sentiu um aperto no estômago.

— É da natureza de Jeremy ser generoso.

— E qual é a sua opinião sobre a minha natureza? Louisa lançou um olhar rápido na direção do marido.

— Perigosa — confessou. Depois virou-se para o outro lado e fitou a paisagem pela janela. — Sempre me senti vulnerável na sua presença, como se você fosse alguma espécie de predador.

Hawk não tinha certeza se aquilo era um elogio ou um insulto. Provavelmente um insulto, concluiu. Soltou uma risada.

— Qual é a graça? — Ela se voltou. — Eu bem que estou precisando rir um pouco.

— Eu só estava me lembrando daquela noite, na biblioteca da sua casa, quando proclamou que eu não era digno de me casar com uma das Rose. Parece que me conhece melhor do que eu mesmo.

— Não sei se o conhecia tão bem assim — confessou Louisa, em voz baixa. — Uma das razões pelas quais decidi ir à biblioteca de Pemburton naquela noite, além de tentar proteger Jenny, foi lhe dizer que não seria necessário tomar uma atitude tão drástica. E que eu estava pensando, inclusive, em aconselhar Jenny a aceitar a sua corte.

Hawk a encarou, estupefato.

— E o que a fez mudar de idéia? — perguntou e viu o sangue tingir as faces de Louisa.

— Esqueci tudo o que ia dizer quando você me beijou daquele jeito.

— Não precisa me lembrar do modo como perdi o controle, Louisa. O que a fez mudar de opinião sobre mim?

— Não sei. Acho que... Acho que comecei a me sentir pudica demais. — Ela baixou os olhos. — Jeremy Rose também passa as noites bebendo, fumando. Mas ainda assim, provou ser uma boa pessoa. Comecei a pensar que, talvez, eu tivesse sido dura demais com você. — Fitou-o de soslaio. — Além disso, você me faz rir.

— Eu? — Hawk sorriu, incrédulo. Sempre se orgulhara da própria capacidade de despertar paixão nas mulheres, e agora Louisa passara a vê-lo com outros olhos por causa de seu humor?

Ela sorriu de volta, tímida.

— Não acreditei na sua imaginação quando me contou aquelas mentiras sobre os outros lordes. — Inclinou o rosto de leve para fitá-lo. — Alguma daquelas histórias era verdadeira?

— Não.

— Eu sabia. — Louisa virou o rosto, dessa vez com um sorriso nos lábios.

Hawk pensou em confessar que inventara aqueles absurdos apenas para vê-la rir. Mas, no fim, assim como ela, limitou-se a fitar a paisagem pela janela.

A casa de Hawk era maior do que muitas que Louisa já vira. Sólida e bastante ampla, a considerar pelas três fileiras de janelas. Com a ajuda do marido, ela desceu da carruagem, os lábios entreabertos de surpresa. Os jardins eram enormes e

extremamente bem cuidados. Arbustos viçosos ladeavam a trilha que levava à imponente porta. Tudo ali exalava grandeza.

— Pelo visto, não precisou dispensar o jardineiro — concluiu, sincera.

— Denby não sairia daqui por nada deste mundo. E o responsável por esta maravilha desde o início, e se recusou a nos deixar, apesar de não termos mais condição de lhe pagar um bom salário. Felizmente, afirma que este jardim é sua vida.

— Ele é um homem de sorte, ou sábio, por encontrar a felicidade em coisas tão simples.

— Verdade. Venha... — suspirou Hawk. — Quero apresentá-la à minha mãe.

Louisa tentou se manter serena, mas não conseguiu. Conhecer a sogra lhe parecia tão desafiador quanto na ocasião em que precisara encarar a entrevista com a sra. Rose.

— Como ela é? — indagou, caminhando de braços dados com o marido, tensa.

— Tranqüila e gentil. Louisa mordeu o lábio.

— Sua mãe vai pensar mal de mim quando souber o motivo pelo qual nos casamos.

Hawk apertou-lhe a mão, solidário.

— Minha mãe não é do tipo que costuma julgar os outros. — Parou e abriu a pesada porta. — Desculpe, mas já não temos mordomo.

Ao perceber o pesar na voz dele, Louisa sentiu pena. Não devia ser fácil para um nobre como o duque de Hawkhurst admitir seu fracasso financeiro.

— Antes de me mudar para a residência dos Rose, passei um tempo por conta própria. Estou acostumada — garantiu, passando por ele para entrar no enorme vestibulo.

Estacou, maravilhada. A escadaria para o andar superior partia de ambos os lados. Retratos de ancestrais e imensos vasos de flores adornavam cada canto.

— Meu Deus... Há mais flores aqui dentro do que lá fora!

— Minha mãe ama as flores. É como se tivesse encontrado conforto nelas.

— São maravilhosas.

— Faz questão de cuidar ela mesma dos arranjos. Louisa caminhou até um dos

vasos e cheirou as pétalas.

— Que lindas! De que espécie são estas?

— Não tenho a menor idéia. — Hawk sorriu, satisfeito. — Vai ter que perguntar a ela.

— Que bom! — Louisa girou o corpo para encará-lo. — Assim, teremos muito que conversar. Eu também adoro flores. É sempre difícil quebrar o ge...

— Hawk! Que bom que chegou!

Observou, surpresa, quando uma linda jovem descalça e trajando um vestido azul muito simples entrou correndo no hall e parou a meio metro dele, os olhos castanhos arregalados.

— O que foi isto no seu rosto?! — Tocou os ferimentos, cuja aparência ainda não era das melhores.

— Eu não prestei atenção para onde estava indo... — elaborou Hawk, lançando um olhar para a esposa.

— Ainda dói?

— Não muito.

— Não imaginamos que fosse voltar para casa tão cedo. Podia pelo menos ter mandado uma mensagem, assim estaríamos preparadas.

— Eu trouxe uma surpresa. — Ele estendeu a mão na direção de Louisa e ensaiou um sorriso.

Ela aceitou a mão, hesitante, ainda sem imaginar quem poderia ser a garota. Ao sentir os dedos quentes se fecharem em torno dos seus, relaxou.

— Permita-me apresentar minha amada irmã, Caroline.

Louisa precisou se conter para não arregalar os olhos. Em vez disso, abriu um sorriso e fez uma mesura.

— É um prazer, lady Caroline.

— Apenas Caroline — corrigiu Hawk. Louisa meneou a cabeça, confusa.

— É um prazer.

— Caroline — prosseguiu ele, grave —, quero que conheça a minha duquesa.

Foi a vez de a garota arregalar os olhos, boquiaberta.

— Então deve ser Jenny Rose. Hawk me falou tanto a seu respeito! Ele bem disse que era lind...

— Ela não é Jenny Rose, Carol — Hawk a interrompeu com cuidado. — É lady Louisa, filha do conde de Ravensley.

A irmã dele levou a mão à boca, mortificada.

— Perdão, eu...

— Não se aflija — Hawk a tranqüilizou, carinhoso. — Fui eu que não fiz a apresentação como devia.

— Estão casados? Porque se ela é a sua duquesa...

— Sim, nos casamos há poucas horas, na verdade.

— Céus... Mamãe vai cair de costas!

— Com certeza. — Hawk lançou um olhar preocupado na direção de Louisa ao perceber-lhe a aflição. — Por sinal, onde ela está?

— Denby a levou para ver uma nova espécie de flor que brotou no fundo da propriedade. Devem chegar a qualquer momento.

— Quando mamãe chegar, então, diga-lhe que estou na biblioteca e que preciso falar com ela. Enquanto isso, vocês duas podem se conhecer melhor. Louisa entreabriu os lábios, em pânico, ao vê-lo se afastar a passos largos e desaparecer corredor adentro. Caroline apertou as mãos, nervosa.

— Sinto muito havê-la confundido com a outra moça — desculpou-se, acabrunhada.

Apesar da dor em saber que Hawk fizera comentários a respeito de Jenny com a irmã caçula, Louisa abriu um sorriso.

— Não precisa se desculpar. Jenny Rose é realmente muito bonita. Não era à toa que seu irmão sempre lhe falava dela.

— Na verdade, ele só comentou sobre Jenny uma vez, depois daquele primeiro baile. — Caroline deu de ombros. — Ainda não sei ao certo por que, mas estou feliz que tenham se casado. Hawk tem estado muito sozinho.

— Ele disse isso?

— Não, meu irmão nunca se abre. Mas eu sei. As vezes ele fica parado, olhando para o nada. Você tem irmãos?

— Tenho... um. Ele e Hawkhurst são amigos. Ou eram amigos — corrigiu-se, aborrecida. Era estranho pensar que nunca mais poderia vê-los juntos.

— Ainda estou surpresa com tudo isso. — Caroline sorriu. — Que tal darmos um passeio para conhecer o solar?

Louisa tocou a jovem no braço, tímida.

— Talvez mais tarde. Eu queria conversar um pouco com seu irmão, se não se incomodar.

— Você o ama tanto assim que não consegue ficar um minuto longe dele? — A jovem riu, divertida.

Louisa tentou rir também, sem muito sucesso.

— Quem sabe...

Mal Hawk havia tocado o cálice de conhaque, Louisa irrompeu biblioteca adentro feito um furacão. Ele não estava acostumado a ver suas atitudes questionadas, mas ela parecia ter o dom de fazê-lo a cada instante.

— Nunca lhe ocorreu que eu deveria saber que tem uma irmã? — indagou de chofre.

Hawk piscou, confuso.

— Eu a apresentei a Caroline tão logo ela surgiu no hall.

— Ah, claro... — Louisa se apoiou na escrivaninha com ambas as mãos.

Ele observou, fascinado, o rosto dela mudar do branco para o vermelho, depois novamente para o branco, feito um caleidoscópio.

— Eu agradeceria se tivesse me avisado com antecedência, para que não tivesse ficado parada lá, feito uma idiota, na frente dela.

— Você não se portou como uma idiota. Lidou com a situação com admirável tranquilidade, aliás. Caroline era quem deveria ter sido avisada. Por sinal, peço desculpas por ela...

— Não pode se desculpar pelas faltas dos outros, quando não se desculpa nem mesmo pelas próprias — Louisa o interrompeu, ácida. — E não queira mudar de assunto.

Hawk cruzou os braços diante do peito, abismado.

— Saber da existência de Caroline teria influenciado na sua decisão de se casar comigo, por acaso?

— Não.

— Então, não vejo por que tanta celeuma. Louisa estreitou os olhos.

— Alex sabe que você tem uma irmã?

— Não.

— Mas ele já esteve aqui, não esteve? Hawk respirou fundo.

— Quando temos visitas, costumamos enviar Caroline para outra propriedade — confessou, em voz baixa. — Quase ninguém sabe a respeito dela. Louisa o fitou, perplexa.

— Por que não?

— Porque não há necessidade.

— Como "não há necessidade"? Vocês têm vergonha de sua irmã?

Hawk sentiu o peito se apertar.

— Não.

— Então, para que tanto segredo? — Louisa abriu os braços, inconformada.

Ele comprimiu os lábios. Como poderia explicar o inexplicável?

— Só estamos tentando protegê-la.

Louisa deu a volta na escrivaninha e parou diante do marido, sem deixar de fitá-lo um só instante.

— Não seria mais fácil se dissesse a verdade de uma vez?

— Não sei do que está falando. — Hawk cerrou o maxilar.

— Estou falando de sua irmã. É óbvio que você esconde alguma coisa.

Ele respirou fundo. Chegara a pensar em mandar Caroline para outro lugar ao decidir procurar uma esposa, mas não poderia escondê-la para o resto da vida.

— Não sei bem aonde quer chegar.

— Quero que me fale sobre sua irmã, Hawk, sem eu ter de arrancar as coisas de você, como se fosse um baú velho com uma fechadura enferrujada!

Os lábios dele se curvaram de leve.

— Um baú velho?

Louisa soltou o ar, exasperada.

— Metáforas não são o meu forte, muito menos quando estou nervosa. Primeiro você me atíça a curiosidade com os seus enigmas, depois se fecha como um túmulo!

— Não tenho o hábito de discutir meus problemas de família com...

— Estranhos? Era isso o que ia dizer?

— Com ninguém — corrigiu Hawk, enfático.

— Hawkhurst...

Ele a deteve com um gesto de mão.

— Em primeiro lugar, me chame de Hawk, e não de Hawkhurst.

— Não queira mudar de assunto outra vez. Conte-me tudo a respeito de Caroline!

Ele entreabriu os lábios, depois tornou a fechá-los. Não se lembrava de ter lidado com nenhuma mulher tão difícil até então. Como fora se interessar por Louisa?

— Está bem — suspirou. — Quer que o velho baú se abra... Pois que seja. Você a conheceu, Louisa, viu como ela é inocente. Caroline acabou de fazer dezessete anos. Nasceu cinco anos depois de meu pai ter falecido. Não sei quem é o pai dela. Minha mãe se recusa a falar no assunto. Talvez porque saiba que, se eu conhecesse a identidade dele, poderia matá-lo por havê-la seduzido e abandonado. Os anos se passaram e continuo a desprezar, a abominar, um homem que não passa de uma sombra. —Correu os dedos pelos cabelos fartos. — Até onde sei, o pai de Caroline está morto. E, se é assim, espero que tenha tido um fim sofrido.

Louisa endireitou os ombros, chocada com a força das palavras, e Hawk se perguntou o que ela estaria pensando.

— Foi por causa da má sorte de sua mãe que você insistiu em se casar comigo? Para que eu não incorresse no mesmo erro?

— Dezessete anos, Louisa... Dezessete anos e minha mãe nunca mais pisou em Londres. Por todo esse tempo, tenho pagado pelo camarote, na esperança de que um dia ela volte à ópera. Minha mãe se recolheu a um mundo que não passa do seu

jardim, da sua filha e, ocasionalmente, do seu filho. Acha mesmo que você conseguiria sobreviver na sociedade londrina depois do que aconteceu conosco? Sei que não tem nenhum apreço por mim ou pela vida que levo, mas eu lhe garanto: posso até deixar uma mulher... mas não a abandono.

— Então se casou comigo também para impedir que a história de sua mãe se repetisse de alguma forma. E queria se casar com Jenny Rose por causa de Caroline.

— O dinheiro pode ser muito útil numa hora dessas. Quando voltarmos a Londres, verá que temos poucas propriedades lá, agora. Vendi tudo que pude. — Hawk caminhou até a janela e fitou o jardim. — De uma certa maneira, o fato de minha mãe não querer voltar à capital foi uma bênção. Ela é tão inocente quanto Caroline em se tratando de algumas coisas. Eu não me importo com objetos. Não me importo que os meus bens estejam quase em ruínas. Não me importo em passar frio no inverno porque minhas roupas estão puídas. Mas não quero ver Caroline mal falada. Não quero vê-la desprezada. — Engoliu com dificuldade. — Eu queria que os homens a cortejassem, ansiosos por se casar com ela. Compare sua experiência com a das irmãs Rose, Louisa, e diga-me se dinheiro não faz diferença.

— Eu não posso fazer isso.

— Eu sei. Foi só uma figura de retórica.

— Não devia ter se casado comigo, Hawk.

Ele se voltou devagar e seu olhar pousou no de Louisa, tristonho.

— Essa obrigação me foi imposta no momento em que você entrou na biblioteca de Pemburton.

Hawk percebeu que ela ia dizer mais alguma coisa, mas, antes que pudesse se pronunciar, ouviram uma voz suave:

— Hawk!

Ele se virou para a porta e sorriu.

— Olá, mamãe.

Com o rosto iluminado por um sorriso, Caroline vinha logo atrás da duquesa, ansiosa por dar ela mesma as últimas notícias.

— O que aconteceu com o seu rosto?! — perguntou a senhora, de cenho franzido.

— Ele trombou com uma porta — explicou Caroline. — Acredita em uma coisa dessas?

— Não. Não acredito — replicou a mulher, enquanto o examinava com cuidado. — Caroline disse que você tem uma surpresa para mim...

Somente no instante em que Louisa se moveu, nervosa, a duquesa pareceu notar sua presença. Franziu a testa, visivelmente incomodada. Caroline se adiantou um passo.

— Eu não disse nada à mamãe, assim você teria a chance de fazer as apresentações como se deve, desta vez — provocou, travessa.

— O que está acontecendo, afinal? — A duquesa olhou de um para outro, preocupada.

— Não é nada, Vossa Alteza — minimizou Louisa, antes que Hawk tivesse a oportunidade de se explicar. Fez uma leve mesura. — Sou lady Louisa Wentworth, ou ao menos era até Hawkhurst me dar a honra de se tornar meu esposo, esta tarde.

A mulher se virou para o filho, boquiaberta, e Louisa pôde interpretar o choque e as dúvidas que ela não ousou verbalizar.

— Ora essa... — A duquesa ensaiou um sorriso trêmulo. — Se é assim, permita-me a honra de lhe dar as boas-vindas à nossa família. — Colocou as mãos sobre os ombros de Louisa e a beijou no rosto. — Seja bem-vinda, minha querida — murmurou, ainda que a mensagem lançada ao filho com o olhar fosse clara: "O que foi fazer da sua vida?".

Capítulo XVI

Algum tempo depois, Hawk encontrou a mãe no jardim com a cesta de vime dependurada no braço, como de costume, e Denby a seu lado, colhendo flores. Ao vê-lo se aproximar, ela dispensou o jardineiro, que endireitou o corpo com um sorriso.

— Ouvi dizer que devo lhe dar os parabéns, Alteza.

— Sim, obrigado.

— Se sua esposa tiver gosto por alguma flor em especial, por favor, diga e eu a cultivarei no jardim.

— Muito grato. Louisa vai adorar saber disso.

Denby fez uma medida e se afastou com as tesouras. A duquesa acariciou uma pétala entre os dedos, parecendo um pouco tensa.

— Estou fazendo um arranjo para colocarem no quarto de sua esposa, ao lado do seu. É lá que ela vai dormir, não é?

— Sim, Louisa já está desfazendo as malas. Ela anuiu em silêncio, os olhos fixos nos dele.

— Esse casamento não estava programado, estava?

— Não. — Hawk limpou a garganta. — Louisa e eu fomos descobertos em uma situação... comprometedora.

A duquesa meneou a cabeça, pensativa.

— Então, presumo que *a porta* contra a qual bateu o rosto era a mão do irmão de Louisa.

— E a de Jeremy Rose. Ela franziu o cenho.

— Por acaso esse Jeremy é parente da jovem com a qual pretendia se casar?

— Sim. Ele é irmão de Jenny.

A duquesa deixou escapar uma exclamação abafada.

— Posso perguntar o que aconteceu, afinal?

— Basta dizer que fui um idiota e que Louisa agora está pagando pela minha idiotice.

Ao sentir a nota de amargura na voz do filho, ela o acariciou no rosto.

— Sente alguma coisa por sua esposa, não é?

— Não posso negar que ela me atrai. Mas não sei se posso considerar isso um sentimento verdadeiro. Estou determinado a ser um bom marido para Louisa, porém receio não ter sido um bom irmão para Caroline. As coisas, agora, vão ficar muito mais difíceis.

— Também acho.

— Vocês são a minha família e imagino que Louisa também vá considerá-las

assim. Ela é... — Umedeceu os lábios, sem saber colocar em palavras o que sentia. — Ela é especial. Eu a admiro imensamente. É corajosa, não tem medo de enfrentar as dificuldades. Chega a ser irônico, mas foi por uma fraqueza minha e por um ato de coragem de Louisa que fomos apanhados.

— Não se subestime assim, Hawk.

— O que tenho a oferecer a ela, mamãe? Um título? Isso não vai impedi-la de passar fome nem de passar frio se eu não der novo rumo à nossa vida.

— Tem razão... — A duquesa sorriu, depois piscou para ele como nunca havia feito. — É obrigação sua mantê-la aquecida no inverno.

Hawk levou algum tempo, mas retribuiu o sorriso. Como de costume, sua mãe conseguia enxergar o lado bom das coisas nas piores circunstâncias.

Sentada à mesa de jantar, Louisa observava o marido com indisfarçado interesse. Pensara conhecer Hawk. Havia-o considerado totalmente indigno de Jenny ou Kate Rose. De qualquer mulher, na verdade.

E agora estava encantada com o carinho e a delicadeza com que ele tratava a mãe e a irmã.

Não bastasse isso, estava enfeitiçada por Hawk. E casada com ele, pensou, sentindo um frio no abdômen. Hawk era bem mais complicado e sensível do que ela imaginara. Havia ficado perplexa ao ouvir que ele mantivera o camarote em Londres, na esperança de que a mãe voltasse a se integrar à sociedade. Naquele momento, foi como se todas as reservas que ainda pudesse ter por seus atos passados tivessem desaparecido. Hawk seria um marido digno para Jenny Rose. E também, agora sabia, teria sido capaz de satisfazer a jovem com o ardor pelo qual a jovem tanto ansiava. Poderiam até ter se amado. O potencial para tal sentimento encontrava-se ali, bem diante dela, no modo como ele olhava para a mãe, na maneira como sorria para Caroline.

Havia arruinado a vida de Hawk, Louisa pensou, melancólica. Ele estava sacrificando a si próprio e à família, apenas para salvar sua reputação. Por isso, e só por isso, tinha insistido em se casar com ela.

Era o dia do seu casamento. A noite do seu casamento... Louisa nunca se imaginara tão infeliz.

Poderia voltar atrás nos votos que haviam trocado naquela tarde; rasgar o documento que assinaram. Devia mais era voltar para Londres e dizer a Jenny que

Hawk era o homem com quem ela devia se casar.

— Como você se casou mais cedo do que estava pensando, eu vou a Londres ainda nesta temporada? — Caroline perguntou ao irmão, interrompendo os devaneios de Louisa.

Hawk lançou um olhar à esposa, que percebeu a preocupação em seu semblante. Antes de tornar a encarar a irmã, ele girou o cálice de vinho, distraído.

— Não — respondeu, em voz baixa. — Ainda não.

— Mas... Você prometeu que, quando se casasse, eu iria!

— Eu sei, Carol, mas ainda preciso resolver uma série de coisas. É melhor esperarmos pela próxima temporada.

— O que mais precisa resolver? — insistiu sua irmã, visivelmente desapontada.

— Caroline, querida... — interveio a mãe de ambos. — Vamos deixar esse assunto para outro dia, por favor. Afinal, estamos celebrando o casamento de Hawk e Louisa. — Ergueu o cálice. — Que vocês sejam muito felizes aqui, em Selwyn House.

— Obrigada, Alteza — agradeceu Louisa, sincera. Ergueu o próprio cálice e tomou um gole do vinho, observando o marido por cima da borda. Ele seria mesmo feliz ao lado dela, ou passaria a vida arrependido de havê-la seduzido na biblioteca de Pemburton?

— Como se conheceram? — indagou Caroline, genuinamente interessada.

— Seu irmão costumava visitar minha família na nossa casa de campo — Louisa adiantou-se, ainda que timidamente.

— E se apaixonou por ele?

— Não — respondeu Hawk, antes que ela pudesse dizer alguma coisa. — Na verdade, Louisa tinha uma péssima impressão de mim e nem posso culpá-la por isso. Primeiro me apanhou fumando o cachimbo do pai dela, depois bebendo o vinho dele — confessou, reprimindo um sorriso. — Na época, eu não passava de um pirralho.

— Sem contar aquela vez que tentou enforcar minha babá — acrescentou Louisa, divertida.

Para seu espanto, Hawk corou até a raiz dos cabelos.

— Por que tentou matar a babá dela?! — admirou-se Caroline.

Ele limpou a garganta.

— Não foi bem assim. Tudo não passou de um mal-entendido. De qualquer forma, depois disso, Louisa preferia ver o diabo a me ver pela frente.

Louisa parou de rir imediatamente e levou a mão à boca ao conseguir enxergar a coisa sob nova perspectiva.

— Oh, meu Deus! — pensou em voz alta. Hawk sustentou o olhar dela.

— Pensei que... — Louisa sentiu um calor queimar-lhe as faces. Como pudera ser tão-ingênua?

— Que mal-entendido? — insistiu Caroline, provando ser tão inocente quanto a própria Louisa.

— Seu irmão, como todo rapaz, já aprontou das suas, Caroline — disse a duquesa, serena.

— Com certeza, não é uma fase da minha vida da qual me orgulho — declarou Hawk. — Ergueu o cálice. — Que a de casado seja muito melhor — concluiu e lançou um olhar tão intenso na direção de Louisa que a fez aquecer-se por dentro.

Após o jantar, sentaram-se todos na sala para ouvir Caroline tocar piano.

Embevecida, Louisa observou a destreza da jovem cunhada. Não conhecia a música, que era linda, com um quê de melancolia que a emocionou.

Lembrou-se que Caroline havia dito que o irmão vivia solitário, com o olhar perdido no nada, e se perguntou se também a juvenzinha não se sentia só, vivendo escondida do resto do mundo. Teria amigos? Com quem costumava desabafar? Uma mocinha da sua idade precisava de muito mais do que apenas a mãe e o irmão.

Louisa olhou ao redor, examinando a mobília requintada, porém antiga e já um pouco gasta. Aquele solar era muito maior do que a mansão na qual ela havia crescido. Tentou se imaginar morando ali para sempre. Tentou pensar em como seria quando os próprios filhos vivessem naquela mansão.

Mas a perspectiva parecia totalmente fora de propósito. Talvez pela culpa que esmagava seu coração.

Como podia ser feliz assim?

Uma parte de Louisa desejava que nunca tivesse entrado na biblioteca de Pemburton. Que nunca tivesse tentado demover Hawk de seus propósitos. Era Jenny a quem pretendia proteger? Ou, no fundo, havia desejado se entregar de corpo e alma a Hawk?...

Sentiu novo aperto no estômago. Se era assim, também tinha culpa pela total falta de perspectiva de Caroline.

Hawk caminhou de um lado para outro do quarto, os cabelos ainda úmidos do banho. Do outro lado da porta, raciocinou, era como se houvesse o céu e o inferno.

Era certo se negar o prazer de tocar Louisa, que se encontrava a poucos metros de seu quarto? Afinal, estavam casados e, embora as circunstâncias não fossem nada animadoras, haviam conquistado o direito de, pelo menos, terem um ao outro.

Louisa era sua agora. Talvez nunca fosse dono do coração dela, mas, por Deus, podia tê-la de corpo e alma, nem que fosse por alguns momentos. Respirou fundo. Após o jantar, havia prometido a Louisa que lhe daria o boa-noite.

Era hora de cumprir a promessa.

As três mulheres da casa dispunham de apenas uma ama. Por isso, assim que a moça ajudou Louisa com o banho, ela a dispensou, garantindo que agora poderia se preparar sozinha para dormir.

Ou para sua noite de núpcias?, indagou-se, insegura. Com mãos trêmulas, vestiu a camisola rendada e imaculadamente branca que também ganhara de Jenny e Kate como presente de casamento. Hawk havia prometido lhe dar o boa-noite depois do recital de Caroline, portanto devia chegar a qualquer momento.

Sentada no banquinho da penteadeira, Louisa colocou duas gotas de perfume atrás das orelhas, depois entre os seios e nos pulsos. Talvez fosse bobagem se preocupar com esses detalhes, quando fazer amor podia ser tão impulsivo e selvagem, lembrou-se com um arrepio. Escovou os cabelos até vê-los brilhar à luz tênue do candelabro e os puxou de um lado, depois do outro, perguntando-se qual modo a faria parecer mais desejável.

Não queria que Hawk se lembrasse de que deveria estar casado com Jenny Rose. Queria que ele só tivesse olhos para ela. Se havia se tornado sua esposa, fora somente porque não tinha sido capaz de resistir à paixão que ele demonstrara.

Possivelmente, as carícias de Hawk não seriam tão intensas quanto naquela

outra noite, refletiu. Se o duque fosse até ela, seria por obrigação, nada mais, repetiu para si mesma.

Ainda assim, queria desesperadamente que ele a desejasse. Se iriam passar alguns momentos juntos, então que fossem inolvidáveis. Que Hawk não se arrependesse, nem por um segundo, de haver se casado com ela, e não com Jenny.

Lançou um olhar para a porta ainda fechada e tornou a escovar os cabelos, nervosa. E se seu marido não viesse? E se tivesse mudado de idéia? Deveria ir até ele?

Suas dúvidas se dissiparam ao perceber a maçaneta se movimentar. Sentiu o coração disparar feito louco e respirou fundo. Sabia o que vinha pela frente. Não tinha por que ficar tão ansiosa. Ele mesmo não havia prometido que seria melhor da segunda vez?

Começou a se erguer devagar e buscou apoio na penteadeira.

— Não precisa se levantar. Fique onde está — Hawk pediu com voz rouca.

Louisa tornou a se sentar e aproveitou para reunir coragem.

A imagem dele não demorou a surgir no espelho. Hawk usava um robe de seda azul-escuro, amarrado displicentemente na cintura. De imediato, Louisa sentiu o perfume que emanava dele: um misto de banho recém-tomado o sândalo. Continuou imóvel, até que Hawk retirou a escova de sua mão.

Ele passou a escovar-lhe os cabelos lentamente, quase com reverência.

— Na noite em que a pedi em casamento, no jardim dos Rose, você me disse que não é como Jenny, a qual vive em busca apenas de paixão — Hawk falou com voz rouca. Louisa concordou com um gesto de cabeça e se perguntou aonde ele queria chegar. Hawk já não devia tê-la levado para a cama? Ou aquela conversa significava que não queria nada com ela?

— Estava tentando dizer, por acaso, que finalmente me achava capaz de lhe proporcionar prazer? — prosseguiu ele, com uma ponta de insegurança que a surpreendeu.

Louisa tornou a menear a cabeça, ainda em silêncio.

— Então, o que tivemos na biblioteca...

— Foi maravilhoso — ela confessou, tímida. Hawk sorriu. Um sorriso cheio de satisfação e orgulho.

— Esta noite não vai ser como aquela.

Louisa prendeu a respiração. Não seria como aquela porque agora ele sabia com quem estava. Ergueu o queixo de leve, tomada por uma onda de determinação.

— Eu sei — afirmou, a voz saindo ligeiramente trêmula. Você prometeu que seria melhor.

Foi a vez de Hawk prender a respiração. O brilho nos olhos azuis não deixava dúvidas: Louisa queria ser amada.

Pousou a escova na penteadeira e, segurando-a pelos braços nus, a fez levantar-se, ainda de frente para o espelho. Correu as mãos pela pele sedosa.

— Não imaginei que estaria tão provocante — Hawk a fez virar-se para ele e seus olhos escuros percorreram desde o pescoço alvo até o decote rendado. Louisa ensaiou um sorriso.

— A camisola também foi presente de Jenny e Kate.

— Elas têm muito bom gosto. Preciso me lembrar de agradecer.

Antes que ela pudesse dizer algo, Hawk a silenciou com os lábios, a língua invadindo-lhe a boca. Segurou-a pelo rosto e inclinou a cabeça para aprofundar o beijo.

Ele havia prometido que aquela noite não seria como na biblioteca, e Louisa já podia perceber a diferença. Não havia pressa nas carícias. Era apenas um beijo, porém tão intenso e profundo que ela imaginou que fosse desfalecer.

Quando Hawk se afastou, tinha os olhos semicerrados de desejo.

— Você disse que esta noite seria diferente... — Louisa falou num murmúrio.

Em resposta ele a ergueu nos braços.

— Vai ser diferente. Será com mais paixão. Exultante, ela passou os braços em torno do pescoço forte.

— Era tudo o que eu queria ouvir.

Hawk caminhou até a cama devagar, os olhos fixos nos da esposa.

— Quem diria que você seria tão fácil de agradar, lady Louisa? — provocou-a.

— Sempre fui fácil de agradar.

— Não. Não foi... Mas eu a proíbo de mudar. — Ele a depositou na cama com

cuidado. — Gosto quando me desafia.

Hawk soltou o cinto do próprio robe, e Louisa segurou o ar ao ver revelado o esplendor do corpo moreno.

— Também gosto do fato de você não ter medo — Hawk prosseguiu com um sorriso.

— Meu único medo é de desapontá-lo. — Ofegante, Louisa ergueu os olhos para os dele.

— Não poderia me desapontar nem que quisesse — murmurou Hawk, e tornou a beijá-la com um ardor que ela jamais conhecera.

Ele não demorou a se livrar do robe de seda, e Louisa o acolheu, extasiada. Dessa vez não seria nenhuma mensageira. Aquele beijo e aquele corpo eram só seu.

Entregou-se às carícias com um gemido de satisfação. Não havia pressa, notou. Hawk estava cumprindo a promessa.

Também não precisavam se amar com medo, pois ninguém entraria por aquela porta. Tinham a noite inteira pela frente.

Deveria ter posto mais perfume, Louisa pensou. Não que ele parecesse incomodado com isso, já que estava mais preocupado em baixar a alça fina da camisola.

Ela estremeceu quando Hawk percorreu com a língua a pele sensível sobre o decote. Moveu o corpo, então, deliciando-se com o peso do corpo dele.

Hawk baixou ainda mais a seda rendada, expondo os seios alvos, e Louisa prendeu a respiração. Na escuridão da biblioteca, ele não tivera a chance de contemplá-la assim, por inteiro. Por um momento, ela se perguntou se Hawk a acharia atraente agora.

Ele se ergueu de leve e passou a livrá-la da camisola, delicadamente.

Louisa soltou o ar. O desejo de Hawk estava estampado no rosto moreno, nos olhos castanho-escuros, no modo como o peito largo arfava.

De repente, já não sentia mais vergonha. Não tentou se cobrir. Permaneceu deitada nos lençóis claros, um sorriso brincando em seus lábios. Estava casada com Hawk. Ele era seu marido.

Em seu íntimo, percebeu o quanto gostava de Hawk. Sempre gostara, ainda

que houvesse passado a vida negando esse sentimento. Na verdade, não o tinha impedido de seguir adiante aquela noite, na biblioteca, porque ninguém, em seus vinte e seis anos de vida, a intrigara mais do que Hawk. Nenhum outro pretendente havia despertado nela as mais contraditórias sensações. Nenhum outro homem fora capaz de impedi-la de pensar nas conseqüências, fazendo-a se entregar de corpo e alma.

Apoiado em um cotovelo, Hawk percorreu o corpo curvilíneo com o olhar e foi como se tivesse usado as mãos. Louisa queria puxá-lo para si, implorar para que ele não a torturasse daquela maneira. Mas permaneceu imóvel, vulnerável.

Quanta ironia! Havia saído para o mundo, trabalhado como dama de companhia, e não tinha coragem de pedir ao marido o que mais desejava: que ele a tomasse nos braços e fizesse amor com ela como jamais havia feito com outra mulher.

Hawk pareceu ler o pedido em seus olhos. No segundo seguinte, sua boca cobria a de Louisa, e seu desejo se tornava ainda mais evidente. O toque ardente de suas mãos a percorreu por inteiro, e ela fez o mesmo, acariciando os ombros largos, o peito firme, o estômago reto.

— Ensine-me como amar você — pediu num sussurro, e a resposta de Hawk foi um suspiro de prazer.

Não demorou a fazer o que Louisa, pedia. Segurou-a pela mão e a guiou sem nenhum embaraço.

Nenhuma parte do corpo másculo permaneceu intocada. Louisa exultou com cada músculo, cada curva, permitindo-se explorá-lo também com a boca, assim como Hawk havia feito com ela.

A respiração se tornou mais forte, o corpo, mais rijo, e Hawk virou-a na cama de modo a prendê-la de costas. Passou a beijá-la na nuca, depois espinha abaixo... até que parou.

— Tem covinhas — ele disse com voz rouca.

— Só quando sorrio — Louisa respondeu, ligeiramente confusa.

Hawk riu antes de beijá-la na cintura.

— Estou falando destas. — Beijou-a um pouco acima das nádegas.

Ela soltou uma exclamação. — Eu não sabia...

— Então já conheço mais o seu corpo do que você mesma — prosseguiu Hawk,

e a beijou atrás dos joelhos, nos tornozelos, nos dedos dos pés. Tornou a virá-la de frente para ele e semicerrou os olhos.

— Quero você, Louisa... Agora. — Deitou-se ao lado dela e a puxou para cima do próprio corpo. — Você faz desta vez. Como quiser. Sem pressa. Louisa se posicionou sobre ele, um pouco tímida. Mas havia um pedido, mais do que uma ordem, naquelas palavras; e algo lhe dizia que nunca mais negaria nada a Hawk.

Ao ver que Louisa hesitava, ele tomou seu rosto nas mãos e a beijou longa e profundamente. Um beijo sensual que não exigia nada e, ao mesmo tempo, pedia tudo. Em seguida, fez com que ela o envolvesse devagar, como a noite se sobrepondo ao entardecer.

Louisa pendeu a cabeça para trás e seus cabelos caíram em cascata sobre Hawk. Sentiu-se preenchida, completa mulher. Como se por vontade própria, seu corpo se moveu lentamente contra o dele, desejando ainda mais. Ao sentir as mãos quentes sobre os seios, soltou um gemido e tornou a beijá-lo com ardor.

O prazer a atingiu, intenso, até que o simples contato já não era mais suficiente. Precisava de mais. Hawk passou a se mover e a penetrou com ânsia. Louisa foi de encontro a cada investida, querendo mais. Querendo tudo... E teve o que queria.

Hawk continuou deitado num doce abandono.

Olhou para Louisa, que dormia a seu lado. Agora, conhecia cada curva, cada recanto daquele corpo... com os olhos, com as mãos, com a boca. Conhecia cada gemido, cada suspiro.

Sentiu o corpo reagir mais uma vez à lembrança do clímax da esposa, e desejou possuí-la novamente. Estavam cobertos por um lençol, e Hawk pensou em atirá-lo para longe e regozijar-se mais uma vez com a visão daquele corpo nu e quente.

Sentiu cílios longos acariciarem seu peito. Louisa acordara Hawk encontrou os olhos claros fixos nos dele, um sorriso brincando nos lábios ainda inchados graças aos seus beijos.

— Pensei que tudo acontecesse sempre rápido — ela confessou, com uma ingenuidade que o encantou ainda mais.

— Nem sempre.

Louisa se apoiou em um cotovelo e franziu a testa.

— Certa vez você me disse que gostava mais da corte do que da conquista. Lembra-se?

— Lembro.

— Disse que, depois de conquistar uma mulher, acabava sempre indo em busca de outra.

Hawk suspirou e pensou em quanto já tinha sido tolo.

— Verdade.

Os olhos claros foram tomados por uma profunda tristeza.

— Então, agora que me conquistou, vai querer...

— Amar você outra vez — ele afirmou com segurança.

— Mas, depois de um tempo, acabará se cansando de mim.

— Não consigo me imaginar cansado de você, Louisa. Ela abriu um sorriso, depois baixou a cabeça e o beijou no peito lenta e sensualmente. Hawk soltou um gemido.

— Talvez eu já saiba como impedir que se canse de mim — provocou Louisa, um brilho de malícia nos olhos cor de céu.

Hawk girou o corpo e se colocou por cima dela.

— E talvez eu possa lhe dar mais um pouco de prazer antes de irmos dormir.

Capítulo XVII

Louisa acordou pela manhã e se viu nos braços de Hawk. Após fazerem amor uma vez mais, e novamente sem pressa, ele a deixou para cuidar de seus afazeres. Ao sair para o terraço, ela se deu conta de que, em outra época, pensaria que Hawk estivesse indo ao encontro dos amigos, quem sabe até de outras mulheres. Mas agora sabia que o marido pretendia cuidar dos negócios.

Ele podia nem amá-la. Talvez não a amasse nunca. Porém Louisa confiava no

que Hawk havia prometido na capela: que lhe seria fiel.

Tinha aprendido que Hawk não era homem de fugir as próprias responsabilidades, da mesma forma que ela era uma mulher cujas escolhas se baseavam no que lhe parecia certo. E no amor.

Parou, pensativa. Havia decidido se tornar dama de companhia por ter certeza de que nunca encontraria o amor. Tinha se casado com Hawk por querer proteger um filho que nem sequer sabia se crescia dentro dela. Não havia se casado com ele por amor. Entretanto já não podia negar que sentia alguma afeição pelo marido. Hawk era um cavalheiro... e um amante maravilhoso.

Quem sabe, com o tempo, pudessem sentir mais alguma coisa um pelo outro, pensou. No fundo, já ansiava por isso havia muito.

Talvez pudesse até instigá-lo. Carinho não atraía afeição?

O ardor, pudera constatar, certamente resultava em mais paixão. E a paixão poderia levar ao amor. Seria possível obter mais do que Hawk já lhe havia oferecido?

Precisava de mais alguns momentos sozinha, para compreender o que se passava em sua cabeça, antes de ir ao encontro da duquesa. Gostaria de conversar com ela e pedir que lhe atribuísse algumas tarefas na casa. Não almejava usurpar sua autoridade, mas detestava o ócio. Caminhou pelo jardim luxuriante e, imediatamente, se viu tomada pelas lembranças do que se passara na noite anterior. Estranho como sua opinião sobre Hawk tinha se transformado em tão pouco tempo. Agora percebia que o conceito que fizera dele havia se baseado totalmente nas conversas de Alex.

Conversas que ambos tinham, normalmente, quando ele retornava embriagado de suas noitadas. Havia confiado no irmão, que, no fim, a traía da pior maneira possível, levando-a a acreditar em suas mentiras e manipulando a situação a seu próprio favor. Alex sabia muito em quais seriam as conseqüências de seus atos. Sabia quanto tudo aquilo custaria a ela. E, mesmo assim, levava seus planos adiante.

Louisa fechou os olhos, amargurada. Duvidava que um dia pudesse se recuperar de tamanha decepção. Melhor seria nunca mais ver Alex de novo.

Sentiu-se tomada por uma profunda, tristeza. Ele era seu irmão. O que havia ganhado com aquela traição, além do desprezo que agora demonstrava sentir por si mesmo? Louisa avistou Caroline, sentada em um banco sob a copa ampla de uma árvore, lendo. Parecia tão jovem e inocente quanto Hawk lhe dissera, e lembrava

Kate com aquele livro no colo. O hábito das duas meninas, refletiu, devia ajudá-las a escapular da vida que levavam para um mundo muito melhor. Por isso mergulhavam na literatura com tanto gosto.

Não podia culpá-las. Ultimamente, ter uma válvula de escape seria um bálsamo. Mas a realidade continuava se impondo diante dela, cruel.

Pensou em retornar para a mansão, porém havia prejudicado aquela garota, mesmo sem nenhuma intenção, e estava determinada a fazer algo para compensá-la.

Nesse momento, Caroline ergueu a cabeça e acenou para ela com um sorriso.

Louisa respirou fundo. Precisava fazer alguma coisa. Porém nunca conhecera ninguém na situação de Caroline. Tomara soubesse o que dizer, caso algum assunto constrangedor viesse à tona. Afinal, se não fosse pela insistência de Hawk em desposá-la, ela poderia dar à luz uma criança na mesma situação que a irmã dele.

Encheu os pulmões com o ar perfumado pelas flores e caminhou mais depressa, tentando relaxar sob o céu claro.

— Bom dia! — disse com um sorriso. Quem sabe pudesse se tornar íntima de Caroline e, finalmente, considerá-la a irmã que nunca tivera. — O que está lendo?

— Algo que, na certa, você nunca leu. — O sorriso da jovem era travesso.

— Tem certeza? — Louisa sentou-se ao lado da cunhada, no banco. — Já li muito nesta vida.

— Esta cópia é única.

— E mesmo? — Louisa inclinou o rosto e tentou ler o título da brochura. — Não parece uma obra muito antiga. Sobre o que é?

— E a história de uma princesa de um reino encantado que não sabe que é princesa, nem que tem poderes mágicos. Ela pensa que é uma moça comum, até uma série de coisas incríveis começar a acontecer. É muito boa! Gostaria de ler?

— Quando você terminar, sim. Caroline soltou uma risada gostosa.

— Eu já li esta história umas dez vezes! — Entregou-a a ela. — Pode ler à vontade.

— Obrigada! — Louisa aceitou a oferta de bom grado. Folheou as primeiras páginas com interesse e parou para ler a dedicatória:

Feliz Aniversário, Carol. Com amor eterno, Hawk

— Foi seu irmão quem deu — comentou, tocada com a promessa contida nas palavras. Hawk amava Caroline, ainda que esta fosse fruto de um romance proibido.

— Hawk fez mais do que isso, Louisa — acrescentou a jovem. — Foi ele quem escreveu a história.

Louisa ficou confusa. — Como é?

— Esta é apenas uma das três histórias que Hawk inventou para mim. — Caroline esboçou um sorriso comovido. — Quando eu era pequena, vivia muito sozinha. Por isso meu irmão escreveu estes contos. Inventava personagens, dizia que eram meus amigos e jurava que eles sempre estariam por perto. Mesmo depois de crescida, continuo gostando de lê-las. E gosto de pensar que, no futuro, talvez eu possa ter uma filha a quem contá-las. Hawk me prometeu que eu vou me casar um dia. E ele sempre cumpre suas promessas.

— Gosta muito de Hawk, não é? — indagou Louisa, perturbada por ter feito mau juízo do marido por tanto tempo, quando aquela garota tinha verdadeira adoração por ele. Como queria que ele houvesse se revelado assim mais cedo! Poderia tê-lo recomendado a Jenny Rose sem pensar duas vezes.

— Claro que gosto — respondeu Caroline com um sorriso largo. — Ele é meu irmão. Mas, mesmo que não fosse, ainda assim eu gostaria de Hawk. — Sorriu, pensativa. — Vocês se casaram. Por isso deve amá-lo e saber do que estou falando. Você o ama, não é?

— Nem sempre as pessoas se casam por amor, Caroline.

— Eu sei — concordou ela, subitamente melancólica. Fitou a brochura aberta sobre o colo de Louisa e tocou, quase com reverência, as palavras escritas a tinta. Então ergueu a cabeça e a fitou nos olhos. — Minha mãe não se casou com meu pai.

— Hawk me disse. Mas não precisamos falar nisso, se não quiser.

Caroline sorriu.

— Você é igual a todo mundo.

— Como assim?

— Ninguém quer falar nesse assunto. Acham que se não disserem nada, pouparão meus sentimentos. Mas às vezes o que não é dito dói muito mais.

Diante da sabedoria daquelas palavras, Louisa apertou a mão da cunhada, comovida. Hawk desejara tanto se casar com uma mulher rica para suprir as

necessidades de Caroline... E talvez tudo de que ela necessitava fosse não permanecer como um assunto proibido, um segredo guardado a sete chaves.

— Sabe alguma coisa sobre seu pai? — indagou com cuidado, ainda que temesse ser ousada demais. Certamente, aquela seria uma atitude mais típica de Jenny ou Kate. Teria assimilado o hábito com tão pouca convivência?

— Só sei que ele amava minha mãe — Caroline respondeu sem rodeios. — E a mim. Ele queria se casar, porém mamãe disse que não seria justo com Hawk. Afinal, ele é filho de seu casamento legítimo.

— Tenho certeza de que a duquesa nunca amou Hawk mais do que você.

— Claro que não, eu sei. Mas Hawk é um duque. Por isso ela não podia se casar com o homem a quem amava. — Caroline contemplou os próprios dedos. — Sempre achei isso muito triste. Por isso nunca mais fomos a Londres. Minha mãe não queria causar nenhum constrangimento a Hawk antes que ele encontrasse uma esposa. Mas, agora que vocês estão casados, acho que vamos poder ir para lá! — Os olhos dela cintilaram. — Morro de vontade de ir a um baile!

Louisa sorriu.

— Sabe dançar?

— Hawk me ensinou.

— Na noite passada, durante o jantar — Louisa tornou a ficar séria —, seu irmão lhe prometeu uma temporada em Londres depois que resolvesse alguns problemas.

Caroline concordou com um gesto de cabeça.

— Mas ele também disse que eu precisava esperar mais um pouco, lembra-se? Minha mãe não quer ir a Londres. Acho que, por isso, Hawk precisava de uma esposa que pudesse servir como minha dama de companhia e me introduzir na sociedade.

Uma mulher rica poderia fazer muito mais, refletiu Louisa com um aperto no peito.

— Sabe onde seu irmão está agora?

— Inspecionando a propriedade, imagino. No fundo, acho uma bobagem, pois agora só temos umas duas famílias de arrendatários. A renda que proporcionam mal dá para vivermos. — Caroline chegou mais perto de Louisa para lhe cochichar no

ouvido. — Minha mãe diz que, na verdade, eles até nos custam, pois Hawk é quem cuida para que sejam alimentados no inverno. Meu irmão tem um coração de ouro.

— Estou vendo — admitiu Louisa, num murmúrio.

— Ele não costuma se gabar das suas boas ações.

— Não mesmo.

Caroline a fitou com estranheza.

— Às vezes você fala como se não conhecesse Hawk muito bem.

Louisa engoliu com uma certa dificuldade.

— Parece que, quando nos casamos, aprendemos ainda mais coisas um sobre o outro.

— Ele se ajoelhou para pedi-la em casamento? — indagou Caroline, os olhos brilhando.

Louisa sentiu as lágrimas virem aos olhos.

— Ajoelhou, sim.

— Que romântico! — A jovem bateu palmas.

— Sinceramente, nunca fiquei tão comovida como naquele dia.

O sorriso de Caroline desapareceu como por encanto.

— Tenho medo de que esse dia nunca chegue para mim.

Louisa segurou a mão da cunhada e suspirou. Passara a vida temendo a mesma coisa. E ainda tinha medo de não ser amada.

— Conhece Hawk há anos, não é? — Caroline quis saber.

— Verdade.

— E não sabia sobre mim?

— Não, eu não sabia — confessou. — Mas você também não sabia sobre mim, portanto estamos quites — brincou, decidida a romper a tensão.

— Hawk se casou com você sem dizer nada a meu respeito? — Caroline buscou o olhar de Louisa, um misto de dor e decepção transformando o bonito rosto.

— Na certa queria me fazer uma surpresa. Ele sabia que eu ficaria feliz em ter uma cunhada como você.

Caroline fitou o horizonte. Ela sabia a verdade. Sabia Ser um segredo que não devia ser revelado, a menos que fosse estritamente necessário.

Mas a plena consciência disso foi fatal para suas emoções.

A chuva chegou à tarde, trazida por nuvens carregadas, relâmpagos cortavam o céu escuro e trovões se sobrepunham ao barulho do aguaceiro que regava o campo. Um clima perfeito para aninhar-se em uma poltrona de veludo, ler e esquecer o desconforto que decorrera da conversa com Caroline pela manhã.

Louisa suspirou pesadamente. Não havia conseguido confortar a jovem. Sabia tão pouco sobre ela, sobre o que se passara em seus dezessete anos... E Hawk mostrava-se muito reservado quanto ao assunto.

Ainda assim, pretendia falar com ele acerca de Caroline naquela mesma noite.

Por enquanto, o melhor era se deixar transportar para o mundo de faz-de-conta mais fascinante que já havia conhecido: fadas, unicórnios, cavaleiros... E um príncipe perverso cuja aparência lembrava muito a de seu marido. Balançou a cabeça e pensou nas muitas vezes em que ela havia declarado que ele era indigno de Jenny.

E Hawk parecia ter a mesma opinião sobre si próprio, se o tal príncipe era mesmo uma espécie de auto-retrato. Era possível para um escritor não descrever a si mesmo? Os desenhos de Louisa sempre continham um reflexo seu. Até mesmo a rosa que retratara na aquarela, na casa dos Rose, era mais do que uma simples flor. A gota de orvalho representava, no fundo, uma lágrima pela vida que havia tido e que agora não existia mais.

Apesar da coragem que demonstrara ao se oferecer como dama de companhia, estivera apavorada com a possibilidade do fracasso. Sua bravura nada mais era do que uma máscara a ocultar seus medos.

Com Hawk não devia ser muito diferente. Louisa fechou a brochura e olhou pela janela. A chuva ainda caía com intensidade, açoitando as vidraças. O que sabia do homem com quem estava casada, afinal? Que ele apreciava prazeres noturnos e bombons de conhaque. Que seria capaz de desposar uma mulher rica sem amá-la, somente para garantir o próprio futuro.

Não. Não era bem assim. Hawk faria qualquer coisa, até mesmo arruinar a própria reputação, a fim de garantir os meios para proteger a própria família.

Mas a que preço para essa família?, perguntou a si mesma. A que preço para ele próprio? Que homem poderia escrever tão convincentemente sobre vilões, heróis,

sacrifícios e amor, se não possuísse ao menos um pouco disso tudo dentro de si?

Louisa pousou as folhas na mesa lateral, apanhou o bloco e passou a desenhar o que Hawk havia descrito com tanta beleza na história. Era um mundo no qual ela jamais imaginara que ele pudesse acreditar... muito menos criar. Um mundo destinado a amainar a solidão de uma criança solitária.

Parou ao se lembrar de Caroline afirmando o quanto .seu irmão era só. Fora difícil de acreditar. Sobretudo ao lembrar a vida que ele havia levado em Londres.

Mas como poderia julgá-lo? Não era aquele estilo de .vida um reflexo da solidão e da desesperança?

A irmã o amava, sem dúvida. Para criar esse elo, Hawk \ devia ter passado muito tempo com ela, longe do resto da sociedade, longe dos amigos. Afinal, Caroline era, na concepção dele, um segredo a ser mantido sob sete chaves.

Louisa pensou em tudo do que se privara, enquanto Alex desperdiçara o pouco que ainda possuíam com presentes para a amante. Pensou nos rumores que haviam circulado de que Jenny não estava interessada em Hawk.

Na certa, haviam sido espalhados por Alex.

Louisa cometera uma grande injustiça acusando Hawk e ser péssima influência para o irmão, quando o contrário era a verdade. Como não tinha percebido que Alex era o vilão em tudo aquilo? Sempre atribuíra seus desvarios às más companhias. E agora, tinha nas mãos a prova de que o homem que ela passara a vida desprezando possuía, na verdade, um coração de ouro.

Amar não era apenas cuidar, mas muito mais do que isso: era colocar a outra pessoa acima de si próprio. Era sacrificar-se pelo bem-estar de outrem. Era imolar a própria felicidade em nome da responsabilidade para com a pessoa amada.

Até então, nunca havia considerado a injustiça da situação de Hawk ou dela própria. Agora se perguntava: se estivesse grávida, que histórias seu marido inventaria para o filho deles?

Sorriu tristemente. Com certeza, a imaginação de Hawk faria muito mais do que já fizera por Caroline. Sem nenhuma dúvida, seria um pai maravilhoso.

Mas, e se ele acabasse sofrendo ainda mais? Não seria ela, a mulher que arruinara seus planos e destruíra seus sonhos, o principal alvo de seu ressentimento?

Já bastava de recriminações, repreendeu a si mesma. Se estavam naquela

situação, era porque ambos tinham agido sem pensar nas conseqüências.

Todavia, mesmo não acreditando poder conquistar o coração de Hawk, tinha esperanças de que os dois conseguiriam remodelar seus destinos.

Louisa correu os dedos pelo bloco, a imaginação esboçando uma clareira onde se viam uma princesa encantada e um unicórnio. Quando terminasse aquele desenho, poderia tentar passar o príncipe vilão para o papel.

Uma vez começado o trabalho, logo se viu imersa nos contornos e traços.

Parou apenas ao perceber que o céu se tornara ainda mais carregado ao cair da noite. O jantar logo seria servido. Tomara pudesse ter alguns momentos a sós com o marido, antes que a família se reunisse.

Determinada, saiu pela casa à procura de Hawk. Encontrou-o em um quarto, ao final do longo corredor, estudando objetos à luz fraca de uma lamparina, como se nunca os houvesse visto na vida: um vaso, depois a estatueta de uma mulher sentada em meio à relva.

Observou-o, discreta. Hawk fazia anotações de vez em quando, depois apanhava outra peça. Não usava casaca. Apenas uma camisa clara desabotoada no peito.

Louisa franziu a testa ao reparar nas manchas de terra e poeira que ele trazia nas mangas arregaçadas. Os cabelos escuros caíam-lhe na testa, desgrenhados, e Hawk, correu os dedos por eles com um suspiro.

Foi então que notou sua presença. Ergueu a cabeça com a expressão de um menino que fora apanhado fazendo algo que não devia.

Louisa sentiu o coração se apertar. Não fossem os últimos acontecimentos, diria que tal atitude era uma constante na vida do marido.

— Quer me matar de susto? — perguntou Hawk, exasperado.

— Nunca me pareceu o tipo que se assusta fácil — replicou Louisa, sem conter um sorriso. Um sorriso também de satisfação por finalmente estar na presença dele. Era loucura pensar que aquele casamento pudesse ter acontecido por outro motivo que não uma punição pelo mau comportamento de ambos.

Louisa segurou o bloco de desenhos contra o peito e se aproximou devagar.

— O que está fazendo?

— Tentando decidir quais objetos têm menor valor sentimental e maior valor comercial.

— Está pensando em vendê-los?

— Só estou tentando manter minhas dívidas em um patamar suportável. Incomoda-me saber que os meus credores também possam enfrentar dificuldades com as suas famílias. Exceto por alguns que se dizem aristocratas, mas não passam de ratos de esgoto.

— Então, você não coloca o próprio bem-estar acima do de seus credores.

— Não, já que sou responsável por parte dessa situação. Louisa segurou o bloco feito um escudo.

— Não imaginei que pensasse assim.

— Creio que não imagina muita coisa a meu respeito, Louisa.

Ela avançou um passo na direção do marido.

— Então me ajude, Hawk. Ajude-me a conhecer você.

Ele a fitou, depois baixou os olhos para uma estatueta e percorreu as curvas delicadas da peça com o dedo.

— Não é uma tarefa fácil. Além do mais, não acho que isso possa elevar meu conceito aos seus olhos.

— Pensei que não se importasse com a opinião dos outros.

— Se eu não me importasse, não teria me casado com você.

As palavras saíram inesperadas e incisivas como uma lâmina.

Hawk ergueu a cabeça, como se para constatar o efeito que haviam tido em Louisa, os olhos castanhos denotando arrependimento.

— Desculpe-me. Você não merecia esse desabafo. Até porque as palavras não retrataram meus reais sentimentos. Louisa respirou profundamente.

— É admirável que um homem capaz de usar palavras de uma forma tão encantadora em uma história tenha dificuldade em se expressar em uma conversa.

— Como é? — Hawk franziu o cenho, confuso. Louisa temia que ele censurasse a irmã por haver-lhe revelado sobre os escritos.

— Não vim até aqui para incomodá-lo. Só queria lhe mostrar uma coisa. —

Avançou um passo e entregou-lhe o bloco. — Passei a tarde desenhando e queria a sua opinião.

Hawk examinou o primeiro esboço, os olhos fixos no desenho bem traçado. Entreabriu os lábios como se fosse dizer algo, mas preferiu caminhar até a janela, onde ainda havia um pouco de claridade. Folheou o bloco devagar, porém seu perfil nada revelava.

— Não gostou? — Louisa indagou, ansiosa.

— De onde tirou isto?

— Caroline me fez ler uma das suas histórias.

Hawk fechou os olhos, o maxilar rígido.

— Não vá se zangar com ela.

— Não estou zangado. Só estou... sem-graça. Essas histórias eram um segredo meu e de minha irmã.

— Por quê?

Ele olhou pela janela.

— Eram apenas uma tentativa de aplacar a solidão de Caroline.

— E também a sua?

— Não queira enxergar nas entrelinhas dessas histórias tolas, Louisa — retorquiu Hawk, com aspereza.

— Elas não são tolas. Pelo menos não a que eu li. Aliás, mal posso esperar para ler as outras. Nunca pensou em publicá-las?

Ele soltou uma risada amarga.

— Eu já disse: elas não foram feitas para isso.

— Por quê? Tem medo de que sejam um fracasso, Hawk?

— Não é medo o que me impede de publicá-las.

— Então o que é?

— Não é medo — ele repetiu, incomodado. — Apenas não quero vê-las nas mãos de outras pessoas.

— Não acredito nisso.

— Pois então acredite no que quiser.

Louisa recebeu as palavras sem rancor.

— Não quer se expor e correr o risco de ser rejeitado, não é? Pois saiba que as minhas mãos tremiam ao escrever aquele anúncio de dama de companhia para o jornal. Eu tremia dos pés à cabeça, para falar a verdade, quando tive de enfrentar a sra. Rose pela primeira vez. E isso não quer dizer que eu seja corajosa, Hawk. Só estava decidida a não passar a vida como minha mãe, um simples objeto em meio à mobília da casa. — Engoliu o nó que se formara em sua garganta. — Você tem o dom de escrever, Hawk. Devia explorar isso.

— Está exagerando.

— Por que não leva suas histórias, e talvez os meus desenhos, para uma editora, em Londres?

— Já chega, Louisa! Eu sou um duque. Sou responsável pelas propriedades da família, e não por entreter criancinhas com contos de fadas!

— Iria ganhar com isso.

— O quê? Quanto?

— Alguma coisa, Hawk. E também iria dividir suas experiências com as outras pessoas.

— Essas histórias foram escritas quando eu era tão jovem e inocente quanto Caroline. Não sou mais a mesma pessoa, Louisa.

— É uma pena.

— Por quê? — Hawk se voltou para ela, indignado. — Porque me tornei alguém mais maduro e sábio?

— Porque às vezes me parece que não sente nenhuma alegria em estar vivo — declarou Louisa, incisiva. — Suas responsabilidades são um fardo, não são, Hawk?

— Você não é fardo nenhum — ele respondeu.

— Mas serei caso a sua situação financeira não melhore. — Louisa se pôs diante do marido, os olhos azuis parecendo ainda mais límpidos. — Andei pensando...

— Não me diga!

Ela piscou, confusa.

— Está fazendo troça de mim?

Hawk abriu um sorriso e a segurou pelo rosto, os dedos acariciando a pele aveludada.

— Preciso confessar: adoro provocá-la.

Louisa também sorriu, insegura. Aquilo seria sintoma *de* algum sentimento maior entre eles? Aproximou-se mais e o tocou com ambas as mãos.

— Como eu ia dizendo, não vejo por que eu não possa continuar trabalhando como dama de companhia.

— Agora você é minha esposa — Hawk franziu o cenho.

— Já percebi. — Louisa baixou os olhos para os lábios dele, sorrindo, os cílios longos sombreando as faces rosadas.

Hawk suspirou longamente.

— Adoro quando sorri, sabia? — ele murmurou, percorrendo a boca rosada com a ponta do dedo.

Louisa sentiu o coração disparar. Era muito bom saber que Hawk a admirava de alguma forma.

— Não tente me distrair do meu propósito.

— E, por acaso, eu poderia?

— Claro que poderia e sabe disso. Mas estou tentando explicar meu ponto de vista.

— Louisa... — Hawk suspirou, inconformado. — Você é uma duquesa agora. Não tem cabimento sair por aí pedindo emprego.

— Quando você me pediu em casamento, garantiu que não iria interferir nos meus assuntos.

Hawk deixou cair os braços e se afastou dela.

— Não imaginava que pretendia continuar a trabalhar para os outros.

— Pois acho que nós dois seríamos muito prósperos trabalhando nisso juntos.

— Nós dois?! Acha mesmo que eu...

— Não acho nada. Só estou querendo dizer que... — Ela soltou o ar, exasperada. — Para mim, é difícil admitir, Hawk, mas eu me equivoquei ao julgá-lo.

Ele tornou a se aproximar de Louisa.

— Está falando sério?

— Estou. Você não é infame como imaginei que fosse. E receio ter julgado erroneamente também outras pessoas. Meu irmão, por exemplo. Alex é muito pior do que eu imaginava. — Torceu as mãos, nervosa. — Mas não é esse o ponto. O fato é que você conhece pessoas às quais eu nunca tive acesso. Se juntarmos tudo o que sabemos, com certeza seríamos muito bem-sucedidos em uma empreitada dessas. Hawk franziu a testa, pensativo.

— Quer dizer... arranjar casamento para os outros?

— Mais ou menos isso. Na verdade, o negócio envolveria outros aspectos. Ainda não tenho todos os detalhes na cabeça. Não seríamos ricos, mas creio que poderíamos tirar alguma renda da atividade.

Ele jogou o bloco sobre a mesa e foi até Louisa com os passos seguros aos quais ela já se habituara.

— Para isso, teríamos de fingir ter um casamento impecável.

Louisa tentou não se deixar abalar pela palavra "fingir". Limitou-se a concordar com um gesto de cabeça.

— Isso mesmo.

Hawk tornou a envolver o rosto da esposa com as mãos.

— Sabe de uma coisa? Não é má idéia. — Puxou-a pela cintura de modo a colar o corpo de Louisa no dele. — Faça o que quiser. Não me pergunte por que, mas eu não condigo negar nada a você, assim como não consigo negar que me deixa louco!

Louisa mal teve tempo de se deliciar com as palavras. No instante seguinte, Hawk a beijava arrebatadoramente e ela entendia, por fim, por que Jenny dava tanta importância à paixão. Uma vez experimentada, jamais poderia ser esquecida.

Hawk tinha o dom de fazê-la esquecer tudo: que não estavam no quarto, que ainda era dia... e que não podiam fazer amor ali mesmo. Louisa nem sequer se lembrou de que já era hora de se prepararem para o jantar. Hawk a fez esquecer de tudo o mais, exceto daquelas mãos quentes e do corpo rígido contra o dela. Era como se o mundo houvesse se restringido de repente e agora só existissem eles dois.

Ao menos por alguns minutos, Louisa podia fingir que Hawk a desejava de

verdade. Podia simular que ele nunca fizera amor com tanto arrebatamento com outra mulher como fizera com ela. Podia fazer de conta que Hawk pretendia mais do que apenas despertar nela a paixão, mas também o amor.

Louisa ouviu o ruído do pente caindo ao chão um segundo antes, de sentir os cabelos se soltarem do coque e desabarem em cascata sobre os ombros. Pendeu a cabeça para trás, na tentativa de ajeitá-los, e Hawk aproveitou para beijá-la no pescoço.

— Adoro o jeito como se encaixa em mim — ele murmurou com voz rouca.

— Acho que tenho sido fácil demais.

— Não. Tem sido perfeita. Sempre foi perfeita. Por isso não consigo parar de tocá-la.

Removeu o vestido verde com a destreza de um homem acostumado a fazer isso. Louisa tentou não pensar em quantas mulheres Hawk já despira, mas, no fundo, sentiu pena delas, já que nenhuma havia permanecido ao lado dele. Não imaginava o que podia significar conhecer as carícias de Hawk e depois ter de se privar delas.

Enquanto pensava, mal percebeu que também o ajudava a livrar-se da camisa.

— Aprendeu rápido — ele sussurrou em seu ouvido, provocando-lhe arrepios. No instante seguinte, carregava-a para a cama e a fazia afundar no colchão sob seu peso.

Aquilo era loucura, pensou Hawk. Como podia desejar tanto uma mulher? No entanto, no momento em que Louisa havia pisado naquele quarto, ele precisara se esforçar para se concentrar nas palavras que ela dizia e não tomá-la nos braços.

Só mesmo os desenhos de Louisa haviam desviado sua atenção. Eram tão bem-feitos, tão de acordo com o mundo imaginário que ele criara para Caroline... Chegara a ficar tentado pela proposta que ela fizera de transformar as histórias e os esboços em um livro de verdade e apresentá-lo a algum editor.

Mas como tudo o mais naquela casa, também as histórias eram um segredo que não devia ser partilhado.

Malditos segredos! Somente os de Louisa não mais o assombravam. Conhecia cada pedacinho daquele corpo, lembrou com um breve sorriso. Lugares secretos que, ao receberem uma carícia, se abriam feito a porta do paraíso. Seus gemidos eram como música para os ouvidos; seus movimentos, uma dança da qual Hawk jamais se

cansaria. Aquilo não fazia sentido. Era um homem experimentado nos prazeres da carne. Nunca havia desapontado suas parceiras e sempre se considerara um bom amante. Todavia, jamais na vida exultara tanto em dar prazer a uma mulher. Amar Louisa significava mais do que apenas provar sua habilidade. Deitar-se com ela não era como com as outras mulheres. Era um deleite. O paraíso.

A intensidade dos momentos que haviam vivido o assustava e fascinava ao mesmo tempo. Não imaginava mais o que seria viver sem ela.

— Você é minha — disse, rouco, ao mesmo tempo em que a penetrava.

— Sou sua — Louisa respondeu, envolvendo-o nos braços e puxando-o ainda mais para si.

Louisa não era uma mulher para se ter sem dar nada em troca. Era o que Hawk nunca havia tido antes: uma companheira de verdade. Talvez por isso, Louisa ansiava tanto por lhe dar prazer quanto ele ansiava em dá-lo a ela.

Apoiou-se nos cotovelos para fitá-la nos olhos, sem parar de mover o corpo contra o da esposa. Regozijou-se com o prazer estampado nos olhos claros, no modo como os lábios úmidos se entreabriam num pedido mudo. Sentiu que o corpo de Louisa enrijecia, e semicerrou os olhos. Quando ela gritou seu nome, em êxtase, Hawk disparou seu próprio prazer: um prazer tão intenso que ele poderia ter morrido ali mesmo... E morreria feliz.

Enterrou o rosto na curva do pescoço de Louisa, depois a beijou atrás da orelha. Sorriu ao ver que ela continuava de olhos fechados, e ainda mergulhada no gozo do ato de amor.

— *Hawk!* — A voz aflita de sua mãe ressoou no corredor, e ele soltou um suspiro.

Louisa abriu os olhos, em pânico.

— Por que nunca temos sossego?! — Hawk exclamou, exasperado, ao mesmo tempo em que apanhava as cobertas atabalhoadamente a fim de cobrir os corpos nus.

Louisa arregalou os olhos, horrorizada, ao ver a sogra adentrar o quarto e estacar, levando a mão à boca. Não tinha fechado a porta, imaginando que ninguém freqüentava aquela ala da casa por conta da atmosfera de abandono do lugar. Mais uma vez equivocara-se.

— Mil perdões — murmurou a duquesa. Agitou na mão um papel, as

lágrimas escorrendo pelo rosto lívido.

— O que é isso, mamãe?

— Ela foi embora!

Hawk ergueu-se sobre um cotovelo e obrigou Louisa a agarrar-se às cobertas.

— Do que está falando, pelo amor de Deus?!

— Caroline fugiu, meu filho!

Capítulo XVIII

A chuva que proporcionara tanto conforto e aconchego durante a tarde havia se transformado em uma assustadora tempestade. Sentada na sala, Louisa percebia a sogra estremecer a cada trovoada.

— Ele vai encontrá-la, senhora, tenho certeza — tentou confortá-la.

Acompanhados dos cães de caça da propriedade, Hawk e alguns dos empregados que restavam, inclusive o jardineiro, tinham saído à procura de Caroline.

A duquesa torceu as mãos, os olhos fixos no fogo.

— Uma mãe não deveria nunca ter de beneficiar um só filho.

— Vossa Alteza nunca favoreceu nenhum deles.

— Favoreci, sim! — Ela se voltou para Louisa, os olhos marejados. — Reneguei o pai de Caroline em benefício de Hawk. Eu a mantive escondida do resto do mundo por todos esses anos. Por isso minha filha despreza a si mesma e Hawk se martiriza por ela. Agora, ambos estão lá fora, nesse tempo, sabe-se lá onde. Tomara Deus não adoeçam e eu acabe perdendo os dois!

— Não diga isso, Alteza! — Louisa foi até ela, penalizada. — Está nervosa, eu sei... Mas não precisa ficar assim.

A mulher a fitou e balançou a cabeça, desconsolada.

— Não gosta de enxergar o lado negro das coisas, não é, minha querida?

— Prefiro acreditar que tudo vai acabar bem. E deixo para lidar com a situação no momento em que for necessário.

— Agora compreendo por que meu filho se casou com você, Louisa. Esta família precisava de um pouco de otimismo.

— Receio que ele não estivesse em busca de otimismo, senhora. Se as circunstâncias fossem outras, Hawk não teria se casado comigo.

A duquesa segurou as mãos dela com delicadeza.

— Hawk me contou o que aconteceu, minha filha. Mas eu o conheço bem. Se ele se casou com você, foi porque quis.

Louisa baixou os longos cílios. Não diria à sogra que o duque havia afirmado o contrário com todas as letras.

— Você ama meu filho? — ouviu a duquesa perguntar.

— Não sei bem o que sinto por ele, sinceramente — confessou Louisa. — Pensei que o conhecesse, mas já não tenho muita certeza disso.

A mulher soltou um longo suspiro.

— Hawk já era um mocinho quando engravidei novamente — revelou, e seus olhos tornaram a se desviar para as chamas na lareira. — Sei que ele ficou revoltado. Quem não ficaria? Entretanto meu filho nunca me censurou. Ao contrário, tentou me proteger como podia. Depois, também tentou proteger a irmã, voltando-se contra qualquer um que ousasse destilar algum tipo de veneno quanto à origem dela. E sou eu a responsável pelo fardo que ele carrega.

— Não acredito que Hawk veja as coisas dessa forma — opinou Louisa.

— Mesmo que visse, ele não admitiria nunca. Hawk aceita suas responsabilidades com admirável estoicismo. Parece até não se importar com a própria felicidade.

Louisa observou a duquesa, que agora fitava um ponto qualquer além da janela. Perguntou a si mesma se as palavras da mulher se aplicavam a ela: se Hawk também a via como uma carga e se mascarava os próprios sentimentos.

Naquela tarde, ele parecera até feliz. Seria apenas uma representação, um teatro para distraí-la de seus propósitos?

— Acho que avistei luzes! — a duquesa disse de repente e se pôs em pé no

mesmo instante. — Oh, Senhor, faça com que sejam eles trazendo minha filhinha sã e salva!

Louisa seguiu a sogra até a porta de entrada. Levou a mão ao peito ao vê-la soltar uma exclamação, agoniada:

— Caroline!

Em meio a dois homens carregando lanternas, Hawk se aproximava da casa, a cabeça abaixada na tentativa de se proteger contra a força do vento e da chuva, a casaca escura envolvendo a irmã, que trazia nos braços, desfalecida.

— Filha! — gritou a duquesa, em pânico.

— Ela está bem — Hawk garantiu, e adentrou a casa a passos largos. — Só está tremendo e possivelmente com febre. Estava lúcida quando a encontramos caída em um urzal. Mas fique tranqüila, mamãe. Já pedi a Denby para ir buscar o médico.

Louisa seguiu logo atrás deles na escadaria que levava para os quartos, sentindo-se inútil. A preocupação estava estampada no semblante de Hawk. Observou enquanto ele depositava a irmã sobre a cama com cuidado, e sentiu o coração se apertar uma vez mais.

— Precisamos livrá-la dessas roupas molhadas! — disse a duquesa, aflita.

Hawk recuou um passo, completamente atordoado. Quando Caroline soltou um gemido, porém, ele se precipitou para perto dela, os olhos fixos no rosto lívido da irmã.

Louisa se perguntou como fora capaz de duvidar da capacidade de amar de Hawk.

Num impulso, aproximou-se dele e o tocou no braço.

— Vamos, tem de tirar estas roupas, antes que também fique doente.

— Isso mesmo — concordou a duquesa. — Não preciso de ajuda. Além disso, Caroline já está crescida demais para que eu a dispa na sua frente.

— Ela é só uma criança — argumentou Hawk, aborrecido.

Todavia fez o que elas pediam.

Foi a primeira vez que Louisa entrou no quarto dele. Era simples, sóbrio, sem nenhum enfeite. Havia apenas uma cama, um guarda-roupa e uma cômoda, além de duas cadeiras em frente à lareira e uma lamparina sobre um criado-mudo. Marcas

nas paredes e certos vazios deixavam claro que Hawk havia se desfeito de seus objetos. Talvez de coisas das quais gostava, pensou Louisa com tristeza.

Por um momento, ele ficou parado no meio do quarto como se não o reconhecesse, os ombros tensos, os dentes batendo de frio. Sem esperar mais, ela foi até a lareira e tratou de acender o fogo, recriminando-se por não ter feito isso antes da chegada do marido.

— Venha, vou ajudá-lo.

Hawk ficou parado, como se em transe, enquanto Louisa desabotoava a camisa encharcada.

— Caroline fugiu porque chegou à conclusão de que temos vergonha dela — falou, quase para si mesmo. — Nem sequer queria me ouvir quando afirmei que só a mantivemos longe das outras pessoas para tentar protegê-la.

— Sua irmã só está confusa. Afinal, em poucos dias ganhou uma cunhada e soube que não vai poder ir a Londres nesta temporada.

— Está é decepcionada por eu ter quebrado minha promessa.

Quando Hawk começou a se livrar do resto das roupas, Louisa se afastou rapidamente em busca de toalhas, incomodada com a reação do próprio corpo à visão do torso nu do marido. Que espécie de mulher era ela, afinal? Como podia pensar em bobagens num momento como aquele?

Ao retornar, encontrou-o diante do fogo, os braços apoiados no consolo da lareira, os músculos tensos.

— Eu trouxe toalhas.

Hawk nem sequer respondeu. Continuou imóvel, a cabeça pendendo sobre o peito.

Comovida, Louisa se aproximou e o tocou nas costas.

— Caroline ficará bem. você vai ver.

— Eu não posso cumprir minha promessa, Louisa. Não posso protegê-la. — Ele esmurrou o consolo de pedra. — Por que foi entrar naquela biblioteca? — questionou, a voz carregada de dor e arrependimento.

Louisa sentiu o sangue abandonar-lhe a face e se afastou como se tivesse levado um tapa. Hawk a culpava pelo rumo que sua vida havia tomado, e ela não

podia negar sua responsabilidade. Afinal, entrara na biblioteca de Pemburton no lugar de Jenny e ele a seduzira sem saber quem, na verdade, tinha nos braços.

Hawk estava tão lindo, parado ali à sua frente... e ao mesmo tempo tão distante.

E tudo por sua causa. Se não tivesse trocado confidências com Caroline, quem sabe a moça não houvesse tirado suas conclusões e fugido, sentindo-se a última das criaturas.

A angústia tomou conta de Louisa irremediavelmente. Como podia ter tido coragem de enfrentar o mundo, empregando-se como dama de companhia numa sociedade preconceituosa e conservadora, e não ter tido forças para resistir aos encantos do duque de Hawkhurst?

Recuou mais, sentindo a cabeça rodar.

— Vou ajudar sua mãe.

Hawk não moveu nem um músculo sequer.

Louisa engoliu o nó na garganta, bateu em retirada e o deixou a sós com suas próprias angústias.

Ao sair do quarto e fechar a porta atrás de si com mãos trêmulas, estacou. A alguns metros dela, Denby segurava a mão da duquesa e lhe falava no ouvido. Ou estaria vendo coisas?

Ao vê-la, os dois se afastaram rapidamente. A mulher se voltou na direção de Louisa, tensa.

— Denby conseguiu trazer o médico, Os coitados precisaram enfrentar esse temporal.

— Não foi nada, milady — replicou o jardineiro, visivelmente perturbado.

Louisa foi ao encontro deles ostentando um sorriso.

— Tomara eu possa inspirar tanto carinho e lealdade nos criados quanto a senhora — disse, sincera.

Percebeu que falava como se fosse passar o resto de seus dias ali e sentiu o coração se apertar. Já não tinha tanta certeza disso.

Com assustadora clareza, deu-se conta de que não queria se afastar de Hawk. Precisava dele desesperadamente. E não apenas pela parte física, como seria

suficiente para Jenny. Não queria que Hawk amasse apenas seus olhos, seu sorriso. Queria que ele a amasse de corpo e alma.

— Não faço nada de especial a não ser apreciar o serviço deles — a duquesa interrompeu seus devaneios, parecendo ainda sem-graça.

— Com sua licença, senhoras — disse Denby, antes de se voltar para a mulher.
— Espero que sua filha se livre logo dessa provação.

A duquesa sorriu para ele e o apertou de leve no braço. Um gesto nada comum entre uma dama e seu criado.

— Tenho certeza que ficará bem. Obrigada novamente, Denby. Não sei o que faria sem você.

O homem esboçou um sorriso que não lhe chegou aos olhos.

— Se precisar, é só chamar.

— Fique tranqüilo.

O jardineiro hesitou um instante, como se quisesse dizer mais alguma coisa. Depois cumprimentou Louisa com um gesto de cabeça e se afastou em direção às escadas.

Louisa observou a sogra acompanhar Denby com o olhar e mordeu o lábio com a sensação de que interrompera algo muito importante. Permaneceu em silêncio, até que a duquesa se virou para ela com um suspiro.

— O médico está examinando Caroline.

— Ela voltou a si?

— Ainda não. Receio que toda essa provação, como disse Denby, tenha prejudicado a saúde de minha filha de alguma forma.

— Denby parece ser uma boa pessoa. Foi muito gentil da parte dele consolá-la, enquanto esperava aqui fora.

— Denby é maravilhoso.

O brilho nos olhos da sogra não passou despercebido a Louisa. Decididamente, a duquesa não se referia ao jardineiro como um simples empregado.

Caroline se recuperaria totalmente se a friagem não lhe chegasse aos pulmões, garantira o médico, antes de deixar o solar.

Hawk, no entanto, não estava convencido disso. Sentou-se na cama da irmã, os olhos fixos no rosto da jovem. Temia que, se desviasse o olhar, poderia perdê-la. Permaneceu ali por muito tempo, erguendo-se apenas para alimentar o fogo da lareira. Havia convencido a mãe a ir descansar, de modo que ela estivesse disposta para assumir seu lugar ao amanhecer.

Mas duvidava que pudesse se manter tão alerta e controlado se Louisa não estivesse ali a seu lado.

Na verdade, não a queria ali. A presença da esposa o fazia lembrar seus fracassos e, embora Hawk reconhecesse que não era justo descontar sua frustração nela, não havia como negar que, se estivesse casado com Jenny Rose, as circunstâncias seriam outras e ele teria cumprido a promessa que fizera a Caroline.

— Ela vai ficar boa — Louisa murmurou a certa altura.

— Não precisa ficar aqui.

Ela não ocultou a dor causada pelas palavras do marido.

— Eu gosto de sua irmã e sei o quanto é difícil fazer uma vigília destas. Na ocasião em que minha mãe adoeceu, eu teria dado tudo para ter Alex ao meu lado. Principalmente de madrugada, quando o silêncio era tanto que eu tinha a impressão de sentir a morte rondá-la.

Hawk combateu um arrepio.

— E pensar que disse não ser boa com metáforas... Louisa esboçou um sorriso.

— Não há como não ser melancólica depois de uma experiência dessas.

— Alex nunca a ajudou com sua mãe?

— Não. Vivia ocupado demais para isso.

Hawk reconheceu a censura na voz dela.

— Bebendo, jogando e se perdendo com as mulheres. E, provavelmente, na minha companhia. — Solto um longo suspiro. — Não era à toa que você me tinha em tão baixa conta. Eu nem mesmo sabia que sua mãe estava doente, até ser informado de que havia morrido.

— Você não pode ser culpado pela falta de responsabilidade de meu irmão.

— Não esteja tão certa disso. Forneci a Ravensley os meios para escapar dessa responsabilidade.

Louisa baixou os olhos para as próprias mãos.

— Sou mais responsável pelos desvarios de seu irmão do que você pensa — afirmou Hawk com amargura. — Meu pai também sofreu muito antes de morrer — começou, hesitante. — As más línguas dizem que ele faleceu por conta de uma sífilis, mas foi por consequência de um câncer. Um câncer agressivo e impiedoso. — Os olhos escuros se perderam nas chamas. — Meu pai não suportava que minha mãe o visse sofrer, e ela, por sua vez, tinha horror que ele morresse sozinho.

Louisa arregalou os olhos.

— Não me diga que foi você quem cuidou de seu pai... Hawk concordou em silêncio e seu peito se contraiu com as lembranças.

— Mas você era apenas uma criança, não era? — Ela fitou o rosto moreno, inconformada.

— Doze anos.

— Deus meu! — Louisa levou a mão aos lábios, chocada. Hawk deu de ombros.

— Acho que foi depois disso que me tornei um homem. — Sentiu as lágrimas subirem aos olhos e as combateu bravamente. — Apesar de ter me acovardado quando ele chamou por mim pouco antes de morrer — confessou, depois ergueu-se da cadeira e caminhou para perto do fogo. — Na hora da morte, meu pai chamou por mim duas vezes, mas eu não tive coragem de acudi-lo. Preferi ficar agachado a um canto do quarto com as mãos na cabeça.

Louisa observou, emudecida, enquanto Hawk rumava até a janela e afastava as cortinas. Mais fácil era fitar as sombras lá fora do que o rosto abatido da irmã ou a expressão de choque da esposa. Mais fácil era enfrentar a escuridão da noite do que os fantasmas que trazia dentro dele.

Louisa mordeu o lábio, sentindo o coração se partir ao meio com aquela confissão. Não conseguia imaginar como tinha sido difícil para Hawk ouvir o pai implorar por ajuda em seu leito de morte e não poder fazer nada. Um trauma que ele havia carregado por mais de vinte anos.

Incrível que Hawk tivesse partilhado aquele segredo justamente com ela. Como podia ter se mostrado arrependido de ter se casado com ela, havia apenas algumas horas, e agora desabafar daquela maneira? O que queria ele, afinal?

Tão silenciosamente quanto possível, sem querer perturbar a intimidade que aquela revelação tinha criado, Louisa se juntou ao marido na janela e o tocou no ombro. Percebeu que ele enrijecia e, mais uma vez, retirou a mão, determinada a agir da melhor forma.

— Você era apenas uma criança, Hawk. Não podiam ter colocado esse fardo nos seus ombros.

— Ele era meu pai. Eu é que não podia tê-lo abandonado naquela hora.

Louisa franziu a testa e pensou se Hawk também não se obrigara a se casar com ela por peso na consciência. Na certa, havia prometido a si mesmo que nunca mais abandonaria ninguém: nem a mãe, nem a irmã e nem mesmo a mulher com a qual, inadvertidamente, se comprometera.

— Minha mãe pediu que eu a deixasse. Não queria que eu testemunhasse a sua morte — Louisa contou em voz baixa. — Eu tinha vinte e três anos, na época, e era madura o bastante para permanecer ao lado dela. Mas fiz a sua vontade. Talvez, se você tivesse ficado junto de seu pai, ele acabaria pedindo a mesma coisa.

— Nunca vou saber, porque não tive coragem de responder ao chamado dele — suspirou Hawk, seus olhos castanhos pousando nos da esposa. — Seu irmão também devia ter permanecido de vigília com você. Peço desculpas por haver colaborado com a covardia de Alex.

Hawk parecia determinado a mudar de assunto, e Louisa decidiu respeitar as limitações do marido. Às vezes era mais fácil para os outros perdoarem as nossas falhas do que nós mesmos.

— Para falar a verdade, eu me ressentia muito da sua influência sobre Alex — Louisa confessou, honesta.

— Estava certa. — Hawk se recostou na vidraça e se virou de leve para ela.

— Acredita no amor, Hawk? — Louisa perguntou, ansiosa por saber se ele esperava mais daquele casamento do que apenas algumas noites de prazer.

— Não.

— Mas os personagens das suas histórias acreditam. Como pode escrever com tanta consistência sobre algo em que não acredita?

— Também escrevo contos de fadas. Não espera que eu acredite em pequenas criaturas aladas que voam pelos jardins, não é?

— Pensei que estivesse à procura de tais criaturas quando veio até a janela. — Louisa sorriu e Hawk retribuiu o sorriso.

— Eu só estava tentando evitar uma conversa que me faz lembrar do fracasso que sou como filho e como irmão. Ela balançou a cabeça, inconformada.

— Não sei como pode se considerar um fracasso como irmão! Até agora, não saiu um segundo de perto de Caroline, e, se já o conheço, duvido que vá sair quando sua mãe vier para cá de manhã.

— Já falhei muito ao tentar protegê-la. Tanto que ela fugiu, imaginando que nós tínhamos vergonha dela. E não é de Caroline que sinto vergonha. É da sociedade injusta e preconceituosa em que vivemos e que certamente irá lhe virar as costas ao saber das circunstâncias em que ela nasceu.

— Por isso se sacrifica para protegê-la.

— Sim.

— A ponto de querer desposar uma mulher que você não ama, apenas porque ela é herdeira de uma fortuna que poderia salvar a sua família.

— E pela qual acabei metendo os pés pelas mãos. Louisa baixou os olhos.

— Pois saiba que descobri uma coisa: muita proteção nem sempre é uma boa coisa.

Hawk se voltou para fitá-la com estranheza.

— Meu pai protegeu muito minha mãe — prosseguiu Louisa.

— Do quê? Ela também era filha ilegítima?

— Não. As circunstâncias eram bastante diferentes. Mas o modo como ele a tratava era muito parecido com a maneira como você trata Caroline.

Hawk endireitou o corpo como se houvesse recebido um golpe.

— Eu faço o possível e o impossível para proteger minha irmã.

— Eu sei. Meu pai fazia a mesma coisa por minha mãe — Louisa suspirou. — Por exemplo: nunca contou para ela que a nossa situação financeira piorava a cada dia, graças à vida abastada que mamãe impunha à família.

— Mas Caroline não é assim, ela...

Louisa bufou, exasperada.

— Mas que droga, Hawk, vai ouvir o que tenho para contar ou não?

Ele arregalou os olhos, obviamente chocado com o palavreado dela. O que acontecia com os homens, Louisa pensou, que só prestavam atenção a uma mulher quando ela tirava a roupa ou então usava alguma palavra vulgar?

— Continue — Hawk pediu após um instante.

— Obrigada. Como estava dizendo, meu pai tentou proteger minha mãe mentindo sobre a nossa situação financeira. Ela não tinha idéia de que os nossos cofres já estavam quase vazios e que a vida que levava só piorava as coisas. Apesar de sentir muito ao afirmar isso, acredito que meu pai acabou sofrendo um ataque cardíaco por conta desse dilema.

— Posso garantir que o meu coração continua firme como uma rocha.

Louisa revirou os olhos. Hawk entreabriu os lábios, depois tornou a fechá-los, impedindo a si próprio de continuar. Parte do sofrimento que ela vira nos olhos escuros, entretanto, parecia ter-se evaporado.

— Ao proteger minha mãe, meu pai se esqueceu de prepará-la para o tempo em que não estaria mais entre nós. Ela ficou perdida quando ele morreu, já que meu pai tinha sido a sua muleta por toda a vida. Minha mãe ficou sem chão.

Hawk respirou fundo, o semblante sério. Louisa correu a mão pela testa, repentinamente exausta.

— Talvez eu devesse parar com essas metáforas, mas o que quero dizer é que acredito que minha mãe sucumbiu à doença porque era mais fácil desistir da vida do que encarar o mundo sem meu pai. — Louisa o fitou nos olhos, atenta. — Você passou a vida inteira protegendo Caroline do resto da sociedade, Hawk, e acho isso admirável. Mas não sei se está agindo certo.

Os olhos de Hawk se arregalaram.

Louisa, por sua vez, estava tão surpresa com as próprias palavras quanto ele.

— Não acho que tenha feito isso por mal — ela prosseguiu com coragem —, porém me pergunto se não se equivocou ao imaginar o tratamento que as pessoas darão a sua irmã. Qual o máximo que pode acontecer se decidir apresentá-la à sociedade?

— Caroline ser ignorada, ter o coração ferido e as esperanças reduzidas a nada — respondeu Hawk, amargo.

— Concordo, até por experiência própria, que tais sentimentos podem ser arrasadores. Mas se pode sobreviver a eles. E temo que você acabe prestando um desserviço à sua irmã se não der a ela a chance de pelo menos tentar conviver em sociedade.

Hawk estendeu a mão e a tocou no rosto com uma delicadeza que já não era nenhuma surpresa para Louisa. Uma delicadeza que ela havia temido perder, depois do desabafo a respeito do casamento de ambos.

— Nem todo o mundo é forte como você, Louisa. Nem todo o mundo possui a sua determinação. Ver Caroline sofrer partiria o meu coração e o de minha mãe.

Ela engoliu o nó na garganta. E Hawk ainda dizia não saber amar?

— Caroline é irmã de um duque — Louisa replicou, num sussurro. — Parece que Vossa Alteza não levou isso em conta.

— Acho que você dá valor demais ao meu título.

— Acho que você dá valor de menos a si próprio. Mais uma vez Hawk ficou aturdido com a força das palavras da esposa.

— E se estiver enganada?

— Ao menos saberemos que lugar a sociedade irá reservar para sua irmã.

— Caroline não está preparada para enfrentar a sociedade londrina, Louisa.

— Concordo. Levá-la para lá agora não seria um bom começo. Ela certamente iria se sentir uma estranha. Mas aqui... — Os olhos de Louisa se iluminaram. — Aqui sua irmã poderia participar de seu primeiro baile com o conforto de se sentir em casa. Estamos a apenas duas horas de Londres, Hawk. Além do mais, esse escândalo em que nos envolvemos pode ter servido para alguma coisa. As pessoas estão morrendo de curiosidade para saber como anda o nosso casamento.

Hawk balançou a cabeça, confuso.

— Está me pedindo algo que pode causar ainda mais sofrimento para as duas mulheres mais importantes da minha vida.

Louisa se deu conta de que ainda não constava da lista do marido. Talvez nunca viesse a constar. Mas por que se sentia tão amargurada? Sabia, desde o princípio, que Hawk não a amava.

— É um risco que terá de enfrentar, mais cedo ou mais tarde, se pretende

arranjar um bom marido para sua irmã.

— Por favor, Hawk!

Os dois se voltaram ao ouvir a voz fraca de Caroline. Ela estava sentada na cama, as cobertas contra o peito.

— Carol! — Hawk correu até a irmã, aliviado. — Há quanto tempo está acordada?

— Há tempo suficiente. — Sorriu, depois tornou a ficar séria. — Se tem medo de que eu vá envergo...

— Você jamais me envergonhará! — exclamou ele e segurou em sua mão.

Mesmo abatida, Caroline lançou um olhar maroto na direção de Louisa.

— Eu nunca tinha percebido essa mania de meu irmão interromper as pessoas.

— Ele só faz isso quando não gosta do rumo da conversa — disse Louisa, comovida.

Caroline tornou a se concentrar em Hawk.

— Se eu puder dançar só uma vez, mesmo que seja com você... já ficarei feliz.

— Não sabe como as pessoas podem ser cruéis.

— Com a irmã do duque de Hawkhurst? Duvido que me façam alguma desfeita se correm o risco de enfrentar a sua ira. Ou a de Louisa, pelo que vi até agora. Por favor, maninho, vamos dar um baile!

— Que tal um baile Cinderela? — sugeriu Louisa com um sorriso.

— Como é isso? Vou ter de me transformar em "gata borralheira" depois da meia-noite?

Louisa jogou a cabeça para trás com uma risada.

— Não. Trata-se apenas de uma festa mais informal, que começa às oito em vez de às dez e termina à meia-noite em vez de às três da manhã.

— Perfeito! O que acha, Hawk?

Louisa o viu fechar os olhos e sentiu o peito se apertar diante da situação que, mais uma vez, ela havia provocado.

— Podemos fazer uma pequena reunião e selecionar a dedo os convidados — Louisa explicou com cuidado.

Ele encarou as duas com um suspiro, depois se concentrou na irmã:

— Não quero que se magoe ainda mais. Mas também não desejo ser o responsável por não ter, ao menos, corrido o risco de tentar ser feliz. — Voltou-se para Louisa — Organizem o baile. Tudo que me resta é rezar para que a minha suposição seja equivocada.

Ela soltou o ar que vinha prendendo. Nunca na vida deparara com um homem que ansiava estar enganado em suas suposições.

Mas podia ver nos olhos de Hawk que, se ele estivesse certo, jamais a perdoaria por lançar Caroline aos leões.

Capítulo XIX

— Não podem estar falando sério — declarou a duquesa, incrédula: — Como podemos dar um baile aqui? — Caminhou de um lado para outro, nervosa, ainda segurando a flor com a qual pretendia completar um arranjo, antes do anúncio de Hawk.

— Prometi a Caroline e já é hora de eu cumprir minhas promessas.

— Como pretende apresentá-la às pessoas?

— Da mesma maneira que a apresentei a Louisa: como minha irmã adorada, srta. Caroline Selwyn.

A duquesa parou, os olhos cheios de lágrimas.

— Não precisa ficar no baile se não quiser — adiantou-se Hawk, sensato.

Na verdade, se pudesse, nem mesmo ele ficaria.

— As pessoas vão questionar o meu comportamento, filho.

— E daí?

Ela soltou uma risada seca.

— Que bom conselho de um homem que se casou para proteger uma dama do veneno alheio...

— Minhas razões para ter me casado com Louisa são apenas minhas — retorquiu ele, frio. — Não têm nada a ver com o fato de eu querer apresentar Caroline à sociedade, exceto por ter sido Louisa quem me abriu os olhos para a injustiça do estilo de vida que impus à minha irmã até agora. E isso mesmo que deseja para o futuro de Caroline, mamãe? Que ela continue a viver afastada de tudo e de todos, com medo do julgamento das pessoas, e tendo como única alegria as flores do jardim?

— As flores não são minha única alegria, Hawk. Meus filhos também são. A não ser em alguns momentos como este.

Ele avançou um passo em direção à mãe.

— A senhora não vai a Londres há dezoito anos, mamãe. A sociedade evoluiu. Já existem pessoas, sem nenhum título, que são bem-vindas em lugares onde, antigamente, eram rejeitadas. Já houve tempos em que uma mulher jamais se aventuraria sozinha pelas ruas e, no entanto, Louisa circulou pela cidade sem nenhuma companhia e sem que ninguém a incomodasse ou censurasse por isso. — Hawk respirou fundo. — Verdade que ela é a mulher mais corajosa que conheci na vida. Não devemos esperar que as coisas caiam do céu. Caroline pode aprender muito com Louisa, inclusive que às vezes precisamos nos arriscar. Temos que avançar ao menos um passo, se pretendemos continuar caminhando.

— Tenho medo, filho — confessou a duquesa. — Medo do sofrimento que todos nós poderemos enfrentar.

— Atualmente, prefiro o risco de sofrer por um dia à perspectiva de passar o resto da vida à sombra da sociedade.

A duquesa fitou a flor que ainda tinha na mão, depois a levou ao nariz e inalou seu perfume como se, com isso, pudesse reunir forças.

— Já perdi a conta de há quanto tempo não organizo uma festa.

— Louisa pode ajudá-la nos detalhes. Afinal, o baile será dado pelo duque de Hawkhurst. E ela é minha duquesa.

A mãe lhe sorriu, pela primeira vez em muito tempo.

— Estou começando a achar que Louisa é muito mais do que isso para você.

Por mais que a idéia o amedrontasse, sua mãe tinha razão, em se tratando de Louisa, Hawk sentia-se tão perdido e inexperiente quanto Caroline.

Não podia negar: tudo seria muito mais simples, muito mais fácil, se tivesse se casado com Jenny Rose.

Entretanto não se imaginava mais um só dia sem Louisa.

A tensão de Hawk cresceu ainda mais naquela noite, na biblioteca, ao ver o entusiasmo da irmã. Sentada ao lado de Louisa, no sofá, Caroline ouvia atentamente a cunhada detalhar todas as providências que precisariam ser tomadas.

Lançou um olhar à mãe e percebeu que ela partilhava sua preocupação. Queria ter certeza de que tudo acabaria bem. Havia exposto a questão com tanta segurança naquela tarde, mas agora que a realidade começava a se delinear, já não sentia mais a mesma coisa.

— Talvez seja melhor adiarmos esse projeto — Hawk anunciou, a uma certa altura, e notou a mãe suspirar de alívio.

Louisa e Caroline trocaram um olhar, espantadas.

— Por quê? — indagou Louisa com cuidado.

— Seria prudente se esperássemos uma melhora na nossa situação.

— Se não tomarmos uma atitude, minha situação não vai melhorar nunca, Hawk — replicou Caroline com convicção, para a surpresa de todos.

Ele estreitou o olhar, tenso. Aquilo seria influência de Louisa?

— Um baile pode ser muito custoso.

— Não será um grande baile — Louisa interveio. — Convidaremos, no máximo, cinquenta casais.

— Precisaremos de uma orquestra.

— Um sexteto de cordas é suficiente e não será caro. Também temos bastantes flores no jardim para enfeitar a casa. Sua mãe é especialista em arranjos. Tenho certeza que faria isso com prazer.

— Não faria? — Caroline voltou-se para a mãe, ansiosa. A expressão da duquesa era de alguém que resistia à idéia de participar de empreitada tão arriscada.

— Se vocês quiserem... — foi a resposta hesitante.

Hawk suspirou pesadamente. Por que havia concordado com aquela loucura?

Arrastou a cadeira para longe da escrivaninha, assustando as mulheres, e se

pôs em pé antes de caminhar até a janela. Sabia o quanto a mãe era tímida. Se havia alguém ali sofrendo mais do que ele com a perspectiva daquele baile, era ela.

— Tenho um vestido que ganhei das irmãs Rose e que posso reformar para Caroline — prosseguiu Louisa, ressabiada. — Desta forma evitaríamos mais uma despesa.

— E quanto à comida? — indagou Hawk, mal ocultando sua irritação.

— Não se serve jantar em um baile Cinderela. Apenas um coquetel e refrescos para os convidados.

— E quem vai receber toda essa gente?

— Podemos contratar alguns criados extras no vilarejo. Posso treiná-los eu mesma.

Ele se voltou para encará-la.

— Em duas semanas?

— Eles não terão que fazer mais do que apanhar casacas, xales e servir bebidas, Hawk.

— Mas, de qualquer forma, terão de ser pagos. Ou seja, precisamos providenciar os convites, os aperitivos, a orquestra. Como podemos pagar por tudo isso?

Louisa se ergueu, decidida.

— Por que está sendo tão desagradável?

— Não estou sendo desagradável, mas apenas pensando que não temos de onde tirar dinheiro para um baile desse porte.

— Temos, sim. Temos o dinheiro que os Rose me deram. Hawk soltou uma exclamação, indignado.

— Não está pensando que vou usar esse dinheiro, está?!

— Ele também é seu. Nós nos casamos, lembra-se? Ele meneou a cabeça.

— Não pagarei as despesas desse baile com o seu dinheiro.

— Teria tantos escrúpulos assim para usar o dinheiro de Jenny?

Hawk cerrou o maxilar.

— Jenny tem dinheiro para jogar fora. E não precisou trabalhar para obtê-lo!

Louisa sentiu como se houvesse levado um golpe. Continuou a fitá-lo, incapaz de emitir qualquer som. Ele percebeu sua reação e bufou, aborrecido.

— Não pretendia insultá-la.

— Sua vida seria bem mais fácil se tivesse se casado com Jenny, eu sei.

— Mas não foi ela quem entrou naquela maldita biblioteca!

Louisa empalideceu.

— Por quanto tempo mais pretende jogar isso na minha cara? Era você quem estava sendo inescrupuloso e era meu dever proteger Jenny a qualquer custo! E que custo, meu Deus... Eu não queria me casar com você mais do que você queria se casar comigo, Alteza! Mas aqui estamos nós. — Ela abriu os braços. — Prometeu que faria o melhor que pudesse para que este casamento desse certo, mas parece que o seu conceito de "melhor" não é o mesmo que o meu.

Ao ver a mãe e a irmã entreabrirem os lábios, estarecidas, Hawk lhes deu as costas. Louisa o desafiava em qualquer tempo, em qualquer situação. E tudo o que ele pensava em fazer era tomá-la nos braços e silenciá-la com um beijo.

Ela jamais seria como a duquesa. Jamais se deixaria dominar por alguém ou alguma coisa.

— Caroline, querida... Já é hora de nos recolhermos e...

— Não precisa se incomodar, mamãe — Hawk se apressou em dizer. — Eu já disse tudo o que precisava dizer.

— Hawk, me desculpe! — pediu a irmã dele, constrangida. — Não precisamos fazer esse baile se você não quiser.

Hawk correu as mãos pelo rosto, depois pelos cabelos, sentindo-se exausto. Quantas vezes mais teria de engolir o próprio orgulho?

Só mais uma vez, disse uma voz dentro dele. Aceite o dinheiro oferecido por Louisa.

— Tire o retrato de seu pai da parede — falou a duquesa, de súbito.

Hawk olhou-a.

— Como?

— Tire o retrato de seu pai da parede, por favor.

— Por quê? — Ele franziu o cenho. A duquesa respirou fundo.

— Apenas faça o que eu digo.

Hawk caminhou devagar até a parede oposta, hesitante. A pintura retratava o pai dele jovem. Lembrava-se de, quando menino, passar horas olhando para aquela tela e se perguntando quanto dos próprios traços eram iguais aos do pai. Nunca se achara muito parecido com ele.

Segurou a moldura e a ergueu, afastando o quadro da parede para revelar uma espécie de cofre. Observou, abismado, enquanto a mãe retirava uma pequena chave do bolso do vestido. Pouco depois, ela abriu a portinhola de ferro e pegou uma caixinha de couro.

— Tome — suspirou a duquesa. — Leve isto a um joalheiro. Vai obter algum dinheiro com o que tem aqui dentro. Muito mais do que o necessário para o baile de Caroline, com certeza.

Hawk aceitou a caixinha, emudecido. Tirou a tampa e franziu o cenho ao ver um colar de brilhantes e esmeraldas. Ergueu os olhos para a mãe, numa pergunta silenciosa.

— Seu pai o deu para mim quando nos casamos — revelou a duquesa, tristonha.

— Vai se desfazer do presente dele?

— Faço qualquer coisa pelo bem dos meus filhos — garantiu ela com um breve sorriso. — Não vale muita coisa, mas o suficiente para o baile e, talvez, para sobrevivermos a mais um inverno.

Hawk meneou a cabeça, inconformado.

— Às vezes são necessários sacrifícios — prosseguiu a duquesa com segurança. — Agora é a minha vez.

— Mas foi meu pai quem...

— Sinto ter de dizer, meu filho, mas esse colar não possui nenhum valor sentimental para mim. Meu casamento com seu pai foi por conveniência. Infelizmente, é isso o que acontece quando não nos casamos por amor.

Meu caro sr. Jeremy Rose,

Espero que esta carta encontre o senhor e sua família felizes e com saúde. O senhor e

suas irmãs foram tão gentis durante um dos momentos mais difíceis de minha vida que lhes serei grata para sempre.

Venho, por meio desta mensagem, pedir mais um favor, ainda que nada tenha a oferecer em troca, a não ser a promessa de lhe arranjar uma esposa encantadora e que seja merecedora de cavalheiro tão afável e de bom coração.

Como poderá ver, esta carta está acompanhada de um convite para um baile Cinderela oferecido por mim e pelo duque de Hawkhurst em nossa residência, no campo. Durante o baile, Hawk pretende apresentar à sociedade sua adorável irmã, Caroline Selwyn.

Tudo o que peço, é que nos dê a honra de convidá-la para a segunda dança.

Se puder fazê-lo, terá mais do que minha eterna gratidão. Tem meu eterno respeito.
Sinceramente,

Lady Louisa Wentworth Duquesa de Hawkhurst

Os planos para o baile iam de vento em popa. Louisa enviara os convites junto à carta de Jeremy e estava otimista: ele não deixaria de atender ao seu apelo.

Também havia terminado de reformar o vestido para Caroline e passara cerca de uma hora passeando pelos jardins com a duquesa e seu jardineiro, discutindo que flores utilizariam para os arranjos.

Ao retornar para casa, descobriu que tinha uma visita.

— Sra. Rose! Mas que surpresa... inesperada.

— Existe alguma surpresa esperada? — ironizou a mulher.

Louisa se obrigou a sorrir. A sra. Rose continuava desagradável como sempre. Na certa, algum criado lhe pedira para esperar no vestibulo, pois Hawk havia saído a cavalo para inspecionar a propriedade, e Caroline, decerto, encontrava-se em seu quarto, lendo. O "prazer" de receber a matriarca dos Rose, portanto, seria todo seu.

— Perdoe-me as palavras. O que eu quis dizer foi "que prazer inesperado".

A sra. Rose olhou ao redor.

— Então, é aqui que minha filha viveria se você não a tivesse traído. Até que trabalhou bem em benefício próprio.

Louisa pensou em dizer que seu irmão é que os havia traído, mas achou por bem não iniciar uma discussão que não levaria a nada. A mulher que acreditasse no

que quisesse.

— O que a traz a Selwyn House? — indagou.

— Gostaria de ter uma conversa com você... em particular.

— Vamos para a sala, então — Louisa sugeriu, ainda que não houvesse ninguém por perto. — Gostaria de um chá?

— Não, não... Serei breve. Não se trata de uma visita.

Por algum motivo, Louisa não se surpreendeu.

Ao chegarem à sala de estar, a mulher seguiu direto para a janela.

— Nunca vi jardins tão exóticos.

— Temos um jardineiro muito bom e cuidadoso. Mas não veio aqui para falar sobre jardins, sra. Rose...

— Certamente que não. — Ela se voltou para encará-la. — Já sabe se o seu casamento foi realmente necessário?

— Foi necessário, sem dúvida — retrucou Louisa, seca.

— Então... está grávida?

— Não vejo por que meu estado físico seria do seu interesse.

A mulher esboçou um esgar.

— Sei bem que não morre de amores por mim, duquesa. Que me considera rude, e talvez vulgar, em comparação ao seu refinamento. Mas eu lhe garanto que jamais conhecerá uma mãe que ame mais suas filhas e deseje para elas somente o que há de melhor.

— Se as ama tanto assim, deveria permitir que elas arrandassem os próprios maridos.

— Impossível. — A megera girou o corpo e se afastou, pensativa. — Corrija-me se eu estiver errada... Mas nos restam somente três duques ainda solteiros: Whitson, Pemburton e Stonehaven.

— Não pode estar pensando em Whitson. O homem já deve ter passado dos sessenta anos.

— São apenas esses três? — A sra. Rose tornou a ignorá-la por completo.

Louisa soltou um longo suspiro.

— São. Somente esses três. A mulher bufou, desgostosa.

— Eu não consideraria Whitson se tivéssemos alternativas. Stonehaven não se mostrou interessado nas minhas filhas. É um completo imbecil e não pretendo dar a James netos imbecis. Isso só nos deixa um duque e eu tenho duas filhas. — Respirou fundo e endireitou os ombros. — Isto é: o "seu" duque estaria disponível novamente se você não estivesse esperando um filho dele.

Louisa balançou a cabeça, incrédula.

— Mesmo que isso seja verdade, sra. Rose, Hawk não se sujeitaria a passar por um novo escândalo.

— Não estou falando em divórcio. Estou falando em uma anulação de casamento.

Louisa sentiu o sangue subir-lhe às faces.

— É tarde demais para isso.

— Não necessariamente — insistiu a mulher. — Quando se pode receber uma boa quantia em dinheiro, nem sempre é tarde.

Louisa entreabriu os lábios, porém não conseguiu emitir nenhum som.

— Certa vez conhecemos uma jovem que se envolveu com um rapaz de origem duvidosa — prosseguiu a sra. Rose, inabalável. — Acabou se casando com ele, para desgosto da família. Éramos muito próximos dessa moça o Jeremy conseguiu convencê-la de que aquela união era um erro. Com a ajuda dele, conseguimos obter a anulação do casamento para a moça, mesmo depois de ela estar casada por vários meses. — Ergueu as sobrancelhas finas. — Não sei dos seus sentimentos por Hawkhurst, mas caso decida que não deve permanecer casada, ou se não estiver grávida, basta nos avisar e poderemos ajudá-la.

— Com uma anulação?

— Não é um escândalo tão grande quanto um divórcio, Louisa. E se Hawkhurst não estiver mais casado...estará disponível para Jenny.

— Tem certeza de que Jenny se casaria com ele?

— Eu cuidaria para que se casasse.

— E se ela não quisesse desposar Hawk?

— Não existe essa possibilidade.

Perturbada, Louisa desviou os olhos da mulher. Já não conseguia nem sequer imaginar Hawk e Jenny juntos.

— Não se entusiasme muito com essa idéia — disse, por fim.

— Nem se eu dissesse que Jeremy estaria disposto a se casar com você?

Louisa abriu a boca, sem acreditar no que estava ouvindo.

— Permitiria que seu filho se casasse comigo depois de tudo o que aconteceu?!

— Jeremy me contou sobre a carta que escreveu a ele, e da sua proposta de que lhe arranjasse uma esposa. Não vejo por que essa esposa não poderia ser você mesma. Qualquer escândalo ocorrido aqui não chegaria aos Estados Unidos.

— Seu filho sabe dessa sua idéia?

— Ainda não. Mas você é do agrado dele. Não seria nenhum sacrifício para Jeremy desposá-la.

Louisa observou a mulher, certa de que nunca na vida conhecera criatura mais fria e ambiciosa.

— E quanto a Kate?

— Poderia ficar com Pemburton, e todos sairiam beneficiados.

— Não percebe como está tentando manipular a vida das pessoas?

— Quer me fazer crer que não manipulou Hawkhurst, ao seduzi-lo, para que ele fosse obrigado a se casar com você?

Louisa se pôs em pé, lívida.

— Acho que já está na hora de a senhora ir embora.

A mulher se levantou com um leve ar de enfado.

— Ao menos pense no que eu disse.

— Não perderei meu tempo considerando suas propostas absurdas.

A sra. Rose deu de ombros.

— Como sempre diz meu marido... não custa nada tentar. Passar bem, Louisa.

— Alteza — corrigiu ela.

A mulher girou o corpo para encará-la.

— Como disse?

— Deve se dirigir a mim como Vossa Alteza, agora — ressaltou Louisa. — Ou se esqueceu de que sou a duquesa de Hawkhurst?

Para a surpresa dela, a sra. Rose empalideceu levemente e fez uma medida com a cabeça.

— Claro. Tenha uma boa tarde... Alteza.

Louisa continuou tremendo ainda por muito tempo após a saída da mulher. Que audácia ela ter ido até lá para fazer uma proposta daquela!

Não podia nem sequer comentar aquela visita com Hawk. Se a sra. Rose a deixara naquele estado, qual não seria a reação dele?

Ou, quem sabe, não quisesse contar ao marido por temer que ele visse na tal anulação a oportunidade, para consertar as coisas e se casar com Jenny, admitiu para si mesma. Afinal, casar-se com a primogênita dos Rose lhe daria toda a segurança financeira de que Hawk necessitava.

Isso ficara bem claro todas as vezes em que Hawk tinha amaldiçoado a ida de Louisa àquela biblioteca.

O baile Cinderela aconteceria em uma semana. Ainda havia muito a ser providenciado e, de repente, Louisa já não tinha mais forças. Naquele dia, preferiu ficar encolhida na poltrona de veludo do quarto, olhando para a cama onde ela e o marido haviam se amado mais uma vez na noite anterior. Para um homem que afirmara perder o interesse por suas parceiras tão logo acabasse o jogo da conquista, Hawk ainda demonstrava um admirável ardor ao tomá-la nos braços.

Tal entusiasmo, porém, parecia fadado a diminuir daquele dia em diante. Afinal, o casamento entre ambos, enfim, tinha acontecido apenas para proteger sua reputação... pois não haveria nenhum filho para criarem.

A prova tinha chegado havia menos de uma hora e roubado de Louisa toda a energia.

Ela fechou os olhos, amargurada. Saber que não estava grávida fazia a traição de Alex parecer ainda mais revoltante. Se seu irmão não tivesse levado Jeremy até a biblioteca, naquela noite, talvez agora não precisasse estar casada com Hawk. Muito menos preocupada com o destino de Caroline.

O dinheiro era mesmo muito compensador. O pequeno baile que ela havia planejado para a cunhada jamais poderia ser comparado ao que Hawk teria

condições de dar se tivesse se casado com Jenny. A festa seria tão grandiosa, tão concorrida, que colocaria Londres em polvorosa e abafaria qualquer rumor a respeito de Caroline e a mãe.

Não era todo momento que se sentia insegura quanto ao plano que havia elaborado. Agora, entretanto, estava apavorada com a possibilidade de que algo desse errado e afetasse ainda mais a família de seu marido.

Uma batida seca na porta a fez erguer a cabeça e endireitar o corpo. Hawk adentrou o quarto, e Louisa sentiu o peito se apertar. Sentia-se tão próxima dele, agora, que não suportava a idéia de magoá-lo.

— De acordo com a sua lista, precisamos arrumar o salão de baile hoje — Hawk falou com um suspiro. Em seguida, franziu a testa. — Algum problema? Não está se sentindo bem?

Louisa ensaiou um sorriso.

— Não é nada. Talvez seja melhor deixarmos para arrumar o salão amanhã. Preciso ir a Londres providenciar algumas coisas.

Hawk sentou-se na beirada da poltrona ao lado, os olhos fixos nos dela.

— O que foi, querida? — insistiu e segurou sua mão.

Louisa piscou, chocada. Ele nunca a tinha chamado de "querida" antes. Tampouco fora capaz de ler seus pensamentos como agora.

Tratou de combater a emoção que sentiu invadi-la.

Hawk a tratara assim não porque sentia alguma coisa além de desejo, mas porque já estava familiarizado com a sua presença, como se ela fosse uma pessoa da família... nada mais.

Engoliu o nó na garganta.

— E que... não vamos ter um filho. Eu sinto muito.

Ele abriu um sorriso e apertou a mão de Louisa.

— Isso não é difícil de resolver. Ela o fitou, confusa.

— Sei que está tentando me fazer sentir melhor, mas será que não percebe? Não precisávamos ter nos casado, Hawk!

— Tínhamos todas as razões do mundo para nos casarmos. Ou esqueceu de que eu precisava salvar a sua reputação?

Louisa baixou os olhos.

— Não sei por que, mas, de repente, é como se eu tivesse ainda mais consciência do sacrifício que você fez ao se casar comigo.

— Não está sendo assim tão difícil — retrucou Hawk, levemente melancólico.

As palavras dele não eram uma declaração de amor. A triste realidade era que nenhum dos dois havia se casado movido por tal sentimento. Hawk tinha prometido que daria o melhor de si, e agora afirmara que "não estava sendo assim tão difícil".

Louisa lembrou-se do colar que a sogra ganhara do marido. Os presentes que trocava com Hawk também não teriam nenhum valor sentimental?

— Muito bem... — Limpou a garganta. — Como eu disse, ainda preciso providenciar algumas coisas para o baile, em Londres.

— Podemos ir assim que eu pedir para prepararem o coche.

— Prefiro ir sozinha, Hawk — Louisa se apressou em dizer. — São muitos detalhes... Não precisa testar os limites da sua paciência.

— Não quero que vá para Londres sozinha.

— Ficarei bem. Afinal, sou uma mulher casada agora. Não preciso de companhia para fazer algo tão simples. Verdade. — Esboçou um sorriso. — Seja bonzinho e eu lhe trarei bombons de conhaque.

Ele a fitou, os olhos semicerrados.

— Por que tenho a impressão de que não está sendo totalmente sincera?

Louisa suspirou.

— Para falar a verdade, estou um pouco deprimida. Não tinha percebido o quanto me sentia ansiosa por um filho. Acho que estou precisando de um tempo sozinha. Essa ida a Londres pode surtir um bom efeito, só isso.

Hawk a estudou por um instante e Louisa temeu que a mentira estivesse estampada em seu semblante.

— Prometo que voltarei antes do entardecer.

— Não gosto muito da idéia, mas se prefere assim... — Hawk soltou a mão dela e se levantou.

— Por favor, compreenda. Gostei tanto de ser uma mulher independente,

fazer compras onde me desse na cabeça. Não quero me sentir amarrada pelo casa... — interrompeu-se ao perceber o que dissera. Mordeu o lábio, querendo engolir as palavras de volta. Pensou em pedir desculpas, mas precisava ir sozinha a Londres para pôr em ação o plano que se desenhara em sua cabeça ao perceber que não estava grávida. Um plano que beneficiaria Hawk imensamente.

— Muito bem — ele disse, visivelmente aborrecido — Eu a vejo no jantar. — E saiu do quarto sem olhar para trás.

Louisa recostou-se na poltrona com um suspiro. Os próximos dias não seriam nada fáceis.

Enquanto a carruagem rumava para Londres, Louisa checava mentalmente todas as coisas que ainda precisava providenciar: as acomodações para a orquestra, o uniforme dos empregados, o preparo dos aperitivos.

Pouco mais de duas horas depois, encontrava-se na sala da casa dos Rose. Entregou o cartão de visita ao mordomo, tentando não tremer como fizera pela manhã, quando solicitara uma reunião com o sr. e a sra. Rose.

Ao ouvir passos no vestíbulo, endireitou o corpo e se voltou para encarar a dona da casa.

A megera ergueu uma sobrancelha, como costumava fazer.

— Ora, viva! Veio mais rápido do que eu imaginava.

Capítulo XX

— E se ninguém aparecer? — indagou Caroline, inquieta, enquanto Louisa lhe arrumava os cabelos.

— Claro que eles vêm. Nem que for por curiosidade.

— Curiosidade a meu respeito?

— Eles nem sabem a seu respeito, querida — lembrou-lhe a duquesa, em pé ao lado da penteadeira, as mãos apertadas na frente do corpo. — Mas, certamente, estão interessados em saber como a velha duquesa vive e como a nova duquesa de Hawkhurst está se saindo quanto às suas atribuições.

— Que bom que resolveu descer para o baile, mamãe — Caroline sorriu, comovida.

Louisa pôde observar a duquesa pelo espelho. A expressão dela dizia tudo: não deixaria a filha entrar sozinha naquela arena de leões.

— Há anos não vou a um baile. Seria uma tola se perdesse justamente o que está acontecendo na minha casa. Isto é, na nossa casa — corrigiu-se e lançou um olhar preocupado para Louisa.

— Não me ofende se se refere ao solar como a sua casa, senhora — Louisa apressou-se em esclarecer com um sorriso sincero. — Aliás, os arranjos que fez para o salão de baile estão divinos.

Sua sogra suspirou, visivelmente aliviada.

— Denby fez um esforço enorme para que as flores desabrochassem antes do tempo. Realizou um verdadeiro milagre.

Louisa recuou um passo e examinou o penteado da jovem cunhada.

— Acho que está bom.

— Está lindo! — Caroline virou a cabeça de um lado a outro.

— Agora venha. Vou ajudá-la com o vestido.

Pouco depois, Caroline olhava o próprio reflexo no espelho com lágrimas nos olhos.

— Pareço uma daquelas princesas de contos de fadas! — exclamou. Depois girou o corpo. — O que acha, mamãe?

Louisa viu a sogra observar a filha dos pés à cabeça. *Por favor, não a decepcione!*, pediu em silêncio.

— Parece que está faltando alguma coisa — comentou a mulher. — Dê uma volta. Acho que já sei o que é.

Caroline obedeceu, mas tinha uma expressão tão preocupada no rosto que Louisa pensou que ela fosse chorar.

Assim que deu as costas para a mãe, entretanto, esta ergueu ambos os braços e prendeu um colar de pérolas no pescoço da filha.

— Pronto. Agora não falta mais nada.

De frente para o espelho, Caroline levou a mão ao pescoço, os lábios entreabertos pela surpresa.

— Mamãe!

A duquesa sorriu.

— Toda dama deve ter suas pérolas. Estas eram da minha mãe. Agora são suas.

Louisa nem sequer se incomodou em conter as lágrimas ao ver mãe e filha se abraçando, emocionadas. Tudo o que pôde fazer foi rezar para que aquela noite fosse tão maravilhosa quanto ela havia planejado.

Pois lhe custaria tudo o que Louisa mais amava.

Ao lado da janela da biblioteca, Hawk esvaziou o cálice de conhaque de uma só vez. Era apenas um baile, mas sentia os nervos à flor da pele, como se estivesse prestes a entrar em um campo de batalha. Não sabia se rezava para que todos faltassem ou para que todos viessem.

Por que concordara com aquela insanidade? Caroline ainda era tão jovem... tão inocente.

Tinha lhe prometido uma dança e, Falconridge, provavelmente, também se ofereceria para uma valsa. Mas... e depois? Não era possível que Ravensley fosse dar as caras, mesmo tendo sido convidado por Louisa.

Talvez pudesse convencer alguém mais a dançar com sua irmã, mesmo que fosse algum rapaz sem um título muito importante; o filho caçula de um duque, quem sabe.

A idéia de ver Caroline dançando com alguém, contudo, o incomodava profundamente. E se o homem que a acompanhava tentasse beijá-la ou até seduzi-la?

Santo Deus! No fim, o fato de Louisa não estar grávida era um alívio. Ainda não se imaginava responsável por um filho. Muito menos por uma filha determinada e independente como a mãe...

Talvez devesse rezar para ter apenas filhos homens.

— Hawk?

Ele olhou por cima dos ombros, e foi como se houvessem lhe roubado o ar dos pulmões.

— O que acha? — Caroline sorriu de orelha a orelha, os olhos brilhando intensamente. Parecia uma princesa com o vestido rodado cor-de-rosa; o decote canoa, que lhe deixava os ombros à mostra, salpicado de pequenas flores da mesma cor; o pescoço alvo adornado por um maravilhoso colar de pérolas. Os cabelos encontravam-se presos por um pente em um coque meio solto, do qual pendiam vários cachos.

Uma onda de pânico o invadiu.

— Vou cancelar este baile — Hawk decidiu de súbito.

— O quê?! — Caroline entreabriu os lábios, chocada.

— Volte para o seu quarto imediatamente. Louisa!

De cenho franzido, Louisa surgiu na biblioteca no instante seguinte, a pele de anjo e os cabelos dourados contrastando com o batom vermelho e o vestido da mesma cor. A visão dela, Hawk sentiu-se ainda mais ameaçado.

— Não vai haver baile — declarou. — Nós dois iremos descer e comunicar que há uma epidemia na casa e que todos devem partir agora.

— Você enlouqueceu?!

— Pensei que não pudesse haver nada pior do que Caroline ser ignorada, mas agora vejo que será muito pior se ela despertar o interesse de algum convidado, como eu tenho certeza que vai acontecer. E se ela chamar a atenção de algum cafajeste como eu?

Louisa soltou uma risada fraca.

— Não vai haver nenhum cafajeste como você, até porque você não é nenhum cafajeste, Hawk!

— Só está querendo me acalmar.

— Claro que sim, pois você está fora de si. Hawk, estarei ao lado de Caroline todo o tempo. Ninguém vai incomodá-la!

— Não se pode confiar nos homens. Caroline está bonita demais!

A irmã dele riu, abismada.

— Hawk, escute! Louisa já me explicou tudo. — Ergueu um dedo enluvado.

— Primeiro, não posso ir a lugar nenhum sem tê-la como companhia. Segundo, não posso dançar mais do que duas valsas com o mesmo rapaz. Terceiro, não posso me

deixar beijar por nenhum homem. Quarto, não posso sair do salão. E quinto... — Ergueu o último dedo da mão direita. — Preciso ficar à sua vista o tempo todo.

Ele soltou uma exclamação abafada.

— Acha que isso é suficiente para protegê-la daqueles lobos?

— Não — concordou Louisa. — Mas esse seu olhar é. — Reprimiu um sorriso. — Afinal, Alteza, não quer que sua irmã receba toda a atenção do mundo?

Hawk comprimiu os lábios.

— Quero que ela seja feliz.

Caroline ergueu-se na ponta dos pés para beijá-lo no rosto, depois entrelaçou seus dedos nos de Louisa.

— Eu serei. Prometo.

Hawk a fitou bem nos olhos, a expressão séria.

— Se em algum momento desejar que eu pare o baile, Carol, basta pedir, que farei todos irem embora.

Caroline combateu as lágrimas que lhe vieram aos olhos.

— Eu não poderia ter tido um irmão melhor do que você.

Hawk respirou fundo. Poderia, sim. Caroline certamente merecia alguém melhor do que ele. Assim como sua esposa merecia melhor marido. Às vezes achava até que não era digno daquele título de duque.

Olhou para as duas mulheres, tão confiantes e felizes com a perspectiva daquele baile, e sentiu o peito se apertar. Considerou dizer a Louisa o quanto ela estava divina, mas refreou o impulso. Aquela noite pertencia a Caroline.

A duquesa adentrou a biblioteca nesse instante, muito elegante em um vestido azul-acinzentado combinando com os cabelos grisalhos, presos em um coque discreto. Ao ver que ela não sustentava a mesma confiança das outras duas, Hawk soltou um longo suspiro.

— Se não estiver se sentindo bem, mamãe, eu e Louisa podemos receber sozinhos os convidados.

— Fui a responsável por tudo isso — lembrou a duquesa, tensa. — Não vou fugir agora.

Hawk percebeu a dor nos olhos da irmã. Apanhou a mão da jovem e a beijou por cima da luva de cetim.

— Mamãe não quis dizer que a considera um fardo, Carol. Nenhum de nós pensa assim. Não percebe que você é o nosso maior tesouro?

Ela engoliu em seco e meneou a cabeça.

— Não vou envergonhá-los, eu juro — disse, a voz vacilante pela emoção, ainda que seus olhos denotassem uma certa tristeza.

— Eu já disse: você nunca nos envergonhou. Caroline levou a mão ao peito, os olhos marejados.

— Está tão difícil para eu respirar que tenho medo de desmaiar!

— Por favor! — pediu a duquesa. — Só desmaie quando houver um moço bonito por perto!

Todas elas riram. Mas não Hawk.

— É a primeira vez que me dá esperanças de eu arranjar um par, mamãe — comentou Caroline, comovida.

— Claro que vai arranjar, meu anjo — garantiu a duquesa.

Louisa bateu palmas, ansiosa.

— Vamos descer! Acho que já estou ouvindo as carruagens! — Respirou fundo. — Algo me diz que esta noite será inesquecível.

Hawk permaneceu ao lado da esposa no salão, o estômago apertado. Não se lembrava de ter ficado assim, tão nervoso, nem mesmo em seu primeiro baile.

— Tomara que não chova esta noite — murmurou.

— Não vai chover — Louisa o tranquilizou, como se tivesse a capacidade de prever o tempo. — Será uma noite deliciosa.

— Fico impressionado com esse seu otimismo.

Ela se voltou para fitá-lo ao perceber o tom rude das palavras.

— Preferia que eu fosse uma pessoa amarga? Posso tentar mudar, se você quiser.

Hawk suspirou.

— Desculpe, eu...

— Está nervoso demais, eu sei — Louisa completou, sem disfarçar seu aborrecimento.

Hawk se aproximou mais dela e fechou os olhos ao aspirar-lhe o perfume.

— Estou preocupado — confessou em voz baixa, de modo que a irmã não pudesse ouvi-lo. — Caroline ainda não aprendeu muito bem a lidar com frustrações, como pôde perceber.

Louisa recordou o momento em que o viu carregando a irmã nos braços sob o temporal, e sentiu um arrepio.

— Não vai acontecer nada. Confie em mim.

— Como pode ter tanta certeza?

Hawk semicerrou os olhos ao ver uma ponta de culpa no rosto da esposa. Teria exigido uma explicação se os primeiros convidados da noite não estivessem adentrando o salão naquele exato momento, após passarem pelo salão de chá.

Respirou fundo. Organizar o baile não havia sido tão caro como ele imaginara. Tampouco fora barato. Mas pior seria se custasse corações, e não dinheiro.

Havia instruído Louisa a não poupar despesas necessárias e, aparentemente, ela assim o fizera. Não tinha a mínima idéia de onde sua esposa havia arranjado os criados que agora escoltavam os convidados para as ante-salas da mansão. Nelas, eles poderiam se colocar mais à vontade, entregando xales e casacas, e ainda refrescar-se com bebidas e chás. Somente depois, já descansados da jornada até o campo, entrariam no salão, onde Louisa e Hawk, além da duquesa e Caroline, os receberiam.

Partia-lhe o coração ver a ansiedade estampada nas feições delicadas da irmã e a preocupação nos olhos da mãe. Apertou o maxilar. Uma noite assim teria garantido seu sucesso se houvesse desposado Jenny Rose. Nas circunstâncias, todavia, o maior risco era o fracasso.

Os convidados continuavam desfilando diante deles com um misto de excitação e curiosidade. Caroline e a duquesa sorriam, tensas.

Hawk suspirou pesadamente e Louisa se voltou para ele, os olhos arregalados.

— Sorria — pediu, discreta.

— Isso não vai dar certo.

— Vai, sim, eu garanto — ela afirmou, desviando os olhos para a entrada, atentos.

Foi então que um sorriso iluminou-lhe a face. Hawk acompanhou o olhar de Louisa e sentiu como se houvesse levado um soco no estômago. As últimas pessoas que esperava ver naquela noite se aproximavam, sorrindo: Jenny e Jeremy Rose.

— É muito mais bonita do que falou meu irmão! — exclamou Caroline com desconcertante sinceridade, após as devidas apresentações.

— Caroline... — Hawk falou entre dentes.

— Ah, mil perdões se cometi alguma gafe — apressou-se em dizer a jovem. — Nunca convivi com americanos.

Jenny riu, divertida.

— Não somos assim tão diferentes!

— Mas são muito ricos, não são?

— Caroline! — Hawk empalideceu de leve.

— Desculpem. — Ela baixou os longos cílios.

— Eu teria imenso prazer em satisfazer todas as suas curiosidades sobre os americanos, senhorita — prontificou-se Jeremy, sorrindo, encantador. — Me daria o prazer da segunda valsa?

Hawk jamais teria certeza de quem se surpreendeu mais, se Caroline ou ele próprio.

— Cla-claro! — respondeu a jovem, sem-graça. — Seria uma honra.

— Posso registrar meu pedido no seu cartão de danças? Para que não se esqueça da sua promessa.

— Não vou me esquecer, mas... — Caroline entregou a Jeremy o pequeno cartão e nem sequer piscou enquanto ele escrevia o próprio nome.

Jeremy o devolveu a ela, os olhos fixos no rosto delicado.

— Gostaria de ter uma conversa com o senhor antes dessa dança — declarou Hawk.

Jeremy se voltou para ele e sorriu.

— Não acho que isso seja necessário, Alteza.

— Como pode afirmar que...

— Hawk! — interveio Louisa, tensa, a mão apertando o braço dele num aviso.

— Não estrague tudo — pediu em voz baixa.

Hawk respirou fundo e, após concordar com um gesto de cabeça, tornou a se concentrar nos Rose.

— Obrigado pela presença — forçou-se a dizer.

— Sinto por Kate não ter vindo conosco — desculpou-se Jenny, sem-graça. — Mas não estava muito disposta e achou por bem terminar de ler um de seus romances.

Louisa sorriu, compreensiva.

— Ela adora aqueles livros.

— Um pouco demais para o meu gosto — emendou Jenny com uma careta.

Hawk não percebeu, porém Louisa devia ter feito algum sinal, pois o sexteto de cordas começou a entoar uma música alegre.

— A primeira dança é de vocês! — Ela se dirigiu ao marido e à cunhada. — Vão, vão... Eu e a duquesa receberemos os outros convidados.

Hawk ficou mais do que satisfeito em deixar para trás aquela obrigação e se virou para a irmã.

— Dá-me o prazer desta contradança?

O rosto de Caroline se iluminou feito um dia de sol. Sorrindo, ela aceitou o braço que ele oferecia e caminhou com graça até o centro do salão e se posicionou diante do irmão com orgulho.

— Ficarei honrada, Alteza.

Hawk sorriu. Ao menos por algum tempo, tudo ficaria bem.

Capítulo XXI

— Quer parar de olhar? — exigiu Louisa. — Vai assustar qualquer outro candidato a dançar com Caroline se continuar fulminando Jeremy Rose dessa maneira!

Hawk comprimiu os lábios, e ela precisou se esforçar para sustentar o olhar do marido, tal era a contrariedade no rosto moreno. Ele havia voltado para seu lado assim que terminara de dançar com a irmã, e insistido que Louisa deixasse a recepção dos convidados por conta da mãe. Agora girava com ela pelo salão, ainda que tivesse os olhos fixos no jovem casal.

E pensar que Louisa havia chegado a se emocionar imaginando que Hawk desejara tê-la nos braços para aquela valsa. No fundo, ele queria apenas uma desculpa para permanecer próximo da irmã e vigiar Jeremy. Até mesmo seus passos falhavam em acompanhar o ritmo da música, pois preferia se deslocar conforme a movimentação do outro casal pela pista.

— Não gosto de Jeremy Rose — resmungou, de súbito.

— Por que não?

— Vai negar que não ficou feliz quando ele atuou como seu defensor naquela noite?

— Claro que fiquei. Até porque não pude contar com meu irmão, se está bem lembrado. Por isso mesmo confio em Jeremy.

— Se Jeremy Rose resolvesse me dar o troco por aquela noite, não teria oportunidade melhor do que esta.

— Não está imaginando que ele usaria Caroline para isso!

Hawk tornou a observar os dois, os olhos escuros tomados de receio.

— Jeremy não vai magoá-la, Hawk! — exclamou Louisa mais uma vez.

— Caroline sofrerá de qualquer jeito, depois que esta valsa terminar e não houver mais ninguém que queira dançar com ela.

— Quando Caroline voltar para o lado de sua mãe, aposto que o cartão dela será preenchido em um piscar de olhos.

— Não vejo por quê.

— Quer apostar?

Ele estreitou os olhos.

— O quê?

Louisa mordeu o lábio.

— Uma hora de prazer para o vencedor, uma hora de prazer negado para o perdedor.

— Hum... — Hawk ergueu as sobrancelhas. — Interessante. E ousado. Está em condições de cumprir a promessa?

Louisa sabia do que ele estava falando. Sua menstruação cessara havia alguns dias, porém ela nada dissera, temendo pôr em risco o desenrolar de seu último plano. Não poderia se arriscar a ficar grávida de verdade agora.

De maneira nenhuma. Entretanto ansiava por mais uma noite nos braços do marido.

— Estou.

— Então, se o cartão de Caroline não for preenchido, vai me dar prazer sem exigir nada em troca? — Ele sorriu de lado.

Louisa concordou em silêncio, os olhos muito abertos. Hawk riu pela primeira vez na noite, praticamente cantando vitória.

— Fechado.

— A mesma regra vale para você — lembrou ela. — Se eu ganhar a aposta, você é que terá de me proporcionar prazer sem receber nada em troca.

— Se você ganhar... O que, infelizmente para minha irmã, é difícil acontecer.

— Esqueceu de um detalhe, Alteza... Fui eu quem fez a lista de convidados.

Hawk franziu a testa, pensativo.

— O que andou planejando?

— Olhe ao redor. Como pode ver, há muitas mães, filhas e filhos no baile. Essas filhas, em sua maioria, têm uma coisa em comum: estão disputando a atenção de Jeremy Rose, o melhor partido da atualidade. — Os olhos de Louisa cintilaram. — Nenhuma delas pode insistir para que ele as tire para dançar... mas podem fazer com que seus irmãos mantenham ocupada a jovem que atraiu a atenção de Jeremy tão rapidamente, já no início da festa.

— Acredita mesmo que um aspirante a ducado ou condado se interessará por uma moça sem nenhum dote ou linhagem?

— Só não acredito que vão pedir a mão de Caroline. Mas eles ao menos irão tirá-la para dançar, ou ficarão com as orelhas inchadas na viagem de volta para Londres.

Louisa viu uma ponta de surpresa e divertimento brilhar nos olhos do marido. Em seguida, a risada de Hawk lavou-lhe a alma.

— Sua raposa! — ele murmurou, esquecendo-se de vigiar Caroline e Jeremy, os olhos fixos na esposa. — Nunca imaginei que fosse tão diabólica.

Por um segundo, ela temeu que Hawk fosse acusá-la de havê-lo manipulado no episódio da biblioteca. Não queria que a conversa acabasse por lembrá-los da noite que arruinara os planos de ambos.

— Aprendi a gostar de Caroline como se ela fosse minha própria irmã — disse, sincera. — Se depender de mim, este baile será a noite mais linda da vida dela.

— Tem certeza de que está tudo bem com Kate? — Louisa perguntou a Jenny, enquanto passeavam pelo jardim. As duas haviam se retirado discretamente durante a sexta dança com o intuito de colocar a conversa em dia.

Ao contrário de Jenny, que podia estar perdendo alguma oportunidade de contato com os jovens solteiros do baile, deixar o salão não havia sido problema para Louisa. Principalmente depois de ter observado, aliviada, a jovem cunhada dançar cada uma das valsas, radiante. Até mesmo a mãe de Hawk concordara em fazer par com o duque de Whitson.

— Kate anda cada vez mais reservada. Não compreendo. — Jenny estalou a língua, preocupada com a irmã. — Trocar um baile destes por um livro?

— Ela não encara essas ocasiões com tanto entusiasmo quanto você.

— Nunca encarou.

Caminharam em silêncio por alguns instantes.

— Tem tido notícias de seu irmão? — indagou Jenny, para a surpresa de Louisa.

— Não. E, para falar a verdade, nem quero agora. Talvez com o tempo eu consiga perdoá-lo, mas, por enquanto, as feridas estão muito abertas.

— Também estou me recusando a vê-lo.

— Alex tentou fazer contato com você? — Louisa arregalou os olhos.

Jenny saiu do passeio e puxou-a para as sombras das árvores.

— Eu vinha me encontrando com ele às escondidas — contou num sussurro.

Louisa entreabriu os lábios, perplexa.

— Como? Quando conseguiam fazer isso?

— Quando eu saía para "ajeitar os cabelos" durante os bailes — confessou a moça, os olhos baixos.

— Não acredito que fazia isso comigo, Jenny!

— Perdão, Louisa. Lamento ter agido dessa forma com você. Senti-me atraída por Alex desde o início e me divertia dando essas escapadas com ele. — Mordeu o lábio. — Para ser sincera, sinto falta dele. Mas Alex também me traiu ao trair você.

Louisa a observou, atenta.

— Sua mãe lhe contou a respeito dos planos que ela tem?

— Sim, contou. E estou disposta a fazer o que me pede.

— Porque está se sentindo culpada?

— Porque é o melhor para todos nós. — Jenny apertou a mão de Louisa. — Só preciso ter certeza de que é isso que você deseja de verdade.

— Claro que é.

— Não disse nada a Hawk, disse?

— Não. Planejo fazê-lo amanhã. Ele já tem muito com que se preocupar hoje.

Louisa suspirou profundamente. Temia que Hawk não fosse receber bem a decisão. Além do mais, desejava ter com ele ao menos mais uma noite, antes de lhe contar o que havia planejado com a sra. Rose.

As duas caminharam de volta para o salão, e Louisa avistou uma sombra próxima a uma das janelas, a distância. A luz pálida dos candelabros, que adornavam as mesas dispostas em volta da pista de dança, iluminou as feições do homem por um segundo, antes que ele recuasse outra vez para as sombras, provavelmente temendo ser reconhecido.

— Acho que vou dar mais uma volta para relaxar — falou, quando já se aproximavam da entrada.

— Mas a próxima dança já vai começar! — preocupou-se Jenny.

— Meu cartão está vazio. — Louisa riu de leve. — Estou casada agora, lembra-se?

— Seu marido pode querer dançar com você, ora.

Hawk não havia insinuado que desejava fazer isso, ainda que, no fundo, ela o desejasse.

— Só vou ficar mais um pouco. Vá, Jenny... Ao contrário do meu, o seu cartão deve estar repleto!

A moça sorriu e se afastou a passos rápidos.

Louisa olhou ao redor e se deslocou, furtivamente, para os fundos do solar. Nem mesmo o homem que observava o baile pela janela, escondido, notou sua aproximação. Ela, contudo, pôde notar-lhe a expressão, agora mais de perto. Louisa sentiu o peito se apertar.

— Boa noite, Denby — disse baixinho.

— Alteza! — Ele deu um pulo e recuou, assustado. Mil perdões pela minha indiscrição. Eu só queria ter certeza de que os convidados estavam apreciando os arranjos.

Ela se aproximou da janela e espiou lá dentro.

— Aqueles dois arranjos ao pé da escadaria estão fazendo muito sucesso.

— Que bom.

Louisa se voltou para o jardineiro.

— Agora é você quem terá de me perdoar, Denby, mas vi bem a sua expressão: era a mesma de um pai ao ver a filha em seu primeiro baile.

Pôde perceber que ele empalidecia, mesmo à luz bruxuleante que vinha da janela.

— Não compreendo, milady. Ou melhor, se estiver se referindo ao modo como olho para a srta. Caroline... como se ela fosse minha filha... Eu a conheço desde pequena.

— Claro. — Louisa sorriu. — Caroline está maravilhosa esta noite, não acha?

— Parece um anjo — concordou o jardineiro, e seus olhos tornaram a pousar em Caroline, que ainda rodopiava pelo salão.

— E a duquesa também está muito bonita.

— Ela sempre foi bonita.

Denby piscou, preocupado com o carinho que colocara em suas palavras.

— Eu agradeceria se mantivesse essa minha indiscrição em segredo, Alteza.

— Pode ficar tranqüilo. Não vou dizer a ninguém. — Louisa o tocou no braço.

— Pode continuar admirando as suas flores...

Louisa já quase alcançava a varanda, quando Jeremy atravessou a porta da entrada e rumou em sua direção.

— Está me evitando?

— Claro que não! — Louisa abriu um sorriso. — Só saí para tomar um pouco de ar. Não é fácil ser anfitriã.

— Mas arrumou um tempinho para Jenny.

— Posso arrumar um tempinho também para você. Não quer dançar?

— Não sei se sobrevivo a outro daqueles olhares de seu marido. Talvez seja melhor darmos uma volta pelo jardim.

Louisa ensaiou um sorriso, nervosa. O que Hawk pensaria se os visse juntos ali?

Podia convencê-lo de que não significava nada, concluiu. Até porque não significava nada realmente.

Caminharam devagar pelo passeio iluminado por tochas.

— Não disse nada a Hawkhurst sobre os seus planos, disse? — Jeremy indagou a uma certa altura.

— Não.

— Minha mãe é ótima para manipular as pessoas. — Jeremy suspirou. — Tem certeza de que é isso o que você quer?

— Tenho.

— Hawk a tratou mal, por acaso?

— Pelo contrário — Louisa se apressou em dizer. — Mas é óbvio que preferia estar casado com sua irmã. Não devia ser eu naquela noite, na biblioteca.

Jeremy a encarou de frente.

— E quanto a você, Louisa? Arrepende-se de ter entrado lá, naquele dia?

Sem ter muita certeza da resposta, ela respirou fundo.

— Não precisa se casar comigo se não quiser, Jeremy.

— Tarde demais. Minha mãe já me convenceu. Estar casado com a filha de um conde vai me tornar o rei de Nova York, não sabe?

Louisa tentou rir, sem sucesso.

— O que, certamente, deixará sua mãe feliz da vida.

— Sem dúvida. E quem sou eu para não querer vê-la feliz?

Caminharam mais alguns metros.

— Ela está morrendo — revelou Jeremy, de repente. Louisa estacou, os olhos arregalados.

— Quem?!

— Minha mãe. Jenny e Kate não sabem, mas esta é a razão de ela querer vê-las bem casadas o mais breve possível.

Louisa levou a mão aos lábios, estarrecida.

— E você também, claro. Jeremy concordou em silêncio.

— Quanto tempo mais resta à sua mãe?

— Um ano, no máximo. — Ele deu de ombros. — Só estou contando isso porque não quero que faça mau juízo dela.

— Sua mãe não precisava ser tão dura consigo própria e com os outros, Jeremy.

— Eu sei. Mas não vai mudar agora. Louisa baixou os olhos.

— Eu sinto muito. Ele respirou fundo.

— Chega de tristeza. Vamos entrar e eu lhe darei o prazer de dançar a próxima valsa comigo.

Louisa riu e balançou a cabeça. Jeremy era encantador. Seria muito feliz com ele... se não passasse o resto da vida lamentando o fim de seu casamento com Hawk.

— Oh, Hawk! — exclamou Caroline, assim que ele e Louisa entraram na

biblioteca após se despedirem dos últimos convidados. Enlaçou-o pelo pescoço e depositou um beijo estalado na face morena. — Obrigada! Obrigada por ter me proporcionado a noite mais linda da minha vida! Hawk retribuiu o abraço apertado, depois olhou para a esposa, que os fitava com lágrimas nos olhos.

— Creio que Louisa é quem merece todo esse crédito.

Caroline não demorou a soltá-lo e abraçar a cunhada do mesmo modo.

— Obrigada, Louisa! Foi maravilhoso!

— Foi um prazer, minha querida. — Ela sorriu, comovida.

— Mesmo que eu nunca mais for a outro baile, morrerei satisfeita com este!

— Algo me diz que essa é a mais equivocada das perspectivas — Louisa replicou, enigmática. — Não dou nem dois dias para que os convites comecem a chegar.

— Correu tudo tão bem que mal posso acreditar! — comentou a duquesa, aproximando-se com um sorriso nos lábios.

— Percebi — disse Hawk, depois foi até o aparador e serviu quatro copos de vinho tinto. — Eu a vi dançar com Whitson.

— Pois então... — A duquesa corou levemente. — Eu já havia me esquecido de como ele é agradável.

Hawk observou a mãe e se perguntou se o charme do duque seria suficiente para convencê-la a frequentar Londres novamente. Entregou um copo para cada uma das mulheres e ergueu o seu.

— Gostaria de fazer um brinde. Ao sucesso de Caroline e à minha adorável esposa por sua competência em tornar esta noite tão especial.

Louisa corou com o inesperado elogio e Hawk sorriu.

Embora não muito grandioso, contando com apenas cinqüenta casais, o baile fora perfeito. Ela havia cumprido a palavra e selecionado a dedo os convidados, graças ao profundo conhecimento que possuía da sociedade londrina. A maioria absoluta dos presentes não havia se deixado impressionar pela inusitada presença de Caroline por um motivo muito simples: muitos deles já tinham enfrentado problemas do gênero em suas próprias famílias. E os Rose, como genuínos americanos, jamais se importariam com qualquer escândalo, uma vez que era de sua natureza vivenciá-los com frequência.

Louisa era, decididamente, muito inteligente. Havia apresentado a irmã dele para a sociedade, escolhendo exibi-la primeiramente para aqueles que não poderiam marginalizá-la.

Não era à toa que havia conseguido o trabalho de dama de companhia. Não se deixava intimidar e, apesar da parca situação financeira, mantinha bom relacionamento com seus antigos conhecidos.

Além disso, tinha uma risada encantadora e um sorriso que lhe tirava o chão dos pés, raciocinou Hawk. Mal podia esperar para pagar a aposta que ele havia perdido...

Estaria apaixonado?, perguntou-se, e a consciência disso o fez engasgar com o vinho. Tossiu e levou a mão à boca, incomodado, enquanto a mãe batia em suas costas, aflita. Limpou a garganta.

— Acho melhor eu tomar um gole de licor — disse, Caroline disfarçou um bocejo.

— Estou tão cansada... Mas duvido que vá conseguir dormir.

— Vamos, querida — chamou a duquesa. — Posso ajudá-la a trocar de roupa. Boa noite, meus filhos.

— Boa noite — Hawk e Louisa responderam em uníssono.

Caroline parou à porta e tornou a se voltar para eles.

— Viram só? Deu meia-noite e não me transformei em gata borralheira! — comentou, sorrindo.

O casal riu, ambos satisfeitos.

— Então não prometi que isso jamais iria acontecer? — lembrou Louisa.

— Verdade. Muito obrigada... mais uma vez.

— Também agradeço, minha querida. — A duquesa a fitou com carinho. — Por tudo o que tem feito por esta família.

Louisa engoliu em seco, os olhos marejados.

— Tem sido um prazer, Alteza.

Tão logo elas deixaram a biblioteca, Hawk foi até ela e a ergueu nos braços para girá-la no ar.

Louisa soltou um gritinho e se segurou em seu pescoço.

— Pensei que elas não iriam dormir nunca. Afinal, tenho uma aposta a pagar.

Hawk não permitiria que ela o tocasse e a consciência disso a fez perguntar a si mesma como podia ter sido tão tola.

— A aposta era que teria de me dar prazer, Hawk, e eu tenho prazer em tocar você!

— A aposta também era que o prazer me seria negado. E eu tenho muito prazer quando você me toca.

— Hawk...

— Mais tarde — decidiu ele, provocante. Com movimentos lentos e estudados, removeu as próprias roupas e depois as de Louisa.

Um simples olhar para o corpo másculo e bem torneado já foi um idílio para ela. Hawk, entretanto, conseguiu se manter longe de seu alcance por um bom tempo, concentrado em lhe beijar os tornozelos, as pernas, depois a curva suave e sensível de suas costas e as covinhas que, agora Louisa sabia, possuía na cintura. Para sua surpresa, ele apanhou um óleo perfumado na mesa de apoio e passou a massageá-la lentamente, de maneira torturante. Quase a fez derreter contra a maciez dos lençóis. Hawk passou a respirar mais pesadamente, como se correr as mãos pelo corpo da esposa lhe trouxesse tanto prazer quanto a ela própria.

Louisa sorriu. Não era possível proporcionar prazer sem receber nada em troca.

Que aposta tola havia feito. Era pura tortura senti-lo tocar sua pele e não poder fazer o mesmo com ele!

Soltou um gemido quando as mãos de Hawk passaram a ser seguidas pelos lábios... Devagar, sem pressa. Ele a mordiscava de leve, em seguida a beijava como num pedido travesso de desculpas.

Louisa deixou escapar uma exclamação abafada quando Hawk a virou de frente num só movimento e a beijou, apaixonado.

O beijo não demorou a tornar-se mais profundo e exigente. Hawk prendeu os braços dela acima da cabeça e, com a outra mão, passou a acariciá-la. Louisa se contorceu numa doce agonia, achando impossível sentir mais prazer.

Queria Hawk com desespero. Nem que fosse por mais uma noite, a qual, em

seu coração, duraria para sempre.

Ao vê-la estremecer, o êxtase estampado nas feições delicadas, ele suspirou e soltou as mãos dela. Louisa o puxou para si com ânsia, os dedos percorrendo os músculos fortes e rijos.

— Ainda não... — Hawk disse com voz rouca.

— Então quando? — exigiu ela, os olhos semicerrados de desejo. — Disse que iria me dar prazer, não me torturar.

Ele sorriu.

— A linha que separa as duas coisas é muito tênue.

— Mas a aposta era que você faria o que eu quisesse.

— E farei. Assim que você fizer o que eu quero...

Deitado ao lado de Louisa, a cabeça apoiada em um cotovelo, Hawk continuava a acariciá-la, os dedos passeando pelos seios macios. Sorriu ao perceber que ela suspirava uma vez mais, os olhos fechados.

— Era a minha vez de fazer isso — murmurou Louisa, languidamente.

— Talvez mais tarde. Devia tentar dormir, agora. Afinal, andou muito ocupada.

Ela sorriu.

— Não imagina quanto. É como se eu estivesse embriagada. Mal posso me mover.

Hawk a beijou na têmpora, carinhoso.

— Aproveite para descansar, então.

Louisa se voltou para ele com um suspiro de contentamento, envolveu-o pela cintura e se aninhou no peito forte.

Por muito tempo, Hawk permaneceu ali, de olhos fechados, ouvindo-lhe a respiração profunda e cadenciada. Nem sequer se moveu, temendo romper a magia daquele momento. Podia ficar ao lado de Louisa para sempre e jamais se cansaria dela.

— Vou lhe dar prazer quando eu acordar — Louisa murmurou de repente, para surpresa dele. Em seguida, adormeceu.

Ele encostou o queixo na testa pequena e tornou a fechar os olhos. Louisa não sabia, mas Hawk não estaria ali quando ela acordasse. Louisa merecia um marido melhor do que ele vinha sendo...

Suspirou profundamente. Por muitos anos, tinha se revoltado contra a mãe por ela ter escolhido viver isolada do mundo, às voltas apenas com suas flores e plantas. E pensara ser diferente da duquesa por preferir a agitada Londres.

Mas não. Em Londres, também ele havia levado uma vida limitada, voltada apenas para as mulheres e a bebida.

Louisa, por sua vez, construíra um lugar ao sol a duras penas. Tinha desafiado todas as tradições e não se conformado em viver reclusa, lamentando as perdas da própria família.

Portanto merecia um companheiro que tivesse tanta coragem quanto ela. Por isso, dali a algumas horas, ele partiria para Londres e daria o primeiro passo para se tornar esse homem.

Capítulo XXII

Enquanto o coche viajava de volta ao Selwyn Park, Hawk experimentou uma satisfação que não conhecia. Mesmo que sua tentativa não desse em nada, já se sentia melhor em saber que havia feito alguma coisa.

Naquela tarde, ajudara a fazer com que Louisa voltasse a trabalhar como dama de companhia. Juntos, talvez pudessem colocar suas propriedades em ordem, enviar Caroline para Londres e encontrar para ela um bom marido.

De repente, era como se tudo pudesse dar certo. Tinham um futuro promissor pela frente, e Hawk mal podia esperar para partilhar com a esposa sua decisão.

Conforme a carruagem se aproximava da mansão, avistou um coche escuro na trilha que levava ao solar. Nada nele indicava a quem podia pertencer. Era cedo demais para que algum rapaz fosse visitar Caroline, porém essa lhe parecia a única explicação. Sua irmã devia ter, realmente, encantado algum convidado da noite anterior, o que não era nenhuma surpresa.

Curioso, desceu da própria carruagem, e o som da risada de Caroline lhe chegou aos ouvidos, trazido pelo vento. Intrigado, Hawk contornou a casa.

Havia, de fato, uma visita: Jeremy Rose.

Estavam na quadra de tênis, jogando distraidamente. Jeremy errou uma rebatida e Caroline jogou a cabeça para trás, divertida.

— Incrível, srta. Selwyn! Como pode ter feito isso comigo outra vez? — perguntou o jovem, genuinamente inconformado.

— Foi fácil! — replicou Caroline, antes de rumar para perto da rede a fim de cumprimentar seu adversário pela partida.

Ao perceber a presença do irmão, ela acenou, contente.

— Hawk! Olhe quem veio nos fazer uma visita!

Ele caminhou na direção do casal, tenso, e logo notou a mãe fazer o mesmo. Sem dúvida, a duquesa os vinha acompanhando de longe.

Onde estaria Louisa?, Hawk pensou, preocupado. Ela havia prometido não sair do lado de Caroline se aparecesse algum pretendente.

— Vou chamar Caroline para se refrescar um pouco — murmurou a duquesa, séria.

— Excelente idéia — concordou Hawk com um suspiro.

Assim que as duas mulheres pediram licença e se afastaram, ele se aproximou de Jeremy, que, como se pressentisse a tensão no ar, passou a bater com a raquete de madeira na mão, uma expressão complacente no rosto.

Hawk achou por bem ir direto ao assunto.

— É melhor que saiba, Rose, que minha irmã não é filha de meu pai.

Jeremy piscou, surpreso com a recepção, depois meneou a cabeça.

— Imaginei. Estive na Universidade Yale, milorde. Sempre fui bom em deduções.

— Sua mãe não aprovaria esse seu interesse por Caroline. Com certeza tentaria afastá-los.

— E isso não seria nada bom porque...

— Não tenho meios de sustentá-lo nos padrões a que está acostumado —

interrompeu-o Hawk, objetivo. — Ainda que fosse bem-vindo a qualquer uma de minhas propriedades.

Jeremy soltou uma risada seca, e Hawk sentiu o sangue ferver nas veias.

— Não vejo graça nenhuma na situação.

— Claro que não — concordou o rapaz. — Mas receio que esteja confundindo as coisas, Alteza. Eu aceitei o convite de sua irmã para uma partida de tênis, não só porque ela é uma criatura encantadora, mas também porque sua esposa não se encontra no momento. Aliás, vim para levar Louisa de volta a Londres.

A porta do quarto se abriu com um baque. Louisa deu um pulo, afastou-se do baú já quase cheio e fitou o marido, os olhos arregalados. Ele era assustador quando estava zangado.

— Acabei de saber que Jeremy Rose veio buscá-la pára levá-la de volta a Londres — começou Hawk, com uma naturalidade fingida. — Importa-se em explicar do que se trata?

— Planejei lhe contar esta manhã. Mas você não estava em casa quando acordei.

— Estou aqui agora.

Ele se aproximou da esposa a passos largos.

— Por que está fazendo as malas? E por que Rose está aqui?

— Não queria que ficasse aborrecido — suspirou Louisa. Fechou a tampa do baú com um movimento estudado e endireitou o corpo.

— Um pouco tarde para isso, não acha?

— Eu sei. — Ela baixou os olhos. — Talvez eu não tenha sido, mesmo, muito honesta.

Hawk semicerrou os olhos, a têmpora pulsando perigosamente.

— Pelo amor de Deus, Louisa, fale de uma vez!

O nó na garganta quase a impediu de fazer o que o marido pedia, mas ela reuniu forças e respirou fundo, antes de falar:

— Logo depois de eu ter enviado os convites para o baile, a sra. Rose esteve aqui. Era tarde demais para cancelar a festa. Por isso decidi seguir adiante com os planos e fazer desse baile um marco para a sua família. Até porque me sinto

responsável pela situação de vocês, de alguma forma.

Hawk franziu a testa, agoniado.

— Honestamente, não sei do que está falando.

— A sra. Rose me disse que caso eu não estivesse grávida, ela me ajudaria a requerer uma anulação do nosso casamento... e também faria com que Jenny se casasse com você — desabafou Louisa de uma só vez e viu o sangue desaparecer do rosto do marido.

— Jenny sabe disso?

Ela concordou em silêncio.

— Então, sou o último a saber dessa história? Louisa baixou a cabeça.

— E quanto à sua reputação? — Hawk riu sem vontade.

— Jeremy se ofereceu para se casar comigo e me levar para os Estados Unidos.

Ele entreabriu os lábios, incapaz de emitir qualquer som por alguns momentos. Caminhou pelo quarto, os olhos perdidos em um ponto qualquer.

— É isso o que você quer, Louisa?

— Sim.

Porque é o que você quer, ela completou em pensamento.

Pensou nas tantas vezes em que Hawk afirmara como as coisas seriam diferentes se ela não tivesse entrado naquela biblioteca. Mas os olhos dele a fitavam agora como se Louisa tivesse enlouquecido.

— Então pode ir — Hawk disse, por fim. — Com a minha bênção — completou e bateu a porta atrás de si.

Louisa se apoiou no baú, sentindo-se repentinamente fraca. Dizer "sim" à última pergunta de Hawk a deixara arrasada.

Mas estava certa em partir. Agora tinha certeza. Era Jenny, realmente, quem ele queria.

Hawk encheu o cálice de conhaque até a borda, entornou-o de uma só vez e tornou a enchê-lo.

Louisa, sempre tão pragmática, tinha razão. Como sempre. Não havia por que continuarem casados. Ela não estava grávida. Uma anulação provocaria menos

falatórios do que um divórcio. E nos Estados Unidos, ninguém se importava muito com escândalos... muito menos com um acontecido na Inglaterra.

Engoliu o resto do conhaque e sentiu o estômago arder. Finalmente, poderia cortejar a mulher que melhor lhe serviria: Jenny Rose. Desposá-la tornaria tudo mais fácil, pois poderia salvar suas propriedades da ruína, arranjar ótimos pretendentes para Caroline e até mesmo garantir um bom futuro para seus herdeiros.

Então, por que diabos se sentia tão infeliz?, pensou, e, com ódio, arremessou o cálice contra a parede. Por que se sentia como se tivessem enfiado uma faca em seu coração? Por que tinha vontade de se ajoelhar e chorar feito uma criança, ou urrar como um animal ferido?

Ouviu passos rápidos se aproximando e ergueu a cabeça, ansioso. Louisa havia mudado de idéia!

Ao ver sua mãe entrar na biblioteca e olhar os cacos de vidro no chão, assustada, Hawk sentiu que desmoronava.

— Louisa pediu a Denby para ajudá-la a colocar suas malas no coche de Jeremy Rose — a duquesa murmurou com voz sumida.

Ele apanhou outro cálice e tornou a enchê-lo até derramar o líquido. Em seguida, virou-o na boca e apertou os olhos.

— Ela vai embora — disse, apenas. — O casamento será anulado.

A duquesa levou a mão ao peito, estarrecida.

— É isso o que você deseja?!

— Não importa o que eu desejo. A felicidade dela está acima de tudo.

— E por que a felicidade de Louisa é tão importante para você, meu filho?

Hawk fitou a mãe, os olhos castanhos tomados de dor, o rosto transfigurado pela tristeza.

— Porque eu a amo mais do que tudo neste mundo! — desabafou, incapaz de impedir as lágrimas de brotarem.

— Então vá atrás dela, Hawk! — ordenou a duquesa com segurança. — Vá agora!

— O que espera que eu faça? — Ele riu, amargo. — Que eu a traga de volta sobre o ombro? Que, eu a tranque em uma torre?

Sua mãe meneou a cabeça, penalizada.

— Quero que seja menos orgulhoso, meu filho. Quero que encontre coragem para buscar o que deseja, pois sei bem o que é passar dia após dia lamentando por ter sido presunçosa demais e ter negado o pedido de casamento que o pai de Caroline me fez há dezoito anos. Eu era uma duquesa, meu filho, um duque. E ele não passava de um jardineiro.

Hawk entreabriu os lábios, lívido.

— Denby?

As lágrimas cegaram sua mãe por um momento.

— Eu tinha tanto orgulho, Hawk, que deixei minha filha nascer como uma bastarda e crescer sem o carinho do pai. E não foi apenas isso. Coloquei um enorme fardo sobre os seus ombros, porque me recusei a casar com um homem que, eu tinha certeza, não seria aceito pela sociedade por ser inferior a mim. No final, fui eu a inferior, a mais baixa, a mais indigna. E sou obrigada, até hoje, a conviver com essa culpa. Denby, ao contrário, se manteve fiel a nós duas, apesar do meu egoísmo. Seu amor e lealdade jamais desvaneceram.

Hawk avançou um passo na direção dela, os olhos vidrados.

— Ele é meu pai também?

— Não! — A duquesa negou com um gesto de cabeça, aflita. — Seu pai é mesmo o duque de Hawkhurst, meu filho. Eu juro. Fui fiel a ele até o último dia da sua vida.

Hawk deixou cair os ombros, aliviado, e sua mãe o segurou pelo rosto.

— Meu filho... Meu filho querido... — repetiu, as lágrimas correndo soltas.

— Tive medo de ser uma farsa — ele suspirou, trêmulo. Ela meneou a cabeça.

— Não. Fui eu a farsa. Todos esses anos. Não mereço os filhos maravilhosos que tenho. — Acariciou o rosto de Hawk com mãos inseguras. — Perdão!

Ele se afastou da duquesa, a cabeça rodando.

— Hawk!

Ele se voltou devagar para fitá-la.

— Não deixe Louisa partir se a ama de verdade.

Louisa sentou-se na carruagem, os olhos fixos no solar. Odiava despedidas... desde o dia em que fora obrigada a dizer adeus à mãe. Agora, sempre que acontecia, não conseguia conter as lágrimas. Por isso havia deixado uma carta no quarto da duquesa e outra no de Caroline.

— Partiremos quando estiver pronta — murmurou Jeremy, compreensivo.

— Acabei me apegando a este lugar — confessou ela, comovida.

— Posso lhe comprar uma mansão velha, se isso a fizer feliz.

Louisa soltou uma risada.

— O dinheiro torna as coisas tão mais fáceis, não é? Ela baixou os olhos e combateu o nó que se formava mais uma vez em sua garganta.

— Não sou o que ele deseja. — Tornou a fitar Jeremy, ansiosa. — E se também não for o que você quer?

Antes que ele pudesse dar uma resposta, ouviram passos pesados a distância.

Ao ver Hawk correndo na direção da carruagem, Louisa abriu a porta do coche sem nem sequer pedir licença.

— Deve ter acontecido alguma coisa! — disse, aflita.

— Não demoro!

Desceu do carro atabalhoadamente e foi ao encontro de Hawk, lívida.

Ele estacou diante de Louisa, ofegante.

— Denby é o pai de Caroline.

Ela segurou o ar por um momento, depois anuiu com um gesto de cabeça, ressabiada.

— Eu imaginei. — Fitou-o nos olhos e se perguntou por que era tão importante que Hawk lhe contasse aquilo agora.

— Tinha medo de que Denby também fosse meu pai — confessou ele, confuso. — Minha mãe não se casou por amor. Temi que ela houvesse sido infiel, que eu não fosse herdeiro legítimo do duque de Hawkhurst. Mas ela jurou que sou mesmo filho dele. Não se casou com Denby porque o considerava inferior.

Hawk soltou uma risada seca, os olhos castanhos meio avermelhados. Teria chorado?, perguntou-se Louisa, angustiada.

— Não consigo imaginar o que é se casar com uma mulher que não o ama de verdade, que não confia em você — ele continuou falando. — Eu não estava no quarto quando você acordou esta manhã, Louisa, porque fui a Londres.

Tornou a fitá-la nos olhos, e ela soube que jamais esqueceria aquele olhar.

— Decidi que uma mulher como você não poderia ter um marido que vivesse sempre à sua sombra, mergulhado na covardia. Como minha mãe viveu a vida toda.

Louisa começou a negar com um gesto de cabeça, e Hawk ergueu a mão, impedindo-a de continuar.

— Não sou diferente de minha mãe. O que realizei de bom nesta vida, afinal?
— Abriu os braços, depois os soltou, conformado. — A única coisa certa que fiz foi me casar com você. Você me inspirou a mudar, Louisa. Por isso levei meus manuscritos e os seus desenhos a uma editora, esta manhã.

Ela segurou o ar, incapaz de falar por um momento.

— O que eles disseram? — perguntou, por fim.

— Nada ainda. Confesso que não tive coragem de entrar no lugar. Preferi deixar os papéis na caixa de correio. — Deu de ombros, tal qual um menino assustado. — Ouvi dizer que Charles Dickens fez isso.

Louisa engoliu com dificuldade e ensaiou um sorriso.

— Não sei se vai dar em alguma coisa — prosseguiu Hawk. — Só sei que você está certa. Assim como estava quando resolveu me obrigar a apresentar Caroline à sociedade. Agora sei que é melhor arriscar do que passar a vida toda se arrependendo depois.

Louisa o segurou pelas mãos, trêmula.

— Estou tão feliz que tenha feito isso, Hawk! Se as histórias forem publicadas, serei a primeira a comprá-las.

— Se forem publicadas, eu lhe darei uma cópia de presente.

Os olhares se encontraram nesse instante.

— Você o ama, Louisa? — ele indagou em voz baixa. — Ama Jeremy Rose?

— Eu tenho apreço por ele. Só isso.

Hawk respirou fundo, como se considerasse as próximas palavras.

— Não pretendo me casar com Jenny — disse, por fim.

Louisa entreabriu os lábios, estupefata.

— Mas já está tudo acertado, eu...

— Não por mim. Não é o que eu desejo.

— Não é o que você deseja? — Ela franziu o cenho. — Era Jenny quem você pensou estar na biblioteca, Hawk! Era com ela que planejava se casar!

— Eu sei. — Ele meneou a cabeça. — Porém juro: no momento em que você concordou em se tornar minha esposa, deixei de me arrepender do que havíamos feito, Louisa. Mas, se ama Jeremy Rose e quer se casar com ele, então eu a prejudiquei muito mais do que imaginava. — Fitou-a nos olhos, desconsolado. — Se é assim, deve partir com ele imediatamente. Não me oporei à anulação do nosso casamento e rezarei para que seja feliz, como merece.

Louisa desviou o olhar, absolutamente confusa. Ao ver a reação dela, Hawk sentiu uma pontada de esperança.

— Mas se você não o ama... Ou se ainda não tem certeza disso. Então eu imploro, Louisa: fique comigo. Fique aqui e me dê a oportunidade de tentar conquistá-la. — Ele a segurou pelos braços. — Se sentir alguma afeição por mim... Qualquer coisa... Já é o bastante.

— E se o meu coração inteiro for seu? — ela indagou com voz embargada.

Os olhos de Hawk cintilaram.

— Fique...

— Mas eu quero o melhor para você!

— Então fique! — exclamou Hawk e a ergueu nos braços para rodá-la no ar, exultante.

Louisa riu, extasiada.

Quando ele tornou a colocá-la no chão, viu Jeremy olhando pela janela da carruagem.

— Ela vai ficar, Rose! — Hawk gritou para o rapaz. — Louisa vai ficar!

Ela o tocou no rosto, depois fez meia-volta e correu para o coche, embarçada.

— Oh, Jeremy... Eu sinto muito.

O rapaz ensaiou um sorriso triste.

— Fique tranqüila. Algo me dizia que você o amava. — Respirou fundo. — Melhor eu ir dar a notícia à minha mãe.

Louisa mordeu o lábio.

— Ela ficará muito aborrecida. Mas, por favor, diga-lhe que não se preocupe. Farei de tudo para arranjar bons maridos para Kate e Jenny, eu juro! E uma linda esposa para você também. Sem cobrar nada! — Riu, feliz, ao olhar por cima do ombro e ver que Hawk aguardava o fim da conversa, inquieto. — Peço perdão se ele foi ou está sendo rude.

— É óbvio que morre de ciúme de você — comentou Jeremy. — Por isso desconfiei que se amavam.

Louisa sorriu e apertou a mão do amigo.

— Obrigada por tudo.

— Denby! — chamou Hawk, observando a cena, incomodado.

O homem abandonou as roseiras que estava podando com sua habitual discrição e se aproximou deles.

— Apanhe as malas da duquesa na carruagem — orientou Hawk. — A duquesa não vai mais viajar.

— Agora mesmo, milorde — respondeu o jardineiro com uma expressão satisfeita.

— E, Denby...

— Sim, Alteza?

— Quando terminar, vá pedir a mão de minha mãe. E não desista tão fácil desta vez.

O rosto do homem, marcado pelo tempo e pelo sofrimento, se iluminou feito um dia de sol.

— Sim, senhor! — Ele sorriu, apanhou os baús de Louisa com um vigor impressionante e se afastou a passos rápidos em direção à casa.

Louisa levou as mãos à boca, mal acreditando no que ouvira. Sorriu, então, os olhos cheios de lágrimas.

— Acha que sua mãe vai aceitar?

— Foi ela quem acabou de me dizer: não há prazer maior nesta vida do que ter ao lado a pessoa que se ama.

— Pensei que não acreditasse no amor, lorde Hawk.

— Não acreditava, lady Louisa... Até conhecer você.

Saciada e feliz, mal podendo se mover depois do amor que havia feito com o marido, Louisa aninhou-se a ele com um suspiro. Hawk a tinha levado direto para o quarto e começado a provar, mais uma vez, que, em se tratando de paixão, era um especialista.

— Você é linda... Linda demais — disse com voz rouca, o olhar passeando pelo corpo da esposa, embevecido.

— Não tanto quanto Jenny — ela o provocou.

Hawk se ergueu sobre um cotovelo para encará-la, e Louisa desejou engolir as palavras.

— Pergunte-me a cor dos olhos ou o formato da boca de Jenny. Eu não saberia dizer. Mas vejo os seus olhos em tudo que é azul.

Ela sorriu, emocionada, e correu os dedos pelos cabelos escuros e fartos do marido.

— Não me diga que agora também está compondo poesias.

— Não. Mas você merece palavras que eu nunca disse a nenhuma outra mulher.

Louisa sentiu as lágrimas virem aos olhos.

— Como pude fazer mau juízo de você por tanto tempo? Hawk sorriu.

— Considerando sua opinião inicial a meu respeito, eu não poderia receber maior elogio do que este.

Deitou-se de costas com um suspiro e a aconchegou junto ao peito.

— Você falou uma coisa, mais de uma vez, que só agora me chamou a atenção — ele murmurou e a beijou nos cabelos. — Disse que eu pensava que você fosse Jenny, aquela noite, na biblioteca.

— Sim. — Louisa ergueu a cabeça para fitá-lo. — Naquela escuridão, não tinha

como saber que era eu.

Hawk rolou para cima dela, que soltou um gritinho pelo susto. Olhou-a bem dentro dos olhos e acariciou o rosto macio com o nó dos dedos.

— Acha mesmo que eu não sabia com quem estava fazendo amor?

— Sabia?

Hawk mergulhou o rosto no pescoço de Louisa e aspirou seu perfume.

— Eu reconheceria este cheiro em qualquer lugar. — Beijou-a sob uma orelha, causando-lhe um arrepio. — Não tinha como confundir a maciez desta sua pele, o jeito como o seu corpo se encaixa no meu. Fui obrigado a baixar a cabeça para beijá-la, querida, muito mais do que seria necessário para beijar Jenny.

O coração de Louisa batia tão forte que ela mal ouviu o que ele disse.

— Acha que não reconheci a sua voz quando disse o meu nome? — prosseguiu Hawk, apaixonado.

— Foi só um sussurro!

— Era tudo que eu precisava. — Plantou um beijo no pescoço lânguido, fazendo-a gemer de prazer. — Seu perfume... — Cheirou os longos cabelos. — Seu beijo... — murmurou contra a boca úmida, antes de tomá-la em seus lábios. Segurou o rosto de Louisa com ambas as mãos e o inclinou de modo a aprofundar a carícia. — Eu sabia muito bem que era você, Louisa. Sabia muito bem do risco que corria. Mas não pude resistir. "Vou tê-la só uma vez", pensei. "E depois esquecerei que ela existe". O que eu não sabia era que cada vez que a tivesse nos braços, iria querer mais e mais. Quando acordo e a vejo dormindo ao meu lado, sinto-me como o mais rico dos reis. Você é minha. Sempre foi, Louisa — concluiu, sincero. — Quer saber se eu desejava ir ao altar com Jenny Rose? Não posso negar: seria um acordo perfeito e facilitaria muito a minha vida. Quer saber se eu desejava tê-la na minha cama, adormecer ouvindo seu respirar e acordar com ela nos braços todas as manhãs? Quer saber se era Jenny quem eu queria me desafiando a cada palavra e me obrigando a dar o melhor de mim a cada situação? Não, Louisa. Absolutamente não. — Acariciou-a no rosto, sentindo as lágrimas que já escorriam pelas faces dela. — Nunca duvide, nem por um segundo, de que eu sabia quem estava comigo naquela biblioteca.

— Não compreendo — Louisa murmurou, a voz embargada pela emoção. — Se sabia que era eu, então por que...

Hawk pressionou um dedo contra os lábios dela e a silenciou.

— Porque foi a única mulher da qual, eu tinha certeza, não iria me cansar nunca. Para falar a verdade, não sei exatamente quando foi que comecei a amar você. Talvez até antes daquela noite.

— Você me ama? — Louisa abriu bem os olhos para ter certeza de que não estava sonhando.

— Com todo o meu ser. — Ele sorriu com uma ponta de tristeza. — Por menor que ele seja.

Foi a vez de ela se erguer sobre um cotovelo, os olhos claros e vividos fixos nos do marido.

— Quando vai aprender a se dar valor, Hawk? Como pode duvidar do homem maravilhoso que você é? — murmurou e o beijou com abandono.

Epílogo

Não acredito que manteve aquele camarote por todos esses anos! — exclamou a duquesa, abismada, quando ela, Hawk, Caroline e Louisa se acomodaram, por fim, na sala de estar da casa de Londres. Havia acabado de retornar de uma ópera.

— Eu queria que pudesse dispor dele caso decidisse retornar a Londres — explicou Hawk, o braço estendido por cima dos ombros de Louisa, carinhosa e possessivamente. Logo brincava com os cachos que ela deixara soltos.

Louisa sorriu, satisfeita. Ultimamente, vinha adotando aquele penteado de propósito, só para que ele a tocasse.

— Foi tão emocionante... e assustador — comentou Caroline, sentada no sofá menor, ao lado da mãe. — Acho que não existe uma só coisa em Londres que eu não tenha adorado! — Voltou-se para Louisa: — Vamos dar uma festa para comemorar o lançamento do livro, não vamos?

— Claro, por que não? — Louisa sorriu. — Mas talvez tenhamos que esperar um pouco.

Três das histórias de Hawk seriam publicadas, inclusive com alguns dos

desenhos que ela havia feito. Ele tinha razão ao afirmar que não poderiam viver de literatura, mas já era um começo.

Além do mais, Louisa tinha certeza: quando cumprisse a promessa que fizera para a sra. Rose de encontrar bons maridos para as meninas e uma excelente esposa para Jeremy, teria condições de assumir a função de dama de companhia em outras famílias. Como havia dito a Hawk, o título dele era um meio circulante... assim como o dela.

Não podia estar mais feliz. Só havia uma coisa que continuava a aborrecê-la: a duquesa não havia aceitado se casar com Denby, alegando estar velha demais para isso. E, mais uma vez, o pobre homem tinha se conformado com sua condição de jardineiro e aceitado seu destino com admirável resignação.

Algum tempo depois, naquela mesma noite, Louisa saiu para o terraço. Ouviu que o marido vinha atrás dela e sorriu, contente. Hawk a envolveu pela cintura e a beijou na nuca, provocando-lhe um arrepio.

— Venha para a cama — sussurrou com uma voz cheia de promessas.

— Já vou.

Ele a abraçou, carinhoso.

— Está pensando no seu irmão? Louisa fez que sim, em silêncio.

— Um dia, Ravensley vai implorar por seu perdão, Louisa. Mas, antes, ele precisa combater seus próprios demônios.

— Eu o perdoaria num piscar de olhos. — Ela se voltou para Hawk e repousou a cabeça no peito largo. — De certa forma, Alex é responsável pela felicidade que estou sentindo agora. A atitude dele, por mais desprezível que tenha sido, me trouxe até você. Hawk respirou fundo.

— Está feliz?

— Muito.

— Por que quis conversar com o duque de Blackburn tão reservadamente, lá na ópera? — indagou, mal ocultando seus ciúmes.

Louisa riu e o beijou de Teve nos lábios, provocante.

— Porque estava investigando o filho mais velho dele.

— Para Jenny?

— Sim.

— Ah.

Ela semicerrou os olhos.

— Não vá me dizer que há alguma coisa errada com o filho do homem!

Hawk deu de ombros.

— Só é viciado em alho.

Louisa jogou a cabeça para trás com uma gargalhada.

— Não acredito mais em você!

— Mas é verdade, eu juro! Na semana passada, estive conversando com ele lá no clube. Quase não consegui chegar ao fim da conversa.

Ela balançou a cabeça.

— Se continuar encontrando defeitos em todos os homens que tento arranjar para Jenny, vou começar a achar que estava mesmo interessado nela.

— Nunca. Mas é minha responsabilidade, como marido da melhor dama de companhia de Londres, garantir que não cometa nenhum erro em seus julgamentos.

— Então me diga... — Louisa pediu com voz rouca. — O que me diz do duque de Hawkhurst?

Hawk a envolveu nos braços e mergulhou o rosto no pescoço macio com um suspiro.

— O homem é perfeito. Ela riu, feliz.

— E convencido, imagino.

— Além de bom amante. — Ele passou a acariciá-la e fez reacender o fogo que os consumia.

Louisa não podia negar as palavras. Deixou-se erguer nos braços e repousou o rosto no ombro largo com abandono.

— Dizem, também, que é apaixonado pela esposa — completou Hawk, contra os lábios dela, e Louisa sorriu, embevecida.

— Disso eu não duvido.